

RELATOS FANTÁSTICOS VOL. II

REVISTA BILÍNGUE / REVISTA BILINGÜE

Contos de terror, horror e ficção científica

Cuentos de terror, horror y ciencia ficción

Set/2023





RELATOS FANTÁSTICOS

SET/2023

VOL. II

REVISTA VIRTUAL



RELATOS FANTÁSTICOS

VOL. II

REVISTA BILÍNGUE DE TERROR, HORROR &
FICÇÃO CIENTÍFICA

CONTOS BREVES EM PORTUGUÊS E
ESPAÑOL
CUENTOS CORTOS EN PORTUGUÉS Y
ESPAÑOL

REVISTA BILINGUE DE TERROR, HORROR
& CIENCIA FICCION

TERROR

HORROR

FICÇÃO CIENTÍFICA/CIENCIA FICCION





RELATOS FANTÁSTICOS

SET/2023

VOL. II

REVISTA VIRTUAL

Sumário

CONTOS CLÁSSICOS/CUENTOS CLÁSICOS	4
A NOVA CATACUMBA	4
LA CATACUMBA NUEVA	12
O CORAÇÃO DELATOR	20
EL CORAZÓN DELATOR	23
O FUNERAL DE JOHN MORTONSON	25
EL FUNERAL DE JOHN MORTONSON	27
A CASA MAL-ASSOMBRADA	28
LA CASA EMBRUJADA	29
A ESTRANHA MORTE DE FREI PEDRO	30
LA EXTRAÑA MUERTE DE FRAY PEDRO	33
O DIA DE FINADOS	35
EL DÍA DE LOS DIFUNTOS	38
AS CRIANÇAS QUE BRINCAVAM DE AÇOUGEIRO	40
LOS NIÑOS QUE JUGABAN AL CARNICERO	40
FLORES DAS TREVAS	41
FLORES DE LAS TINIEBLAS	42
O MONTE DAS ALMAS	43
EL MONTE DE LAS ÁNIMAS	47
NOSSOS CONTOS/NUESTROS CUENTOS	50
DOENTE	50
ENFERMO	51
INFERNO	52
INFERNO	52
DIÁRIO SECRETO DE HITLER — O PROJETO GREGOR SAMSA (1.434 palavras)	53
DIARIO SECRETO DE HITLER — EL PROYECTO GREGOR SAMSA (1.484 PALABRAS)	56
AS MÚMIAS DE GUANAJUATO	59
LAS MOMIAS DE GUANAJUATO	63
LA BELLE DAME SANS MERÇI	67
LA BELLE DAME SANS MERÇI	70
AS RATAZANAS	73
LAS RATAS	77
O CONTO DO LOBO	81
EL CUENTO DEL LOBO	82
TRÊS SOMBRAS NA ESTRADA	83
TRES SOMBRAS EN LA CARRETERA	89
O PUNHO DE SILÍCIO	95
EL PUÑO DE SILICIO	95
DEPOIS DA PALESTRA	96
DESPUÉS DE LA CONFERENCIA	98
SOBRE UM MAR DE AREIA ARDENTE	100
SOBRE UN MAR DE ARENA ARDIENTE	101
A METAMORFOSE	102
LA METAMORFÓSIS	105
IRMÃOS	108
HERMANOS	108
SINFONIA	109
SINFONÍA	111
POR AMOR À ARTE	113
POR AMOR AL ARTE	114

A LIVRARIA SIDERAL	115
LA LIBRERÍA SIDERÁL	116
O RETORNO	117
EL RETORNO	120
A ERA FINAL	122
EL ERE FINAL	122
QUANDO VOLTEI PARA BUSCÁ-LA	123
CUANDO FUI POR ELLA	123
MORPHELLA	124
MORPHELLA	126
COLABORADORES	128
EXPEDIENTE.....	130

RELATOS FANTÁSTICOS VOL. II

REVISTA BILÍNGUE/REVISTA BILINGÜE

Contos de terror, horror e ficção científica
Cuentos de terror, horror y ciencia ficción

Set/2023



CONTOS CLÁSSICOS

CUENTOS CLÁSICOS



A NOVA CATACUMBA

Arthur Conan Doyle (1859 – 1930)

— Vamos, Burger! — disse Kennedy. — Quero crer que você confia plenamente em mim!

Os dois famosos estudiosos de antiguidades romanas estavam sentados no confortável aposento de Kennedy, que dava para o Corso.

A noite estava fria e ambos tinham puxado as cadeiras para junto de um desses incômodos aquecedores italianos, cujas irradiações abafam em vez de aquecer.

Lá fora, sob as cintilantes estrelas do inverno, estendia-se a Roma moderna: a longa fila dupla das lâmpadas elétricas, os cafés brilhantemente iluminados, o desfile dos carros e a densa multidão nos passeios.

Mas, dentro do suntuoso aposento do jovem arqueólogo inglês, só se encontravam objetos e recordações da antiga Roma.

Velhos frisos rachados e gastos pelo tempo estavam pendurados nas paredes e antigos bustos pardos de senadores e soldados, de figura áspera e cruel, achavam-se dispostos pelos cantos.

Na mesa do centro, entre um sem-número de inscrições, fragmentos e ornamentos, estava a famosa reconstituição feita por Kennedy das Termas de Caracala, que excitou tanto interesse e admiração quando exibida em Berlim. Ânforas pendiam do teto e, sobre um rico tapete vermelho da Turquia, espalhava-se uma porção de curiosidades diversas.

Não havia, entre elas, uma só que não fosse da mais inatacável autenticidade e da mais preciosa raridade, pois Kennedy, apesar de mal ter passado os trinta anos de idade, tinha já uma reputação europeia em matéria arqueológica e possuía, além disso, uma grande fortuna, algo que se torna uma fatal destruidora das energias de um estudioso, ou, ao contrário, se a vocação é decidida, lhe oferece uma vantagem enorme em sua carreira para a glória.

O capricho e o prazer haviam afastado frequentemente Kennedy de seus estudos, mas o seu espírito lúcido era capaz de longos e concentrados esforços, que acabavam com agudas reações ao langor sensual.

Seu rosto — de frente ampla e clara, de nariz agressivo e de boca um tanto larga e sensual — era uma indicação da mistura da força e da fraqueza de seu temperamento.

O seu companheiro Julius Burger era um tipo muito diferente.

Nascido de uma curiosa mestiçagem — pai alemão e mãe italiana —, tinha as robustas qualidades do Norte combinadas, de um modo bizarro, com a sutil graciosidade do Sul.

Olhos de azul teutônico iluminavam-lhe o rosto curtido de sol, e acima deles abria-se uma testa quadrada, orlada por uma maciça franja de cabelos de um louro pálido. O queixo escanhado era forte e proeminente.

O seu camarada tinha notado, muitas vezes, o quanto ele lembrava aqueles velhos bustos romanos, que emergiam da sombra dos cantos do quarto. Presentia-se a sutileza do italiano sob a sua constituição forte de germano, mas o seu sorriso era tão leal e seus olhos tão francos que a gente era levada a considerar isso apenas como um traço atávico, sem projeção real sobre o seu caráter.

Era da mesma idade de Kennedy e tinha igual reputação, mas a sua vida e os seus estudos haviam sido muito mais árduos.

Chegara a Roma, havia 12 anos, como um pobre estudante, e tinha vivido sempre, desde então, de uma pequena bolsa para pesquisas que a Universidade de Bonn lhe havia concedido

Penosamente, lentamente, com extraordinária tenacidade e singular disposição de espírito, subira, um a um, os degraus da fama, até se tornar membro da Academia de Berlim, e havia toda a razão de crer que seria, dentro em pouco,



REVISTA VIRTUAL

elevado a catedrático da maior das Universidades alemãs. Mas, se na ciência comum tinha-se elevado ao mesmo nível que o rico e brilhante inglês, em tudo mais — desde que não guardasse relação com a natureza do seu trabalho — Burger ficava muito abaixo dele.

Nunca encontrara, em seus estudos, uma folga para cultivar a vida social, e se, alguma vez, a sua face se iluminava com vida e alma, era justamente quando falava de assuntos relacionados a seus estudos.

Fora disso, era silencioso e embaraçado, convencido de que eram muito limitados os seus conhecimentos em outros assuntos e inapto para essas banalidades que constituem o refúgio convencional daqueles que não têm pensamentos a exprimir.

No entanto, há alguns anos, uma camaradagem, que parecia pouco a pouco mudar-se em amizade sólida, existia entre esses dois tão diversos êmulos.

O fundamento e a origem disso estavam em que, em seus estudos respectivos, cada um era o único dos moços de então que tinha bastante erudição e bastante entusiasmo para apreciar com justiça o outro.

Os seus interesses comuns e as suas pesquisas os haviam aproximado e ambos se sentiam atraídos pelos seus conhecimentos recíprocos.

Uma outra razão juntou-se, pouco a pouco, a estas.

Kennedy tinha-se interessado pela franqueza e pela simplicidade de Burger, enquanto este se sentia fascinado pelo brilho e pela vivacidade que tinham feito de Kennedy um favorito da sociedade romana.

E digo "tinham" porque, nesse momento, a reputação do jovem inglês estava um tanto comprometida.

Um caso de amor — cujos detalhes nunca se conheceram inteiramente — havia indicado, de sua parte, dureza de coração e insensibilidade que chocaram muitos dos seus amigos.

Mas, nas rodas de artistas e de estudantes que ele de preferência frequentava, o código de honra não era muito rígido nesses assuntos de amor e, se bem que algumas cabeças se tivessem voltado e alguns ombros se tivessem levantado ao ser contada a fuga de dois amantes e a volta de um só, o sentimento geral era provavelmente apenas de curiosidade e, talvez, mais de inveja do que de reprovação.

— Olhe, Burger — disse Kennedy, cravando o olhar na fisionomia plácida do companheiro —, eu desejaria que você depositasse toda a confiança em mim.

E, enquanto falava, apontava com a mão um tapete estendido sobre o assoalho. Sobre o tapete estava um desses cumpridos e baixos cestos de frutas feitos de vime e usados na Campânia, cheio de objetos diferentes: telas com inscrições meio apagadas, mosaicos quebrados, papiros rasgados, ornamentos de metal oxidado, que aos leigos pareceriam ter vindo em linha reta da lata do um varredor de rua, mas que um especialista reconheceria imediatamente como únicos em seu gênero.

A pilha dessas velharias e trapos, encerrados no cesto do vime, constituía exatamente um desses anéis que faltam à cadeia do desenvolvimento social e que são de tanto interesse para os eruditos.

Fora o alemão que os trouxera e os olhos do inglês, ao contemplá-los, faiscavam de cobiça.

— Eu não quero me aproveitar do seu achado precioso, mas gostaria imensamente de ouvi-lo a respeito — continuou ele, enquanto Burger, muito deliberadamente, acendia um charuto. — É, evidentemente, uma descoberta da máxima importância. Essas inscrições vão causar sensação em toda a Europa.

— De cada uma dessas que eu trouxe existem milhões lá de onde as tirei — disse o alemão. — Há tanto que uma dúzia de sábios poderia gastar no estudo delas uma existência inteira e adquirir com isso uma reputação tão sólida quanto o castelo de Santo Ângelo.

Kennedy ficou pensativo, com a fronte enrugada, cofiando distraidamente o seu longo bigode louro.

— Você se traiu, Burger — disse por fim. — As suas palavras só podem indicar uma coisa: você descobriu uma nova catacumba.

— Eu não tinha dúvida que você, examinando esses objetos, chegaria a essa conclusão.

— De fato, eles levavam a essa opinião, e as suas últimas palavras dão-me a certeza disso. Não há, exceto uma catacumba, lugar que possa encerrar uma coleção tão vasta de relíquias como esta a que você acaba de se referir.

— Com efeito, quanto a isso não há dúvida: sim, acabo de descobrir uma catacumba.

— Onde?



REVISTA VIRTUAL

— Nisto está o meu segredo, meu caro Kennedy. Basta-lhe saber que está de tal modo situada que não há uma probabilidade sobre mil de que alguém mais possa dar com ela. A sua data é diversa da de todas as outras conhecidas e ela foi consagrada a ser a sepultura dos cristãos de alta hierarquia, de modo que os seus destroços e as suas relíquias são inteiramente diferentes das que anteriormente se têm visto. Se eu não conhecesse a sua erudição e a sua energia, meu amigo, não hesitaria em confiar-lhe, sob a condição de absoluto segredo, mais alguma coisa a respeito dela. Mas acho preferível fazer o meu relatório sobre o caso antes de me expor a um tão formidável competidor.

Kennedy amava os seus estudos arqueológicos com um amor que antes era uma loucura, um amor que o absorvia inteiramente no meio de todas as distrações que assaltam um homem novo, sadio e rico.

Ele tinha ambição, é certo. Mas essa mesma ambição era secundária diante do simples prazer abstrato e do interesse por tudo que concernia à vida antiga e à história da Cidade Eterna.

Ansiava por poder ver este novo mundo subterrâneo descoberto pelo seu companheiro.

— Olhe, Burger — disse ele gravemente. — Asseguro que você pode ter absoluta confiança em mim neste assunto. Nada me levaria a escrever uma linha sequer sobre qualquer coisa que eu visse sem ter antes a permissão sua. Compreendo muito bem os seus sentimentos, que julgo muito naturais. Mas você, na verdade, nada tem que recear de minha parte. Por outro lado, se você não me disser nada, eu poderei fazer uma pesquisa sistemática e, com certeza, acabarei por descobrir a catacumba. Neste caso, poderia, está bem visto, fazer dela o uso que me aprouvesse, uma vez que eu não teria nenhuma obrigação para com você.

Burger sorriu, acompanhando as espirais de fumaça do seu charuto.

— Tenho notado, amigo Kennedy, que, quando preciso de informações sobre um caso qualquer, você nem sempre está pronto a me fornecê-las.

— Quando foi que você me perguntou alguma coisa que eu não lhe tivesse dito? Lembre-se, por exemplo, que lhe dei o material para o seu relatório sobre o Templo das Vestais.

— Ah, sim! Mas isto não era coisa de muita importância. Se, porventura, eu lhe interrogasse

sobre algumas coisas íntimas, você seria capaz de me responder? Faço ideia. Esta nova catacumba é para mim uma coisa muito íntima, e eu desejaria em troca alguma prova da mesma confiança.

— Não posso saber a que ponto você chegar — disse o inglês —, mas, se você se propõe a responder às minhas perguntas sobre a catacumba, desde que eu responda a quaisquer perguntas que você me faça, asseguro-lhe que assim farei.

— Bem — disse Burger, estendendo-se voluptuosamente na cadeira e soltando uma bafo-rada azul do seu charuto —, conte-me as suas relações com Miss Mary Saunderson.

Kennedy saltou da cadeira e cravou sobre o impassível companheiro um olhar colérico.

— Que diabo quer você?! — gritou. — Que espécie de pergunta é essa?! Pode ser que você a faça por brincadeira, mas olhe que é de muito mau gosto!

— Não, não é por brincadeira — disse Burger, com simplicidade. — Estou, de fato, muito interessado pelas minúcias do seu caso de amor. Eu pouco sei acerca do mundo, das mulheres, da vida social e desse gênero de coisas. E um tal incidente exerce sobre mim a fascinação do desconhecido. Eu o conheço e conheci-a de vista. E tinha mesmo chegado a falar com ela umas duas vezes. Portanto, estimaria muito ouvir dos seus próprios lábios o que foi que aconteceu entre vocês dois.

— Não lhe direi nem uma só palavra.

— Perfeitamente. Isto foi apenas uma fantasia da minha parte para ver se você confiaria um segredo com a mesma facilidade com que esperava que eu lhe contasse o segredo da nova catacumba. Você não quis e eu não esperava outra coisa de sua parte. Mas por que haveria de esperar outra atitude de minha parte em relação a você? Na torre de São João batem 10 horas. É tempo de voltar para casa.

— Ainda não. E espere um instante — disse Kennedy. — É realmente um capricho ridículo seu o de querer conhecer uma velha intriga de amor extinta há vários meses. Você sabe perfeitamente que é comum considerar como o maior covarde e vilão todo o homem que, depois de beijar uma mulher, vai, em seguida, contar o que fez.

— Certamente — disse o alemão, retomando o seu cesto de curiosidades. — Quando ele conta alguma coisa que diz respeito a uma jovem anteriormente desconhecida deve ser assim. Mas,



REVISTA VIRTUAL

no caso, como você deve saber, a aventura foi pública e tornou-se o assunto de conversas em Roma, de modo que você não causará nenhum mal a Miss Mary Saunderson conversando comigo sobre esse caso. Mas, enfim, respeito os seus escrúpulos. Boa noite, Kennedy!

— Espere um instante, Burger — disse Kennedy, tomando-o pelo braço. — Estou fascinado por esses objetos da catacumba e não posso renunciar tão facilmente. Pergunte-me alguma coisa mais em troca da sua confidencia... alguma coisa... de menos excêntrico desta vez.

— Não, não. Você recusou e está acabado — respondeu Burger, com o cesto no braço. — Não há dúvida que você está no seu direito não respondendo e não há dúvida que eu também estou no meu. E assim sendo, meu caro Kennedy, boa noite.

O inglês olhou Burger atravessar o aposento. Mas, quando o viu colocar a mão na maçaneta da porta, saltou para ele com o ar de um homem que não tem remédio senão se mostrar condescendente.

— Espere, meu amigo — disse. — Você me parece muito ridículo, mas, afinal, se é esta a sua condição, suponho que a ela me devo submeter. Aborreço-me falar dessa moça, mas, uma vez que todos em Roma conhecem o caso, não creio que lhe possa dizer alguma coisa que você já não saiba. O que é que você quer saber?

O alemão aproximou-se do aquecedor e, pousando no chão o seu cesto, sentou-se de novo.

— Pode dar-me um outro charuto? — disse. — Muito obrigado. Nunca fumo quando trabalho. Mas aprecio mais uma conversa quando estou sob a influência do fumo. Agora, em relação àquela moça, com quem você teve essa pequena aventura, o que é feito dela?

— Está na casa da família.

— Sim, com efeito, na Inglaterra?

— Sim.

— Em que lugar da Inglaterra? Em Londres?

— Não. Em Twickenham.

— Desculpe a minha curiosidade, meu caro Kennedy, mas pode atribuí-la à minha ignorância do mundo. Sem dúvida, é uma coisa comum persuadir uma moça a andar com uma pessoa três ou mais semanas e em seguida entregá-la à sua família em... como é que se chama o lugar?

— Twickenham.

— Perfeitamente. Em Twickenham. Mas há alguma coisa tão fora da minha própria experiência que não posso imaginar como você se houve em relação a isso. Por exemplo: se você tivesse amado essa moça, o seu amor dificilmente poderia desaparecer em três semanas, e, assim, presumo que você jamais poderia tê-la amado. Mas, se você não a amou, por que fez esse grande escândalo, que a você mesmo prejudicou e a ela arruinou a reputação?

Kennedy olhou tristemente para os olhos de fogo do aquecedor.

— Este é, não há dúvida, um modo lógico de considerar o caso — disse ele. — Amor é uma grande palavra e representa uma série de tonalidades diferentes do sentimento. Ela me agradava, e você, que diz que a viu, deve saber o quanto era encantadora às vezes. Mas enfim, examinando bem o caso, sou levado a admitir que nunca lhe tive verdadeiro amor.

— Então, para que fazer o que você fez?

— A natureza da aventura me atraía extraordinariamente.

— Quê! Você é assim tão ávido de aventuras?

— Onde estaria, sem elas, a variedade da vida? Foi por um acaso que comecei a prestar atenção à pessoa dela. Tenho caçado muita presa boa em minha vida, mas não há caçada que mais me tente que a de uma mulher bonita. Atraía-me, também, o fato de que, sendo ela dama de companhia de Lady Emily Rood, era quase impossível abordá-la. Porém, mais que todos esses obstáculos, fascinava-me um outro, que soube dos seus próprios lábios, desde que nos conhecemos: ela era noiva.

— *Mein Gott!*¹ De quem?!

— Nunca me disse o nome.

— Creio que ninguém conhece este por menor. Então, segundo você, isso tornava mais tentadora a aventura?

— Decerto, era um estimulante a mais. Não acha?

— Eu entendo tão pouco dessas coisas...

— Meu caro, lembre-se de que a maçã roubada à árvore do vizinho é sempre mais saborosa que a colhida no próprio pomar. Demais, eu percebi que ela só inclinava para mim.

— Como?! Desde o começo?

¹ Em alemão, no original: "Meu Deus!".



REVISTA VIRTUAL

— Ah, não! Foram precisos três meses de pertinaz investida. Mas, por fim, consegui. Mary compreendeu que a minha separação judicial impedia-me de casar-me com ela, mas entregou-se a mim do mesmo modo, e passamos ambos uma temporada deliciosa enquanto as coisas duraram.

— E o outro, o noivo?

Kennedy levantou os ombros.

— Neste mundo, a vitória é dos mais capazes. Se ele fosse mais agradável, ela não o teria abandonado. Mas, mudemos de assunto, meu caro, pois já estou farto deste.

— Ainda uma coisa, apenas. Como é que, em três semanas, você se cansou dela?

— De um lado e de outro, o ardor foi diminuindo, sabe? Ela não queria, por nada deste mundo, voltar a viver em Roma, onde era conhecida. Ora, Roma me é necessária e eu já estava aborrecido de me achar fora de meus estudos. Já aí estava uma causa evidente de separação. Além disso, o pai dela foi ao nosso encalço em um hotel de Londres. Houve aí uma cena terrível e a nossa situação tornou-se tão desagradável que — embora a princípio muito me tenha custado — dei graças a Deus, mais tarde, de me ver livre. Conto que você não repita a ninguém o que lhe disse.

— Meu caro Kennedy, não me poderia passar pela ideia o desejo de propalar a sua confidência. Tudo que você me contou interessa-me muito, porque serviu para mostrar o seu modo de encarar as coisas, inteiramente diverso do meu. Conheço tão pouco a vida... Agora você precisa saber alguma coisa da minha nova catacumba. Não vale a pena dizer-lhe onde fica, porque nunca a encontraria. O melhor é eu conduzi-lo até lá.

— Será magnífico.

— Quando quer ir?

— Quanto antes, melhor. Estou impaciente por vê-la.

— Bem, a noite está esplêndida, embora um pouco fria. Podemos partir daqui a uma hora. Precisamos ter todo o cuidado para que não nos percebam. Se alguém nos visse caminhando juntos, suspeitaria logo de alguma coisa.

— Quanto mais cautela, melhor — disse Kennedy. — É longe?

— Algumas milhas.

— Pode-se ir a pé?

— Muito facilmente.

— É melhor assim, decerto. As suspeitas de um cocheiro podiam ser levantadas se ele nos deixasse em algum lugar solitário altas horas da noite.

— Exatamente. Acho melhor encontrarmos à meia-noite em ponto na porta da Via Ápia. Vou à minha casa buscar fósforos, lanternas e outros objetos necessários.

— Muito bem, Burger. É muita bondade sua fazer-me participar desse segredo, e eu prometo que nada revelarei sobre ele antes de você publicar o seu relatório. Até logo! À meia-noite, estarei na porta.

*

O ar frio e leve enchia-se do repique musical dos sinos daquela cidade de campanários quando Burger, embrulhado em um sobretudo italiano e com uma lanterna na mão, dirigiu-se ao lugar combinado.

Kennedy saiu da escuridão ao seu encontro.

— Você é tão ardoroso no trabalho quanto no amor — disse-lhe o alemão, rindo.

— É verdade. Estou à sua espera há cerca de meia hora.

— Creio que você não disse a ninguém para onde vamos.

— Eu não sou tão insensato! Por Deus, estou gelado até os ossos. Vamos depressa, Burger, para nos aquecermos com a marcha.

As suas passadas ressoavam pesadas e rápidas sobre a pedra desigual do passeio da velha estrada, que foi, outrora, a mais famosa do mundo.

Um ou dois camponeses regressando da taverna e algumas carroças de legumes e cereais em caminho para Roma foi tudo quanto encontraram.

Voltearam adiante os túmulos enormes avultando na treva de um lado o de outro, até chegarem à altura das catacumbas de São Calisto e aparecer-lhes em frente, batido da Lua, o grande monumento circular de Cecília Metela². Então, Burger parou com a mão na cintura.

² Mausoléu situado na Via Ápia, Roma, construído para abrigar Cecília Matela, filha de Quinto Cecílio Mateco Créstico, cônsul romano do séc. I.



REVISTA VIRTUAL

— As suas pernas são mais compridas que as minhas e você está mais acostumado do que eu a caminhar — disse ele, rindo. — Penso que é por aqui o lugar em que temos de virar. Sim, é aqui mesmo, no canto da calçada. Agora o caminho é muito estreito e é melhor que eu vá adiante, e que você me acompanhe.

Ele havia acendido a lanterna. Guiados pela luz, podiam seguir uma trilha estreita e sinuosa que serpeava pelos pântanos da Campânia. O grande aqueduto da velha Roma jazia como uma monstruosa lagarta estendida sobre a planície enluarada. O caminho levava-os para baixo de um dos grandes arcos do aqueduto e eles passaram o montão de destroços que assinalam a antiga arena.

Por fim, Burger parou diante de um estábulo abandonado e tirou do bolso uma chave.

— Quero crer — disse Kennedy — que a sua catacumba não é dentro de uma casa...

— Mas a entrada dela é. E é isto justamente que nos preserva de que alguém mais possa descobri-la.

— O dono do estábulo sabe de alguma coisa?

— Ele? Não. Ele achou um ou dois objetos e eu, vendo-os, tive, desde logo, a convicção de que a sua casa devia ter sido construída à entrada de uma catacumba. Aluguei, pois, o estábulo e procedi, eu mesmo, às escavações. Entre e feche a porta.

Era uma construção comprida e vazia, tendo apenas ao longo de uma das paredes as manjedouras dos animais.

Burger pousou no chão a lanterna e colocou em volta o seu sobretudo, de modo a vedar a luz para todos os lados, exceto um.

— Podia — disse — dar na vista se alguém notasse luz neste lugar solitário. Agora, ajude-me a levantar essas tábuas.

O assoalho estava despregado nos cantos e os dois arqueólogos levantaram-no tábua a tábua, encostando-as à parede. Por baixo dele, havia uma abertura quadrada e uma escada de degraus de pedra denegrada que se prolongava para as entranhas da terra.

— Tome, cuidado! — gritou Burger, ao ver Kennedy que, impaciente, se apressava em descer. — É uma verdadeira toca de coelhos isto aí embaixo. Se você perdesse o caminho, haveria cem probabilidades contra uma de torná-lo a encontrar. Espere que eu leve a luz.

— Como é que você encontra o caminho, se é tão complicado assim?

— A princípio, perdi-me mais de uma vez, mas, pouco a pouco, aprendi a andar por aí. Há um certo sistema para isso. Mas, se um homem se perder nessa escuridão, é impossível achar saída. Quando quero avançar muito para o interior da catacumba, vou desenrolando por trás um novelo de barbante. Para se certificar de quanto é difícil andar aqui, basta ver que antes de você andar cem jardas, cada uma destas passagens se divide e subdivide uma dúzia de vezes pelo menos.

Já haviam descido uns vinte pés abaixo do nível do solo e achavam-se em uma sala quadrada talhada a pedra. A lanterna iluminava vivamente o chão e frouxamente para cima as paredes fendidas e escuras. Viam-se em todas as direções os buracos negros das passagens que irradiavam deste centro comum.

— Siga-me bem de perto, meu amigo — disse Burger. — Não perca tempo com essas coisas do caminho, pois o lugar para onde vamos tem tudo isso e até mais.

Ele desceu por um dos corredores e o inglês seguiu rente aos seus calcanhares. De instante a instante, o caminho se bifurcava, mas Burger estava evidentemente acompanhando sinais só dele conhecidos, pois nem uma vez, sequer, parou ou hesitou. Ao longo das paredes, embrulhados e hirtos, jaziam os cristãos da antiga Roma. A luz amarela dançava macabramente sobre a figura engelhada das múmias e resplandecia nas caveiras arredondadas e nos ossos dos braços compridos e brancos, cruzados sobre os peitos descarnados.

À medida que passava, Kennedy olhava atentamente para as inscrições, os vasos funerários, os retratos, as roupas, os utensílios, que permaneciam ainda tais como as mãos piedosas os haviam deixado tantos séculos antes.

Nesse rápido relancear de olhos, Kennedy se persuadira de que aquela era a mais antiga e a mais rica das catacumbas, e que continha uma quantidade de relíquias romanas como nunca havia antes caído sob a vista de algum arqueólogo.

— O que seria, se a luz acabasse? — perguntou, enquanto avançavam.

— Eu trouxe uma vela a mais e uma caixa de fósforos no bolso. E você, Kennedy, tem fósforos?

— Não. E não seria nada mau que me desse alguns.



REVISTA VIRTUAL

— Ora, não é preciso. Basta que não nos separemos.

— Ainda falta muito? Creio que já andamos, talvez, bem um quarto de milha.

— Mais que isso. Esta catacumba parece não ter limites. Pelo menos, eu ainda não encontrei o fim. É um lugar perigoso e acho melhor que eu empregue o rolo de barbante.

Dizendo isto, amarrou uma extremidade do cordel a uma ponta ressaltante de rocha e, segurando o novelo, desenrolava-o à proporção que avançava.

Kennedy notou o quanto era necessária esta precaução, porque as passagens se tornavam cada vez mais emaranhadas e tortuosas, como uma perfeita rede de corredores entrecortados.

Mas todos eles desembocavam em uma ampla sala circular, tendo a um lado um pedestal quadrado de tufo encimado por uma pedra de mármore.

— Por Deus! — gritou Kennedy, em êxtase, quando Burger balançou a lanterna à altura do mármore. — É um altar cristão, provavelmente o primeiro que existiu. Aqui está, neste canto, entalhada na pedra, a pequena cruz de consagração. Não há dúvida que esta galeria circular servia de capela.

— Precisamente — disse Burger. — Se eu tivesse mais tempo, mostraria todos os corpos que estão sepultados nesses nichos das paredes e que são dos primeiros papas e bispos da Igreja, com as suas mitras, báculos e paramentos pontifícios. Vá ver aquele que ali está e examine-o bem.

Kennedy cruzou a sala e parou junto a uma cabeça medonha enterrada frouxamente em uma mitra mofada.

— É extremamente interessante — disse ele e a sua voz rolou pela abóbada da sala. — No meu conceito, esta catacumba é única. Traga a lanterna, Burger. Quero vê-los todos.

Mas o alemão havia-se afastado e conservava-se no meio do círculo amarelo de luz projetado pela lanterna, do outro lado da sala.

— Sabe você — perguntou —, quantos desvios tortuosos há entre esta sala e a escada de saída? Cerca de dois mil. Era um dos meios de proteção adotados pelos cristãos. Há duas mil probabilidades contra uma para um homem sair daqui, mesmo tendo uma luz. Mas se estiver no escuro, torna-se, evidentemente, muito mais difícil.

— Com certeza.

— E a escuridão tem, aqui, alguma coisa de apavorante. Já fiz uma vez a experiência. Vamos experimentar de novo.

Soprou a lanterna e, repentinamente, foi como se mãos invisíveis apertassem fortemente os olhos de Kennedy. Nunca ele imaginou que pudesse haver uma escuridão tão completa. Parecia oprimi-lo e sufocá-lo. Ao andar, encontrou um sólido obstáculo, contra o qual o seu corpo se encolheu completamente.

Estendeu as mãos para empurrá-lo.

— Chega, Burger! — disse ele. — Acenda outra vez a luz!

Mas o companheiro começou a rir. E, na galeria circular, a sua gargalhada parecia vir de toda a parte ao mesmo tempo.

— Parece que você está incomodado, amigo Kennedy.

— Vamos, homem, acenda a lanterna — respondeu Kennedy, impacientemente.

— É curioso, Kennedy, mas não posso saber pelo som a direção em que você está. E você distingue onde eu estou?

— Não. Parece estar de todos os lados.

— Se não fosse esse barbante que tenho na mão, eu não teria a mínima noção do caminho a tomar.

— Decerto. Mas ande com isso, homem: acenda a luz e acabe com essa brincadeira.

— Olhe, Kennedy, há duas coisas que eu sei que você é louco por elas. Uma, é uma aventura; a outra, é um obstáculo a vencer. A aventura será você encontrar a saída desta catacumba. O obstáculo será, de um lado, a escuridão e, do outro, as duas mil trilhas tortuosas que tornam um pouco difícil achar o caminho. Mas, não seja precipitado, porque há tempo de sobra, e quando você descansar um pouco aqui ou ali, apraz-me acreditar que você estará pensando em Miss Mary Saundersen e examinando se procedeu bem com ela.

— Homem do inferno, que quer você dizer? — uivou Kennedy e começou a rodar, às apalpadelas, em pequenos círculos, espancando com as mãos a escuridão compacta.

— Adeus — disse uma voz de mofa, já a alguma distância. — Não sou de opinião, Kennedy, apesar da sua explicação, que você tenha andado direito com ela. Só uma coisa você mostrou ignorar e esta eu vou lhe dizer: Miss Mary



REVISTA VIRTUAL

Saunderson era noiva de um pobre e deselegante estudioso chamado... Julius Burger.

Ouviu-se um rugido em alguma parte, o som vago de um pé batendo sobre pedra, e o silêncio caiu logo sobre essa velha capela cristã — um silêncio estagnante e pesado, que se fechou em torno de Kennedy e que o envolveu como a água a um homem que se afoga.

*

Uns dois meses depois, apareceu nos principais órgãos da imprensa europeia a seguinte notícia:

"Uma das mais interessantes descobertas dos últimos tempos é a da nova catacumba em Roma, situada a alguma distância dos bem conhecidos subterrâneos de São Calixto. A descoberta dessa importante catacumba, que é excessivamente rica das mais curiosas preciosidades da vida cristã primitiva, é devida à energia e sagacidade do Dr. Julius Burger, o jovem especialista alemão, que está rapidamente conquistando o primeiro lugar entre as autoridades da arqueologia de Roma.

Apesar de ser ele o primeiro a dar a conhecer a sua descoberta, parece que um menos afortunado explorador precedeu o Dr. Burger.

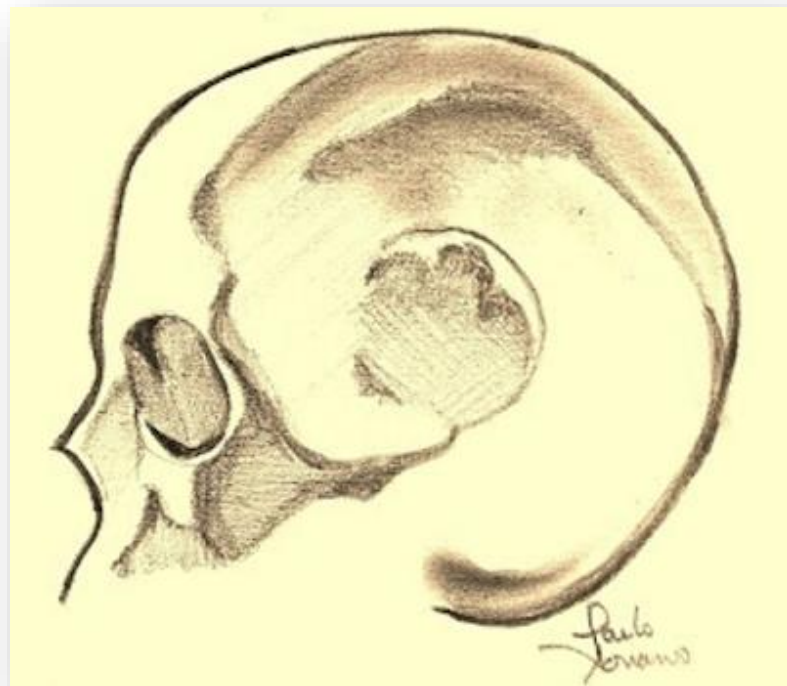
Alguns meses antes, o Dr. Kennedy, o conhecido arqueólogo inglês, desapareceu inopinadamente da sua residência no Corso, tendo-se conjecturado que isso se prendia a um recente escândalo de amor, que o levava a abandonar Roma. Parece, agora, no entanto, que ele foi vítima do seu ardoroso amor pela arqueologia, ciência em que ocupava um posto distinto entre os seus colegas.

Seu corpo foi encontrado no centro da catacumba, e ficou provado, pelo estado dos seus pés e dos seus

sapatos, que ele andou dias e dias pelos sinuosos corredores que tornam esses subterrâneos tão perigosos para os exploradores. O infortunado moço tinha-se internado pela catacumba com inexplicável imprudência, tão longe quanto possível, sem levar consigo fósforos e velas, de modo que o seu triste destino foi o resultado da sua própria temeridade.

O que torna o caso ainda mais doloroso é que o Dr. Julius Burger era íntimo amigo do falecido.

A sua alegria pela extraordinária descoberta, que teve a felicidade de fazer, foi, em grande parte, desfeita pela sorte terrível do seu camarada e colega de estudos".



Tradução de autor desconhecido do início do séc. XX.

Fonte: "O Paiz" (RJ), edições de 4 e 5 de 1909.

Notas: Paulo Soriano.

LA CATACUMBA NUEVA

Arthur Conan Doyle (1859 – 1930)

— **E**scuche, Burger: yo quisiera que usted tuviera confianza en mí — dijo Kennedy.

Los dos célebres estudiosos que se especializaban en las ruinas romanas estaban sentados a solas en la confortable habitación de Kennedy, cuyas ventanas daban al Corso. La noche era fría, y ambos habían acercado sus sillones a la imperfecta estufa italiana que creaba a su alrededor una zona más bien de ahogo, que de tibieza. Del lado de fuera, bajo las brillantes estrellas de un cielo invernal, se extendía la Roma moderna, con su larga doble hilera de focos eléctricos, los cafés brillantemente iluminados, los coches que pasaban veloces y una apretada muchedumbre desfilando por las aceras. Pero dentro, en el interior de aquella habitación suntuosa del rico y joven arqueólogo inglés, no se veía otra cosa que la Roma antigua. Frisos rajados y gastados por el tiempo colgaban de las paredes, y desde los ángulos asomaban los antiguos bustos grises de senadores y guerreros con sus cabezas de luchadores y sus rostros duros y crueles. En la mesa central, entre un revoltijo de inscripciones, fragmentos y adornos, se alzaba la célebre maqueta en que Kennedy había reconstruido las Termas de Caracalla, obra que tanto interés y admiración despertó al ser expuesta en Berlín. Del techo colgaban ánforas y por la lujosa alfombra turca había desparramadas las más diversas rarezas. Y ni una sola de todas esas cosas carecía de la mayor inatacable autenticidad, aparte de su insuperable singularidad y valor; porque Kennedy, a pesar de que tenía poco más de treinta años, gozaba de celebridad europea en esta rama especial de investigaciones, sin contar con que disponía de esa abundancia de fondos que en ocasiones resulta un obstáculo fatal para las energías del estudioso, o que, cuando su inteligencia sigue con absoluta fidelidad el propósito que la guía, le proporciona ventajas enormes en la carrera hacia la fama. El capricho y el placer habían apartado frecuentemente a Kennedy de sus estudios; pero su inteligencia era agresiva y capaz de esfuerzos largos y concentrados, que terminaban en vivas reacciones de laxitud sensual. Su hermoso rostro de frente alta y blanca, su nariz agresiva y su boca algo blanda y sensual, constituían un índice justo de aquella transacción a que la energía y la debilidad habían llegado dentro de su persona.

Su acompañante, Julius Burger, era hombre de un tipo muy distinto. Llevaba en sus venas una mezcla curiosa de sangre: el padre era alemán, y la madre italiana y le transmitieron las cualidades de solidez propias del norte,

junto con un mayor atractivo y simpatía característicos del sur. Unos ojos azules teutónicos iluminaban su rostro moreno curtido por el sol y se elevaba por encima de ellos una frente cuadrada, maciza, con una orla de tupidos cabellos rubios que la enmarcaban. Su mandíbula de contorno fuerte y firme estaba completamente rasurada, dando con frecuencia ocasión a que su acompañante comentase lo mucho que hacía recordar a los antiguos bustos romanos que acechaban desde las sombras en los ángulos de su habitación. Bajo su dura energía de alemán se percibía siempre un asomo de sutileza italiana; pero su sonrisa era tan honrada, y su mirada tan franca, que todos comprendían que aquello era sólo un índice de su ascendencia, sin proyección real sobre su carácter. Por lo que se refiere a años y celebridad se encontraba a idéntico nivel que su compañero inglés, pero su vida y su tarea habían sido mucho más difíciles. Llegado doce años antes a Roma como estudiante pobre, vivió desde entonces de pequeñas becas que la Universidad de Bonn le otorgaba para sus estudios. Lenta, dolorosamente y con tenacidad porfiada y extraordinaria, guiado por una sola idea, había escalado peldaño a peldaño la escalera de la fama, llegando a ser miembro de la Academia de Berlín, y tenía, en la actualidad, toda clase de razones para esperar verse pronto elevado a la cátedra de la más importante de las universidades alemanas. Ahora bien; lo unilateral de sus actividades, si por un lado lo había elevado al mismo nivel que el rico y brillante investigador inglés, había hecho que quedase infinitamente por debajo de éste en todo lo que caía fuera del radio de su trabajo. Burger no dispuso nunca en sus estudios de un paréntesis que le permitiese cultivar el trato social. Únicamente cuando hablaba de temas que caían dentro de su especialidad, el rostro de Burger adquiría vida y expresión. En los demás momentos permanecía silencioso y molesto, con excesiva conciencia de sus propias limitaciones en otros temas más generales, y sentía impaciencia ante la cháchara sin importancia, que es un refugio convencional para todas aquellas personas que no tienen ninguna idea propia que expresar.

A pesar de todo eso, Kennedy y Burger mantuvieron trato por espacio de algunos años, y al parecer ese trato maduró poco a poco hasta convertirse en una amistad de los dos rivales, de personalidad tan diferente. La base y el arranque de esa situación residían en que tanto el uno como el otro eran, dentro de su especialidad, los únicos de la generación joven con saber y entusiasmo suficientes para valorarse mutuamente. Su interés y sus



REVISTA VIRTUAL

actividades comunes los habían puesto en contacto, y ambos habían sentido la mutua atracción de su propio saber. Este hecho se había ido luego completando con otros detalles. A Kennedy le divertían la franqueza y la sencillez de su rival, y Burger, en cambio, se había sentido fascinado por la brillantez y vivacidad que habían convertido a Kennedy en uno de los hombres más populares entre la alta sociedad romana. Digo que le habían convertido, porque, en ese preciso momento, el joven inglés estaba algo oscurecido por una nube. Un asunto amoroso, que nunca llegó a saberse con todos sus detalles, pareció descubrir en Kennedy una falta de corazón y una dureza de sentimiento que sorprendieron desagradablemente a muchos de sus amigos.

Ahora bien, dentro de los círculos de estudiosos y de artistas solterones, en los que el inglés prefería desplazarse, no existía, sobre estos asuntos, un código de honor muy severo, y aunque más de una cabeza se moviese con expresión de desagrado o más de unos hombros se encogiesen al referirse a la fuga de dos y al regreso de uno solo, el sentimiento general era probablemente de simple curiosidad y quizá de envidia, más bien que de censura.

—Escuche, Burger: yo querría que usted tuviese confianza en mí —dijo Kennedy, mirando con dura expresión el plácido semblante de su compañero.

Al decir estas palabras con un vaivén de su mano señaló hacia una alfombra extendida en el suelo. Encima de ella había una canastilla, larga y de poca profundidad, de las que se usan en la campaña para la fruta y que están hechas de mimbre ligero. Dentro de la canastilla se amontonada un revoltijo de cosas: baldosines con rótulos, inscripciones rotas, mosaicos agrietados, papiros desgarrados, herrumbrosos adornos de metal, que para el profano producían la sensación de haber sido sacados de un cajón de basura, pero en los que un especialista habría reconocido rápidamente la condición de únicos en su clase. Aquel montón de objetos variados contenidos en la canastilla de mimbre proporcionaba justo uno de los eslabones que faltaban en la cadena del desenvolvimiento social, y ya es sabido que los estudiosos sienten vivísimo interés por esa clase de eslabones perdidos. Quien los había traído era el alemán, y el inglés los contemplaba con ojos de hambriento. Mientras Burger encendía con lentitud un cigarro, Kennedy prosiguió:

—Yo no quiero inmiscuirme en este hallazgo suyo, pero sí que me agradaría oírle

hablar sobre él. Se trata, evidentemente, de un descubrimiento de máxima importancia. Estas inscripciones producirán sensación por toda Europa.

—¡Por cada uno de los objetos que hay aquí se encuentran allí millones! —dijo el alemán—. Abundan tanto, que darían materia para que una docena de sabios dedicasen toda su vida a su estudio y se crearan así una reputación tan sólida como el castillo de St. Ángelo.

Kennedy permaneció meditando con la frente contraída y los dedos jugueteando en su largo y rubio bigote. Por último, dijo:

—¡Burger, usted mismo se ha delatado! Esas palabras tuyas sólo pueden referirse a una cosa. Usted ha descubierto una catacumba nueva.

—No he dudado ni por un momento de que usted llegaría a esa conclusión examinando estos objetos.

—Desde luego, parecían apuntar en ese sentido; pero sus últimas observaciones me dieron la certidumbre. No existe lugar, como no sea una catacumba, que pueda contener una reserva de reliquias tan enorme como la que usted describe.

—Así es. La cosa no tiene misterio. En efecto, he descubierto una catacumba nueva.

—¿Dónde?

—Ese es mi secreto, querido Kennedy. Basta decir que su situación es tal, que no existe una probabilidad entre un millón de que alguien la descubra. Pertenece a una época distinta de todas las catacumbas conocidas, y estuvo reservada a los enterramientos de cristianos de elevada condición, y por eso los restos y las reliquias son completamente distintos de todo lo que se conoce hasta ahora. Si yo ignorara su saber y su energía, no vacilaría, amigo mío, en contárselo todo bajo juramento de guardar secreto. Pero tal como están las cosas, no tengo más remedio que preparar mi propio informe sobre la materia antes de exponerme a una competencia tan formidable.

Kennedy amara su especialidad con un amor que llegaba casi a la monomanía, con un amor al que se mantenía fiel en medio de todas las distracciones que se le brindan a un joven rico y disoluto. Era ambicioso, pero su ambición resultaba cosa secundaria, frente al simple gozo abstracto y al interés en todo aquello que guardaba relación con la vida y la historia antigua de Roma. Anhelaba ya el ver con sus propios ojos este nuevo mundo subterráneo que



REVISTA VIRTUAL

su compañero había descubierto, y dijo con vivacidad:

—Escuche, Burger; le aseguro que puede tener en mí la más absoluta confianza en este asunto. Nada será capaz de inducirme a poner por escrito cosa alguna de cuanto vean mis ojos hasta que usted me autorice de una manera explícita. Comprendo perfectamente su estado de ánimo y me parece muy natural, pero nada puede temer realmente de mí. En cambio, si usted no me explica el asunto, esté seguro de que realizaré investigaciones sistemáticas al respecto, y de que, sin la menor duda, llegaré a descubrirlo. Como es natural, si tal cosa ocurriese y no estando sujeto a compromiso alguno con usted, haría de mi descubrimiento el uso que bien me pareciera.

Burger contemplaba reflexivo y sonriente su cigarro y le contestó:

—Amigo Kennedy, he podido comprobar que cuando me hacen falta datos sobre algún problema, no siempre se muestra usted dispuesto a proporcionármelos.

—¿Cuándo me ha planteado alguna pregunta a la que yo no haya contestado? Recuerde, por ejemplo, cómo le proporcioné los materiales para su monografía referente al templo de las vestales.

—Bien, pero se trataba de un tema de poca importancia. No estoy seguro de que usted me contestase si yo le hiciera alguna pregunta sobre asuntos íntimos. Esta catacumba nueva es para mí un asunto de la máxima intimidad, y a cambio tengo yo derecho a esperar que usted me dé alguna prueba de confianza.

El inglés contestó:

—No veo adónde va usted a parar; pero si lo que quiere dar a entender es que responderá a mis preguntas relativas a la catacumba si yo contesto a cualquiera de las suyas, puedo asegurarle que así lo haré.

Burger se recostó cómodamente en su sofá, y lanzó al aire un árbol de humo azul de su cigarro. Luego dijo:

—Pues bien; dígame todo lo que hubo en sus relaciones con miss Mary Saunderson.

Kennedy se puso de pie de un salto y clavó una mirada de irritación en su impasible acompañante. Luego exclamó:

—¿Adónde diablos va usted a parar? ¿Qué clase de pregunta es ésta? Si usted ha pretendido hacer una broma, de verdad que jamás se le ha ocurrido otra peor.

—Pues no, no lo dije por bromear —contestó Burger con inocencia. La verdad es que tengo interés por conocer el asunto en detalle.

Yo estoy en la más absoluta ignorancia en todo cuanto se refiere al mundo y a las mujeres, a la vida social y a todas esas cosas, y por eso un episodio de esa clase ejerce sobre mí la fascinación de lo desconocido. Lo conozco a usted, la conocía de vista a ella. Llegué incluso en una o dos ocasiones a conversar con esa señorita. Pues bien, me agradecería muchísimo oír de sus propios labios y con toda exactitud, cuanto ocurrió entre ustedes.

—No le diré una sola palabra.

—Perfectamente. Fue solo un capricho mío para ver si usted era capaz de descubrir un secreto con la misma facilidad con que esperaba que yo le descubriese el de la catacumba nueva. Yo no esperaba que usted revelase el suyo, y no debe esperar que yo revele el mío. Bueno, el reloj de San Juan está dando las diez. Es ya hora de que me retire a mi casa.

—No, Burger. Espere un poco —exclamó Kennedy—. Es verdaderamente un capricho ridículo suyo el querer saber detalles de un lío amoroso que acabó hace ya meses. Ya sabe que al hombre que besa a una mujer y lo cuenta, lo consideramos como el mayor de los cobardes y de los villanos.

—Desde luego —dijo el alemán, recogiendo su canastilla de antigüedades—, y lo es cuando se refiere a alguna muchacha de la que nadie sabe nada. Pero bien sabe usted que el caso del que hablamos fue la comidilla de Roma, y que con aclararlo no perjudica en nada a miss Mary Saunderson. De todos modos, yo respeto sus escrúpulos. Buenas noches.

—Espere un momento, Burger—dijo Kennedy, apoyando su mano en el brazo del otro—. Tengo un interés vivísimo en el asunto de esa catacumba y no renuncio, así como así. ¿Por qué no me pregunta sobre alguna otra cosa? Sobre algo que no resulte tan fuera de lugar.

—No, no. Usted se ha negado, y no hay más que hablar—contestó Burger con la canastilla bajo el brazo—. Tiene usted mucha razón en no contestar, y yo también la tengo. Buenas noches, pues, otra vez, amigo Kennedy.

El inglés vio cómo Burger cruzaba la habitación; pero hasta que el alemán no tuvo la mano en el picaporte no le gritó, con el acento de quien se decide de pronto a sacar el mejor partido de algo que no puede evitar.

—No siga adelante, querido amigo. Creo que eso que hace es una ridiculez; pero, puesto que es usted así, veo que no tendré más remedio que pasar por su exigencia. Me repugna hablar acerca de ninguna muchacha; pero, como usted



REVISTA VIRTUAL

bien dice, el asunto ha corrido por toda Roma, y no creo que usted encuentre novedad alguna de cuanto yo pueda contarle. ¿Qué es lo que quería saber?

El alemán volvió a aproximarse a la estufa, y dejando en el suelo la canastilla, se arrellanó nuevamente en su sofá, diciendo:

—¿Puedo servirme otro cigarro? ¡Muchas gracias! Nunca fumo mientras me dedico al trabajo; pero saboreo mucho más una charla si saboreo al mismo tiempo un cigarro. A propósito de esa señorita con la que tuvo su pequeña aventura, ¿qué diablos ha sido de ella?

—Está en Inglaterra, con su familia.

—¡Vaya! ¿De modo que en Inglaterra y con su familia?

—Sí.

—¿En qué parte de Inglaterra? En Londres, quizá.

—No, en Twickenham.

—Mi querido Kennedy, tendrá que saber disculpar mi curiosidad, y atribúyala a mi ignorancia del mundo. Desde luego que resulta asunto sencillo el convencer a una señorita joven de que se fugue con uno durante tres semanas y entregarla luego a sus familiares de.... ¿cómo dijo que se llama la población?

—Twickenham.

—Eso es; Twickenham. Pero es algo que se sale tan por completo de todo lo que yo he hecho, que no consigo imaginarme siquiera cómo se las arregló usted. Por ejemplo, si hubiese estado enamorado de esa joven, es imposible que ese amor desapareciese en tres semanas, de modo que me imagino que nunca la amó. Pero si no la amaba, ¿para qué levantó usted semejante escándalo, que ha redundado en su propio daño y que ha arruinado la vida de ella?

Kennedy contempló malhumorado el rojo de la estufa y dijo:

—Desde luego que hay lógica en esa manera de encarar el problema. La palabra amor es de mucha envergadura y corresponde a muchísimos matices distintos del sentimiento. La muchacha me gustó. Ya sabe todo lo encantadora que podía parecer, puesto que la conoció y le habló. La verdad es que, volviendo la vista hacia el pasado, estoy dispuesto a reconocer que nunca sentí por ella un verdadero amor.

—Pues entonces, mi querido Kennedy, ¿por qué lo hizo?

—Por lo mucho que la cosa tenía de aventura.

—¡Cómo! ¿Tanta afición tiene usted a las aventuras?

—¿Qué es lo que quita monotonía a la vida sino ellas? Si empecé a galantearla fue por puro afán de aventura. Hubo tiempos en que perseguí mucha caza mayor, pero le aseguro que no hay caza como la de una mujer bella. En este caso estaba también la pimienta de la dificultad, porque, como era la acompañante de lady Emily Rood, resultaba casi imposible entrevistarse con ella a solas. Y para colmo de obstáculos que daban atractivo a la empresa, ella misma me dijo a la primera de cambio que estaba comprometida.

—*Mein Gott!* ¿Con quién?

—No dio el nombre.

—Yo no creo que nadie esté enterado de ese detalle. ¿De modo que fue eso lo que dio mayor fascinación a la aventura?

—La salpimentó, por lo menos. ¿No opina usted lo mismo?

—Le vuelvo a decir que yo estoy en ayunas en esos asuntos.

—Mi querido camarada, usted puede recordar por lo menos que la manzana que hurtó del huerto de su vecino le pareció siempre más apetitosa que la del suyo propio. Y después de eso, me encontré con que ella me quiso.

—¿Así? ¿De sopetón?

—¡Oh, no! Me llevó por lo menos tres meses de labor de zapa y ataque. Pero la conquisté, por fin. La muchacha comprendió que el estado de separación judicial en que me encuentro con respecto a mi esposa me imposibilitaba para entrar con ella por el camino legal. Pero se fugó conmigo, a pesar de todo, y mientras duró la aventura lo pasamos estupendamente.

—Pero ¿y el otro?

Kennedy se encogió de hombros, y contestó:

—Yo creo que es un caso de supervivencia de los mejores. Si él hubiese sido el mejor de los dos, ella no lo habría abandonado. Pero basta ya del tema, porque ha llegado a hastiarme.

—Sólo otra pregunta: ¿cómo se desembarazó de ella a las tres semanas?

—En ese tiempo, como usted comprenderá, ya había bajado un poco nuestra temperatura. Ella se negó a regresar a Roma, no queriendo reanudar el trato con quienes la conocían. Pues bien; Roma es una cosa indispensable para mí, y ya me dominaba la nostalgia de volver a mis tareas. Como verá, existía una razón potente para separarnos. Aparte de eso, y cuando estábamos en Londres,



REVISTA VIRTUAL

su anciano padre se presentó en el hotel, y tuvimos una escena desagradable. Total, que la aventura tomó el peor cariz, y yo me alegré de darla por terminada, aunque al principio eché terriblemente de menos a la muchacha. Bien, ya está. Cuento con que usted no repetirá ni una palabra de lo que acabo de contarle.

—Ni en sueños se me ocurriría tal cosa, Kennedy. Pero todo eso me ha interesado mucho, porque me proporciona una visión de las cosas completamente distinta de la que yo acostumbro, debido a que conozco poco la vida. Y después de eso, querrá que yo le hable de mi catacumba nueva. No merece la pena de que yo trate de describírsela, porque con mis datos verbales jamás llegaría usted a encontrarla. Lo único que viene al caso es que le lleve a ella.

—Sería una cosa magnífica.

—¿Cuándo le gustaría ir?

—Cuanto antes, mejor. Me muero por visitarla.

—Pues bien; hace una noche espléndida, aunque un poquitín fría. Podemos emprender la excursión dentro de una hora. Es preciso que adoptemos toda clase de precauciones para que el descubrimiento no trascienda de nosotros dos. Si alguien nos viera salir en pareja a explorar, sospecharía que algo está en marcha.

—Desde luego—contestó Kennedy—. Toda precaución es poca. ¿Queda lejos?

—A unas millas de aquí.

—¿No será mucha distancia para hacerla a pie?

—Al contrario, podemos ir paseando sin dificultad.

—Entonces, eso es lo mejor. Si un cochero nos dejara a noche cerrada en algún sitio solitario, le entrarían recelos.

—Así es. Creo que lo mejor que podemos hacer es citarnos para las doce de la noche en la Puerta de la Vía Appia. Yo necesito regresar a mi domicilio para proveerme de cerillas, velas y todo lo demás.

—¡Magnífico, Burger! Es usted verdaderamente amable en acceder a revelarme este secreto, y le prometo no escribir nada al respecto hasta después de que haya publicado su memoria. ¡Hasta luego, pues! A las doce me encontrará en la puerta.

Cuando Burger, embozado en un capote de estilo italiano y con una linterna colgando de su mano derecha, llegó al lugar de la cita, vibraban por la fría y clara atmósfera de la noche, las notas musicales de las campanas de aquella ciudad de los mil relojes. Kennedy salió de la

oscuridad y se le acercó. El alemán le dijo riendo:

—Es usted tan apasionado para el trabajo como para el amor.

—Tiene razón, porque llevo esperándolo casi media hora.

—Espero que no habrá dejado ninguna clave que permita a otros suponer a qué lugar nos dirigimos.

—No soy tan estúpido como para eso. Además, el frío se me ha metido hasta los huesos. Vamos andando, Burger, y entremos en calor con una rápida caminata.

Las pisadas de ambos resonaban ágiles sobre el tosco pavimento de piedra de la lamentable vía, único resto que queda de la carretera más célebre del mundo. No tuvieron mayores encuentros que el de un par de campesinos que marchaban de la taberna a su casa, y algunos carros de otros que llevaban sus productos al mercado de Roma. Avanzaron, pues, con rapidez por entre las tumbas colosales que asomaban de entre la oscuridad a uno y otro lado. Cuando llegaron a las Catacumbas de San Calixto y vieron alzarse frente a ellos, sobre el telón de fondo de la luna naciente, el gran bastión circular de Cecilia Metella, se detuvo Burger, llevándose la mano a un costado.

—Sus piernas son más largas que las mías y está más acostumbrado a caminar—dijo riéndose—. Me parece que el sitio en que tenemos que desviarnos queda por aquí. Sí, en efecto, hay que doblar la esquina de esa trattoria. El sendero que sigue es muy estrecho, de manera que quizá sea preferible que yo marche adelante.

Había encendido su linterna. Alumbrados por su luz pudieron seguir por una huella angosta y tortuosa que serpenteaba por las tierras pantanosas de la campaña. El enorme Acueducto de Roma se alargaba igual que un gusano monstruoso por el claro de luna, y su camino pasaba por debajo de uno de los descomunales arcos, dejando a un lado la circunferencia del muro de ladrillos en ruinas de un viejo anfiteatro. Burger se detuvo, al fin, junto a un solitario establo de madera, y sacó de su bolsillo una llave. Kennedy, al verlo, exclamó:

—¡No es posible que su catacumba esté dentro de una casa!

—La entrada sí que lo está. Eso es precisamente lo que evita el peligro de que nadie la descubra.

—¿Está enterado el propietario?



REVISTA VIRTUAL

—Ni mucho menos. Él fue quien hizo un par de hallazgos por los que yo deduje, casi con seguridad, que la casa estaba construida sobre la entrada de una catacumba. En vista de eso, se la alquilé y realicé yo mismo las excavaciones. Entre usted, y cierre luego la puerta.

Era una construcción larga y vacía, con los pesebres de las vacas a lo largo de una de las paredes. Burger depositó su linterna en el suelo y la tapó con su gabán, salvo en un solo sentido, diciendo:

—Podría llamar la atención, si alguien viese luz en un lugar abandonado como éste. Ayúdeme a levantar esta plataforma de tablas.

Entre el suelo y las tablas había, en el ángulo, algo de holgura, y los dos sabios fueron levantándolas una a una y colocándolas de pie, apoyadas en la pared. Se veía en el fondo una abertura cuadrada y una escalera de piedra antigua, por la que se descendía a las profundidades de la caverna.

—¡Tenga cuidado! —gritó Burger, al ver que Kennedy, aguijoneado por la impaciencia, se lanzaba escaleras abajo—. Es una verdadera madriguera de conejos, y quien se extravíe en su interior, tiene cien probabilidades contra una de quedarse dentro. Espere a que yo traiga la luz.

—Si tan complicada es, ¿cómo se las arregla para orientarse?

—Pasé al principio verdaderos momentos de angustia, pero poco a poco he aprendido a ir y venir con seguridad. Las galerías están construidas con cierto sistema, pero una persona desorientada y sin luz no sabría salir. Aun ahora llevo mis prevenciones hasta el punto de que, cuando me adentro mucho, voy soltando un rollo de cable fino. Usted mismo puede ver, desde donde está, que la cosa es complicada. Pues bien, cada uno de esos pasillos se divide y subdivide en una docena más antes de las próximas cien yardas.

Habían bajado unos veinte pies desde el nivel de los establos y se encontraban dentro de una cámara cuadrada, excavada en la blanda piedra caliza. La linterna proyectaba sobre las agrietadas paredes una luz oscilante, intensa en el suelo y débil en lo alto. De este centro común irradiaban negras bocas en todas las direcciones. Burger dijo:

—Sígame de cerca, amigo mío. No se entretenga mirando nada de lo que se ofrece en nuestro camino, porque en el sitio al que lo conduzco encontrará todo lo que por aquí pueda ver y otras muchas cosas. Ahorraremos tiempo marchando hasta allí directamente.

Avanzó Burger con resolución por uno de los pasillos, y detrás de él Kennedy, pisándole los talones. De trecho en trecho, el pasillo se bifurcaba; pero era evidente que Burger seguía algún propio sistema suyo de señales secretas, porque nunca se detenía ni dudaba. Por todas partes, a lo largo de las paredes, los cristianos de la antigua Roma yacían en huecos que recordaban las literas de un buque de emigrantes. La amarilla luz se proyectaba vacilante sobre los arrugados rasgos faciales de las momias, resbalando sobre las redondeces de los cráneos y de las canillas, largas y blancas, de los brazos cruzados sobre los descarnados pechos. Kennedy miraba con ojos ansiosos, sin dejar de avanzar, las inscripciones, los vasos funerarios, las pinturas, las ropas y los utensilios que seguían en el mismo sitio en que los colocaron manos piadosas muchos siglos antes. Comprendió con toda claridad, sólo con esas ojeadas que lanzaba al pasar, que aquella catacumba era la más antigua y la mejor, y que encerraba una cantidad de restos romanos superior a todo lo que hasta entonces se había podido ofrecer en un mismo lugar a la observación en los investigadores.

—¿Qué ocurriría si se apagara la luz? —preguntó, mientras avanzaba apresuradamente.

—Tengo de reserva en el bolsillo una vela y una caja de cerillas. A propósito, Kennedy, ¿tiene usted cerillas?

—No, sería bueno que usted me diese algunas.

—¡Bah!, no es necesario, porque no hay ninguna posibilidad de que nos separemos el uno del otro.

—¿Vamos a penetrar muy adentro? Creo que llevamos ya avanzado por lo menos un cuarto de milla.

—Yo creo que más. La verdad es que el espacio que ocupan las tumbas no tiene límites o, por lo menos, yo no he encontrado todavía el final. Este sitio en que ahora entramos es muy complicado, de modo que voy a emplear nuestro rollo de cuerda fina.

Ató una extremidad de la soga a una piedra saliente y puso el rollo en el pecho de su chaqueta, dando cuerda a medida que avanzaban. Kennedy comprendió el requerimiento, porque los pasillos eran cada vez más complicados y tortuosos, formando una perfecta red de galerías cortadas entre sí. Desembocaron, por fin, en un amplio salón circular en el que se veía un pedestal cuadrado de toba, recubierta en la parte superior con una



REVISTA VIRTUAL

losa de mármol. Burger hizo balancear su linterna sobre la superficie marmórea, y Kennedy exclamó como en un éxtasis:

—¡Por Júpiter! Éste es un altar cristiano. Probablemente el más antiguo de cuantos existen. He aquí, grabada en un ángulo, la cruzcita de la consagración. Este salón circular sirvió sin duda de iglesia.

—¡Exactamente! —dijo Burger—. Si yo dispusiera de más tiempo, me gustaría enseñarle todos los cuerpos enterrados en los nichos de estas paredes, porque son de los primeros papas y obispos de la iglesia, y fueron enterrados con sus mitras, báculos y todas sus insignias canónicas. Acérquese a mirar ése que hay allí.

Kennedy cruzó el salón y se quedó contemplando la fantasmal cabeza, que quedaba muy holgada dentro de la mitra hecha jirones y comida por la polilla.

—Esto es interesantísimo —exclamó, y pareció que su voz resonaba con fuerza en la concavidad de la bóveda—. En lo que a mí concierne, es algo único. Acérquese con la linterna, Burger, porque quiero examinar todos estos nichos.

Pero el alemán se había alejado hasta el lado contrario de aquel salón, y estaba de pie en el centro de un círculo de luz.

—¿Sabe usted la cantidad de vueltas y más vueltas equivocadas que hay desde aquí hasta las escaleras? —preguntó—. Son más de dos mil. Sin duda, los cristianos recurrieron a ese sistema como medio de protección. Hay dos mil probabilidades contra una de que, incluso disponiendo de una luz, consiga una persona salir de aquí; pero si tuviese que hacerlo moviéndose entre tinieblas, le resultaría muchísimo más difícil.

— Así lo creo también.

—Además, estas tinieblas son cosa de espanto. En una ocasión quise hacer un experimento para comprobarlo. Vamos a repetirlo ahora.

Burger se inclinó hacia la linterna, y un instante después Kennedy sintió como que una mano invisible le oprimía con gran fuerza los dos ojos. Hasta entonces no había sabido lo que era oscuridad. Esta de ahora parecía oprimirlo y aplastarlo. Era un obstáculo sólido, cuyo contacto evitaba el avance del cuerpo. Kennedy alargó las manos como para empujar lejos de él las tinieblas, y dijo:

—Basta ya, Burger. Encienda otra vez la luz.

Pero su compañero rompió a reír, y dentro de aquella habitación circular, la risa parecía proceder de todas partes al mismo tiempo. El alemán dijo después:

—Amigo Kennedy, parece que se siente usted inquieto.

—¡Venga ya, hombre, encienda la luz! —exclamó Kennedy con impaciencia.

—Es una cosa extraña, Kennedy, pero yo sería incapaz de decir en qué dirección se encuentra usted guiándome por la voz. ¿Podría usted decir dónde me encuentro yo?

—No, porque parece estar en todas partes.

—Si no fuese por esta cuerdecita que tengo en mi mano, yo no tendría la menor idea del camino que debo seguir.

—Lo supongo. Encienda una luz, hombre, y dejémonos ya de tonterías.

—Pues bien, Kennedy, tengo entendido que hay dos cosas a las que es usted muy aficionado. Una de ellas es la aventura, y la otra, el que tenga obstáculos que vencer. En este caso, la aventura ha de consistir en que usted se las arregle para salir de esta catacumba. El obstáculo consistirá en las tinieblas y en los dos mil ángulos equivocados que hacen difícil esa empresa. Pero no necesita darse prisa, porque dispone de tiempo en abundancia. Cuando haga un alto de cuando en cuando para descansar, me agradecería que usted se acordase precisamente de miss Mary Saunderson, y que reflexionara en si se portó usted con ella con toda decencia.

—¿A dónde va usted a parar con eso, maldito demonio? —bramó Kennedy.

Había empezado a correr de un lado para otro, moviéndose en pequeños círculos y aferrándose con ambas manos a la sólida oscuridad.

—Adiós—dijo la voz burlona, ya desde alguna distancia—. Kennedy, basándome en su misma exposición del asunto, la verdad es que no creo que usted hizo lo que debía en lo relativo a esa muchacha. Sin embargo, hay un pequeño detalle que usted, por lo visto, no conoce, y que yo estoy en condiciones de proporcionárselo. Miss Saunderson estaba comprometida para casarse con un pobre diablo, con un desgarbado investigador que se llamaba Julius Burger.

Se oyó en alguna parte un rozamiento, un vago sonido de un pie que golpeaba en una piedra, y de pronto cayó el silencio sobre aquella iglesia cristiana de la antigüedad. Fue un silencio estancado, abrumador, que envolvió por todas partes a Kennedy, lo mismo que el



REVISTA VIRTUAL

agua envuelve a un hombre que se está ahogando.

*

Unos dos meses después corrió por toda la prensa europea el siguiente relato:

El descubrimiento de la catacumba nueva de Roma es uno de los más interesantes entre los de los últimos años. La catacumba se encuentra situada a alguna distancia, hacia el Oriente, de las conocidas bóvedas de San Calixto. El hallazgo de este importante lugar de enterramientos, extraordinariamente rico en interesantísimos restos de los primeros tiempos del cristianismo, se debe a la energía e inteligencia del joven especialista alemán doctor Julius Burger, que se está colocando rápidamente en primer lugar como técnico en los temas de la Roma antigua. Aunque el doctor Burger haya sido el primero en llevar al público la noticia de su descubrimiento, parece que otro aventurero con menos suerte se le adelantó. Unos meses atrás desapareció repentinamente de las habitaciones que ocupaba en el Corso, el conocido investigador inglés míster Kennedy. Se hicieron conjeturas asociando esa desaparición con el escándalo social que tuvo lugar poco antes, suponiéndose que se habría visto

por ello impulsado a abandonar Roma. Por lo que ahora se ve, dicho señor fue víctima del fervoroso amor a la arqueología, que lo había elevado a un plano distinguido entre los investigadores actuales. Su cadáver ha sido descubierto en el corazón de la catacumba nueva, y del estado de sus pies y de sus botas se deduce que caminó días y días por los tortuosos pasillos que hacen de estas tumbas subterráneas un lugar peligroso para los exploradores. Por lo que se ha podido comprobar, el muerto, llevado de una temeridad inexplicable, se metió en aquel laberinto sin llevar consigo velas ni cerillas, de modo que su lamentable desgracia fue un resultado lógico de su propia precipitación. Lo más doloroso del caso es que el doctor Julius Burger era íntimo amigo del difunto, por lo que su júbilo ante el extraordinario descubrimiento que ha tenido la suerte de hacer se ha visto grandemente mellado por el espantoso final de su camarada y compañero de trabajos.

Traducción de autor desconocido.

Texto de dominio público.

Fuente: Portal [Dominio Público](#) (BR).





O CORAÇÃO DELATOR

Edgar Allan Pöe (1809 – 1849)

Sim! Sou muito nervoso, terrivelmente nervoso, mesmo — e sempre o fui; mas por que me supõem louco? A doença tornou mais aguçados os meus sentidos — não os destruiu, não os embotou. Mais do que os outros, tenho uma audição aguçadíssima. Ouço admiravelmente bem todos os sons produzidos no céu e na terra. Tenho ouvido até muitas coisas do inferno. Como posso, pois, ser um louco? Atenção! Repararem bem com que perfeita lucidez, com que tranquilidade de espírito eu vou contar-lhes toda a história.

Ser-me-ia completamente impossível dizer-lhes como primitivamente a ideia entrou no meu cérebro; mas, uma vez concebida, nunca mais me abandonou, noite e dia. Fim, não tinha algum. A paixão foi estranha ao caso, por completo. Eu estimava deveras o pobre velho, que nunca me fizera o menor mal, que nunca me insultara. Nem mesmo invejava o seu dinheiro. Creio que foi o seu olho! Sim foi isso, decerto! Um dos olhos dele parecia os dum abutre — um olho azul-claro, recoberto por uma película nevoenta. Cada vez que esse olho me fitava, sentia gelar-me o sangue; e assim, lentamente — por graus — muito gradualmente —, introduziu-se na minha mente a ideia de arrancar a vida do velho, para, dessa forma, me livrar para sempre daquele olho.

Agora, este é o ponto. Os senhores supõem-me louco. Os loucos não sabem de nada. Se me vissem! Se vissem com que inteligência eu procedia! Com que precaução, com que prudência, com quanta dissimulação eu meti as mãos à obra! Eu nunca fora mais solícito para o velho do que durante a semana inteira que precedeu o crime. E todas as noites, pela meia-noite, levantava o trinco da porta do quarto dele, e abria-a — oh, tão devagarinho! E então, depois de suficientemente a entreabrir, introduzia no quarto uma lanterna de furta-fogo, fechada, hermeticamente fechada, que não deixava passar um mínimo raio de luz; em seguida metia a cabeça pela abertura! Oh, se vissem teriam rido da destreza com que eu metia a cabeça! Movia-se lentamente — muito, muito lentamente —, de maneira a não perturbar o sono do velho. Levei seguramente mais de uma hora para meter a cabeça pela abertura, muito antes de poder vê-lo deitado no leito! Ah! Um louco seria, porventura, tão prudente? Depois, quando tinha a cabeça dentro do quarto, abria a lanterna com precaução — oh, com que precaução! — porque o gonzo rangia. Abria então a lanterna de tal modo que o

raio de luz fosse justamente incidir no olho de abutre. E fiz isto durante sete longas noites — cada noite, à meia-noite —, mas encontrei sempre o olho fechado, de molde a não poder, portanto, concluir o meu trabalho; foi por isso que disse não odiar eu o velho; o que eu odiava era o seu Olho Maldito! E todas as manhãs, logo que o dia nascia, entrava ousadamente em seu quarto, falava-lhe corajosamente, tratando-o pelo seu nome num tom cordialíssimo, e informando-me de como passara a noite. Bem veem que ele seria possuidor de uma dissimulação rara se desconfiasse que, a cada noite, à meia-noite em ponto, eu o examinava enquanto dormia.

Na oitava noite fui ainda mais prudente: abri a porta com mais precaução. A minha mão não fazia mover a porta com mais rapidez do que se move um ponteiro dum relógio. Nunca, como nessa noite, senti tão perfeitamente o poder das minhas faculdades, da minha sagacidade. A custo continha as sensações que o triunfo produzia em mim. Pensar que eu estava ali, abrindo a porta pouco a pouco, sem que ele pudesse sonhar as minhas ações ou meus pensamentos secretos! Ao ter esta ideia não pude deixar de rir um pouco, abafadamente; ele ouviu-me, talvez porque se voltou pesadamente no leito, como se tivesse acordando. Pensam por acaso que eu me retirei por isso? Não! O quarto, de tão profundas que eram as trevas, estava negro como pez, porque as janelas tinham sido fechadas cuidadosamente, por medo dos ladrões; e, sabendo que ele não podia ver a porta entreaberta, continuei a empurrá-la cada vez mais. Eu já passara a cabeça pela abertura, e estava prestes a abrir a lanterna, quando o meu polegar resvalou pelo fecho de ferro, e o velho sentou-se no leito, gritando:

— Quem está aí?

Eu fiquei completamente imóvel e não disse nada. Durante uma hora inteira não movi um só músculo, mas, também, durante esse tempo, não ouvi o velho deitar-se. Continuava, decerto, sentado na cama, de ouvido à escuta, justamente como eu fizera durante sete noites inteiras, escutando o barulho que fazia o pêndulo do relógio de parede.

Mas, de repente, ouvi um gemido fraco, que reconheci como o gemido resultante de um horror mortal. Não era o gemido de dor ou de pesar. Oh, não! Era o ruído surdo e sufocado que se desprende do fundo de uma alma apavorada. Conhecia bem aquele grito. Muitas noites, à meia-noite exata, quando todo mundo dormia, soltara-se de meu próprio peito um gemido igual àquele,



REVISTA VIRTUAL

excitando com o seu terrível eco os terrores que me atormentavam. Repito que conhecia aquele ruído. Calculava o que o pobre velho sentia, e eu tinha piedade dele, ainda que interiormente eu sorrisse comigo mesmo. Sabia que ele continuava acordado desde que se voltara no leito ao primeiro ruído que eu fizera. Desde então o seu pavor aumentara sempre de intensidade. Ele tentara persuadir-se de que não tinha razão para assustar-se, mas não pudera consegui-lo. Dissera a si mesmo: “Não foi nada, apenas o ruído do vento entrando pela chaminé, ou algum rato que atravessou o quarto”, ou então: “Talvez um grilo que começou a cantar”. Sim, sim, ele se esforçara por encorajar-se com estas hipóteses; mas tudo fora em vão. Tudo fora em vão porque a Morte, que se aproximava, passava diante dele com a sua grande sombra negra, envolvendo, assim, aquela vítima. Era a influência fúnebre da sombra que ele não percebera, que lhe fazia sentir — apesar de nada ver nem ouvir —, que lhe fazia sentir a minha cabeça no seu quarto.

Depois de esperar por muito tempo, impacientemente, que ele se deitasse de novo, resolvi entreabrir um pouco a lanterna, mas muito pouco, um quase nada. Entreabri-a com tanta cautela como dificilmente podem imaginar, até que por fim um pálido raio de luz, como um fio de teia de aranha, subiu da abertura, incidindo sobre o olho de abutre.

O Olho Maldito estava aberto, muito aberto, o que me fez enfurecer logo que o fitei. Vi-o com uma perfeita nitidez — o azul-claro coberto com o hediondo véu que me gelava o sangue nas veias; mas eu nada podia ver do rosto ou do corpo do velho, porque dirigia o raio de luz, como por instinto, sobre o ponto maldito.

Em seguida — eu não lhes disse que o que os senhores tomavam por loucura era uma grande penetração dos meus sentidos? —, em seguida ouvi um outro ruído surdo, sufocado, contínuo, semelhante a um ruído que pode fazer o pêndulo dum relógio envolvido em algodão. Eu reconheci esse som. Era o bater do coração do velho. Esse som aumentou o meu furor como o rufar do tambor aumenta a coragem de um soldado.

Mas contive-me ainda, e continuei ali, sem me mexer. Somente respirava, conservando a lanterna imóvel para que o raio de luz saído dela continuasse a iluminar o olho maldito. Entretanto, o infernal bater do coração era cada vez mais forte, a cada instante mais precipitado. O terror do velho devia ser extremo! O bater o coração, eu disse, era cada vez mais forte, de instante para instante! Repararam bem em tudo o que lhes disse? Então devem lembrar-se que lhes declarei ser excessivamente nervoso, e, com efeito, eu o sou. Portanto, em plena noite, no meio

do silêncio terrível daquela casa, um tão estranho ruído fez com que se apossasse de mim um irremissível terror. Durante alguns minutos ainda, contive-me e continuei calmo. Mas o ruído era cada vez mais forte, sempre mais forte! Cheguei a supor, até, que o coração ia rebentar. E então apoderou-se de mim uma nova angústia: o ruído poderia ser ouvido por algum vizinho! A hora do velho chegara, pois! Saltando um grande grito, abri bruscamente a lanterna, e entrei no quarto. O velho deu apenas um grito, um só, porque eu o lancei no assoalho, virando-o e jogando-lhe sobre o corpo o pesado leito em que antes dormia tranquilamente. Sorri, então, por ver a minha obra tão adiantada. Mas, durante alguns instantes ainda, o coração batia, produzindo um som abafado, que não me incomodou, porque não podia ser ouvido através duma parede. Por fim, cessou. O velho estava morto. Levantei o leito e examinei o corpo. Sim, estava morto, morto e rígido. Coloquei-lhe a mão sobre o coração, conservando-a ali durante alguns minutos. Nem uma pulsação. Ele estava morto e rígido. O seu olho, portanto, não me atormentaria mais!

Se persistirem ainda em supor-me louco, essa suposição evaporar-se-á ao descrever-lhes as inteligentíssimas precauções que tomei para ocultar o cadáver. A noite avançava; comecei, pois, a trabalhar apressadamente, mas em silêncio. Cortei-lhe a cabeça, depois os braços, depois as pernas. Em seguida, despreguei três taboas do assoalho e meti todas as partes do cadáver pelos buracos que elas tinham deixado. Depois preguei de novo as tábuas tão habilmente, tão desveladamente, que nenhum olho humano — nem mesmo o dele — poderia descobrir no assoalho o mínimo sinal de que tinham sido levantadas. Não havia o que limpar — nem uma mancha, nem um pingo de sangue. Procedera muito prudentemente para deixar qualquer vestígio. A tina em que cortara o cadáver absorvera todo o sangue, ha! ha!

Quando acabei a minha obra, pelas quatro horas da madrugada, a escuridão era tão profunda como à meia-noite. No momento exato em que o relógio dava uma hora da tarde, bateram à porta da rua. Desci para abrir alegremente, porque nada tinha a temer dali em diante. Entraram três homens que com toda delicadeza apresentaram-se como agentes de polícia. Um vizinho ouvira um grito, na noite anterior, o que levantara a suspeita de que um crime teria sido praticado; como fizera a respectiva denúncia no comissariado de polícia, tinham ordenado àqueles senhores que revistassem a casa.



REVISTA VIRTUAL

Ao saber qual o fim dos policiais, sorri — pois o que eu tinha a temer? Declarei-lhes que sentia um verdadeiro prazer em lhes falar, e disse-lhes que o grito ouvido pelo tal vizinho fora eu que o soltara durante um sonho. O meu velho patrão, acrescentei, partira para uma viagem.

Depois desta explicação, mostrei toda a casa aos policiais, convidando-os a procurarem bem. Por último, eu os conduzi ao quarto dele, e mostrei-lhes todos os tesouros do velho, perfeitamente intactos.

No entusiasmo de minha confiança, instei os policiais para que sentassem, para que descansassem um instante; e, com a louca audácia dum triunfo completo, puxei uma cadeira e sentei-me, depois de tê-la colocado exatamente sobre as tábuas que cobriam o corpo da vítima.

Os agentes de polícia estavam satisfeitiíssimos. A forma clara e precisa com que eu fizera as declarações convencera-os. Sentia-me singularmente à vontade. Sentaram-se e começaram a falar coisas triviais, às quais que eu respondia alegremente.

Pouco depois, senti que empalidecia, e só pensei em me livrar deles.

Sentia insuportáveis dores de cabeça, e grandes badaladas nos ouvidos; mas os policiais continuavam sentados, sempre falando. As badaladas não acabavam e, pelo contrário, eram cada vez mais distintas. Comecei a falar mais alto para me livrar daquela sensação; mas as badaladas persistiam, tomando um caráter tão puramente definido que, por fim, percebi não se produzir sem os meus ouvidos.

Eu estava muito pálido, sem dúvida — mas falava sempre, levantando a voz cada vez mais.

O som aumentava sempre — o que eu podia fazer? Era um ruído surdo, sufocado, frequente, semelhante ao ruído que pode fazer o pêndulo de um relógio envolvido em algodão. Eu respirava a custo. Os policiais nada tinham ouvido.

Conversei com mais verbosidade — com mais veemência —, mas o ruído aumentava incessantemente. Levantei-me e comecei a questionar sobre ninharias, num diapasão elevadíssimo e com uma violenta gesticulação; mas o ruído aumentava, aumentava sempre. Por que eles não queriam ir embora? Eu passeava desesperadamente pelo quarto, a grandes passadas, batendo surdamente com os pés no chão, como que exasperado pelas observações de meus contraditores; mas o ruído crescia regularmente. Oh, Deus! O que podia eu fazer? Enraivecia-me, espumava, praguejava. Movia em todos os sentidos a cadeira em que de novo me

sentara, fazendo-a ranger sobre o tabuado; mas o ruído aumentava sempre, crescia indefinidamente, tornava-se de instante para instante mais forte — mais forte! —, sempre mais forte. E os policiais, sorrindo e palestrando, sempre prazentemente!

Seria possível, porventura, que eles nada ouvissem? Deus onipotente! Não, não! Eles ouviam! Eles suspeitavam! Eles sabiam! Eles divertiam-se com o meu terror! Foi isto que supus, então. É isto que ainda hoje suponho.

Nada mais intolerável para mim que aquela descarada zombaria! Não podia mais suportar aqueles sorrisos hipócritas! Senti que, para não morrer, precisava gritar! E agora ainda, não ouvem? — Escutem! Mais alto! Sempre mais alto! — Sempre mais alto, miseráveis! — gritei para os policiais. — Não dissimulem por mais tempo! Confesso o crime! Arranquem essas tábuas! É aí que ele está! É aí! E esse som que ouvem é o bater do seu execrável coração.

Tradução de S. de M. (Séc. XIX).

Texto de domínio público.





EL CORAZÓN DELATOR

Edgar Allan Pöe (1809 – 1849)

¡Es verdad! Soy muy nervioso, horrorosamente nervioso, siempre lo fui, pero ¿por qué pretendéis que esté loco? La enfermedad ha aguzado mis sentidos, sin destruirlos ni embotarlos. Tenía el oído muy fino; ninguno le igualaba; he escuchado todas las cosas del cielo y de la tierra, y no pocas del infierno. ¿Cómo he de estar loco? ¡Atención! Ahora veréis con qué sano juicio y con qué calma puedo referiros toda la historia.

Me es imposible decir cómo se me ocurrió primeramente la idea; pero una vez concebida, no pude desecharla ni de noche ni de día. No me proponía objeto alguno ni me dejaba llevar de una pasión. Amaba al buen anciano, pues jamás me había hecho daño alguno, ni menos insultado; no envidiaba su oro; pero tenía en sí algo desagradable. ¡Era uno de sus ojos, sí, esto es! Se asemejaba al de un buitre y tenía el color azul pálido. Cada vez que este ojo fijaba en mí su mirada, se me helaba la sangre en las venas; y lentamente, por grados, comenzó a germinar en mi cerebro la idea de arrancar la vida al viejo, a fin de librarme para siempre de aquel ojo que me molestaba.

¡He aquí el quid! Me creéis loco; pero advertid que los locos no razonan. ¡Su hubierais visto con qué buen juicio procedí, con qué tacto y previsión y con qué disimulo puse manos a la obra! Nunca había sido tan amable con el viejo como durante la semana que precedió al asesinato.

Todas las noches, a eso de las doce, levantaba el picaporte de la puerta y la abría; pero ¡qué suavemente! Y cuando quedaba bastante espacio para pasar la cabeza, introducía una linterna sorda bien cerrada, para que no filtrase ninguna luz, y alargaba el cuello. ¡Oh!, os hubierais reído al ver con qué cuidado procedía. Movía lentamente la cabeza, muy poco a poco, para no perturbar el sueño del viejo, y necesitaba al menos una hora para adelantarla lo suficiente a fin de ver al hombre echado en su cama. ¡Ah! Un loco no habría sido tan prudente. Y cuando mi cabeza estaba dentro de la habitación, levantaba la linterna con sumo cuidado, ¡oh, con qué cuidado, con qué cuidado!, porque la charnela rechinaba. No la abría más de lo suficiente para que un

imperceptible rayo de luz iluminase el ojo de buitre. Hice esto durante siete largas noches, hasta las doce; pero siempre encontré el ojo cerrado y, por consiguiente, me fue imposible consumir mi obra, porque no era el viejo lo que me incomodaba, sino su maldito ojo.

Todos los días, al amanecer, entraba atrevidamente en su cuarto y le hablaba con la mayor serenidad, llamándole por su nombre con tono cariñoso y preguntándole cómo había pasado la noche. Ya veis, por lo dicho, que debería ser un viejo muy perspicaz para sospechar que todas las noches hasta las doce le examinaba durante su sueño.

Llegada la octava noche, procedí con más precaución aún para abrir la puerta; la aguja de un reloj se hubiera movido más rápidamente que mi mano. Mis facultades y mi sagacidad estaban más desarrolladas que nunca, y apenas podía reprimir la emoción de mi triunfo.

¡Pensar que estaba allí, abriendo la puerta poco a poco, y que él no podía ni siquiera soñar en mis actos! Esta idea me hizo reír; y tal vez el durmiente escuchó mi ligera carcajada, pues se movió de pronto en su lecho como si se despertase. Tal vez creeréis que me retiré; nada de eso; su habitación estaba negra como un pez, tan espesas eran las tinieblas, pues mi hombre había cerrado herméticamente los postigos por temor a los ladrones; y sabiendo que no podía ver la puerta entornada, seguí empujándola más, siempre más.

Había pasado ya la cabeza y estaba a punto de abrir la linterna, cuando mi pulgar se deslizó sobre el muelle con que se cerraba y el viejo se incorporó en su lecho exclamando:

— ¿Quién anda ahí?

Permanecí inmóvil sin contestar; durante una hora me mantuve como petrificado, y en todo este tiempo no le vi echarse de nuevo; seguía sentado y escuchando, como yo lo había hecho noches enteras.

Pero he aquí que de repente oigo una especie de queja débil, y reconozco que era debida a un terror mortal; no era de dolor ni de pena, ¡oh, no! Era el ruido sordo y ahogado que se eleva del fondo de un alma poseída por el espanto.

Yo conocía bien este rumor, pues muchas noches, a las doce, cuando todos dormían, lo oí



REVISTA VIRTUAL

producirse en mi pecho, aumentando con su eco terrible el terror que me embargaba. Por eso comprendía bien lo que el viejo experimentaba, y le compadecía, aunque la risa entreabriese mis labios. No se me ocultaba que se había mantenido despierto desde el primer ruido, cuando se revolvió en el lecho; sus temores se acrecentaron, y sin duda quiso persuadirse de que no había causa para ello; mas no pudo conseguirlo. Sin duda pensó: «Eso no será más que el viento de la chimenea, o de un ratón que corre, o algún grillo que canta». El hombre se esforzó para confirmarse en estas hipótesis, pero todo fue inútil; «era inútil» porque la Muerte, que se acercaba, había pasado delante de él con su negra sombra, envolviendo en ella a su víctima; y la influencia fúnebre de esa sombra invisible era la que le hacía sentir, aunque no distinguiera ni viera nada, la presencia de mi cabeza en el cuarto.

Después de esperar largo tiempo con mucha paciencia sin oírle echarse de nuevo, resolví entreabrir un poco la linterna; pero tan poco, tan poco, que casi no era nada; la abrí tan cautelosamente, que más no podía ser, hasta que al fin un solo rayo pálido, como un hilo de araña, saliendo de la abertura, se proyectó en el ojo de buitre.

Estaba abierto, muy abierto, y no me enfurecí apenas le miré; le vi con la mayor claridad, todo entero, con su color azul opaco, y cubierto con una especie de velo hediondo que heló mi sangre hasta la médula de los huesos; pero esto era lo único que veía de la cara o de la persona del anciano, pues había dirigido el rayo de luz, como por instinto, hacia el maldito ojo.

¿No os he dicho ya que lo que tomabais por locura no es sino un refinamiento de los sentidos? En aquel momento, un ruido sordo, ahogado y frecuente, semejante al que produce un reloj envuelto en algodón, hirió mis oídos; «aquel rumor», lo reconocí al punto, era el latido del corazón del anciano, y aumentó mi cólera, así como el redoble del tambor sobreexcita el valor del soldado.

Pero me contuve y permanecí inmóvil, sin respirar apenas, y esforzándome en iluminar el ojo con el rayo de luz. Al mismo tiempo, el corazón latía con mayor violencia, cada vez más precipitadamente y con más ruido.

El terror del anciano «debía» ser indecible, pues aquel latido se producía con redoblada fuerza cada minuto. ¿Me escucháis atentos? Ya os he dicho que yo era nervioso, y lo soy en efecto. En medio del silencio de la noche, un silencio tan imponente como el de aquella

antigua casa, aquel ruido extraño me produjo un terror indecible.

Por espacio de algunos minutos me contuve aún, permaneciendo tranquilo; pero el latido subía de punto a cada instante; hasta que creí que el corazón iba a estallar, y de pronto me sobrecogió una nueva angustia: ¡Algún vecino podría oír el rumor! Había llegado la última hora del viejo: profiriendo un alarido, abrí bruscamente la linterna y me introduje en la habitación. El buen hombre sólo dejó escapar un grito: sólo uno. En un instante le arrojé en el suelo, reí de contento al ver mi tarea tan adelantada, aunque esta vez ya no me atormentaba, pues no se podía oír a través de la pared.

Al fin cesó la palpitación, porque el viejo había muerto, levanté las ropas y examiné el cadáver: estaba rígido, completamente rígido; apoyé mi mano sobre el corazón, y la tuve aplicada algunos minutos; no se oía ningún latido; el hombre había dejado de existir, y su ojo desde entonces ya no me atormentaría más.

Si persistís en tomarme por loco, esa creencia se desvanecerá cuando os diga qué precauciones adopté para ocultar el cadáver. La noche avanzaba, y comencé a trabajar activamente, aunque en silencio: corté la cabeza, después los brazos y por último las piernas.

En seguida arranqué tres tablas del suelo de la habitación, deposité los restos mutilados en los espacios huecos, y volví a colocar las tablas con tanta habilidad y destreza que ningún ojo humano, ni aún el «suyo», hubiera podido descubrir nada de particular. No era necesario lavar mancha alguna, gracias a la prudencia con que procedía. Un barreno la había absorbido toda. ¡Ja, ja!

Terminada la operación, a eso de las cuatro de la madrugada, aún estaba tan oscuro como a medianoche. Cuando el reloj señaló la hora, llamaron a la puerta de calle, y yo bajé con la mayor calma para abrir, pues, ¿qué podía temer «ya»? Tres hombres entraron, anunciándose cortésmente como oficiales de policía; un vecino había escuchado un grito durante la noche; esto bastó para despertar sospechas, se envió un aviso a las oficinas de la policía, y los señores oficiales se presentaban para reconocer el local.

Yo sonreí, porque nada debía temer, y recibiendo cortésmente a aquellos caballeros, les dije que era yo quien había gritado en medio de mi sueño; añadí que el viejo estaba de viaje, y conduje a los oficiales por toda la casa, invitándoles a buscar, a registrar perfectamente.

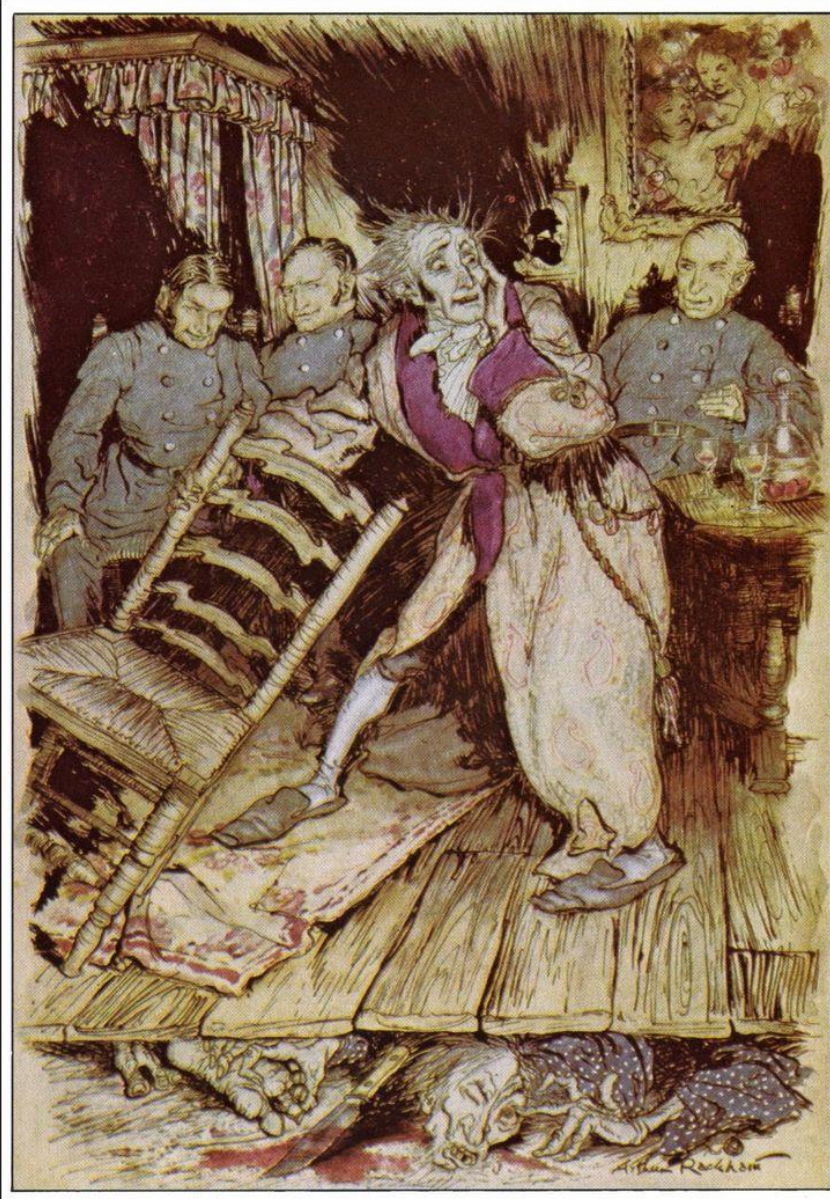


Al fin entré en «su» habitación y mostré sus tesoros, completamente seguros y en el mejor orden. En el entusiasmo de mi confianza ofrecí sillas a los visitantes para que descansaran un poco; mientras que yo, con la loca audacia de un triunfo completo, coloqué la mía en el sitio mismo donde yacía el cadáver de la víctima.

Los oficiales quedaron satisfechos y, convencidos por mis modales —yo estaba muy tranquilo—, se sentaron y hablaron de cosas familiares, a las que contesté alegremente; mas al poco tiempo sentí que palidecía y ansié la marcha de aquellos hombres. Me dolía la cabeza; me parecía que mis oídos zumbaban; pero los oficiales continuaban sentados, hablando sin cesar. El zumbido se pronunció más, persistiendo con mayor fuerza; me puse a charlar sin tregua para librarme de aquella sensación, pero todo fue inútil y al fin descubrí que el rumor no se producía en mis oídos.

Sin duda palidecí entonces mucho, pero hablaba todavía con más viveza, alzando la voz, lo cual no impedía que el sonido fuera en aumento. ¿Qué podía hacer yo? Era «un rumor sordo, ahogado, frecuente, muy análogo al que produciría un reloj envuelto en algodón». Respiré fatigosamente; los oficiales no oían aún. Entonces hablé más aprisa, con mayor vehemencia; pero el ruido aumentaba sin cesar.

Me levanté y comencé a discutir sobre varias nimiedades, en un diapasón muy alto y gesticulando vivamente; mas el ruido crecía. Por qué «no querían» irse aquellos hombres? Aparentando que me exasperaban sus observaciones, di varias vueltas de un lado a otro de la habitación; mas el rumor iba en aumento. ¡Dios mío! ¿Qué podía hacer? La cólera me cegaba, comencé a renegar; agité la



silla donde me había sentado, haciéndola rechinar sobre el suelo; pero el ruido dominaba siempre de una manera muy marcada... Y los oficiales seguían hablando, bromeaban y sonreían. ¿Sería posible que no oyesen? ¡Dios todopoderoso! ¡No, no! ¡Oían! ¡Sospechaban; lo «sabían» todo; se divertían con mi espanto! Lo creí y lo creo aún. Cualquier cosa era preferible a semejante burla; no podía soportar más tiempo aquellas hipócritas sonrisas. ¡Comprendí que era preciso gritar o morir! Y cada vez más alto, ¿lo oís? ¡Cada vez más

alto, «siempre más alto»!

—¡Miserables! —exclamé—. No disimuléis más tiempo; confieso el crimen. ¡Arracad esas tablas; ¡ahí está, ahí está! ¡Es el latido de su espantoso corazón!

Traducción de autor desconocido.

Texto de dominio público.

Fuente: Portal [Dominio Público](#) (BR).

O FUNERAL DE JOHN MORTONSON

Ambrose Bierce (1842 - 1914?)

John Mortonson morreu: sua fala na tragédia “Homem” havia sido dita e ele saíra de cena.

O seu corpo descansava em um fino ataúde de mogno equipado com postigo de vidro. Os preparativos para o funeral haviam sido tão bem executados que, se o defunto soubesse, seguramente os aprovaria. O rosto, conforme se mostrava sob o vidro, não oferecia uma visão desagradável. Exibia um tênue sorriso, e como a morte não lhe fora dolorosa, seu rosto não se contorcera além do poder reparador do agente funerário. Às duas horas da tarde, reuniram-se os amigos para render seus últimos tributos de respeito a quem não tivera maior necessidade de amigos e de respeito. Os membros sobreviventes de família, cada um à sua vez, de quando em quando se aproximavam do ataúde e choravam sobre o semblante sereno, que viam através do vidro. Isto de nada lhes valia, nem em nada aproveitava a John Mortonson; mas, em presença da morte, a razão e a filosofia emudecem.

À proximidade das duas horas, os amigos começaram a chegar, oferecendo consolo aos parentes enlutados; estes, conforme exigia a ocasião, estavam solenemente sentados ao longo da sala e tinham uma noção exagerada de sua importância no esquema fúnebre. Depois chegou o ministro religioso e, diante de tal ofuscante presença, as luzes menores entraram em eclipse. Seguiu-se à sua entrada a da viúva, cujos lamentos encheram o recito. Ela aproximou-se do caixão e, depois de inclinar, por um momento, o rosto contra o cristal frio, foi gentilmente conduzida a um assento próximo ao da filha. Em lúgubre e baixo tom, o homem de Deus encetou o seu fúnebre sermão, e sua dolorosa voz, mesclada a soluços predispostos a estimular e confortar o auditório,

subia e descia, parecia ir e vir, como o som de um mar taciturno. O deprimente dia escurecia à medida que ele falava; uma cortina de nuvens cobria o céu e algumas gotas de chuva tornaram-se audíveis. Era como se a natureza inteira chorasse por John Mortonson.

Quando o ministro terminou o sermão com uma oração, entoou-se um hino, e os encarregados de carregar o féretro tomaram os seus lugares ao lado do esquife. Quando soaram as últimas notas do hino, a viúva correu ao ataúde, lançou-se sobre ele e chorou histericamente. Gradualmente, porém, ela foi cedendo à dissuasão, recompondo-se um pouco. E quando o ministro estava prestes a alijá-la dali, os seus olhos procuraram o rosto do morto sob o vidro. Ela ergueu os braços e, com um agudo grito, caiu para trás, desmaiada.

Os parentes enlutados correram ao caixão, os amigos os seguiram, e quando o relógio sobre a lareira solenemente bateu as três horas, todos mantinham o olhar fixo no rosto de John Mortonson, o falecido.

Então se afastaram, debilitados, à beira de um desmaio. Um homem — tentando, em seu

terror, escapar à terrível visão — tropeçou no ataúde tão fortemente que derrubou um de seus frágeis suportes. O ataúde foi ao chão, e o vidro estilhaçou-se com o impacto.

Pela abertura do postigo rastejou o gato de John Mortonson, que preguiçosamente saltou para o chão; sentou-se; limpou com tranquilidade o focinho sujo de vermelho com uma das patas dianteiras; depois, dignamente, retirou-se da sala.

Tradução de Paulo Soriano.



EL FUNERAL DE JOHN MORTONSON

Ambrose Bierce (1842 - 1914?)

John Mortonson se murió: su obituario había sido leído y él había dejado la escena.

El cuerpo descansaba en un fino ataúd de *mahogany* con una placa de cristal empotrada. Todos los ajustes para el funeral habían sido tan bien digitados que sin duda, si el difunto los hubiera sabido, de seguro que los hubiera aprobado. El rostro, como se podía ver a través del cristal, no tenía semblante de desagrado: perfilaba una tenue sonrisa, como si la muerte no le hubiera resultado dolorosa, no estando distorsionado más allá del poder reparador del funebrero. A las dos de la tarde los amigos fueron citados para rendir su último tributo de respeto a aquel quien no había tenido mayor necesidad de amigos y de respeto. Los miembros de su familia fueron pasando cada varios minutos a la capilla y lloraron sobre los restos plácidos bajo el cristal. Esto no fue bueno; no fue bueno para John Mortonson; pero en presencia de la muerte la razón y la filosofía permanecen mudas.

A medida que las horas iban pasando, los amigos iban llegando y ofrecían consuelo a los parientes dolidos, quienes, como las circunstancias de la ocasión requerían, estaban solemnemente sentados alrededor de la habitación con un importante conocimiento de su importancia en la pompa fúnebre. Luego vino el ministro, y en tal oscura presencia las más mínimas luces se eclipsaron. Su entrada fue seguida por la de la viuda, cuyas lamentaciones llenaron la estancia. Ella se acercó a la capilla y luego de inclinar su rostro contra el frío cristal por un momento, fue gentilmente conducida hacia un asiento cercano al de su hija.

Lúgubrememente y en tono bajo, el hombre de Dios comenzó su elogio de la muerte, y su dolorosa voz, mezclada con los sollozos cuya intención era para estimular al auditorio,

pareció como el sonido del mar sombrío. El deprimente día se oscureció a medida que él hablaba; una cortina de nubes acechó el cielo y un par de gotas de lluvia se hicieron audibles. Pareció como si la naturaleza entera estuviera llorando por John Mortonson.

Cuando el ministro hubo terminado su elogio con una oración, se cantó un himno y los portadores del féretro tomaron su lugar detrás del mismo. Cuando las últimas notas del himno tocaron a su fin la viuda corrió hasta el ataúd, cayendo sobre el mismo y llorando histéricamente. Gradualmente fue cediendo a la dis-

uasión y a comportarse; y el ministro trataba de alejar su vista de la muerte bajo el cristal. Ella extendió sus brazos y con un grito cayó insensible.



Los dolientes se acercaron al ataúd, los amigos los siguieron, y cuando el reloj sobre el mantel solemnemente daba las tres, todos miraron fijamente sobre el rostro del difunto John Mortonson.

Ellos retrocedieron, débilmente. Un hombre, tratando en su terror de escapar de la desagradable visión, tropezó contra el ataúd

tan pesadamente como para golpeando uno de sus delicados soportes. El ataúd cayó al piso, el cristal estalló en miles de pedazos por el golpe.

Desde la abertura del cristal salió el gato de John Mortonson, que perezosamente brincó al piso, sentándose, limpiando tranquilamente su criminal hocico con la pata delantera, para retirarse con dignidad de la estancia.

Traducción de autor desconocido.

Texto de dominio público.

Fuente: Portal Dominio Público (BR).

Revisión de Ângelo Brea,

A CASA MAL-ASSOMBRADA

Plínio, o Jovem (c.61 – 114)

Havia em Atenas uma casa ampla e confortável, mas de má reputação e perniciosa à sanidade. No silêncio da noite, ouviam-se ruídos de ferro e, se se prestava bem atenção, escutava-se o estrépito de correntes, que a princípio parecia vir de longe, mas que, depois, se aproximava paulatinamente. Em seguida, surgia o fantasma de um velho consumido pela fraqueza e pela miséria, de barba longa e cabelos eriçados. Tinha grilhões nos pés e correntes nos pulsos, que ele agitava e sacudia terrivelmente.

Em razão da aparição, os moradores da casa passavam, amedrontados, em vigília, tristes e terríveis noites. A prolongada insônia trazia a enfermidade, e esta, intensificada pelo medo, causava a morte, pois, malgrado o espectro não aparecesse durante o dia, a sua memória ficava impressa nos olhos e, assim, o terror se prolongava além das próprias causas. Portanto, a casa ficou deserta, condenada à solidão, completamente abandonada, à mercê do espectro terrível. Apesar disso, a casa foi exposta à venda ou locação, esperando-se que alguém, que não soubesse da terrível maldição, se dispusesse a adquiri-la ou alugá-la.

A Atenas chegou o filósofo Atenodoro, que leu o anúncio. Uma vez ciente do preço, e como sua modicidade despertava suspeitas, cuidou de indagar o motivo. Inteirado do que ocorria na casa, longe de desistir do negócio, o filósofo ainda mais interessado ficou em alugá-la. No limiar da noite, já na casa instalado, ordenou que lhe preparassem o leito no cômodo da frente. Pediu suas tábuas de escrita, um estilete e luz, determinando que os demais se retirassem aos fundos da vivenda. Concentrou, pois, o seu ânimo, olhos e mãos no exercício da escrita, para que sua mente não desse azo a ruídos imaginários ou a medos absurdos.

A princípio, como em qualquer outro lugar, ouviu-se apenas o silêncio da noite. Mas, em sequência, chegaram a ele o ruído de ferro agitado e o estrépito dos movimentos das correntes. O filósofo não ergueu os olhos nem abandonou o seu estilete, pondo, resolutamente, a vontade à frente dos ouvidos. O espectro estava ali, de pé. Com um dedo, fazia um sinal, chamando-o. O filósofo, de sua vez, acenava para que o fantasma esperasse um pouco, retomando o trabalho com suas tábuas e estilete. Mas o espectro insistia, fazendo soar as

correntes para lhe atrair a atenção. O filósofo voltou a cabeça para a aparição, que continuava a chamá-lo com um dedo. Então, tomando a lamparina, prontamente a seguiu.

O espectro seguia a passos lentos, como se o peso das correntes o oprimisse. Então, desceu ao pátio da casa e, de repente, após desvanecer-se, abandonou o seu acompanhante. O filósofo recolheu folhas e ervas e, com elas, marcou o lugar onde o fantasma desaparecera.

No dia seguinte, procurou os magistrados, deles obtendo a licença para escavar o lugar. Encontraram-se ossos, ainda enredados em correntes. A carne, apodrecida pelo efeito do tempo e da terra, havia sido consumida, expondo os ossos jungidos aos seus grilhões. Reunidos cuidadosamente os ossos, foram eles enterrados em apropriada cerimônia pública. Depois disto, a casa ficou finalmente livre do fantasma, uma vez que os seus restos mortais foram sepultados convenientemente.



Versão em português de Paulo Soriano.

LA CASA EMBRUJADA

Plinio el Joven (c. 61 – 112)

En Atenas había una casa muy grande y muy cómoda, pero desprestigiada y desierta. En el más profundo silencio de la noche se oían ruidos de hierros y, si se prestase más atención, un ruido de cadenas que en principio parecía venir de lejos, para luego aproximarse. Después se veía como si fuese el espectro de un anciano, muy delgado y bien abatido, que tenía una larga barba, cabellos erizados, con cadenas en los pies y en las manos, a las cuales sacudía horriblemente.

De ahí las noches horribles y sin sueño para aquellos que habitaban esta casa. A la larga, el insomnio lleva a la enfermedad, y la enfermedad – al aumentar el pavor – era seguida por la muerte. Porque durante el día, aunque el espectro no apareciera, la impresión que había dejado era tal ante los ojos de todos, que el temor causado se renovaba. En fin, la casa fue abandonada y enteramente dejada al fantasma. Sin embargo, se puso un letrero para avisar que ella estaba en venta o para alquilar, con la idea de que alguien poco instruido de tan terrible incomodidad pudiese ser engañado.

El filósofo Atenodoro vino a Atenas. Al ver el letrero preguntó el precio. El costo módico lo hizo desconfiar, y se informó. Le contaron la historia, y lejos de interrumpir su compra, la concretó sin demora. Se alojó, y a la tarde pidió que le preparasen la cama en el cuarto de adelante, que le trajeran sus tablillas, su pluma y luz, y que sus criados se retirasen al fondo de la casa. Con miedo de que su imaginación estuviese a merced de un temor frívolo que inventase fantasmas, aplicó su entendimiento, sus ojos y su mano a escribir.

Al comienzo de la noche un profundo silencio reinaba en esta casa, como en todas

partes. Después escuchó hierros que se chocaban y cadenas que se golpeaban; no levantó los ojos, ni dejó la pluma; se tranquilizó y se esforzó en aguzar su audición. El ruido aumentó, se amplió; parecía provenir aproximadamente de la puerta del cuarto. Él observó y percibió al espectro, tal como se lo habían descrito. El espectro estaba de pie y lo llamaba con el dedo. Atenodoro le hizo una señal con la mano para que esperase un poco, y continuó escribiendo como si nada hubiera pasado. El espectro recomenzó el estruendo con sus cadenas, el cual resonó en los oídos del filósofo. Éste observó aún otra vez y percibió que continuaba siendo llamado con el dedo. Entonces, sin más tardanza, se levantó, tomó la luz y lo siguió.

El fantasma caminaba a paso lento, como si el peso de las cadenas lo estuviese agobiando. Al llegar al patio de la casa, desapareció de repente, dejando allí a nuestro filósofo que recogió hierbas y hojas y las puso en el lugar donde él había sido dejado, a fin de poder identificar el local.

Al día siguiente fue a buscar a los magistrados y les pidió que ordenasen excavar en aquel lugar. Así se hizo; se encontraron huesos todavía presos a cadenas: el tiempo había consumido las carnes. Después que se los hubo cuidadosamente reunido, los sepultaron públicamente y, luego que rindieron al muerto las honras fúnebres, él no perturbó más el reposo de aquella casa.

Traducción de autor desconocido.

Texto de dominio público.

Fuente: Revista Espírita - Periódico de Estudios Psicológicos – 1859.

Revisión de Ângelo Brea.

A ESTRANHA MORTE DE FREI PEDRO

Rubén Darío (1870 – 1916)

Visitando o convento de uma cidade espanhola, não faz muito tempo, o amável religioso que nos servia de cicerone, ao passar pelo cemitério, indicou-me uma lápide em que li, unicamente: *Hic iacet frater Petrus*³.

— Este — disse-me — foi um dos vencidos pelo Diabo.

— Pelo velho Diabo que já caduca — disse-lhe.

— Não — respondeu-me. — Pelo demônio moderno que se escuda na ciência.

E me narrou o acontecido.

Frei Pedro de la Pasión era um espírito perturbado pelo maligno espírito que infunde a ânsia do saber. Magro, anguloso, nervoso, pálido, dividia suas horas conventuais entre a oração, as disciplinas e o laboratório, o que lhe era permitido pelos bens que atraía à comunidade. Estudara, desde muito jovem, as ciências ocultas. Citava, com certa ênfase, nas horas de conversação, Paracelso⁴ e Alberto Magno⁵. Admirava profundamente esse outro frade Schwartz⁶, que nos fez o diabólico favor de misturar salitre com enxofre.

Pela ciência chegara até a penetrar em certas iniciações astrológicas e quiromânticas. A ciência o desviava da contemplação e do espírito da Escritura. Em sua alma se aninhara o mal da curiosidade, que pôs a perder os nossos primeiros padres. A própria oração era olvidada com frequência quando algum experimento o mantinha cauteloso e febril.

Como toda leitura lhe era concedida, e tinha ele à sua disposição a rica biblioteca do convento, seus autores não foram sempre os menos equívocos. Assim, chegou a pretender

experimentalmente as suas faculdades de clarividente e pôr à prova os efeitos da magia branca. Não havia dúvida de que a sua alma estava em grande perigo, em razão de sua grande sede de saber, e por olvidar que a ciência constitui, no princípio, a arma da Serpente que há de ser a essencial potência do Anticristo, e que, para o verdadeiro homem de fé, *initium sapientiae est timor Domini*⁷.

Oh, ignorância feliz! Oh, santa ignorância! Frei Pedro de la Pasión não compreendia tua celeste virtude, que tem feito certos Celestinos! Huysmans⁸ discorreu extensamente sobre tudo isto. Virtude que põe uma especial auréola sobre alguns pequeninos queridos de Deus, entre os esplendores místicos e milagrosos das hagiografias⁹.

Com excelência, os doutores explicam e comentam como, ante os olhos do Espírito Santo, as almas de amor são bem mais glorificadas que as almas de entendimento. Ernest Hello¹⁰ pintou, nos sublimes *vitraux*¹¹ de suas *Fisionomias de Santos*, esses beneméritos da caridade, esses favorecidos da humildade, esses seres columbinos, simples e brancos como os lírios, limpos de coração, pobres de espírito, bem-aventurados irmãos dos passarinhos do Senhor, contemplados com olhos carinhosos e sororais pelas puras estrelas do firmamento. Joris-Karl — o meritório beato, quiçá tarde demais consagrado, apesar da literatura —, no maravilhoso livro em que Durtal se converte, veste de resplendores paradisíacos o leigo porqueiro que faz baixar à pocilga a admiração dos coros arcangélicos, e o aplauso das

pelo sábio, também franciscano, Roger Bacon (1214 - 1294).

⁷ Em latim, no original: O temor a Deus é o princípio da sabedoria.

⁸ Joris-Karl Huysmans (1848 - 1907), escritor francês. O seu romance *Là-bas*, protagonizado pela personagem Durtal, aborda o satanismo e a magia negra.

⁹ Descrições das vidas dos santos.

¹⁰ Ernest Hello (1828 - 1885), escritor católico e crítico literário francês.

¹¹ Em francês, no original: vitrais.

³ Em latim, no original: Aqui jaz o irmão Pedro.

⁴ Philippus Aureolus Theophrastus Bobastes von Hohenheim, dito Paracelso (1493 - 1541), médico, cientista, alquimista e ocultista suíço.

⁵ Santo Alberto Magno (c. 1193 - 1280), doutor da igreja, filósofo e teólogo alemão, que se teria dedicado à alquimia e à astrologia.

⁶ Berthold Schwarz (? - 1384), alquimista e frade franciscano alemão, a quem, tradicionalmente, é atribuída a invenção da pólvora, embora esta já fosse conhecida há séculos pelos chineses e, possivelmente,

REVISTA VIRTUAL

potestades dos céus. E frei Pedro de la Paisón não compreendia isto.

Ele, sem dúvida, cria, cria com a fé de um indiscutível crente. Mas a ânsia de saber lhe açulava o espírito, lançava-o à investigação de segredos da natureza e da vida a tal ponto que não se dava conta de como essa sede de saber — esse desejo indomável de penetrar no oculto e no arcano do universo — era obra do pecado, e armadilha do Baixíssimo, para impedir-lhe, dessa maneira, sua absoluta consagração à adoração do Padre Eterno. E a última tentação seria fatal.

O caso aconteceu há não muitos anos. Chegou às mãos de frei Pedro um periódico em que se falava detalhadamente de todos os progressos realizados em radiografia, graças à descoberta do alemão Röntgen¹², que conseguira encontrar o modo de fotografar através dos corpos opacos. Soube do conteúdo do tubo de Crookes¹³, da luz catódica, do raio X. Viu o fac-símile de uma mão cuja anatomia transparecia claramente, e a manifesta figura de objetos retratados entre caixas e volumes bem fechados.

A partir deste instante, não pôde estar tranquilo, pois algo que era uma ânsia de seu querer de crente, ainda que não enxergasse o sacrílego que nele se continha, pungia seus ardentes desejos... Como poderia ele encontrar um aparelho como os daqueles sábios, e que lhe permitisse levar a cabo um oculto pensamento, em que se mesclavam a sua teologia e suas ciências físicas?... Como poderia realizar em seu convento as mil coisas que se amontoavam em sua ardente imaginação?

Nas horas litúrgicas, das orações e dos cânticos, todos os outros membros da comunidade o viam ora meditabundo, ora agitado por súbitos sobressaltos, ora com a face acesa por uma repentina chama de sangue, ora com o olhar extático, fixado nas alturas ou cravado na terra. E era a obra da culpa que se fincava no fundo daquele peito inquieto, o pecado bíblico da curiosidade, o pecado onitrascendente de Adão junto à árvore do conhecimento do bem e do mal. E era muito mais que uma tempestade sob o crânio...

¹² Wilhelm Conrad Röntgen (1845 – 1923), físico alemão que, em 1895, descobriu os raios X.

¹³ William Crookes (1832 – 1919) físico e químico inglês. Por meio do tubo que leva o seu nome,

Múltiplas e excêntricas ideias se aglutinavam na mente do religioso, que não encontrava maneira de adquirir os preciosos aparelhos. Quanto de sua vida não daria para ver os raríssimos instrumentos dos novos sábios em seu pobre laboratório de frade aficionado e tirar as ansiadas provas, fazer os mágicos ensaios que abriam uma nova era na sabedoria e na convicção humanas!... Ele oferecia mais do que o fizera Santo Tomás... Se já se fotografava o interior de nosso corpo, bem poderia o homem chegar prontamente a descobrir visivelmente a natureza e a origem da alma; e, aplicando a ciência às coisas divinas — como o Espírito Santo deveria permitir-lhe —, por que não aprisionar nas visões dos êxtases, nas manifestações dos espíritos celestiais, suas formas exatas de verdadeiras?

Se em Lourdes houvesse uma *kodak* durante o tempo das visões de Bernadete! Se, nos momentos em que Jesus — ou sua Santa Mãe — favorece, com sua presença corporal, determinados fiéis, fosse aplicada convenientemente a câmara escura!... Oh, como se convenceriam os ímpios, como triunfaria a religião!

Assim meditava profundamente, assim se espremia o cérebro do pobre frade, tentado por um dos mais encarniçados príncipes das trevas.

E sucedeu que, num desses momentos, num dos instantes em que seu desejo era mais vívido, na hora em que devia estar entregue à disciplina e à oração, apresentou-se diante de seus olhos, em sua cela, um dos irmãos da comunidade, levando-lhe um embrulho sob o hábito.

— Irmão — disse-lhe —, eu vos ouvi dizer que desejais uma dessas máquinas, como as que os sábios estão maravilhando o mundo. Pude-vos consegui-la. Aqui a tendes.

E, depositando o embrulho nas mãos do assombrado frei Pedro, desapareceu, sem que este tivesse tempo de perceber que, sob o hábito entremostrara-se, no momento em que o irmão sumia, duas patas de bode.

Frei Pedro, desde o dia em que recebera o misterioso presente, consagrou-se a seus experimentos. Faltava às matinas, não assistia à

descobriram-se os raios catódicos. Tal feito conduziu à descoberta dos raios X, por Röntgen, e dos elétrons, em 1897, por Joseph John Thomson (1856 - 1940).

REVISTA VIRTUAL

missa, a pretexto de estar enfermo. O padre provincial admoestava-o frequentemente. E todos o viam passar, estranho, misterioso, e temiam pela saúde de seu corpo e de sua alma.

Ele perseguia a sua dominante ideia. Experimentou a máquina em si mesmo, em frutos, chaves dentro de livros e outras coisas triviais. Até que num dia...

Ou melhor, numa noite, o desventurado frade se atreveu, finalmente, a realizar o seu pensamento. Dirigiu-se ao templo, receoso, com passos silenciosos. Penetrou na nave principal e se dirigiu ao altar em que, no tabernáculo, se achava exposto o Santíssimo Sacramento. Tirou o cálice. Pegou uma hóstia consagrada. Voltou veloz para a sua cela.

No dia seguinte, na cela do frei Pedro, achava-se o senhor arcebispo diante do padre provincial.

— Excelentíssimo senhor — dizia este —, encontramos o frei Pedro morto. Ele não andava muito bem da cabeça. Creio que esses seus estudos o prejudicaram.

— Vossa senhoria reverendíssima viu isto? — disse sua excelência reverendíssima, mostrando-lhe uma chapa fotográfica revelada, que apanhou do chão, e na qual se estampava, com os braços descravados e com um doce olhar nos divinos olhos, a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Tradução e notas de Paulo Soriano.

LA EXTRAÑA MUERTE DE FRAY PEDRO

Rubén Darío (1870 – 1916)

Visitando el convento de una ciudad española, no ha mucho tiempo, el amable religioso que nos servía de cicerone, al pasar por el cementerio, me señaló una lápida en que leí, únicamente: *Hic iacet frater Petrus*.

—Este —me dijo — fue uno de los vencidos por el Diablo.

— Por el viejo Diablo que ya chochea —le dije.

—No —me contestó —. Por el demonio moderno que se escuda con la ciencia.

Y me narró el sucedido.

Fray Pedro de la Pasión era un espíritu perturbado por el maligno espíritu que infunde el ansia de saber. Flaco, anguloso, nervioso, pálido, dividía sus horas conventuales entre la oración, las disciplinas y el laboratorio que le era permitido, por los bienes que atraía a la comunidad. Había estudiado, desde muy joven, las ciencias ocultas. Nombraba, con cierto énfasis, en las horas de conversación, a Paracelsus, a Alberto el Grande; y admiraba profundamente a ese otro fraile Schwartz, que nos hizo el diabólico favor de mezclar el salitre con el azufre.

Por la ciencia había llegado hasta penetrar en ciertas iniciaciones astrológicas y quirománticas; ella le desviaba de la contemplación y del espíritu de la Escritura. En su alma se había anidado el mal de la curiosidad, que perdió a nuestros primeros padres. La oración misma era olvidada con frecuencia, cuando algún experimento le mantenía cauteloso y febril.

Como toda lectura le era concedida, y tenía a su disposición la rica biblioteca del convento, sus autores no fueron siempre los menos equívocos. Así llegó hasta pretender probar sus facultades de zahorí, y a poner a prueba los efectos de la magia blanca. No había duda de que estaba en gran peligro su alma, a causa de su sed de saber y de su olvido de que la ciencia constituye, en el principio, el arma de la Serpiente que ha de ser la esencial potencia del Anticristo, y que, para el verdadero varón de fe, *initium sapientiae est timor Domini*.

¡Oh ignorancia feliz, santa ignorancia! ¡Fray Pedro de la Pasión no comprendía tu celeste virtud, que ha hecho a los ciertos Celestinos! Huysmans se ha extendido sobre todo ello. Virtud que pone un especial nimbo a algunos mínimos de Dios queridos, entre los

esplendores místicos y milagrosos de las hagiografías.

Los doctores explican y comentan altamente cómo, ante los ojos del Espíritu Santo, las almas de amor son de mayor manera glorificadas que las almas de entendimiento. Ernest Hello ha pintado, en los sublimes *vitraux* de sus Fisonomías de santos, a esos beneméritos de la caridad, a esos favorecidos de la humildad, a esos seres columbinos, simples y blancos como los lirios, limpios de corazón, pobres de espíritu, bienaventurados hermanos de los pajaritos del Señor, mirados con ojos cariñosos y sororales por las puras estrellas del firmamento. Joris-Karl, el merecido beato, quizá más tarde consagrado, a pesar de la literatura, en el maravilloso libro en que Durtal se convierte, viste de resplandores paradisiacos al lego guardapuercos que hace bajar a la pocilga la admiración de los coros arcangélicos, y el aplauso de las potestades de los cielos. Y fray Pedro de la Pasión no comprendía eso...

Él, desde luego, creía, creía con la fe de un indiscutible creyente. Mas el ansia de saber le azuzaba el espíritu, le lanzaba a la averiguación de secretos de la naturaleza y de la vida, a tal punto, que no se daba cuenta de cómo esa sed de saber, ese deseo indomitable de penetrar en lo vedado y en lo arcano del universo, era obra del pecado, y añagaza del Bajísimo, para impedirle de esa manera su consagración absoluta a la adoración del Eterno Padre. Y la última tentación sería fatal.

Acaeció el caso no hace muchos años. Llegó a manos de fray Pedro un periódico en que se hablaba detalladamente de todos los progresos realizados en radiografía, gracias al descubrimiento del alemán Roentgen, quien lograra encontrar el modo de fotografiar a través de los cuerpos opacos. Supo lo que se comprendía en el tubo Crookes, de la luz catódica, del rayo X. Vio el facsímil de una mano cuya anatomía se transparentaba claramente, y la patente figura de objetos retratados entre cajas y bultos bien cerrados.

No pudo desde ese instante estar tranquilo, pues algo que era un ansia de su querer de creyente, aunque no viese lo sacrílego que en ello se contenía, punzaba sus anhelos... ¿Cómo podría él encontrar un aparato como los aparatos de aquellos sabios, y que le permitiera llevar a cabo un oculto pensamiento, en que se mezclaban su teología y sus ciencias físicas?...

REVISTA VIRTUAL

¿Cómo podría realizar en su convento las mil cosas que se amontonaban en su encendida imaginación?

En las horas litúrgicas, de los rezos y de los cánticos, notábanlo todos los otros miembros de la comunidad, ya meditabundo, ya agitado como por súbitos sobresaltos, ya con la faz encendida por repentina llama de sangre, ya con la mirada como estática, fija en lo alto, o clavada en la tierra. Y era la obra de la culpa que se afianzaba en el fondo de aquel combatido pecho, el pecado bíblico de la curiosidad, el pecado omnitrascendente de Adán, junto al árbol de la ciencia del bien y del mal. Y era mucho más que una tempestad bajo un cráneo... Múltiples y raras ideas se agolpaban en la mente del religioso, que no encontraba la manera de adquirir los preciosos aparatos. ¡Cuánto de su vida no daría él, por ver los peregrinos instrumentos de los sabios nuevos en su pobre laboratorio de fraile aficionado, y poder sacar las anheladas pruebas, hacer los mágicos ensayos que abrirían una nueva era en la sabiduría y en la convicción humanas!... Él ofrecería más de lo que se ofreció a Santo Tomás... Si se fotografiaba ya lo interior de nuestro cuerpo, bien podría pronto el hombre llegar a descubrir visiblemente la naturaleza y origen del alma; y, aplicando la ciencia a las cosas divinas, como debía permitirlo el Espíritu Santo, ¿por qué no aprisionar en las visiones de los éxtasis, y en las manifestaciones de los espíritus celestiales, sus formas exactas y verdaderas?

¡Si en Lourdes hubiese habido un kodak, durante el tiempo de las visiones de Bernardetta! ¡Si en los momentos en que Jesús, o su Santa Madre, favorecen con su presencia corporal a señalados fieles, se aplicase convenientemente la cámara oscura!... ¡Oh, cómo se convencerían los impíos, cómo triunfaría la religión!

Así cavilaba, así se estrujaba el cerebro el pobre fraile, tentado por uno de los más encarnizados príncipes de las tinieblas.

Y avino que, en uno de esos momentos, en uno de los instantes en que su deseo era más

vivo, en hora en que debía estar entregado a la disciplina y a la oración, en su celda, se presentó a su vista uno de los hermanos de la comunidad, llevándole un envoltorio bajo el hábito.

—Hermano - le dijo -, os he oído decir que deseabais una de esas máquinas, como ésas con que los sabios están maravillando al mundo. Os la he podido conseguir. Aquí la tenéis.

Y, depositando el envoltorio en manos del asombrado fray Pedro, desapareció, sin que éste tuviese tiempo de advertir que debajo del hábito se habían mostrado, en el momento de la desaparición, dos patas de chivo.

Fray Pedro, desde el día del misterioso regalo, consagrose a sus experimentos. Faltaba a maitines, no asistía a la misa, excusándose como enfermo. El padre provincial solía amonestarle; y todos le veían pasar, extraño y misterioso, y temían por la salud de su cuerpo y por la de su alma.

Él perseguía su idea dominante. Probó la máquina en sí mismo, en frutos, llaves dentro de libros, y demás cosas usuales. Hasta que un día...

O más bien, una noche, el desventurado se atrevió, por fin, a realizar su pensamiento. Dirigióse al templo, receloso, a pasos callados. Penetró en la nave principal y se dirigió al altar en que, en el tabernáculo, se hallaba expuesto el Santísimo Sacramento. Sacó el copón. Tomó una sagrada forma. Salió veloz para su celda.

Al día siguiente, en la celda de fray Pedro, se hallaba el señor arzobispo delante del padre provincial.

—Ilustrísimo señor — decía éste —, a fray Pedro le hemos encontrado muerto. No andaba muy bien de la cabeza. Esos sus estudios creo que le causaron daño.

—¿Ha visto su reverencia esto? — dijo su señoría ilustrísima, mostrándole una revelada placa fotográfica que recogió del suelo, y en la cual se hallaba, con los brazos desclavados y una dulce mirada en los divinos ojos, la imagen de Nuestro Señor Jesucristo.

Revisión de Ângelo Brea.

O DIA DE FINADOS

Julia de Asensi (1849 – 1921)

Vinte anos antes, ele ainda brilhava por sua aparência, por seu talento, por sua discrição. Todos o conheciam, pois era o encanto das mulheres, o terror dos maridos, o modelo perseguido pelos jovens dissolutos¹⁴. Tinha numerosos amigos, livre entrada em círculos; se ele não se fazia presente, não havia reunião amena ou passeio campestre. Era poeta, e seus versos, ainda que vulgares e incorretos, eram admirados e aplaudidos. Havia nascido com boa estrela, ninguém era mais feliz que ele, mas... Dom Juan não deve envelhecer; Dom Juan deve morrer jovem, seja em um duelo ou em uma emboscada.

Dom Felipe de Mendoza tinha completado sessenta anos e, em vão, evocara o espírito maligno para que o rejuvenescesse, como Mefistófeles fizera a Fausto. Há alguns meses, deixara de pintar o cabelo e a barba, convencido de que as mulheres já não poderiam amá-lo, nem o temeriam os maridos. Era pobre: o seu capital, herdado de seus honrados pais, fora esbanjado em inúmeras aventuras, e ele vivia num quarto miserável, sem criados, salvo um serviçal ainda mais velho do que ele, um homem bom e desinteressado. Dom Felipe jamais lhe pagava o salário, mas retribuía-lhe com a sua sincera afeição.

Mendoza já não mais se vestia com sua proverbial elegância e, no dia em que o encontramos — uma tarde fria e chuvosa de novembro —, tinha ele uma capa escura sobre o terno surrado, que já contava vários invernos, e sobre a cabeça um chapéu negro de abas largas, que lhe ocultava a fronte sulcada de rugas.

Pela primeira vez na vida, dirigia-se a um cemitério, e escolhera o Dia de Finados para aquela estranha visita.

O campo-santo, no qual se viam muitíssimas pessoas, não exibia, naquela tarde, o frequente aspecto triste e severo. Multidões de luzes e coroas adornavam os túmulos e mausoléus, memórias dedicadas aos mortos por pais, cônjuges ou filhos.

Mendoza curvou-se diante dos sepulcros. Contemplou alguns de seus antepassados com emoção; outros, com indiferença. Viu os túmulos que encerravam as cinzas de mulheres amadas ou de amigos vendidos ou ultrajados.

Chegou ao último pátio, o mais pobre de todos. Nele, os arbustos eram mais escassos, as luzes mais débeis, a concorrência menos numerosa. Porque cansado, sentou-se num degrau de pedra. Lá, meditou por um momento, e seus olhos se fixaram mecanicamente numa pequena lousa fendida e empoeirada, que cobria uma modesta sepultura. Levantou-se, leu as letras e os números, que mal conseguia decifrar. Sentou-se novamente, pegou a caderneta e, numa de suas páginas, rabiscou a lápis os seguintes versos, sem cuidar-se de que alguém o observava — ou de que a noite se acercava —, nem se dar fiel conta do que fazia:

Quão solitária estás, quão triste, quão esquecida!

Hoje, a festa é a dos finados,
que tumbas, panteões, mausoléus,
de amor ou vaidade galante ostentam;

Todas têm coroas; todas têm
lâmpadas acesas, e delas
nenhuma adorna tua branca sepultura,
nenhuma te empresta a viva claridade.

Apenas se distinguem de teu nome
as já confusas ou apagadas letras,
mas sei que eras mulher, quase criança
conforme indicam as datas gravadas.

Não sentiste? Não amaste? Entre os homens
deixaste tão furtivo e leve rastro
que de teu triste passo pelo mundo
já ninguém se recorda?

Ou talvez seja que os seres que te amaram
choram a tua morte em terras distantes,
e em tua humilde e sombria sepultura
sem encontrar consolo acaso pensem?

Diz-lhes, se for assim — se algumas vezes,
para mitigar seus males, tu a eles te
apresentes —,
que há um ser que, ao ver tua tumba
envolta em mistério,
conhece o teu isolamento;

¹⁴ No original, “calaveras”. No português, emprega-se, no Rio Grande do Sul/Brasil, o termo “calaveira”, de sentido pejorativo, um tanto similar.

REVISTA VIRTUAL

um ser que não achará quem dele se recorde quando ascender-lhe o espírito à outra esfera.

Assinou os versos, pôs a data ao lado da assinatura e, quando foi guardar a caderneta, observou que ao seu lado havia uma mulher alta, magra, vestida de preto, com o rosto coberto por um espesso véu.

— Deve ser uma viúva — disse a si mesmo —, que veio, por mera conveniência, visitar o túmulo do marido já esquecido.

A enlutada, porém, não olhava para qualquer sepulcro e parecia ter toda a atenção voltada para Dom Felipe. Este viu que a noite avançava e que só ele e a mulher permaneciam naquele pátio de cemitério. Então, intentou levantar-se. A dama velada estendeu-lhe a mão fina e delicada, que ele tomou mecanicamente. Ambos cruzaram o cemitério, de um extremo ao outro, sem que encontrassem a saída — ou viva alma — durante a caminhada.

— Já fecharam o cemitério — disse a mulher, falando pela primeira vez, com uma entonação doce e melodiosa. — Voltemos, agora, para onde tu estavas. Lá, quero contar-te a minha história.

Entraram novamente no pátio derradeiro. Dom Felipe viu, com estranheza, que a laje — a que lhe inspirara os versos — havia sido levantada, exibindo um buraco negro e profundo. Sentaram-se, e a mulher de luto, sem levantar o véu, assim lhe falou:

— Há trinta, eu tinha dezesseis anos. Diziam que eu era bela, linda, simples, apaixonada. Órfão e pobre, morava com um irmão militar, que me adorava, e com uma empregada idosa. Eu desconhecia o amor quando conheci o cavalheiro mais valente, mais belo e mais temido daquele tempo. Saía eu da igreja ao anoitecer — pois havia começado a rezar uma novena —, quando o encontrei conversando acaloradamente com diversos amigos. Ao passar, ele me olhou fixamente; de repente, deixou os seus companheiros e me seguiu. Falou-me pouco, mas o bastante a acender o fogo do amor em meu coração. Por ele, soube que eu era bela e poderia ser amada; e, desde então, o meu espelho me repetiu aquelas palavras todos os dias. Dando dinheiro à minha empregada, ele conseguiu que a velha ama o introduzisse em minha casa, quando meu irmão lá não estava, e ali me declarou seu amor, sendo assim correspondido, porque eu o queria desde que o vi. Quanto tempo durou minha felicidade? Segundo ele, nossas relações foram

as mais longas que ele já tivera; para mim, foram uma única gota do cálice da felicidade, que estaria sempre cheio, porque não haveria mortal capaz de esvaziá-lo.

“Algo me deixou triste, desesperada. O meu irmão — ignoro como ele descobriu o nosso amor —, desafiou o meu amante. Eu tive a imensa fatalidade de saber que o meu irmão morrera, em duelo, por minha causa. Sozinha no mundo, quis retirar-me para um claustro, mas as minhas lembranças me perseguiram. Compreendi que não podia consagrar-me a Deus. Caí gravemente enferma e, apesar dos cuidados de minha velha criada, adveio o meu fim prematuro, sem que ninguém chorasse por mim ou me guardasse na memória. A criada foi ver meu antigo amante, contou-lhe sobre minha morte e pediu-lhe um contributo para meu enterro. Ele a deu. Graças ao meu amado, tenho eu este sepulcro, cuja lápide o tempo destruiu, a mesma lápide que te inspirou os últimos versos que haverias de escrever.”

A enlutada terminara a sua narrativa. Alçou o véu e Dom Felipe reconheceu naquela mulher uma das menos queridas entre todas as jovens que formaram o livro de sua existência.

Entrementes, sombras confusas, igualmente vestidas de preto, de mãos dadas, avançaram em direção a Mendoza. Formaram um círculo ao redor do velho dissoluto¹⁵, e a elas uniu-se a narradora. Ouviu-se uma estranha música. Ao mesmo tempo, as damas alçaram todos os seus véus, deixando a descoberto seus repugnantes rostos de sinistra e repulsiva expressão.

— Nós somos as mulheres que seduziste, mas que não vivem mais — disseram.

— As que seduzi eram todas lindas — murmurou Dom Felipe.

— É que então vias apenas o invólucro; agora, contempla-lhes a alma. Escolhe a quem queiras por companheira para depois de tua morte.

Mendoza estendeu os braços à única beldade: a de puro coração e doces sentimentos, a outrora menos amada, mas, agora, adorada. Encantada, ela juntou-se a Dom Felipe e o conduziu a uma frondosa e desconhecida alameda, cujo fim não se via.

* * *

No dia seguinte, quando o guarda do cemitério passeava, distraído, pelos pátios, chamou-lhe a atenção, no mais afastado, uma massa inerte. Aproximou-se e nela reconheceu

¹⁵ Vide nota anterior.

REVISTA VIRTUAL

o cadáver de Mendoza. Tinha o rosto voltado para a terra, como se beijasse a humilde pedra que inspirara os seus versos. O juiz foi, depois, proceder ao levantamento do corpo, e um médico, chamado para certificar aquela morte, declarou que Mendoza havia morrido duma morte natural e repentina. O ancião foi enterrado no último pátio, no mesmo lugar onde seu corpo havia sido encontrado, ao lado da sepultura esquecida. Apenas o velho criado visitou a sua tumba e lamentou a sua morte.

Tradução de Paulo Soriano.



EL DÍA DE LOS DIFUNTOS

Julia de Asensi (1840 – 1921)

Veinte años antes brillaba todavía por su figura, por su talento, por su discreción; todo el mundo le conocía, era el encanto de las mujeres, el terror de los maridos, el modelo que buscaban los jóvenes calaveras. Tenía amigos numerosos, entrada libre en los círculos; no había reunión amena ni agradable gira campestre si no estaba él. Era poeta, y sus versos, aunque fuesen vulgares e incorrectos, se admiraban y aplaudían. Había nacido con buena estrella, nadie era más feliz que él, pero... Don Juan no debe llegar a viejo, Don Juan debe morir joven, o en un desafío o en una emboscada.

Don Felipe de Mendoza había cumplido los sesenta años, y en vano evocaba al espíritu del mal que le rejuveneciese como Mefistófeles a Fausto; hacía algunos meses que había dejado de teñirse el pelo y la barba, convencido de que las mujeres no podían amarle ya, ni temerle los maridos. Era pobre; su capital, herencia de sus honrados padres, había sido derrochado en numerosas aventuras, y vivía en una miserable habitación sin más criados que un sirviente más viejo que él, hombre bueno y desinteresado. Don Felipe no le pagaba jamás su salario, pero sí correspondía a su sincero afecto.

Ya no vestía Mendoza con su proverbial elegancia, y el día en que le encontramos, una tarde fría y lluviosa de noviembre, llevaba sobre el raído traje, una capa oscura, que contaba ya varios inviernos, y en la cabeza un sombrero negro de anchas alas que ocultaba su frente surcada de arrugas.

Por la primera vez de su vida se dirigía hacia un cementerio, y había elegido para aquella extraña visita el día de difuntos.

El campo santo, en el que se veían muchísimas personas, no presentaba esta tarde el aspecto triste y severo de otras veces. Multitud de luces y coronas adornaban tumbas y mausoleos, recuerdos que a los muertos dedicaban padres, esposos o hijos.

Mendoza se inclinó ante el sepulcro de sus antepasados, y vio con emoción los unos, con indiferencia los otros, aquellos que encerraban las cenizas de las mujeres amadas o de los amigos vendidos o ultrajados. Llegó al último patio, el más pobre de todos; en él los arbustos eran más escasos, las luces más débiles, la concurrencia menos numerosa. Estaba cansado y se sentó en un escalón de piedra. Allí meditó un instante, y sus ojos se fijaron maquinalmente en una losa pequeña, rota y empolvada, que cubría una modesta sepultura. Se levantó, leyó las letras y los números, que apenas

pudo descifrar, se sentó de nuevo, sacó su cartera y en una de sus hojas trazó con lápiz los siguientes versos, sin cuidarse de si alguien le observaba, ni de si se acercaba la noche, ni darse cuenta exacta de lo que hacía:

«¡Qué sola estás, ¡qué triste, que olvidada!

Hoy, que de los difuntos es la fiesta,
que fosas, panteones, mausoleos,
de amor o vanidad galas ostentan;

Todos tienen coronas, todos tienen
lámparas encendidas, y de ellas
ni una adorna tu blanca sepultura,
ni una su viva claridad te presta.

Apenas se distinguen de tu nombre
las ya confusas o borradas letras,
mas sé que eras mujer, casi una niña,
según indican las grabadas fechas.

¿No sentiste? ¿No amaste? ¿Entre los hombres
dejaste tan furtiva y leve huella
que de tu triste paso por el mundo
ni una sola persona ya se acuerda?

¿O es quizá que los seres que te amaron
tu muerte lloran en lejanas tierras,
y en tu humilde y sombría sepultura
sin encontrar consuelo acaso piensan?

Diles, si fuera así, si algunas veces
a mitigar sus males te presentas,
que hay un ser que ha sabido tu aislamiento
al ver tu fosa en el misterio envuelta,
un ser que no hallará quien le recuerde
cuando vuela su espíritu a otra esfera.»

Firmó los versos, puso al lado de la firma la fecha, y al ir a guardar la cartera, observó que una mujer alta, delgada, vestida de negro y cubierto el rostro con un velo espeso se hallaba junto a él.

— Debe ser una viuda, se dijo, que viene por fórmula a visitar la tumba del ya olvidado esposo.

La enlutada no miraba, sin embargo, sepulcro ninguno, y parecía tener fija toda su atención en Don Felipe. Este vio que la noche avanzaba, que solo estaban en aquel patio del cementerio la mujer y él, e hizo un ademán para levantarse. La encubierta le alargó su mano delgada y fina, él la tomó maquinalmente, y ambos cruzaron de un extremo a otro el campo santo sin encontrar la puerta, ni hallar tampoco alma viviente.

REVISTA VIRTUAL

—Han cerrado ya, dijo la mujer hablando por vez primera con un acento dulce, y melodioso; volvamos ahora donde estabas; quiero allí contarte mi historia.

Entraron de nuevo en el último patio, y Don Felipe vio con extrañeza que la losa aquella que le inspiró los versos estaba levantada, dejando descubierto un hoyo negro y profundo. Se sentaron los dos, y la enlutada, sin alzar su velo, dijo así:

— «Hace treinta años tenía yo diez y seis; dicen que era hermosa, sencilla, apasionada. Huérfana y pobre, vivía con un hermano militar que me adoraba, y con una anciana criada. No había amado nunca hasta que conocí un día al caballero más valiente, más bello y más temido de aquel tiempo. Salía yo de la iglesia al anochecer, pues había empezado a rezar una novena, cuando le encontré discutiendo acaloradamente con varios amigos. Al pasar me miró con fijeza, dejó de pronto a sus compañeros, y me siguió. Me habló poco, pero lo bastante para encender en mi corazón el fuego del amor. Supe por él que era hermosa y que podía ser amada; mi espejo me lo repitió desde entonces todos los días. Dando dinero a mi vieja criada logró que esta le introdujese en mi casa, cuando mi hermano no se encontraba en ella, y allí me declaró su amor, siendo correspondido, porque yo le quería desde que le vi. ¿Cuánto duró mi dicha? Según él, nuestras relaciones habían sido las más largas que había tenido; según yo, fueron una sola gota de la copa de la felicidad que siempre está llena porque no hay mortal que la apure.

«Me dejó triste, desesperada, y mi hermano, que no sé por dónde conoció nuestros amores, desafió a mi amante y tuve la inmensa fatalidad de que por mi causa muriese en un duelo. Sola en el mundo, quise retirarme a un claustro, pero mis recuerdos me perseguían y comprendí que no podía consagrarme a Dios. Caí gravemente enferma y, a pesar de los cuidados de mi vieja sirvienta, llegó mi prematuro fin, sin que nadie llorase por mí, ni me conservase en su memoria. La criada fue a ver a mi antiguo amante, le habló de mi muerte y le pidió una limosna para mi entierro. Se la dio, y gracias a él tengo esa fosa, cuya lápida ha destruido

el tiempo, lápida que te ha inspirado los últimos versos que escribirás.»

La enlutada había terminado su relación; alzó su velo y Don Felipe reconoció en aquella mujer a una de las menos queridas de cuantas jóvenes habían formado el libro de su existencia.

Entretanto iban avanzando hacia Mendoza sombras confusas, vestidas también de negro, cogidas de la mano. Formaron corro alrededor del viejo calavera, uniose a ellas la narradora, se oyó una música extraña, y a la vez alzaron todos sus velos dejando descubiertos sus repugnantes rostros de siniestra y repulsiva expresión.

—Somos las mujeres que amaste y que ya no viven, dijeron.

—Las que amé eran todas hermosas, murmuró Don Felipe.

—Es que entonces veías la envoltura y hoy contemplas el alma. Elige la que quieras por compañera para después de tu muerte.

Mendoza extendió los brazos, hacia la única bella, la de puro corazón y dulces sentimientos, a la menos amada antes y adorada ahora. Ella se unió a él embelesada y le condujo a una frondosa alameda que Don Felipe no conocía y de la que no se veía el término.

* * *

Cuando al día siguiente el guarda del cementerio paseaba distraído por los patios, llamó su atención en el último una masa inerte; se acercó y reconoció en ella el cadáver de Mendoza con el rostro vuelto hacia la tierra, como si estuviera besando la humilde losa que inspiró sus versos. El juez fue más tarde a levantar el cuerpo, y un médico, llamado para que certificase aquella defunción, declaró que había fallecido Mendoza de muerte natural y repentina. El anciano fue enterrado en el último patio, en el mismo sitio donde había sido encontrado su cadáver, al lado de la olvidada tumba. Solo visitó su sepultura y lloró su muerte el viejo criado.

Revisión de Ângelo Brea.

AS CRIANÇAS QUE BRINCAVAM DE AÇOUGEIRO

Irmãos Grimm

(Jacob Grimm [1785 – 1863] e Wilhelm Grimm [1786 – 1859])

Certa feita, um pai matou um porco na presença dos filhos.

À tarde, quando as crianças estavam a brincar, uma disse à outra:

— Agora você é o porquinho e eu sou o açougueiro.

Pegou, então, uma faca e a mergulhou na garganta do irmãozinho.

A mãe estava no andar de cima, banhando o caçula, quando ouviu o grito de seu filho. Imediatamente, ela desceu as escadas. Ao ver o que acontecera, a mulher puxou a faca da garganta do menino e, tomada de fúria, apunhalou a outra criança — a que se fazia de açougueiro — no coração.

Então, subiu para ver o bebê que deixara na banheira; mas, ao chegar, viu que a criancinha já se afogara. A mulher ficou tão assustada e desesperada que rejeitou o consolo dos criados e, finalmente, se enforcou.

Quando o marido voltou dos campos, e viu o que se passara, ficou tão melancólico que morreu pouco depois.

Versão em português de Paulo Soriano.

LOS NIÑOS QUE JUGABAN AL CARNICERO

Hermanos Grimm

(Jacob Grimm [1785 – 1863] y Wilhelm Grimm [1786 – 1859])

En una ocasión, un padre mató a un cerdo en presencia de sus hijos.

Por la tarde, cuando los niños estaban jugando, uno le dijo al otro:

«Ahora tú eres el cerdito y yo soy el carnicero».

Tomó un cuchillo y lo hundió en la garganta de su hermano pequeño.

La madre, que estaba arriba bañando al hijo menor, cuando escuchó el grito de su hijo, inmediatamente bajó las escaleras. Al ver lo que había sucedido, la mujer sacó el cuchillo de la garganta del niño y, abrumada por la furia, apuñaló, en el corazón, al que se hacía pasar por carnicero.

Luego subió a ver al bebé que había dejado en la bañera. Cuando llegó, vio que el niño se había ahogado. La mujer estaba tan asustada y desesperada que rechazó el consuelo de los sirvientes y finalmente se ahorcó.

Cuando su esposo regresó del campo y vio lo que había sucedido, se volvió tan melancólico que murió poco después.

Versión en español de Emilio Vilaró.

FLORES DAS TREVAS

Villiers de L'Isle Adam (1828 – 1889)

Ao Sr. Léon Dierx.

*Boa gente, vós que por aqui passais,
Orai pelos defuntos!*

Inscrição à beira de uma estrada principal.

Oh, belas noites! Diante dos resplandecentes cafés dos bulevares, nos terraços das renomadas sorveterias, quantas mulheres com modelitos vistosos, quantos elegantes *flâneurs* a vaguear!

Aqui estão as pequenas vendedoras de flores, circulando com suas cestinhas.

As belas ociosas aceitam essas flores que passam, todas apanhadas... em mistério.

— Em mistério?

— Sim, em mistério.

Saibam, sorridentes leitoras, que existe em Paris certa obscura agência que compactua com várias funerárias de luxo, e até mesmo com coveiros, a fim de despojar os mortos pela manhã, impedindo que murchem inutilmente sobre os túmulos frescos todos esses esplêndidos ramalhetes de flores, essas coroas fúnebres, todas essas rosas com as quais, às centenas, a piedade filial ou conjugal diariamente sobrecarrega os catafalcos.

Essas flores são quase sempre esquecidas após as cerimônias fúnebres. Ninguém mais pensa nelas; todos têm pressa em partir — é compreensível!...

É quando os nossos amáveis coveiros se mostram mais alegres. Não

esquecem as flores, esses senhores! Eles não estão nas nuvens. São pessoas pragmáticas. Em silêncio, arrebatam-nas a braçadas. Atirá-las apressadamente por sobre o muro em uma propícia carroça é para eles coisa de um instante.

Dois ou três dos mais travessos e atrevidos transportam a preciosa carga às floristas amigas que, graças a seus dedos de fada, arranjam de mil maneiras, em ramalhetes de corpete e de mão, e mesmo em rosas isoladas, esses melancólicos despojos.

Chegam então as pequenas floristas noturnas, cada uma com as suas cestinhas. Elas circulam, como dissemos, às primeiras luzes dos lampiões, pelos bulevares, diante dos terraços resplandecentes e por mil lugares de prazer.

E os jovens entediados, desejosos de atraírem as moças elegantes, pelas quais sentem alguma inclinação, compram essas flores a preços elevados e as oferecem estas damas.

Estas, de maquiagem branca, aceitam-nas com um sorriso indiferente e as conservam nas mãos, ou as enfiam nos seus corpetes.

E os reflexos dos lampiões empalidecem os seus rostos.

De sorte que essas criaturas-espectros, assim adornadas com flores da Morte, carregam, sem saber, o emblema do amor que elas oferecem e do amor que recebem.

Tradução de Paulo Soriano.

FLORES DE LAS TINIEBLAS

Villiers de L'Isle Adam (1828 – 1889)

Al señor León Dierx.

*Buena gente, vosotros que por aquí pasáis,
Oráis por los difuntos.*

Inscripción al borde de una carretera principal.

¡Oh, bellas noches! Delante de los resplandecientes cafés de los bulevares, en las terrazas de las renombradas heladerías, ¡cuántas mujeres con trajes vistosos, ¡cuántos elegantes *flâneurs* holgazanean!

Aquí están las pequeñas vendedoras de flores que circulan con sus cestitas.

Las hermosas ociosas aceptan estas flores que pasan, todas recogidas... en el misterio...

— ¿En el misterio?

— “¡Sí, en el misterio!

Sepan, sonrientes lectoras, que en París existe cierta oscura agencia que pacta con varias funerarias de lujo, incluso con sepultureros, con el fin de despojar a los muertos por la mañana, sin dejar que se marchiten inútilmente sobre las tumbas frescas todos esos espléndidos ramos, todas esas coronas, todas esas rosas, que, por centenares, la piedad filial o conyugal sobrecarga diariamente los catafalcos.

Estas flores casi siempre quedan olvidadas después de las ceremonias fúnebres. Ya no pensamos en ellas; tenemos prisa por volver — ¡es comprensible!...

Es cuando nuestros amables sepultureros se ponen más contentos. ¡No se olvidan de las flores, estos

señores! No están en las nubes. Son personas prácticas. Las quitan a puñados, en silencio. Lanzarlas apresuradamente por encima del muro, en un propicio carretón, es para ellos cuestión de un momento.

Dos o tres de los más traviosos y atrevidos transportan la preciosa carga a las floristas amigas que, gracias a sus dedos de hada, engarzan, de mil maneras, en muchos ramos de corpiño y de mano — e incluso en rosas aisladas — estos melancólicos despojos.

Llegan entonces las pequeñas floristas nocturnas, cada una con su cestita. Circulan, como hemos dicho, a la primera luz de las farolas, por los bulevares, frente a las terrazas resplandecientes y en los mil sitios de placer.

Y los jóvenes aburridos, deseosos de hacerse agradables a las muchachas elegantes, hacia las cuales sienten alguna inclinación, compran estas flores a precios elevados y se las ofrecen a estas damas.

Estas, todas blancas de maquillaje, las aceptan con una sonrisa indiferente y las mantienen en sus manos, o las colocan en sus corpiños.

Y los reflejos del gas hacen palidecer sus rostros.

De modo que estas criaturas-espectros, así adornadas con las flores de la Muerte, llevan, sin saberlo, el emblema del amor que dan y del que reciben.

Traducción de Paulo Soriano.

Revisión de Valentim Fagim.

O MONTE DAS ALMAS

Gustavo Adolfo Bécquer (1836 – 1870)

Na noite de Finados, não sei a que horas, o dobre dos sinos me despertou. Seu repique monótono e eterno trouxe-me à mente esta tradição que ouvi, há pouco, em Sória.

Tentei dormir de novo. Impossível! Uma vez aferroada, a imaginação é como um cavalo desenfreado, e de nada adianta puxar-lhe as rédeas. Para passar o tempo, decidi escrevê-la, como de fato o fiz.

Eu a ouvi no mesmo lugar em que aconteceu e a escrevi voltando algumas vezes a cabeça, com medo, quando rangiam os vidros de minha sacada, estremecidos pelo vento frio da noite.

De qualquer forma, aí vai, como o cavalo de copas¹⁶.

I

— Amarrai os cães. Façais o sinal com as trompas para que os caçadores se reúnam e voltemos à cidade. A noite se aproxima, é dia de Todos os Santos, e estamos no Monte das Almas.

— Imediatamente!

— Fosse este outro dia, eu não deixaria de exterminar essa alcateia que as neves do Moncayo¹⁷ expulsaram de suas covas. Mas, hoje, é impossível. Logo mais, a oração nos Templários será entoada e as almas dos finados começarão a tanger os sinos na capela do monte.

— Naquela capela em ruínas? Bah! Você quer assustar-me?

— Não, bela prima. Tu ignoras o que acontece neste país, porque ainda não faz um ano que para cá vieste de muito longe. Refreia a tua égua; eu também porei a minha a passo e, enquanto durar o caminho, contar-te-ei uma história.

Os valetes se reuniram em alegres e buliçosos grupos. Os condes de Borges e de Alcudiel montaram em seus magníficos cavalos e, todos juntos, seguiram os seus filhos Beatriz e Alonso, que precediam a comitiva a uma considerável distância.

Enquanto percorriam o caminho, Alonso narrou nestes termos a prometida história:

— Este morro, que hoje chamam *Monte das Almas*, pertencia aos Templários, cujo convento vês ali, à margem do rio. Os Templários eram coetaneamente guerreiros e religiosos. Conquistada Sória aos árabes, o rei os fez vir, de terras distantes,

para defender a cidade em seu flanco oeste, com isto causando notável agravo aos seus nobres de Castela, que sozinhos souberam defendê-la e conquistá-la.

“Entre os cavaleiros da nova e poderosa Ordem e os fidalgos da cidade fermentou, por algum tempo, e, por fim, eclodiu, um ódio profundo. Os primeiros tinham demarcado esse monte, onde conservavam caça abundante para satisfazer suas necessidades e propiciar os seus prazeres. Os segundos decidiram organizar uma grande caçada no couto, apesar das severas proibições dos *clérigos com esporas*, como os fidalgos chamavam seus inimigos.

“Propagada a voz do repto, ninguém buscou deter um lado — em sua mania de caçar — e o outro — em seu empenho de impedir a caçada. A projetada expedição foi levada a cabo. Não se lembraram dela as feras silvestres; antes a teriam presente tantas mães enlutadas por cada um de seus filhos. Aquilo não foi uma caçada: foi uma batalha assombrosa. O monte ficou semeado de cadáveres. Os mesmos lobos que queriam exterminar lograram um sangrento festim. Por fim, interveio a autoridade do rei: o monte, maldita razão de tantas desgraças, foi declarado abandonado e a capela dos religiosos, situada no próprio monte, e em cujo átrio foram enterrados juntos amigos e inimigos, começou a cair em ruínas.

“Dizem, desde então, que, quando chega a noite de finados, ouve-se dobrar sozinho o sino da capela, e que as almas dos mortos, envoltas nos farrapos de suas mortalhas, correm como que numa caçada fantástica por entre as brenhas e as silveiras. Os cervos bramem assustados, os lobos uivam, as cobras emitem horrendos sibilos e, no dia seguintes, veem-se impressas na neve pegadas dos descarnados pés dos esqueletos. Por isto, em Sória, nós o chamamos de *Monte das Almas*, e foi por isso que eu quis abandoná-lo antes que fechasse a noite”.

A narrativa de Alonso acabou justamente quando os dois jovens chegavam ao extremo da ponte que conduz à cidade por aquele lado. Ali, esperaram o resto da comitiva, a qual, depois de incorporar-se à dos ginetes, perdeu-se por entre as estreitas e sombrias ruas de Sória.

II

¹⁶ Segundo a Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, a expressão *Ahí va, como el caballo de copas* é empregada quando se dá ou se lança alguma coisa. A expressão alude ao costume que havia antigamente, e que ainda hoje existe, de se adicionar as palavras *ahí va* na estampa da carta do cavalo de copas.

¹⁷ Montanha do Sistema Ibérico, situado entre as Províncias espanholas de Zaragoza e Sória. Tem 2.319 metros de altitude.

REVISTA VIRTUAL

Os serviçais haviam acabado de recolher as toalhas de mesa. A alta lareira gótica do palácio dos condes de Alcuévil desprendia um vivo resplendor, iluminando alguns grupos de damas e cavalheiros que, ao redor do fogo, conversavam familiarmente, enquanto o vento açoitava os vidros chumbados das ogivas do salão.

Somente duas pessoas pareciam alheias à conversa geral: Beatriz e Alonso. Beatriz seguia com os olhos, absorta num vago pensamento, os caprichos das chamas. Alonso olhava o reflexo da fogueira chispar nas pupilas azuis de Beatriz.

Ambos guardavam, há algum tempo, um profundo silêncio.

As velhas senhoras narravam, a propósito da noite de Finados, contos tenebrosos, em que os espectros e as aparições representavam o papel principal. E os sinos das igrejas de Sória dobraram à distância com um tângido monótono e triste.

— Bela prima — exclamou, finalmente, Alonso, quebrando o longo silêncio em que se encontravam —, logo iremos nos separar, talvez para sempre. Sei que não gostas das áridas planícies de Castela, de seus costumes rudes e guerreiros, de seus hábitos simples e patriarcais. Eu a ouvi suspirar várias vezes, talvez por algum pretendente de teu longínquo senhorio.

Beatriz fez um gesto de fria indiferença. Todo um caráter de mulher se revelou naquela desdenhosa contração de seus finos lábios.

— Talvez tenhas suspirado pela pompa da corte francesa, onde tens vivido até agora — apressou-se a acrescentar o jovem. — De um modo ou de outro, pressinto que não tardarei a perder-te... Ao nos separarmos, gostaria que levasses uma lembrança minha... Lembras-te de quando fomos ao templo dar graças a Deus por ter-te devolvido a saúde que vieste buscar nesta terra? A pequena joia que segurava a pluma de meu gorro cativou a tua atenção. O quão formosa ficaria prendendo um véu sobre os teus cabelos escuros! Ela já prendeu os de uma dama casada. O meu pai a presenteou à mulher que me deu a vida, e ela levou a joia ao altar... Tu a queres?

— Quanto ao teu país, não sei — respondeu a bela jovem —, mas, no meu, um presente recebido representa um compromisso. Somente em dias de cerimônia deve-se aceitar um presente de um parente... que ainda pode ir a Roma sem voltar com as mãos vazias.

O tom glacial com que Beatriz pronunciou estas palavras transtornou por um momento o jovem, que, após acalmar-se, disse com tristeza:

— Eu sei, prima. Mas hoje comemoram-se Todos os Santos, e o teu antes de todos. Hoje é dia de cerimônias e presentes. Queres aceitar o meu?

Beatriz mordeu ligeiramente os lábios e estendeu a mão para receber a joia, mas sem juntar uma palavra sequer.

Os dois jovens voltaram a ficar em silêncio. Ouviram-se novamente a cascata de voz das velhas senhoras que falavam de bruxas e de trasgos, o

zumbido do vento que fazia ranger os vidros das ogivas e o triste e monótono dobrar dos sinos.

Ao cabo de alguns minutos, o diálogo interrompido voltou à carga, deste modo:

— E antes que termine o dia de Todos os Santos, em que, assim como o teu, se celebra o meu, podes tu, sem que isto represente um compromisso, deixar-me uma lembrança? Farás isto, não? — disse ele, cravando o olhar no de sua prima, que refulgiu como um relâmpago, iluminado por um pensamento diabólico.

— Por que não? — exclamou esta, levando a mão ao ombro direito, como se estivesse a procurar alguma coisa entre as pregas de sua longa manga de veludo bordado a ouro... Depois, com uma infantil expressão de sentimento, a dama acrescentou:

— Tu te lembras da fita que levei hoje à caçada, cujo azul significa algo que desconheço, tu me disseste que representava a divisa de tua alma?

— Sim.

— Pois... Perdeu-se! Perdeu-se e eu pensava em deixá-la a ti, como uma lembrança.

— Perdeu-se? Onde? — perguntou Alonso, levantando-se de seu assento e com uma indescritível expressão de temor e esperança.

— Não sei... Talvez no monte.

— No monte das Almas! — murmurou ele, empalidecendo e deixando-se cair sobre o setial.

Depois prosseguiu, com a voz entrecortada e surda:

— Tu o sabes, porque já debes tê-lo ouvido mil vezes: na cidade, em toda Castela, chamam-me de o rei dos caçadores. Como não tive a oportunidade provar as minhas forças nos combates, qual o fizeram os meus antepassados, levei a esta diversão, imagem da guerra, todos os bríos de minha juventude, todo este ardor, que é hereditário em minha raça. O tapete que os teus pés pisam são os despojos das feras que morreram por minhas mãos. Eu conheço os seus covis e os seus costumes. E tenho travado com elas combates diuturnos, a pé e a cavalo, sozinho ou em comitiva e ninguém dirá que me viu fugir do perigo em alguma ocasião. Fosse esta outra noite, eu voaria ao monte por essa fita, e voaria com o mesmo prazer de acudir a uma festa. Mas, nesta noite... Nesta noite. Por que motivo esconder de ti? Eu tenho medo. Ouves? Os sinos dobram, a oração já foi entoada em São João do Douro, as almas do monte começaram agora a erguer os seus crânios amarelados em meio ao mato que cobre as suas fossas... As almas! Espectros cuja simples visão pode gelar de horror o sangue do mais valente, tornar brancos os seus cabelos ou arrebatá-lo no torvelinho de sua fantástica carreira, como uma folha que o vento arrasta sem que se saiba para onde.

Enquanto o jovem falava, um imperceptível sorriso desenhou-se nos lábios de Beatriz. Ao calar-se Alonso, a prima — ao passo em atiçava o fogo da lareira, onde a lenha saltava e estalava, lançando chispas de mil cores — exclamou, com uma inflexão indiferente:

REVISTA VIRTUAL

— Oh, isso não! De forma alguma! Que loucura! Ir agora ao monte por algo tão sem importância!

Ao pronunciar esta última frase, enfatizou-a de um modo tão especial que Alonso não pôde mais do que compreender toda a sua ironia. Como se impellido por uma mola, ele pôs-se de pé, passou a mão na testa, como se para arrancar o medo que estava em sua cabeça e não em seu coração, e, com voz firme, exclamou, dirigindo-se à bela mulher, que permanecia ainda inclinada sobre a lareira, entreteendo-se em revolver o fogo:

— Adeus, Beatriz, adeus... Até logo.

— Alonso! Alonso! — disse esta, voltando-se com rapidez. Mas, quando quis ou aparentou querer detê-lo, o jovem havia desaparecido.

Em poucos minutos ouviu-se o rumor de um cavalo que se afastava a galope. A bela jovem, com uma radiante expressão de orgulho satisfeito que coloriu as suas faces, deitou ouvidos naquele rumor, que fenecia, que se perdia e que, por fim, se dissipou.

As velhas senhoras, no entanto, continuavam com seus contos de aparições espectrais, o vento zumbia nos vidros da sacada e os sinos da cidade dobravam à distância.

Havia passado uma hora, duas três. A meia-noite estava a ponto de soar, e Beatriz se retirou ao oratório. Alonso não voltava, não voltava, quando em menos de uma hora poderia tê-lo feito.

— Decerto sentiu medo! — exclamou ela, fechando o seu livro de orações e dirigindo-se ao seu leito, depois de haver tentado inutilmente murmurar algumas das preces que a Igreja consagra no Dia de Finados aos que não mais existem.

Depois de apagar a lamparina e cruzar as duplas cortinas de seda, adormeceu. Dormiu com um sono inquieto, ligeiro, nervoso.

As doze horas soaram no relógio do Postigo¹⁸. Beatriz ouviu, em entressonhos, as vibrações do sino, lentas, surdas, tristíssimas, e entreabriu os olhos. Pensava ter ouvido, a par das vibrações, mas muito, muito longe, uma voz surda e dolente pronunciar seu nome. O vento gemia nos vidros da janela.

— Deve ser o vento — disse. E, pondo a mão no coração, procurou tranquilizar-se. Mas seu coração batia cada vez mais violentamente. As portas de larício do oratório haviam rangido sobre os seus gonzos, com um gemido agudo, prolongado e estridente.

A princípio algumas, depois as mais próximas, e, então, todas as portas que franqueavam o acesso ao seu quarto iam rangendo, cada uma à sua vez; estas, com um ruído surdo e grave; aquelas, com um lamento longo e exasperante. Depois, silêncio. Um silêncio cheio de rumores estranhos, o silêncio da meia-noite, com um murmúrio de água distante. Longínquos ladridos de cães, vozes confusas,

palavras ininteligíveis. Ecos de passos que vão e vêm, farfalhar de roupas que se arrastam, suspiros que se afogam, respirações ofegantes que quase são sentidas, estremecimentos involuntários que anunciam a presença de algo que não se vê e cuja aproximação se nota, apesar da escuridão.

Beatriz, imóvel, trêmula, pôs a cabeça fora do cortinado e escutou por um momento. Ouvia ruídos diversos. Passava a mão na fronte. Tornava a escutar: nada, silêncio.

Via, com essa fosforescência da pupila nas crises nervosas, algo como vultos que se moviam em todas as direções. Mas quando, dilatando-as, as fixava em um ponto, nada via: apenas escuridão, as sombras impenetráveis.

— Bah! — exclamou, voltando a recostar a sua bela cabeça sobre o travesseiro de cetim azul do leito. — Sou tão medrosa quanto essas pobres gentes, cujo coração palpita de terror sob uma armadura, ao ouvir uma velha história de aparições?

E, fechando os olhos, tentou dormir... Mas, em vão, fizera um esforço sobre si mesma. Logo voltou a levantar-se mais pálida, mais inquieta, mais aterrorizada. E não era uma ilusão: as colgaduras de brocado da porta haviam-se desprendido e umas pisadelas lentas soavam sobre o tapete. O rumor daquelas pisadelas era surdo, quase imperceptível, mas contínuo, e ao seu compasso ouvia-se o ranger de alguma coisa, como madeira ou osso. E aproximavam-se, aproximavam-se aquelas pisadelas, até que o reclinatório, que estava à beira de seu leito, se moveu. Beatriz lançou um grito agudo e, metendo-se nos panos que a cobriam, escondeu a cabeça e conteve a respiração.

O vento açoitava os vidros da sacada. A água da fonte distante caía e caía com um rumor eterno e monótono. Os ladridos dos cães se ampliavam nas rajadas de vento, e os sinos da cidade de Sória, uns próximos, outros distantes, dobravam tristemente pelas almas dos finados.

Assim passou uma hora, duas, a noite, um século, porque aquela noite parecia eterna para Beatriz. Finalmente, despontou a aurora: voltando de seu temor, entreabriu os olhos aos primeiros raios da luz. Depois de uma noite de insônia e de terrores, é tão linda a luz clara e branca do dia! Separou as cortinas de seda do leito e já se dispunha a rir-se de seus temores passados quando, de repente, um suor frio cobriu seu corpo, seus olhos se deslocaram e uma palidez mortal descoloriu as suas faces: sobre o reclinatório vira, ensanguentada e dilacerada, a fita azul que perdera no monte, a fita azul que Alonso fora buscar.

Quando os serviçais chegaram, apavorados, para noticiar-lhe a morte do primogênito de Alcudiel, que naquela manhã fora encontrado devorado por lobos nos matagais do Monte das Almas, encontraram-na imóvel, crispada, agarrada, com ambas as mãos, a uma das colunas de ébano

¹⁸ Porta não principal de uma cidade ou vila.

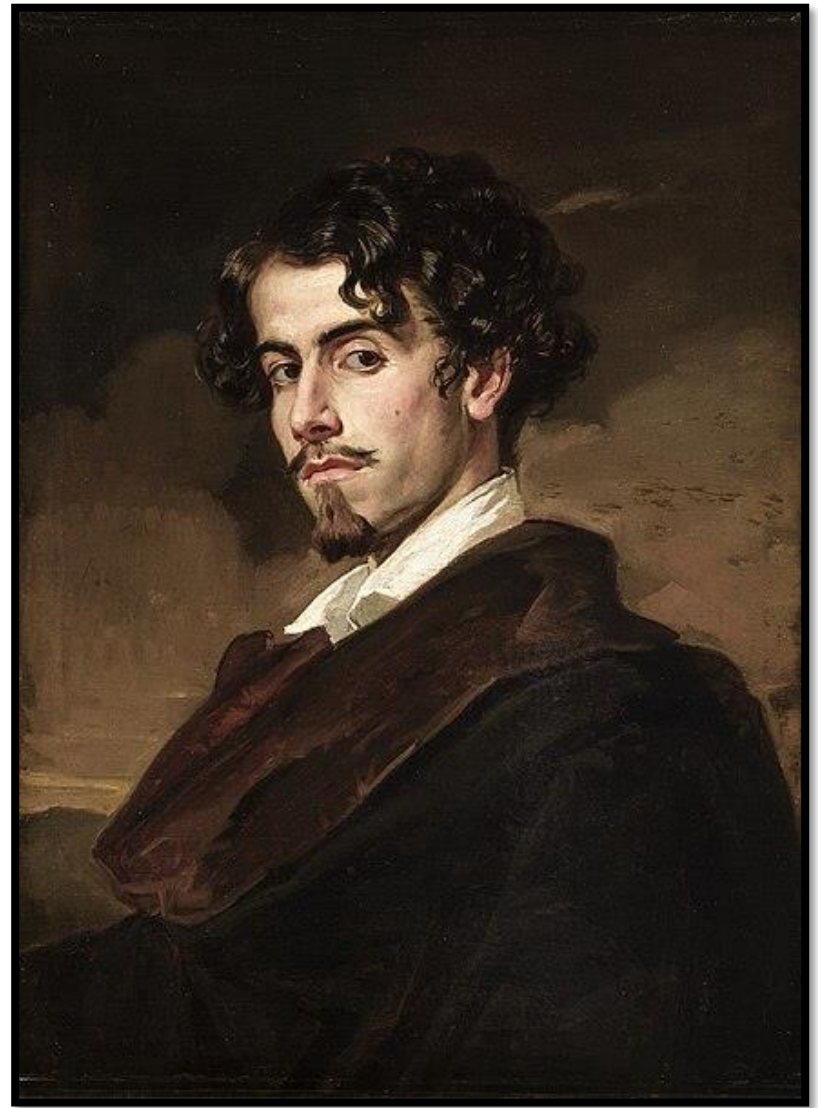
REVISTA VIRTUAL

do leito, deslocados os olhos, entreaberta a boca, brancos os lábios, rígidos os membros, morta. Morta de pavor!

IV

Dizem que, depois deste acontecimento, um caçador perdido, que passara a noite de Finados sem poder sair do Monte das Almas, e que, no dia seguinte, antes de morrer, pôde contar o que vira, narrou coisas terríveis. Entre outras, assegurou que vira os esqueletos dos antigos templários e dos nobres de Sória, que haviam sido enterrados no átrio da capela, erguerem-se na hora da oração com um estrépito horrível; e que vira cavaleiros, montados sobre esqueletos de corcéis, a perseguirem, como se a uma fera, uma bela mulher, pálida e desgrenhada, que, com os pés desnudos e ensanguentados, e lançando gritos de pavor, dava voltas ao redor da tumba de Alonso.

Tradução e notas de Paulo Soriano.



EL MONTE DE LAS ÁNIMAS

Gustavo Adolfo Bécquer (1836 – 1870)

La noche de difuntos me despertó, a no sé qué hora, el doble de las campanas; su tañido monótono y eterno me trajo a las mientes esta tradición que oí hace poco en Soria.

Intenté dormir de nuevo; ¡imposible! Una vez aguijoneada, la imaginación es un caballo que se desboca, y al que no sirve tirarle de la rienda. Por pasar el rato, me decidí a escribirla, como, en efecto, lo hice.

Yo no la oí en el mismo lugar en que acaeció, y la he escrito volviendo algunas veces la cabeza, con miedo cuando sentía crujir los cristales de mi balcón, estremecidos por el aire frío de la noche.

Sea de ello lo que quiera, ahí va, como el caballo de copas.

I

— Atad los perros; haced la señal con las trompas para que se reúnan los cazadores, y demos la vuelta a la ciudad. La noche se acerca, es día de Todos los Santos y estamos en el Monte de las Ánimas.

— ¡Tan pronto!

— ser otro día no dejara yo de concluir con ese rebaño de lobos que las nieves del Moncayo han arrojado de sus madrigueras; pero hoy es imposible. Dentro de poco sonará la oración en los Templarios, y las ánimas de los difuntos comenzarán a tañer su campana en la capilla del monte.

— ¡En esa capilla ruinosa! ¡Bah! ¿Quieres asustarme?

— No, hermosa prima; tú ignoras cuanto sucede en este país, porque aún no hace un año que has venido a él desde muy lejos. Refrena tu yegua; yo también pondré la mía al paso, y mientras dure el camino te contaré la historia.

Los pajes se reunieron en alegres y bulliciosos grupos; los condes de Borges y de Alcudiel montaron en sus magníficos caballos, y todos juntos siguieron a sus hijos Beatriz y Alonso, que precedían la comitiva a bastante distancia.

Mientras duraba el camino, Alonso narró en estos términos la prometida historia:

«Ese monte que hoy llaman de las Ánimas pertenecía a los Templarios, cuyo convento ves allí, a la margen del río. Los Templarios eran guerreros y religiosos a la vez. Conquistada Soria a los árabes, el rey los hizo venir de lejanas tierras para defender la ciudad por la parte del puente, haciendo en ello notable agravio a sus nobles de Castilla, que así hubieran sabido solos defenderla como solos la conquistaron.

»Entre los caballeros de la nueva y poderosa orden y los hidalgos de la ciudad fermentó por algunos años, y estalló al fin, un odio profundo. Los

primeros tenían acotado ese monte, donde reservaban caza abundante para satisfacer sus necesidades y contribuir a sus placeres; los segundos determinaron organizar una gran batida en el coto, a pesar de las severas prohibiciones de los *clérigos con espuelas*, como llamaban a sus enemigos.

»Cundió la voz del reto, y nada fue parte a detener a los unos en su manía de cazar y a los otros en su empeño de estorbarlo. La proyectada expedición se llevó a cabo. No se acordaron de ella las fieras; antes la tendrían presente tantas madres como arrastraron sendos lutos por sus hijos. Aquello no fue una cacería, fue una batalla espantosa: el monte quedó sembrado de cadáveres; los lobos, a quienes se quiso exterminar, tuvieron un sangriento festín. Por último, intervino la autoridad del rey; el monte, maldita ocasión de tantas desgracias, se declaró abandonado, y la capilla de los religiosos, situada en el mismo monte, y en cuyo atrio se enterraron juntos amigos y enemigos, comenzó a arruinarse.

»Desde entonces dicen que, cuando llega la noche de Difuntos, se oye doblar sola la campana de la capilla, y que las ánimas de los muertos, envueltas en jirones de sus sudarios, corren como en una cacería fantástica por entre las breñas y los zarzales. Los ciervos braman espantados, los lobos aúllan, las culebras dan horrorosos silbidos, y al otro día se han visto impresas en la nieve las huellas de los descarnados pies de los esqueletos. Por eso en Soria le llamamos el Monte de las Ánimas, y por eso he querido salir de él antes que cierre la noche».

La relación de Alonso concluyó justamente cuando los dos jóvenes llegaban al extremo del puente que da paso a la ciudad por aquel lado. Allí esperaron al resto de la comitiva, la cual, después de incorporársele los dos jinetes, se perdió por entre las estrechas y oscuras calles de Soria.

II

Los servidores acababan de levantar los manteles; la alta chimenea gótica del palacio de los condes de Alcudiel despedía un vivo resplandor, iluminando algunos grupos de damas y caballeros que alrededor de la lumbre conversaban familiarmente, y el viento azotaba los emplomados vidrios de las ojivas del salón.

Sólo dos personas parecían ajenas a la conversación general: Beatriz y Alonso. Beatriz seguía con los ojos, absortos en un vago pensamiento, los caprichos de la llama. Alonso miraba el reflejo de la hoguera chispear en las azules pupilas de Beatriz.

Ambos guardaban hacía rato un profundo silencio.

Las dueñas referían, a propósito de la noche de Difuntos, cuentos tenebrosos en que los espectros y

REVISTA VIRTUAL

los aparecidos representaban el principal papel, y las campanas de las iglesias de Soria doblaban a lo lejos con un tañido monótono y triste.

—Hermosa prima — exclamó al fin Alonso rompiendo el largo silencio en que se encontraban: pronto vamos a separarnos, tal vez para siempre; las áridas llanuras de Castilla, sus costumbres toscas y guerreras, sus hábitos sencillos y patriarcales sé que no te gustan; te he oído suspirar varias veces, acaso por algún galán de tu lejano señorío.

Beatriz hizo un gesto de fría indiferencia; todo su carácter de mujer se reveló en aquella desdeñosa contracción de sus delgados labios.

— Tal vez por la pompa de la corte francesa, donde hasta aquí has vivido -se apresuró a añadir el joven-. De un modo o de otro, presiento que no tardaré en perderte... Al separarnos, quisiera que llevases una memoria mía... ¿Te acuerdas cuando fuimos al templo a dar gracias a Dios por haberte devuelto la salud que viniste a buscar a esta tierra? El joyel que sujetaba la pluma de mi gorra cautivó tu atención. ¡Qué hermoso estaría sujetando un velo sobre tu oscura cabellera! Ya ha prendido el de una desposada: mi padre se lo regaló a la que me dio el ser, y ella lo llevó al altar... ¿Lo quieres?

—No sé en el tuyo -contestó la hermosa—, pero en mi país, una prenda recibida compromete la voluntad. Sólo en un día de ceremonia debe aceptarse un presente de manos de un deudo..., que aún puede ir a Roma sin volver con las manos vacías.

El acento helado con que Beatriz pronunció estas palabras turbó un momento al joven, que después de serenarse dijo con tristeza:

— Lo sé prima; pero hoy se celebran Todos los Santos, y el tuyo entre todos; hoy es día de ceremonias y presentes. ¿Quieres aceptar el mío?

Beatriz se mordió ligeramente los labios y extendió la mano para tomar la joya, sin añadir una palabra.

Los dos jóvenes volvieron a quedarse en silencio, y volviéndose a oír la cascada voz de las viejas que hablaban de brujas y de trasgos, y el zumbido del aire que hacía crujir los vidrios de las ojivas, y el triste y monótono doblar de las campanas.

Al cabo de algunos minutos, el interrumpido diálogo tornó a anudarse de este modo:

—Y antes de que concluya el día de Todos los Santos, en que así como el tuyo se celebra el mío, y puedes, sin atar tu voluntad, dejarme un recuerdo, ¿no lo harás? —dijo él, clavando una mirada en la de su prima, que brilló como un relámpago, iluminada por un pensamiento diabólico.

—¿Por qué no? -exclamó ésta, llevándose la mano al hombro derecho como para buscar alguna cosa entre los pliegues de su ancha manga de terciopelo bordado de oro... Después, con una infantil expresión de sentimiento, añadió:

—¿Te acuerdas de la banda azul que llevé hoy a la cacería, y que por no sé qué emblema de su color me dijiste que era la divisa de tu alma?

—Sí.

—Pues... ¡se ha perdido! Se ha perdido, y pensaba dejártela como un recuerdo.

—¡Se ha perdido! ¿Y dónde? -preguntó Alonso, incorporándose de su asiento y con una indescriptible expresión de temor y esperanza.

—No sé...; en el monte acaso.

—¡En el Monte de las Ánimas -murmuró palideciendo y dejándose caer sobre el sitio —, ¡en el Monte de las Ánimas!

Luego prosiguió con voz entrecortada y sorda:

—Tú lo sabes, porque lo habrás oído mil veces; en la ciudad, en toda Castilla me llaman el rey de los cazadores. No habiendo aún podido probar mis fuerzas en los combates, como mis ascendientes, he llevado a esta diversión imagen de la guerra todos los bríos de mi juventud, todo el ardor hereditario en mi raza. La alfombra que pisan tus pies son despojos de fieras que he muerto por mi mano. Yo conozco sus guaridas y sus costumbres; y he combatido con ellas de día y de noche, a pie y a caballo, solo y en batida, y nadie dirá que me ha visto huir el peligro en ninguna ocasión. Otra noche volaría por esa banda, y volaría gozoso como a una fiesta; esta noche..., esta noche, ¿a qué ocultarlo?, tengo miedo. ¿Oyes? Las campanas doblan, la oración ha sonado en San Juan del Duero, las ánimas del monte comenzarán ahora a levantar sus amarillentos cráneos de entre las malezas que cubren sus fosas...; ¡las ánimas!, cuya sola vista puede helar de horror la sangre del más valiente, tornar sus cabellos blancos o arrebatarle en el torbellino de su fantástica carrera como una hoja que arrastra el viento, sin que se sepa adónde.

Mientras el joven hablaba, una sonrisa imperceptible se dibujó en los labios de Beatriz, que cuando hubo concluido exclamó, con un tono indiferente y mientras atizaba el fuego del hogar, donde saltaba y crujía la leña arrojando chispas de mil colores:

—¡Oh! Eso de ningún modo. ¡Qué locura! ¡Ir ahora al monte por semejante friolera! ¡Una noche tan oscura, noche de Difuntos, y cuajado el camino de lobos!

Al decir esta última frase, la recargó de un modo tan especial, que Alonso no pudo menos de comprender toda su amarga ironía; movido como por un resorte, se puso de pie, se pasó la mano por la frente, como para arrancarse el miedo que estaba en su cabeza, y no en su corazón, y con voz firme exclamó, dirigiéndose a la hermosa, que estaba aún inclinada sobre el hogar entreteniéndose en revolver el fuego:

—¡Adiós Beatriz, adiós! Hasta... pronto.

—¡Alonso, Alonso! -dijo ésta, volviéndose con rapidez; pero cuando quiso, o aparentó querer, detenerle, el joven había desaparecido.

A los pocos minutos se oyó el rumor de un caballo que se alejaba al galope. La hermosa, con una radiante expresión de orgullo satisfecho, que coloreó sus mejillas, prestó atento oído a aquel rumor, que se debilitaba, que se perdía, que se desvaneció por último.

REVISTA VIRTUAL

Las viejas, en tanto, continuaban en sus cuentos de ánimas aparecidas; el aire zumbaba en los vidrios del balcón, y las campanas de la ciudad doblaban a lo lejos.

III

Había pasado una hora, dos, tres; la media roche estaba a punto de sonar, y Beatriz se retiró a su oratorio. Alonso no volvía, no volvía, cuando en menos de una hora pudiera haberlo hecho.

—¡Habrás tenido miedo! —exclamó la joven cerrando su libro de oraciones y encaminándose a su lecho, después de haber intentado inútilmente murmurar algunos de los rezos que la iglesia consagra en el día de Difuntos a los que ya no existen.

Después de haber apagado la lámpara y cruzado las dobles cortinas de seda, se durmió; se durmió con un sueño inquieto, ligero, nervioso.

Las doce sonaron en el reloj del Postigo. Beatriz oyó entre sueños las vibraciones de la campana, lentas, sordas, tristísimas, y entreabrió los ojos. Creía haber oído, a par de ellas, pronunciar su nombre; pero lejos, muy lejos, y por una voz apagada y doliente. El viento gemía en los vidrios de la ventana.

—Será el viento —dijo; y poniéndose la mano sobre el corazón procuró tranquilizarse. Pero su corazón latía cada vez con más violencia. Las puertas de alerce del oratorio habían crujido sobre sus goznes, con un chirrido agudo prolongado y estridente.

Primero unas y luego las otras más cercanas, todas las puertas que daban paso a su habitación iban sonando por su orden; éstas con un ruido sordo y suave; aquéllas con un lamento largo y crispador. Después, silencio; un silencio lleno de rumores extraños, el silencio de la media noche, con un murmullo monótono de agua distante; lejanos ladridos de perros, voces confusas, palabras ininteligibles; ecos de pasos que van y vienen, crujir de ropas que se arrastran, suspiros que se ahogan, respiraciones fatigosas que casi no se sienten, estremecimientos involuntarios que anuncian la presencia de algo que no se ve y cuya aproximación se nota, no obstante, en la oscuridad.

Beatriz, inmóvil, temblorosa, adelantó la cabeza fuera de las cortinillas y escuchó un momento. Oía mil ruidos diversos; se pasaba la mano por la frente, tornaba a escuchar; nada, silencio.

Veía, con esa fosforescencia de la pupila en las crisis nerviosas, como bultos que se movían en todas direcciones; y cuando, dilatándose, las fijaba en un punto, nada; oscuridad, las sombras impenetrables.

—¡Bah! —exclamó, yendo a recostar su hermosa cabeza sobre la almohada, de raso azul, del lecho—. ¿Soy yo tan miedosa como estas pobres

gentes, cuyo corazón palpita de terror bajo una armadura, al oír una conseja de aparecidos?

Y cerrando los ojos intentó dormir...; pero en vano había hecho un esfuerzo sobre sí misma. Pronto volvió a incorporarse, más pálida, más inquieta, más aterrada. Ya no era una ilusión: las colgaduras de brocado de la puerta habían rozado al separarse y unas pisadas lentas sonaban sobre la alfombra; el rumor de aquellas pisadas era sordo, casi imperceptible, pero continuado, y a su compás se oía crujir una cosa como madera o hueso. Y se acercaban, se acercaban, y se movió el reclinatorio que estaba a la orilla de su lecho. Beatriz lanzó un grito agudo, y arrebujándose en la ropa que la cubría escondió la cabeza y contuvo el aliento.

El aire azotaba los vidrios del balcón; el agua de la fuente lejana caía y caía con un rumor eterno y monótono; los ladridos de los perros se dilataban en las ráfagas del aire, y las campanas de la ciudad de Soria, unas cerca, otras distantes, doblaban tristemente por las ánimas de los difuntos.

Así pasó una hora, dos, la noche, un siglo, porque la noche aquella pareció eterna a Beatriz. Al fin despuntó la aurora; vuelta de su temor, entreabrió los ojos a los primeros rayos de la luz. Después de una noche de insomnio y de terrores, ¡es tan hermosa la luz clara y blanca del día! Separó las cortinas de seda del lecho, y ya se disponía a reírse de sus temores pasados cuando de repente un sudor frío cubrió su cuerpo, sus ojos se desencajaron y una palidez mortal decoloró sus mejillas: sobre el reclinatorio había visto, sangrienta y desgarrada, la banda azul que perdiera en el monte, la banda azul que fue a buscar Alonso.

Cuando sus servidores llegaron despavoridos a noticiarle la muerte del primogénito de Alcudiel, que a la mañana había aparecido devorado por los lobos entre las malezas del Monte de las Ánimas, la encontraron inmóvil, crispada, asida con ambas manos a una de las columnas de ébano del lecho, desencajados los ojos, entreabierto la boca, blancos los labios, rígidos los miembros: muerta, ¡muerta de horror!

IV

Dicen que después de acaecido este suceso un cazador extraviado que pasó la noche de difuntos sin poder salir del Monte de las Ánimas y que, al otro día, antes de morir, pudo contar lo que viera, refirió cosas horribles. Entre otras, asegura que vio a los esqueletos de los antiguos Templarios y de los nobles de Soria enterrados en el atrio de la capilla, levantarse al punto de la oración con un estrépito horrible, y caballeros sobre osamentas de corceles perseguir como a una fiera a una mujer hermosa, pálida y desmelenada que, con los pies desnudos y sangrientos y arrojando gritos de horror, daba vueltas alrededor de la tumba de Alonso.

NOSSOS CONTOS

NUESTROS CUENTOS



DOENTE

Ricardo Manzanaro

Alberto achava que tinha uma nova doença para acrescentar à sua coleção: a síndrome de ansiedade depressiva. Estava destroçado. Seu ânimo estava na altura da Fossa das Marianas.

Alberto não aguentava mais. O Destino, Deus ou algum alinhamento estelar o haviam condenado a uma vida de tortura. Ele terminaria mais cedo a contagem dos órgãos de seu corpo que ainda funcionavam adequadamente do que se o fizesse com as vísceras que sofriam de alguma patologia. Sua vida era uma sucessão infinita de desconfortos.

Naquele instante, estava à frente de seu médico de família, a quem tratava como se fosse um parente. O rosto e o tom de voz de Alberto são o exemplo mais diáfano de desespero e cansaço. Ele não cessava de pronunciar a frase "não aguento mais". Por isso, naquele

momento, pedia ao médico visitante para ser encaminhado a um psiquiatra.

Mas, quando o médico começou a falar, o conteúdo de suas palavras tomou um rumo muito diferente, causando uma grande surpresa em Alberto. Revelou ao paciente que havia uma nova solução para todos os seus problemas.

Oito meses depois, Alberto saía da sala de cirurgia totalmente renovado e com a convicção de que nunca mais teria nenhum problema médico ou biológico. Seu cérebro havia sido transferido para um corpo de robô de última geração.

Tão feliz ficou Alberto que não se deu conta um detalhe: havia duas porcas na região lombar que não se encaixavam muito bem.

Tradução de Paulo Soriano.

REVISTA VIRTUAL

ENFERMO

Ricardo Manzanaro

Alberto pensó que ya tenía una nueva enfermedad que añadir a su colección: síndrome ansioso depresivo. Estaba destrozado. Su ánimo estaba a la altura de la fosa de las Marianas.

Alberto no podía más. El Destino, Dios o alguna alineación estelar le había condenado a una vida de tortura. Terminaba antes si enumeraba los órganos de su cuerpo que aún funcionaban adecuadamente que si lo hacía con los que se encontraban aquejados de alguna patología. Su vida era una infinita sucesión de malestares.

En aquel momento, estaba frente a su médico de cabecera, al que yo le trataba como si fuese algún pariente. El rostro y el tono de voz de Alberto es la del más diáfano ejemplo de desesperación y hartazgo. No cesaba de pronunciar la frase "no puedo más". Por eso, en aquel momento, le estaba pidiendo al facultativo volante para algún psiquiatra.

Pero cuando el médico comenzó a hablar, el contenido de sus palabras resultó ser muy diferente, causándole una enorme sorpresa a Alberto. Le reveló que había una nueva solución para todos sus problemas.

8 meses después, Alberto salía del quirófano totalmente renovado, y con la convicción de que nunca más iba a tener problema médico o biológico alguno. Le

habían transferido su cerebro a un cuerpo de robot de última generación.

Tan feliz estaba Alberto que no se dio cuenta de un detalle: había dos tuercas en la zona lumbar que ajustaban mal.



REVISTA VIRTUAL

INFERNO

Ricardo Manzanaro

Um segundo após a sua morte, Roberto levou um terrível choque ao descobrir onde fora parar. Um calor insuportável atacou a sua fisiologia, enquanto línguas de fogo enchiam o espaço visual e gritos horríveis o ambiente sonoro. Ele estava no Inferno.

Então viu vários indivíduos estranhos sobre um pedestal. Torturavam impietosamente uma outra entidade, que se contorcia de dor e emitia gritos horripilantes.

Após alguns minutos de queima, esfaqueamento e espancamento daquele pobre ser, Roberto ficou chocado ao descobrir o que estava acontecendo. Era um grupo de seres humanos torturando um demônio. Eles tinham dominado Satanás e todos os demônios infernais. Eram muito piores e mais sádicos do que aqueles.

Tradução de Paulo Soriano.

INFERNO

Ricardo Manzanaro

Un segundo después de morir, Roberto se llevó un susto terrible cuando descubrió a dónde había ido a parar. Un calor insoportable atacó a su fisiología, mientras llamas de fuego llenaban el espacio visual y horribles gritos el sonoro. Estaba en el Infierno.

Y entonces vio a varios extraños individuos sobre un pedestal. Torturaban sin piedad a otro, que se retorció de dolor y emitía unos

chillidos espeluznantes. Tras unos minutos quemando, apuñalando y apaleando al infortunado ser, Roberto sufrió una enorme impresión al descubrir que pasaba. Eran un grupo de humanos torturando a un demonio. Habían dominado a Satanás y todos los diablos. Eran mucho peores y más sádicos.

DIÁRIO SECRETO DE HITLER — O PROJETO GREGOR SAMSA (1.434 PALAVRAS)

Marcelo Medone

Nota do editor:

Este é um extrato do diário pessoal de Hitler que foi encontrado em um porão de seu *Berghof* ou casa de repouso na montanha em Obersalzberg, nos Alpes da Baviera. O Projeto Gregor Samsa foi seu plano frustrado de fabricar a máquina perfeita para eliminar judeus e, ao mesmo tempo, conquistar o mundo.

Outubro de 1907

Fui rejeitado na Academia de Belas Artes. Talvez eles pensem que sou muito jovem, com 18 anos, para me dedicar à pintura em tempo integral. Odeio Viena e os vienenses. Ainda tentarei entrar pela porta grande. Passei momentos um pouco melhores em Linz, mas a Áustria está condenada: está cheia de judeus. Sonho com uma Pangermânia livre dessa escória aberrante.

Dezembro de 1912

Conheci um escritor novo, mas já famoso, chamado Franz Kafka. Ele é de Praga e fala e escreve em alemão. Sentamo-nos para tomar um drinque em um café em sua cidade. Ele tem ideias muito interessantes sobre o destino da Alemanha e da Europa. Concordamos em muitas coisas. Ele me deu uma cópia autografada de seu livro ainda não publicado *A Transformação (Die Verwandlung)*, no qual ele fala sobre um Novo Homem, um Homem Transformado, chamado Gregor Samsa. Falei a ele sobre minhas ideias políticas, sobre o inevitável ressurgimento da Alemanha, e concordamos. Terminamos com um brinde ao nosso querido filósofo Friedrich Nietzsche e seu *Super-Homem* ou *Übermensch*, tão próximo de nossos ideais.

Janeiro de 1913

Eu me despedi de Franz, mas prometemos manter contato, escrevendo um para o outro. Fiquei impressionado com sua descrição de sua

criatura transformada como um *Ungeziefer*, um inseto rastejante, um verme, um ser desprezível. Uma definição perfeita para um judeu.

Maio de 1913

Tive de me mudar para Munique para evitar ser preso em Viena. Os estúpidos austríacos queriam me recrutar para o serviço militar.

Felizmente, as coisas estão muito boas para mim aqui, vendendo minhas aquarelas. Ao contrário da Áustria, minha arte sublime é apreciada na Alemanha.

Meu amigo Franz Kafka está começando a ser apreciado como escritor, o que me deixa muito feliz. Por outro lado, ele me diz em suas cartas que tem problemas com a saúde e com as mulheres. Eu lhe dei alguns conselhos sobre isso.

Julho de 1914

A *Weltkrieg* - a *Guerra Mundial* - estourou. Vou me alistar para lutar pela minha pátria. Seremos os senhores da Europa e do mundo! *Deutschland, Deutschland über alles: Alemanha, Alemanha acima de tudo!*

Outubro de 1915

O romance de Franz, *A Transformação*, foi finalmente publicado. Mal posso esperar para que nossos ideais comuns se tornem realidade.

Outubro de 1918

Fui lesado por um ataque de gás mostarda na Bélgica, que me deixou parcialmente cego, mas os médicos dizem que logo me recuperarei. Acredito que os gases têm um grande futuro como arma de guerra: comecei a estudar o assunto.

Novembro de 1918

Tivemos que assinar um armistício e aceitar a vitória dos Aliados. Se os malditos ianques não tivessem entrado na guerra, o resultado teria sido diferente.

REVISTA VIRTUAL

Setembro de 1919

Eu me filiei ao Partido dos Trabalhadores Alemães. É o que há de mais próximo de minhas ideias.

Fevereiro de 1920

Assumi as rédeas do Partido dos Trabalhadores Alemães. Ele agora se chamará *Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães*. Todos nos chamam de *nazistas*. Gosto desse nome.

Novembro de 1921

Criei tropas paralelas à polícia e ao exército alemães, a *Sturmabteilung* ou *Secções de Assalto*, minha SA. Elas são chamadas de "*camisas-pardas*", seguindo o modelo das *camisas-negras* do meu amigo italiano Mussolini. Agora tenho os meios práticos para exercer o poder do meu partido.

Abril de 1924

Fui levado a julgamento e condenado por lutar pela verdadeira Alemanha, o povo ariano. Os traidores da pátria não gostaram do meu discurso na cervejaria *Bürgerbräukeller*, em Munique. Muito menos de minha tentativa de tomar o poder, meu *Putsch*. Estou acompanhado na prisão por meu amigo e camarada Rudolf Hess, que é totalmente solidário com minha visão gloriosa.

Agora que tenho tempo, colocarei minhas ideias em um livro que reflita minha batalha por minhas convicções. Rudolf está ainda mais entusiasmado com isso do que eu: ele me diz que será a Bíblia do nosso movimento.

Dezembro de 1924

Finalmente fui libertado da prisão após oito meses. Pude terminar de escrever meu livro, minha obra-prima: *Mein Kampf* (*Minha Luta*). Infelizmente, acabo de saber da morte de meu querido amigo Kafka. Prometo que seu Gregor Samsa não ficará apenas no papel.

Abril de 1925

Criei o *Schutzstaffel* ou *Tropa de Proteção*: a SS. Não haverá mais resistência ao nazismo na Alemanha.

Agosto de 1934

Finalmente, o imbecil Hindenburg morreu e deixou o caminho livre para que eu tomasse o poder total no país. Eu me proclamei *Führer und Reichskanzler* (*Líder Imperial e Chanceler*). Pus fim à República de Weimar e fundei o Terceiro Reich. Criei a maior potência militar da história e colocarei o mundo a meus pés.

Maio de 1937

Graças ao meu amigo Ferdinand Porsche, realizei o sonho do carro do povo alemão: o *Volkswagen*.

Além disso, em breve terei as melhores armas, graças a um engenheiro que contratei, chamado Werhner von Braun. Ele me disse que pode construir um foguete para bombardear Londres a partir da Alemanha. E, no futuro, alcançar o espaço sideral, a lua e outros planetas. O Terceiro Reich não será apenas mundial, mas universal!

Se meus cálculos estiverem corretos, em breve terei o maior exército já conhecido, inspirado por meu velho amigo Kafka. Estamos trabalhando nele com os mais eminentes cientistas arianos. Fabricaremos milhões de Homens Transformados, para a glória da Alemanha. Eu o batizei de *Projeto Gregor Samsa*. Mal posso esperar para ver os resultados desse empreendimento.

Julho de 1937

Meus cientistas me disseram que meu projeto do Exército de Homens Transformados está mais atrasado do que eles previram. Eles me disseram que não é tão fácil combinar a genética de um judeu com a de um inseto para transformá-lo no soldado perfeito. Eu lhes disse que os vermes são, por definição, compatíveis uns com os outros e que não é necessário muito intelecto para seguir ordens. Mas eles continuam se opondo a mim. Já executei vários dos insurgentes e os substituí por cientistas leais. Coloquei um grande médico chamado Josef Mengele no comando. Tenho total confiança em sua capacidade.

Novembro de 1937

Mengele conseguiu em tempo recorde o impossível: o primeiro lote de combatentes híbridos mutantes a serviço do Terceiro Reich. Começamos os testes de comportamento e desempenho dentro do laboratório.

REVISTA VIRTUAL

Fevereiro de 1938

Além dos testes de laboratório, realizamos testes de campo com nossos *Ungeziefer*. Descobrimos que a poluição e as ondas eletromagnéticas não os afetam. A radioatividade do plutônio ou do urânio também não. Além disso, eles suportam muito bem o sofrimento físico e a punição metódica. O único problema é que eles não suportam muito bem a neve e o frio. Não poderemos usá-los durante o inverno.

Com Josef, interrompemos temporariamente o Projeto Gregor Samsa. Ainda não consigo me conformar em descartar a ideia do meu grande exército de milhões de homens-insetos gigantes invadindo todos os cantos da Europa e do mundo. Uma maré imparável a serviço da glória da Alemanha.

Março de 1938

Invadi a Áustria com tropas convencionais, compostas por meus melhores soldados arianos. Consegui o tão sonhado *Anschluss*: sua unificação com o território germânico, como era seu destino histórico. Finalmente, me vinguei dos tolos austríacos, que me desprezaram como artista!

Agora sou o mestre de Viena. Gostaria que Franz pudesse testemunhar esse momento.

Novembro de 1938

Descobrimos aqui na Alemanha a chamada fissão nuclear, que nos dará a possibilidade de fabricar a arma mais letal da história: a bomba atômica. Essa bomba gerará mais energia destrutiva do que qualquer outra, com a vantagem de sua radioatividade letal para humanos comuns, mas não para nossos soldados mutantes.

Também fizemos progressos no estudo e na produção de *schweres Wasser* ou água pesada, que, segundo me disseram, é essencial para a fabricação de nossa bomba. Estou de olho na Noruega para aumentar a escala de produção dessa substância. Teremos que invadir esse país em algum momento.

Agosto de 1939

Meus comandantes me dizem que suas tropas estão ansiosas para entrar em batalha. Tenho total confiança no exército alemão, o melhor que já existiu.

Amanhã invadirei a Polônia, como fiz com a Áustria. Os ingleses e os franceses têm medo de me enfrentar. Em breve, lidarei com eles.

Agora que o calor voltou, ordenei a Mengele que preparasse meus soldados mutantes para a próxima etapa: a dominação de toda a Europa e, depois, do mundo. Dedicarei minha vitória à memória de meu velho amigo Franz Kafka.



DIARIO SECRETO DE HITLER — EL PROYECTO GREGOR SAMSA (1.484 PALABRAS)

Marcelo Medone

Nota del editor:

Este es un extracto del diario personal de Hitler que fue encontrado en un sótano de su *Berghof* o casa de descanso en la montaña en Obersalzberg, en los Alpes Bávaros. El Proyecto Gregor Samsa fue su frustrado plan para fabricar la máquina perfecta para eliminar judíos y a la vez conquistar el mundo.

Octubre de 1907

Me rechazaron en la Academia de Bellas Artes. Quizás creerán que soy muy joven a mis 18 años para dedicarme tiempo completo a la pintura. Odio a Viena y a los vieneses. Igual seguiré intentando ingresar por la puerta grande. En Linz la pasé un poco mejor, pero Austria está condenada: está llena de judíos. Sueño con una Pangermania libre de esa escoria aberrante.

Diciembre de 1912

Me encontré con un escritor novel pero ya famoso, llamado Franz Kafka. Es de Praga y habla y escribe en alemán. Nos sentamos a tomar algo en un café de su ciudad. Tiene ideas muy interesantes acerca del destino de Alemania y de Europa. Coincidimos en muchas cosas. Me regaló autografiada una copia de su libro aún no publicado *La transformación* (*Die Verwandlung*), en la que habla de un Hombre Nuevo, un Transformado, llamado Gregor Samsa. Le conté de mis ideas políticas, acerca del resurgimiento inevitable de Alemania y estuvimos de acuerdo. Terminamos brindando a la salud de nuestro amado filósofo Friedrich Nietzsche y de su *Superhombre* o *Übermensch*, tan afín a nuestros ideales.

Enero de 1913

Me despedí de Franz, pero prometimos seguir en contacto, escribiéndonos. Me impresionó su descripción de su criatura transformada como un *Ungeziefer*, un insecto

rastrero, un gusano, un ser despreciable. Una definición perfecta para un judío.

Mayo de 1913

Me tuve que mudar a Munich, para evitar que me arrestaran en Viena. Los estúpidos austríacos pretendían reclutarme para realizar el servicio militar.

Por suerte, me va bastante bien aquí vendiendo mis acuarelas. Al contrario de en Austria, en Alemania sí valoran mi sublime arte.

Mi amigo Franz Kafka está empezando a ser valorado como escritor, cosa que me alegra mucho. Por otra parte, me cuenta en sus cartas que tiene problemas de salud y con las mujeres. Le he dado varios consejos al respecto.

Julio de 1914

Estalló la *Weltkrieg*: la *Guerra Mundial*. Me enlistaré para luchar por mi patria. ¡Seremos los amos de Europa y del mundo! ¡*Deutschland, Deutschland über alles: Alemania, Alemania por encima de todo!*

Octubre de 1915

Finalmente le han publicado su novela *La Transformación* a Franz. No veo la hora de que nuestros ideales comunes se hagan realidad.

Octubre de 1918

He resultado lesionado por un ataque con gas mostaza en Bélgica, que me ha dejado parcialmente ciego, pero los médicos me dicen que pronto me voy a recuperar. Creo que los gases tienen un gran futuro como arma de guerra: he empezado a estudiar el tema.

Noviembre de 1918

Hemos tenido que firmar un armisticio y aceptar la victoria de los Aliados. Si los malditos yanquis no hubieran ingresado a la guerra, otro habría sido el resultado.

Septiembre de 1919

REVISTA VIRTUAL

Me he afiliado al Partido Obrero Alemán. Es lo más parecido a mis ideas que se encuentra disponible.

Febrero de 1920

He tomado las riendas del Partido Obrero Alemán. Ahora se llamará *Partido Nacional Socialista Obrero Alemán*. Todos nos llaman los *nazis*. Me gusta ese apodo.

Noviembre de 1921

He creado unas tropas paralelas a las de la Policía y el Ejército alemanes, las *Sturmabteilung* o la *Sección de Asalto*, mis SA. Las llaman "las Camisas Pardas", siguiendo el modelo de las *Camisas Negras* de mi amigo italiano Mussolini. Ahora tengo los medios prácticos para manejar el poder desde mi partido.

Abril de 1924

Fui llevado a juicio y condenado por luchar a favor de la verdadera Alemania, la del pueblo ario. A los traidores a la patria no les ha gustado mi discurso en la cervecería *Bürgerbräukeller* de Munich. Y, menos, mi intento de tomar el poder, mi *Putsch*. Me acompaña en la prisión mi amigo y camarada Rudolf Hess, que está totalmente compenetrado con mi gloriosa visión.

Ahora que tengo tiempo, plasmaré mis ideas en un libro que refleje mi batalla por mis convicciones. Rudolf está incluso más entusiasmado que yo con ello: me dice que va a ser la *Biblia* de nuestro movimiento.

Diciembre de 1924

Por fin me liberaron de la cárcel, luego de ocho meses. Pude terminar de escribir mi libro, mi obra maestra: *Mein Kampf* (*Mi lucha*). Lamentablemente, me acabo de enterar de la muerte de mi querido amigo Kafka. Prometo que su Gregor Samsa no quedará solo en papel.

Abril de 1925

He creado las *Schutzstaffel* o *Escuadras de Protección*: las SS. Ya no habrá resistencias al nazismo dentro de Alemania.

Agosto de 1934

Por fin se murió el imbécil de Hindenburg y me dejó el camino libre para tomar el poder total del país. Me proclamé *Führer und*

Reichskanzler (*Líder y Canciller Imperial*). Terminé con la República de Weimar y fundé el Tercer Reich. Crearé el poder militar más grande de la Historia y pondré al mundo a mis pies.

Mayo de 1937

Gracias a mi amigo Ferdinand Porsche, he hecho realidad el sueño del Auto del Pueblo Alemán: el *Volkswagen*.

Además, pronto tendré las mejores armas, gracias a un ingeniero que contraté, llamado Werhner von Braun. Me dice que puede fabricar un cohete para poner bombas en Londres desde Alemania. Y en un futuro, llegar al espacio exterior, a la luna y a otros planetas. ¡El Tercer Reich será no solo mundial sino Universal!

Si mis cálculos son correctos, en poco tiempo dispondré del mejor ejército jamás conocido, inspirado por mi viejo amigo Kafka. Estamos trabajando en ello con los más eminentes científicos arios. Fabricaremos millones de Hombres Transformados, para la gloria de Alemania. Le he puesto de nombre: *Proyecto Gregor Samsa*. No veo la hora de ver los resultados de esta empresa.

Julio de 1937

Mis científicos me dicen que el proyecto de mi ejército de Hombres Transformados está más atrasado de lo que preveían. Me dicen que no es tan fácil combinar la genética de un judío con la de un insecto para transformarlo en el soldado perfecto. Les dije que las alimañas son por definición compatibles entre sí y que no se requiere demasiado intelecto para seguir órdenes. Pero ellos me siguen poniendo objeciones. Ya ejecuté a varios de los insurrectos y los reemplacé por científicos leales. Lo puse al frente a un gran médico, llamado Josef Mengele. Confío plenamente en su capacidad.

Noviembre de 1937

Mengele ha logrado en tiempo récord lo imposible: el primer lote de combatientes híbridos mutantes al servicio del Tercer Reich. Comenzamos con las pruebas de comportamiento y rendimiento dentro del laboratorio.

Febrero de 1938

Además de las pruebas de laboratorio, hicimos pruebas de campo con nuestros

REVISTA VIRTUAL

Ungeziefer. Hemos comprobado que la contaminación y las ondas electromagnéticas no los afectan. Tampoco la radiactividad del plutonio o del uranio. Además, soportan muy bien el sufrimiento corporal y el castigo metódico. El único problema es que no resisten muy bien la nieve y el frío. No podremos utilizarlos durante el invierno.

Con Josef hemos detenido provisoriamente el Proyecto Gregor Samsa. Todavía no me resigno a descartar la idea de mi gran ejército de millones de hombres-insecto gigantes invadiendo cada rincón de Europa y del mundo. Una marea imparable al servicio de la gloria de Alemania.

Marzo de 1938

He invadido Austria con tropas convencionales, compuestas por mis mejores soldados arios. He concretado mi ansiada *Anschluss*: su unificación al territorio germano, como era su destino histórico. ¡Por fin me he vengado de los tontos austríacos, que me han despreciado como artista!

Ahora soy el amo de Viena. Me gustaría que Franz pudiera ser testigo de este momento.

Noviembre de 1938

Hemos descubierto aquí en Alemania algo llamado *fisión nuclear*, que nos va a dar la posibilidad de fabricar el arma más letal de la

Historia: la *Bomba Atómica*. Esta bomba generará más energía destructiva que ninguna otra, con la ventaja de su radiactividad letal para los humanos comunes, pero no para nuestros soldados mutantes.

También hemos avanzado en el estudio y la producción de *schweres Wasser* o *agua pesada*, que me explican que es fundamental para la fabricación de nuestra bomba. He puesto la mira en Noruega para aumentar la escala de producción de esta sustancia. Tendremos que invadir ese país en algún momento.

Agosto de 1939

Mis comandantes me dicen que sus tropas están deseosas de entrar en combate. Tengo fe plena en el ejército alemán, el mejor que ha existido.

Mañana invadiré Polonia, tal como hice con Austria. Los ingleses y los franceses tienen miedo de enfrentarme. Pronto me ocuparé de ellos.

Ahora que ha regresado el calor, le he ordenado a Mengele que apronte a mis soldados mutantes para la próxima etapa: el dominio de toda Europa y, luego, del mundo. Dedicaré mi victoria a la memoria de mi viejo amigo Franz Kafka.

Traducción de Marcelo Medone.

AS MÚMIAS DE GUANAJUATO

Alexandre Brea

Guanajuato é uma pequena cidade assentada num vale do centro do México. Quando se chega a ela, a primeira coisa que chama a atenção é a distribuição das casas, uma massa branca salpicada de vivas cores, que trepa pelas colinas como aferrando-se à terra. O seu nome descende da língua purépecha e quer dizer *Lugar cheio de rãs*, embora eu não tenha visto nenhuma quando estive lá.

Não vou contar aqui que insólitos motivos me levaram até às suas ruas, só que um bom dia me encontrei caminhando entre aquelas casas pintadas de cores que deixavam os tijolos ao descoberto aqui e lá, como feridas abertas. E, ainda que só fiquei uma noite a dormir, a cidade deixou uma funda pegada em mim. Como um arrepio abissal e sem explicação que me visita nas poucas vezes que acordo no meio da noite.

Sim, estou certo de que isso começou justamente depois daquela viagem.

A história começa assim. Estava eu deitado na cama do quarto do meu hotel, derrotado pelo calor. A equipagem, ainda sem desfazer, aguardava em formação diante da porta como uma fronteira que me separava do resto do mundo. Sem dar-me conta, caí num profundo sono do que só acordei horas mais tarde com uma fome selvagem e dezenas de mensagens no telemóvel às quais respondi brevemente dizendo que tudo estava bem. Eram quase 17h.

Esmagado ainda pelo calor, abri o navegador do telemóvel para procurar o que ver em Guanajuato e achei no último lugar da lista uma escura surpresa.

Como que museu de múmias? — pensei para mim. Mas não se tratava de nenhum erro ou eufemismo. Aparentemente naquele museu estavam expostos centos de múmias reais, incluindo bebés mumificados e pessoas enterradas vivas. Pelo que dizia a descrição do museu, nos cemitérios municipais do México é preciso um pagamento para manter a sepultura e, se este se interrompe, o cadáver é exumado para liberar o sepulcro. Foi assim como acharam as primeiras múmias, a finais do século XIX. Ao parecer, algumas propriedades químicas da terra tinham mumificado naturalmente os corpos das pessoas enterradas.

O meu interesse por aquela cidade começava a crescer aos poucos, mas o primeiro era o primeiro. Mudei de roupa e baixei à rua, procurando um lugar onde comer algo.

Ao atravessar a porta do hotel fiquei cegado brevemente pelo Sol, ainda alto. Uma

moto atravessou a rua, passando perigosamente perto de mim e contribuindo à minha desorientação. Decidi girar à direita por puro instinto. O meu coração começava a acalmar-se e os meus olhos barriam as ruas à procura dum restaurante, mas detiveram-se numa anciã, que bloqueava a porta da sua casa, sentada numa cadeira de rodas. Vestia com tecidos de cores que cobriam o seu corpo dos pés à cabeça e me devolvia um olhar intenso e brilhante. Pensei em uma vela a brilhar no fundo de uma profunda cova.

À medida que me aproximava a ela, o resto do mundo começou a perder definição. Senti que havia algo hipnótico na sua extensa figura. Tarde demais, reparei num brilho malicioso nos seus olhos. Três cães furiosos começaram a ladrar ao unísono do telhado, só um metro por em cima da minha cabeça, provocando-me tal sobressalto que o meu coração parecia deformar-se como um chicle sendo mascado. Ela estalou em uma ruidosa gargalhada que parecia não rematar nunca. Quando me recuperei um pouco, devolvi um meio sorriso, como tentando fazer-me partícipe da sua diversão, mas ela continuou a rir e dos seus olhos brotaram densas lágrimas. Afastei-me de ali, entre os ladridos dos cães, mas aquele riso maligno seguiu ressoando ao longe até que deixei atrás várias ruas com nomes adequadamente sombrios.

Finalmente, cheguei a uma pequena zona comercial com um ponto de táxi e um restaurante bastante grande que mesmamente dispunha de um estacionamento próprio. Entrei e pedi uma cola e uma torta de *carnitas* para acalmar a fome.

Sentado naquela mesa de madeira, repleta de nomes de parelhas talhados inscritos em corações e promessas de amor eterno, consegui finalmente recuperar a calma. No fundo do bar havia um homem bêbado cantando tristes canções mexicanas e eu não consegui evitar pensar no passado. Perguntei-me quantos casais, que escreveram os seus nomes naquela mesa, continuariam juntos, quantos ainda se amariam. Por um momento, todas as dores da minha vida desfilaram por diante dos meus olhos, mas só lograram espertar em mim uma doce nostalgia. Estava demasiadamente longe de casa como para que certos pensamentos me alcançassem. Assim simplesmente comi em silêncio, escutando o homem cantar desgarrado:

REVISTA VIRTUAL

*“me están sirviendo ahorita mi tequila,
ya va mi pensamiento rumbo a ti”.*

Quando rematei a torta, peguei no meu telefone, tirei uma foto do homem que cantava e depois procurei como chegar até ao museu de múmias. Para a minha surpresa vi que estava a só 100 metros e que encerrava às 18 horas. Que cedo! — pensei. Mas como eram já 17:30h, paguei a comida e voltei às ruas.

Fora, a temperatura começava a ser mais agradável e o Sol fazia brilhar em dourado os remoinhos de pó que se formavam aqui e acolá. Antes de dar-me conta estava já às portas do museu, que de fora lembrava um mercado coberto pela sua forma alongada. Comprei o ticket e entrei.

Em contraste com a luz que inundava o exterior, o museu era bastante escuro. Suponho que era o adequado para aquele espetáculo que se

alçava diante de mim. A cada lado, dezenas de múmias, erguidas em formação, vigilavam os meus passos.

Era o único visitante, à falta de apenas vinte minutos para que o museu encerrasse. E ali, sozinho, rodeado de cadáveres, senti que estava a profanar algo, mas não era capaz de identificar exatamente o quê. Tal vez fosse pela expressão no rosto das múmias, muitas com a boca muito aberta, tão própria das pessoas quando se vão embora. Algo que eu sabia por experiência.

Um daqueles corpos estava ainda vestido e uma barba cinzenta crescia no rosto. Por algum motivo lembrou-me a mim próprio. Eu não seria muito diferente se me enterrassem em Guanajuato ao morrer...

À medida que avançava pelas salas, repletas de cadáveres até o ponto da despersonalização, comecei a reparar em que certas múmias apresentavam posturas muito agitadas e antinaturais. Os cartazes informativos, que acompanhavam aqueles exemplares, indicavam que estas pessoas foram enterradas vivas e acordaram depois, no que eu imaginava como o pior destino possível para uma pessoa. A enorme quantidade fez-me considerar como de habitual seria isto em realidade.

Também percorri uma sala chamada *Angelitos*, dedicada a crianças e bebês. Estes últimos apareciam ainda vestidos com roupas de recém-nascido azuis e rosadas. Fiquei uns minutos a olhar aqueles corpos que morreram antes de saber nada deste mundo. O parecido

daqueles cadáveres com um boneco causava autêntico pavor.

Como já faltava pouco tempo para a hora de encerramento, e como não queria ficar encerrado com as múmias toda a noite por nada do mundo, atravessei rapidamente algumas salas onde se mostravam os corpos mumificados de pessoas que morreram em acidentes ou onde se davam explicações de algumas investigações sobre os corpos.

Mas, quando cheguei a uma das últimas salas, fiquei paralisado. No centro erguia-se uma mulher, carregando um diminuto bebê nos braços. O pior era que aquela criatura nem sequer tinha nascido, já que a mãe morrera durante a gravidez. Diante de mim tinha a múmia mais pequena do mundo. Mas o que mais me impactou foi a composição dos dois corpos, com uma semelhança inegável às figuras religiosas que mostram a virgem Maria com o menino Jesus nos braços. Naquele momento, refleti sobre algum significado profundo da relação simbólica daquela semelhança, mas não me sinto capaz de reproduzir aqui com palavras os meus pensamentos.

Já na última sala, estava eu aproveitando os meus últimos minutos de visita pra ler a informação sobre a evolução histórica do museu quando escutei uma voz às minhas costas. O meu coração, exausto após todos os sobressaltos daquele dia, nem sequer se agitou, provavelmente pelo contido tono daquela voz.

— Senhor, lamento imensamente, mas penso que já é a hora de fechar.

Virei-me e vi um homem muito alto e demasiado velho como para estar em idade de trabalhar. A sua pele pregava-se sobre si mesma em infinitas rugas, dando uma sensação de velhez muito maior do que a de nenhuma das múmias.

— Com certeza — respondi.

Abandonei a última sala e, de volta na rua, respirei fundo enchendo-me os pulmões daquele ar quente que me fazia sentir imensamente vivo depois do que tinha visto. O ancião saiu detrás de mim e fechou com uma cadeia a porta. Logo voltou a olhada para mim e sorriu.

— Imagino que não gostaria de ficar fechado aí dentro.

— Claro que não! — respondi. — Ademais, já foi bastante ser o único visitante e ter de percorrer o museu sozinho.

— Sim, não é muito recomendável fazer sozinho a visita. Em uma ocasião, uma dessas visitas acabou com uma história bastante desagradável.

REVISTA VIRTUAL

Algo se acendeu em mim, como um alarme que me dizia a gritos que estava às portas de uma boa história.

— Que aconteceu? — perguntei.

E isto foi o que me contou:

— Há bastantes anos nasceu muito perto de aqui uma menina chamada Juana. Ela acostumava brincar nesta mesma praça. No entanto, naquela altura o museu era muito diferente. As múmias não estavam naquela altura protegidas dentro de uma vitrina, qualquer pessoa podia tocá-las e a visita era muito mais assustadora. De facto, o que lhe estou a contar foi um dos motivos principais para que se decidisse finalmente fechar as múmias nas vitrinas.

» Um dia estava aquela Juana a brincar cos seus amigos diante do museu. Alguns dos meninos começaram a espreitar do umbral da porta e viram as múmias, ficando muito impressionados. Então chamaram o resto das crianças para que vissem aquilo, e Juana foi a única que se negou. Provavelmente tinha ouvido em casa o que havia lá dentro e lhe teriam proibido entrar. Mas você já sabe como são os meninos. Agarraram Juana dos braços e empurraram-na para dentro, com tão má sorte que tropeçou com uma das múmias. Caiu ela ao chão e a múmia detrás, acabando acima dela. Juana fugiu gritando de nojo e medo e não saiu da sua casa em três dias.

Neste ponto eu senti certa decepção ao pensar que a explicação rematava aí, que esse tinha sido o motivo que levava a colocar as vitrinas. Mas a história só começara...

» Isto aconteceu muito antes de que conhecesse Juana, sendo eu um menino e ela já quase uma anciã. Mas esta era a história que contavam os velhos para nos explicar por que sempre cruzava pela parte oposta da rua, persignando-se, quando se aproximava ao museu das múmias.

» No entanto, suponho que a Juana não queria morrer sem demonstrar-se a si mesma que tinha o valor para entrar. Então, no dia do seu aniversário, decidiu ir ao museu à última hora, como você. Tampouco havia ninguém mais a fazer a visita aquele dia.

» Juana entrou na escuridão da primeira sala. O que se encontrou era bastante diferente ao que se pode ver nos dias de hoje. As múmias estavam de pé, sem nenhuma separação com ela, aos dois lados do longo corredor. Com toda a valentia que conseguiu reunir, Juana começou a caminhar entre elas, enfrentando-se ao seu maior temor. Mas quando deu uns quantos passos e se viu completamente rodeada de múmias, e reconheceu o nome de algumas delas, sentiu um arrepio que congelou a sua coluna. Ademais, parecia fazer muito frio lá dentro. Então, Juana tirou o pano da sua cabeça e se envolveu com ele para tentar acalmar os calafrios.

» Uma angustiante sensação de antecipação se apoderou dela. Sentiu que algo de terrível ia suceder. Estava completamente sozinha e todas as múmias pareciam olhar para ela sorrindo. Foi então que, justamente ao passar ao lado de uma múmia com uma horrível expressão de dor no rosto, sentiu um forte tirão de trás. Em todo a praça ressoou um grito autenticamente assustador, e essa foi a última vez que alguém ouviu a voz de Juana. Acharam-na morta, de um ataque ao coração. O pano com o que se envolvera enredara-se na mão de uma das múmias ao passar ao seu lado e o seu velho coração não resistiu a impressão.

» O medo pode ser o teu pior inimigo, sentenciava a gente quando contava esta história. Mas o pior ainda estava por chegar. Poucos anos depois, Juana foi desenterrada. Ninguém estava a pagar a sua sepultura pelo que contam. Assim, Juana foi levada ao museu de múmias e desde então permanece dentro, atrapada no seu pior pesadelo. Quando penso nisto, sempre me parece que aquela múmia a agarrou realmente e a arrastou com ela, que a continua a agarrar. Não penso que exista um ensinamento que se possa tirar do que aconteceu. Só podemos apiedar-nos do seu destino.»

Durante uns segundos guardei silêncio. Aquela narração tinha sido ouro puro para um caçador de histórias como eu, mas era forte demais para a considerar simplesmente algo que escrever. Perguntei alguns detalhes mais ao homem e ele respondeu amavelmente a tudo. Mas o Sol começava a decair e eu despedi-me com intenção de voltar ao meu hotel.

O ancião perguntou-me onde me alojava. Duvidei uns segundos, mas respondi-lhe a verdade. Amavelmente, o homem ofereceu-se a acompanhar-me.

— Não é um lugar perigoso, mas um nunca sabe... Ademais, vivo de caminho.

Eu agradei a sua companhia. Depois daquele dia de sobressaltos e histórias de múmias, queria voltar à calma do meu hotel.

Enquanto caminhávamos, mergulhamos em uma interessante conversa sobre Guanajuato e as nossas vidas. Só voltei ao mundo quando nos estávamos aproximando à casa da senhora em cadeira de rodas e os cães. Respirei aliviado ao ver que já não estava a senhora na porta. Mas o meu alívio durou pouco. Alarmado, reparei em que o homem diminuía a marcha conforme chegávamos à casa da senhora, até deter-se completamente diante da porta.

— Receio que chegamos já à minha casa. Terá de continuar até o hotel sozinho, mas está muito perto e não terá problema para chegar. E já sabe, sempre que venha a Guanajuato tem você aqui a sua casa.

REVISTA VIRTUAL

O homem assinalou para a porta aberta com o braço estendido. Aquela parecia a entrada a uma caverna, só se via uma escuridão densa de fora. Senti um intenso arrepio. Tentando atuar com normalidade, agradei ao homem por me acompanhar, despedi-me com um sorriso, e caminhei sem mirar para atrás nem uma vez até fechar a porta do quarto do hotel detrás de mim.

Pouco mais. Aquela noite despertou-me um pesadelo confuso, do qual só lembro cães ladrando e ensinando os dentes e múmias tentando agarrar-me com as mãos estendidas,

tudo acompanhado do riso infinito da mulher da cadeira de rodas.

Tempo depois, já de volta à Galiza, tentei recopilar mais informação sobre a morte de Juana. Mas por muito que procurei na rede não achei nada, nem uma referência. E ainda a dia de hoje não sei se é certa.

Então, provavelmente, o melhor seja esquecer esta história.

LAS MOMIAS DE GUANAJUATO

Alexandre Brea

Guanajuato es una pequeña ciudad asentada en un valle del centro de México. Al llegar a ella, la primera cosa que llama la atención es la distribución de las casas, una masa blanca salpicada de vivos colores, que trepa por las colinas como aferrándose a la tierra. Su nombre descende de la lengua *purépecha* y quiere decir “Lugar lleno de ranas”, aunque yo no haya visto ninguna mientras estuve allí.

No voy a contar aquí qué insólitos motivos me llevaron hasta sus calles, sólo que un buen día me encontré caminando entre aquellas casas pintadas de colores que dejaban los ladrillos al descubierto por aquí y por allá, como heridas abiertas. Y, aunque solamente me quedé a dormir una noche, la ciudad dejó una huella profunda en mí. Como un escalofrío abisal y sin explicación que me visita las pocas veces que despierto en la mitad de la noche.

Sí, estoy seguro que eso comenzó justamente después de aquel viaje.

La historia empieza así. Estaba yo acostado en la cama de la habitación de mi hotel, derrotado por el calor. El equipaje, aún sin deshacer, aguardaba en formación delante de la puerta, como una frontera que me separaba del resto del mundo. Sin darme cuenta, caí en un profundo sueño del que únicamente desperté horas más tarde, con un hambre salvaje y con decenas de mensajes en el teléfono, a las que respondí brevemente diciendo que todo estaba bien. Eran casi las 5 de la tarde.

Sofocado todavía por el calor, abrí el navegador del teléfono móvil para buscar qué había que ver en Guanajuato y encontré en el último lugar de la lista una oscura sorpresa.

¿Cómo que un Museo de Momias? — pensé para mí. Pero no se trataba de ningún error o eufemismo. Aparentemente, en aquel museo estaban expuestas cientos de momias auténticas, incluyendo bebés momificados y personas enterradas vivas. Por lo que se decía en la descripción, en los cementerios municipales de México es preciso abonar un impuesto para mantener la sepultura, y, si este se interrumpe, el cadáver es exhumado para liberar la sepultura. Fue así cómo se

encontraron las primeras momias, a finales del siglo XIX. Al parecer, algunas propiedades químicas de la tierra habían momificado naturalmente los cuerpos de las personas enterradas.

Mi interés por aquella ciudad comenzaba a crecer poco a poco, pero lo primero era lo primero. Me mudé de ropa y bajé a la calle, buscando un lugar donde comer algo.

Al atravesar la puerta del hotel, quedé cegado brevemente por el Sol, que estaba aún alto. Una moto atravesó la calle, pasando peligrosamente cerca de mí, contribuyendo a mi desorientación. Decidí girar a la derecha por puro instinto. Mi corazón comenzaba a calmarse y mis ojos barrieron las calles buscando un restaurante. Se detuvieron, no obstante, en una anciana, que bloqueaba la puerta de su casa, sentada en una silla de ruedas. Vestía con ropa de colores, que cubría su cuerpo de los pies a la cabeza y me devolvía una mirada intensa y brillante. Pensé en una vela que brillaba en lo más hondo de una profunda cueva.

A medida que me aproximaba a ella, el resto del mundo comenzó a perder definición. Sentí que había algo hipnótico en su extensa figura. Tarde de más, reparé en un brillo malicioso en sus ojos. Tres perros furiosos comenzaron a ladrar al unísono desde el tejado, solo a un metro por encima de mi cabeza, provocándome tal sobresalto, que mi corazón pareció deformarse como un chicle al ser masticado. Ella estalló en una ruidosa carcajada, que me dio la impresión de que no se acababa nunca. Cuando me recuperé un poco, le devolví una media sonrisa, como intentando hacerme partícipe de su diversión, pero ella continuó riéndose y de sus ojos brotaron densas lágrimas. Me alejé de allí, entre los ladridos de los perros, aunque aquella risa maligna siguió resonando a lo lejos, hasta que dejé atrás varias calles, con nombres adecuadamente sombríos.

Finalmente, llegué a una pequeña zona comercial con una parada de taxis y un restaurante bastante grande que, incluso, disponía de un estacionamiento propio. Entré y pedí una cola y una tarta de *carnitas* para matar el hambre.

REVISTA VIRTUAL

Sentado en aquella mesa de madera, repleta de nombres de parejas tallados inscritos en corazones y promesas de amor eterno, conseguí finalmente recuperar la calma. Al fondo del bar había un hombre borracho cantando tristes canciones mexicanas y no conseguí evitar pensar en el pasado. Me pregunté cuantas parejas, que habían escrito sus nombres en aquella mesa, continuarían juntos, cuántos todavía se amarían. Por un momento, todos los dolores de mi vida desfilaron por delante de mis ojos, pero sólo lograron despertar en mí una dulce nostalgia. Estaba demasiado lejos de mi casa para que ciertos pensamientos me alcanzasen. Así que, simplemente, comí en silencio, escuchando al hombre cantar desgarrado:

*“me están sirviendo ahorita mi tequila,
ya va mi pensamiento rumbo a ti”.*

Cuando acabé la torta, tomé el teléfono, le saqué una foto al hombre que cantaba y después busqué cómo llegar al museo de momias. Para mi sorpresa, vi que estaba a sólo 100 metros y que cerraba a las 6 de la tarde. ¡Qué temprano! — pensé. Pero como eran las cinco y media, pagué la comida y volví a la calle.

Fuera, la temperatura comenzaba a ser más agradable y el Sol hacía brillar en tonos dorados los remolinos de polvo que se formaban aquí y allá. Antes de darme cuenta, estaba ya a las puertas del museo, que desde fuera recordaba un mercado cubierto, debido a su forma alargada. Compré la entrada y entré.

En contraste con la luz que inundaba el exterior, el museo era bastante oscuro. Supongo que era el adecuado para aquel espectáculo que se me mostraba. A cada lado, decenas de momias, erguidas en formación, vigilaban mis pasos.

Era el único visitante, a falta de apenas veinte minutos para que cerrase el museo. Y allí, completamente solo, rodeado de cadáveres, sentí que estaba profanando algo, pero no era capaz de identificar exactamente el qué. Tal vez era por la expresión en el rostro de las momias, muchas de ellas con la boca muy abierta, tan propia de las personas que fallecen. Algo que yo sabía por experiencia.

Uno de aquellos rostros estaba todavía vestido y una barba gris le crecía en el rostro.

Por algún motivo me recordó a mí mismo. Yo no sería muy diferente si me enterrasen en Guanajuato al morir...

A medida que avanzaba por las diferentes salas, repletas de cadáveres hasta un punto de despersonalización, comencé a notar que ciertas momias presentaban posturas muy agitadas y antinaturales. Los carteles informativos, que acompañaban a aquellos ejemplares, indicaban que estas personas habían sido enterradas vivas y habían despertado posteriormente, en lo que parecía ser el peor destino posible para una persona. La enorme cantidad me hizo considerar cómo de habitual sería esto en la realidad.

También recorrí una sala llamada *Angelitos*, dedicada a niños y bebés. Estos últimos aparecían vestidos todavía con ropas de recién nacidos de color rosa o azul. Permanecí unos minutos observando los cuerpos de aquellos seres que habían muerto antes de saber nada de este mundo. El parecido de aquellos cadáveres con un muñeco causaba auténtico pavor.

Como ya quedaba poco tiempo para la hora del cierre, y como no quería quedarme encerrado con las momias toda la noche por nada del mundo, atravesé rápidamente algunas salas donde se mostraban los cuerpos momificados de personas que habían fallecido en accidentes o donde se daba cuenta de ciertas investigaciones sobre los cuerpos.

Pero, cuando llegué a la última de las salas, quedé paralizado. En el centro se erguía una mujer, llevando un diminuto bebé en los brazos. Lo peor era que aquella criatura ni siquiera había nacido, ya que la madre había muerto durante el embarazo. Delante de mí tenía la momia más pequeña del mundo. Pero lo que más me impactó fue la composición de los dos cuerpos, con un parecido innegable al de las figuras religiosas que muestran a la Virgen María con el niño Jesús en los brazos. En aquel momento, reflexioné sobre algún significado profundo de la relación simbólica de aquel parecido, pero no me siento capaz de reproducir aquí con palabras mis pensamientos.

Ya en la última sala, estaba yo aprovechando mis últimos minutos de visita para leer la información sobre la evolución histórica del museo, cuando escuché una voz a mis espaldas. Mi corazón, exhausto luego de

REVISTA VIRTUAL

todos los sobresaltos de aquel día, ni siquiera se agitó, probablemente por el tono contenido de aquella voz.

— Señor, lo lamento mucho, pero creo que ya es hora de cerrar.

Me di la vuelta y vi a un hombre muy alto y demasiado viejo para estar en edad de trabajar. Su piel se plegaba sobre sí misma en infinitas arrugas, dando una sensación de vejez incluso mayor que cualquiera de las momias.

— Por supuesto – respondí.

Abandoné la última sala y, de regreso en la calle, respiré a fondo, llenando los pulmones con aquel aire caliente que me hacía sentir inmensamente vivo, después de lo que había visto. El anciano sonrió detrás de mí y cerró la puerta con una cadena. Después me dirigió una mirada y sonrió.

— Imagino que no le gustaría quedar encerrado ahí dentro.

— ¡Claro que no! – respondí. – Además, ya fue bastante ser el único visitante y tener que recorrer yo solo el museo.

— Sí, no es muy recomendable hacer la visita en solitario. En una ocasión, una de esas visitas acabó con una historia bastante desagradable.

Algo se encendió en mi cerebro, como una alarma que me decía a gritos que estaba a la puertas de una buena historia.

— ¿Qué ocurrió? – pregunté.

Y esto fue lo que me contó:

— Hace bastantes años nació muy cerca de aquí una niña llamada Juana. Ella solía jugar en esta misma plaza. Sin embargo, en aquel momento el museo era muy diferente. Las momias no estaban entonces protegidas dentro de una vitrina, cualquier persona podía tocarlas y la visita asustaba a muchos visitantes. De hecho, lo que le estoy contando fue uno de los motivos principales para que se decidiera colocar las momias en vitrinas.

»Un día estaba Juana jugando con sus amigos delante del museo. Algunos de los niños empezaron a mirar desde el umbral de la puerta y vieron las momias, quedándose muy impresionados. Entonces, llamaron al resto de los niños para que viesen aquello, y Juana fue la única que se negó. Probablemente hacía escuchado en casa lo que había allí dentro y le habrían prohibido entrar. Pero usted ya sabe como son los niños. Agarraron a Juana y la empujaron para dentro, con tan mala suerte que

tropezó con una de las momias. Cayó ella al suelo, con la momia detrás, acabando encima de ella. Juana huyó, gritando de asco y de miedo, y no salió de casa en tres días.

En este punto sentí cierta decepción, al pensar que la explicación acababa ahí, que ese había sido el motivo que había llevado a colocar las momias en vitrinas. Pero la historia sólo había comenzado...

» Esto ocurrió mucho antes de que yo conociese a Juana, siendo yo un niño y ella ya una anciana. Pero esta era la historia que contaban los viejos para explicarnos porqué siempre cruzaba por la parte opuesta de la calle, persignándose cuando se aproximaba al museo de las momias.

» Sin embargo, supongo que Juana no quería morir sin demostrarse a sí misma que tenía el valor de entrar. Entonces, el día de su cumpleaños, decidió ir al museo a última hora, como usted. Tampoco había nadie más haciendo la visita aquel día.

» Juana entró en la oscuridad de la primera sala. Lo que se encontró era bastante diferente a lo que se puede ver en nuestros días. Las momias estaban de pie, sin ninguna separación entre ellas, a los dos lados del largo pasillo. Con toda la valentía que consiguió reunir, Juana comenzó a caminar entre ellas, enfrentándose a su mayor temor. Pero cuando dio unos cuantos pasos más y se vio completamente rodeadas de momias, reconociendo el nombre de algunas ellas, sintió un escalofrío que congeló su columna. Juana sacó el pañuelo de su cabeza y se envolvió en él, para intentar calmar los escalofríos que sentía.

» Un angustioso presentimiento se apoderó de ella. Sintió que algo terrible iba a suceder. Estaba completamente sola y todas las momias parecían mirar para ella sonriendo. Fue entonces que, justamente al pasar al lado de una momia con una horrible expresión de dolor en el rostro, sintió un fuerte tirón desde atrás. En toda la plaza resonó un grito auténticamente aterrador, y esa fue la última vez que alguien oyó la voz de Juana. La encontraron muerta de un ataque al corazón. El pañuelo con el que se había cubierto se había enredado en la mano de una de las momias al pasar a su lado y el viejo corazón no resistió la impresión.

» El miedo puede ser tu peor enemigo, sentenciaba la gente cuando contaba esta historia. Pero lo peor estaba por llegar. Pocos años después, Juana fue desenterrada. Por lo que cuentan, nadie estaba pagando su sepultura. Así que Juana fue llevada al museo de momias y desde entonces

REVISTA VIRTUAL

permanece dentro, atrapada en su peor pesadilla. No creo que se pueda extraer una enseñanza de que lo sucedió. Sólo podemos apiadarnos de su destino.

Durante unos segundos guardé silencio. Aquella narración había sido oro puro para un cazador de historias como yo, pero era demasiado fantástica para considerar escribir sobre ella. Le pregunté algunos detalles más a aquel hombre y él respondió amablemente a todo. Pero el Sol comenzaba a decaer y me despedí con la intención de regresar a mi hotel.

El anciano me preguntó en dónde me alojaba. Dudé unos segundos, aunque acabé por decirle la verdad. Amablemente, el hombre se ofreció a acompañarme.

— No es un lugar peligroso, aunque nunca se sabe... Además, vivo de camino.

Yo le agradecí que me acompañase. Después de aquel día de sobresaltos e historias de momias, quería regresar a la calma de mi hotel.

Mientras caminábamos, nos sumergimos en una interesante conversación sobre Guanajuato y nuestras vidas. Sólo regresé al mundo real cuando nos estábamos aproximando a la casa de la señora en silla de ruedas y los perros. Respiré aliviado al ver que la señora ya no estaba a la puerta. Pero mi alivio no duró mucho. Alarmado, reparé que aquel hombre disminuía la marcha conforme llegábamos a la casa de la señora, hasta detenerse completamente delante de la puerta.

— Ya hemos llegado a mi casa. Tendrá que continuar usted solo hasta el hotel, pero está muy cerca y no va a tener ningún problema para llegar. Y ya sabe, siempre que venga a Guanajuato tiene usted aquí su casa.

El hombre señaló la puerta abierta con el brazo extendido. Aquella parecía la entrada a una caverna. Sólo se veía oscuridad desde fuera. Sentí un intenso escalofrío. Intentando actuar con normalidad, le agradecí que hubiese acompañado, me despedí con una sonrisa y

caminé sin mirar para atrás ni una sola vez, hasta cerrar la puerta del hotel detrás de mí.

Y poco más. Aquella noche me desveló una pesadilla confusa, de la cual sólo recuerdo perros ladrando y enseñando los dientes y momias intentando agarrarme con las manos extendidas, todo acompañado por la risa infinita de la mujer en la silla de ruedas.

Tiempo después, ya de vuelta en Galicia, intenté recopilar más información sobre la muerte de Juana. Pero por mucho que busqué en la red, no encontré nada, ni la más simple referencia. Y todavía a día de hoy no sé si es cierta.

Por esa razón, probablemente, lo mejor sea olvidar esta historia.

*Traducción de Ângelo Brea.
Revisión de Paulo Soriano.*



LA BELLE DAME SANS MERÇI

Eugenio SArt

*Contemplam os dias
sua beleza spectral
caminha tocada por um esplendor
imortal
os ossos quebrados
e o olhar ferido
eu a vejo afastar-se cruzando a luz
ao país do esquecimento
la belle dame sans merçi
la belle dame sans merçi
la belle dame sans merçi
Eu a vejo partir*

José María Sanz e Igor Pascual
Interpretada por Loquillo

É altiva, atlética e arrogante como certos animais que possuem aquela beleza selvagem e exótica, que nos faz contemplá-los arrebatados, atingidos pelo sopro do mistério. Veste-se elegantemente — com lúbrica sobriedade —, tem nobreza no porte e contempla a vida a partir de uma dureza distante que a distancia do resto do mundo.

Mal me fala ou me olha nos olhos. Creio que, na verdade, ela não fala muito, nem comigo, nem com ninguém. Tudo são gestos, suaves movimentos, a elegância das panteras impressa em sua musculatura compacta e longilínea. Para que dizer alguma coisa?

O pacto já foi feito de antemão e todas as palavras já foram ditas.

Já sobra tudo que não seja violência.

Limita-se a vir uma vez por mês, chamando à minha porta com uma simples batida no meio da noite, sempre nos dias de semana, e entra em minha casa assim que eu abro, como se a casa fosse sua.

Não espera amabilidades. Não deixa que a ajude a tirar o casaco ou pendurá-lo no cabide, nem que lhe prepare um chá, ou que eu a convide para sentar-se ou beber algo em uma estéril espera. Tampouco espera conversas ociosas ou que diga coisas para matar o tempo e ficar bem com ela.

Não temos essa espécie de relação.

Ela mesma se encarrega de pendurar o próprio casaco, tirar os caríssimos sapatos de saltos altos de marca, o lenço de pescoço que

custa o que muitos ganham em um mês, os anéis coalhados de pedras proibitivas e os brincos, que costuma deixar em um cinzeiro ornamental, no console do salão.

Sem olhar para mim, altiva, até com certo desprezo, ela entra na masmorra para que seja acorrentada ao teto e agrilhoada, e que eu passe a preparar os ganchos, a abrir o armário com todas as téticas ferramentas da minha profissão.

E então, enquanto ela se pendura, entregue às argolas presas ao teto, e amarrada por correntes, eu prego os ganchos em sua pele e passo a golpeá-la para fazê-la sangrar.

Ela sai de madrugada, enxugando o sangue, quando suas feridas já se fecharam, malgrado não completamente. Algumas vezes, eu a perfurei com a faca reiteradamente, cortei-lhe o braço, rasguei-lhe a língua, arranquei-lhe os olhos; outras vezes, esfolei-a lentamente, lacerando-lhe a pele em tiras até fazê-la gritar e gemer, completamente despelada sob o silêncio da mordança.

Sempre, sempre acaba morta.

Este é um requisito iniludível, ela fez-me saber.

E sempre acorda de novo, após a morte... e os cortes em sua pele se fecham e seu rosto se levanta, velado pela melena escura, profundamente negra, brilhante como a plumagem de um corvo.

Então se veste e vai embora.

E, antes de fechar a porta, deixa o dinheiro sobre o console.

Muito, muitíssimo dinheiro. Tanto que eu poderia praticamente viver com o que me paga.

Minha relação com a violência vem de muito tempo.

Para ser como eu, é preciso abrigar muita raiva dentro de si mesmo e, quando chegar a hora, não fazer muitas perguntas, simplesmente agir, direcionar essa ira ao lugar e pessoa certas.

Não sinto orgulho de muitas das coisas que tive que fazer na vida para ganhar o meu pão. Eu estava com os de Franco, nos últimos tempos da ditadura, a soldo da Polícia Secreta, de madrugada, em masmorras infectas, extraindo, a golpes, informações de pobres diabos que me pediam o favor matá-los. Depois veio a

REVISTA VIRTUAL

transição e só contrataram meus serviços como leão-de-chácara de bordel e cobrador de dívidas. A polícia já não deixava as pessoas fazerem as coisas d'outros tempos, advertiam-nas, às vezes e prendiam-nas e lhes davam um puxão de orelha, ou duas bofetadas, para que se enquadrassem. As coisas mudaram.

E fui ficando velho, mas, ainda assim, conservo alguma força, algum vigor. Sou grande, corpulento, de grandes punhos. Já fui boxeador. Eu não era bom porque dava cotoveladas, mordida, quase sempre me desqualificava e deixava o outro cara inutilizado para o esporte. Fiz isso com alguns. E eu gostava de fazer isso. Gostava.

Olho para minha imagem no espelho, o nariz quebrado, a mandíbula quadrada, as rugas nítidas — profundas — na face, o espaço entre as grossas sobrancelhas dobrado em si mesmo, como se caísse sobre elas, e vejo o que o tempo faz com todos que viveram o suficiente.

Envelhecer é um massacre, dizia Bukowski.

Também não tive filhos ou familiares que possam lamentar minha perda ou me acompanhar nesse trânsito da existência.

As mulheres, como outros seres humanos, foram apenas formalidades para mim.

Até que ela chegou.

Não sei, sinceramente, como ela faz aquilo, como fecha suas feridas, como se cura e recupera vigor, deve ser algo antigo, algo inato ou adquirido, que não pode ser planejado ou refletido. Não sei por que ela é como é ou por que se comporta como se comporta. Mas eu sinto a razão pela qual deixa que seja feito tudo o que eu faço e por que, de vez em quando, ela me pede para virar o parafuso e que eu seja um pouco, apenas um pouquinho, mais cruel do que da última vez, mais implacável, mais duro com ela.

No início, eram apenas golpes. Coloquei meu soco-ínglês e a rebentava com socos nas costelas, no estômago, no rosto, nos seios, em todo o seu corpo, sacudindo-a como se fosse um saco de ginástica, ouvindo o estalar das fraturas, o esmagamento dos órgãos sob a carne machucada, as maçãs do rosto, as sobrancelhas, o esfacelamento lento de todos os músculos e ossos de seu corpo. Então pediu-me que usasse algo mais contundente, como um bastão ou um

porrete. Depois vieram os cortes, com o cortador, com uma faca ou com uma navalha e depois os ganchos, as chaves de fenda, as torções, as fraturas, as ablações, as tenazes, as lancetas, ir cortando-a lentamente e separando sua pele das fáscias e do tecido conjuntivo dos músculos. Um processo tão doloroso que muitos morrem quando chegam a este ponto.

Ela não; ela só morreu nas primeiras vezes.

Depois, passou a suportar.

Então me pediu que esvaziasse seus órgãos sexuais, que lhe cortasse os seios.

Eu fiz o que me pediu. Certa feita, eu estava a ponto de vomitar.

Daqui a pouco, já não mais saberei o que fazer. E creio que ela tampouco saberá. Eu já a estrangulei, enfiei-lhe a cabeça num saco plástico ou na banheira, usei ratos, serpentes, torniquetes, prensas de carpintaria, máquinas de trepanação, perfuradoras, líquidos abrasivos, ácidos...

Mas creio que a entendo.

Ela precisa sentir tudo isso para poder lidar com o resto de sua vida disforme, essa vida noturna e faminta, de varandas e telhados à noite, de coberturas de prédios, becos, criptas e clubes de madrugada, nos quais encontra suas vítimas.

De alguma forma, ela sente que, quando chega à minha casa, paga pelo que fez e pelo que será forçada a fazer para sobreviver, para obter alimento; então ela ajusta as contas consigo mesma por todos os crimes, pelas mortes, pelas pessoas inocentes de quem arrebatou a as vidas.

Talvez já tenha sido uma boa pessoa, como creio que já fomos todos em algum momento de nossas vidas, e anseia por esse tempo que muitos já olvidaram.

Às vezes, quando eu lhe rasgo um mamilo, quando a dor se faz extrema, ele se permite entreabrir a boca e então eu vejo os brancos caninos assomando. Não importa se você os arranca, eles brotam novamente.

Mas quando a sua dor é extrema, quando a vejo assim, espectral, belíssima, tão forte e tão frágil ao mesmo tempo, prestes a desmaiar e chorar, alquebrada pela dor, às vezes, sinto um vazio no estômago e gostaria de pedir-lhe que fizesse comigo uma vez, apenas uma vez, o que eu faço com ela.

Porque eu... Eu sei que não sobreviveria.

REVISTA VIRTUAL

E porque morrer é bem melhor do que se sentir tão morto quanto eu me sinto.

E ela sabe disso. Ela o entende.

E talvez por isto até me mate, sem chegar a converter-me, quando eu deixar de lhe ser útil.

Eu gostaria.

Triste regressar

De onde ninguém volta

Reflita em seu rosto a transparência

Da morte

É uma miragem que nos seduz

Um calafrio que permanece

Eu a vejo afastar-se cruzando a luz

ao país do esquecimento

La belle dame sans merci

Eu a vejo partir

Tradução de Paulo Soriano.



LA BELLE DAME SANS MERÇI

Eugenio SArt

*Contemplan los días
su belleza espectral
camina tocada con un esplendor
inmortal
los huesos quebrados
y la mirada herida
la veo alejarse cruzando la luz
al país del olvido
la belle dame sans merçi
la belle dame sans merçi
la belle dame sans merçi
yo la veo partir*

José María Sanz e Igor Pascual
interpretada por Loquillo

Es altiva, atlética y soberbia como ciertos animales que poseen esa belleza salvaje y exótica que nos hace contemplarlos arrobados, golpeados por el hálito de lo misterioso. Viste elegante, con lúbrica sobriedad, tiene nobleza en el porte y contempla la vida desde una dureza distante que la aleja del resto del mundo.

Apenas me habla o me mira a los ojos. No creo, en realidad, que hable demasiado, ni conmigo, ni con nadie. Todo son gestos, suaves movimientos, la elegancia de las panteras impresa en su musculatura compacta y longilínea. ¿Para qué decir nada?

Ya el trato está hecho de antes y todas las palabras han sido dichas.

Ya sobra todo lo que no sea violencia.

Se limita a venir una vez al mes, llamando a mi puerta con un simple toque en plena noche, siempre días entre semana, y entra en mi casa en cuanto le abro, como si fuera suya.

No espera amabilidades. No deja que la ayude a quitarse el abrigo o que se lo cuelgue en el perchero, ni que la prepare un té, ni que la invite a sentarse o a beber algo en una estéril espera. Tampoco espera conversaciones ociosas o que diga cosas por matar el tiempo o por quedar bien con ella.

No tenemos esa clase de relación.

Ella misma se encarga de colgar su propio abrigo, de quitarse los carísimos zapatos de tacón de marca, el pañuelo del cuello que cuesta lo que muchos ganan en un mes, los

anillos cuajados de prohibitivas piedras y los pendientes, que a menudo deja en un cenicero de adorno, sobre la consola del recibidor.

Sin mirarme, altiva, hasta con cierto desprecio, entra en la mazmorra para que la encadene al techo y proceda a tensar los eslabones, prepare los ganchos, abra el armario con todas las carniceras herramientas de mi profesión.

Y entonces, mientras cuelga entregada de las argollas en el techo, amarrada por cadenas, clavo los garfios en su piel y procedo a golpearla, a hacerla sangrar.

Se marcha de madrugada, secándose la sangre, cuando sus heridas se han cerrado, aunque no por completo. A veces la he atravesado con el cuchillo varias veces, la he cercenado un brazo, arrancado la lengua, sacado los ojos, otras la he ido desollando lentamente, arrancando la piel a tiras hasta hacerla gritar, gemir, pelada por completo bajo el silencio de la mordaza.

Siempre, siempre termina muerta.

Eso es un requisito ineludible, así me lo hizo saber.

Y siempre vuelve a despertarse, tras la muerte... y los cortes en su piel se cierran y su cara se alza, velada por la media melena oscura, azabache, brillante como el plumaje de un cuervo.

Luego se viste y se marcha.

Y antes de cerrar la puerta, deja el dinero sobre la consola.

Mucho, muchísimo dinero. Tanto, que podría vivir prácticamente con lo que me paga.

Mi relación con la violencia viene de mucho tiempo atrás.

Para poder ser como yo, uno necesita albergar mucha rabia dentro de sí y, llegado el momento, no hacerse demasiadas preguntas, sencillamente actuar, dirigir esa ira hacia el lugar y la persona indicada.

No me siento orgulloso de muchas de las cosas que he tenido que hacer en la vida para ganarme el pan. Estuve con los de Franco, en los tiempos finales de la dictadura, a sueldo de

REVISTA VIRTUAL

la Secreta, de madrugada, en calabozos infectos, sacando información a golpes a pobres diablos que pedían por favor que los matara. Luego vino la transición y ya solo contrataban mis servicios como matón de burdel, y cobrador de deudas. La policía ya no te dejaba hacer las cosas de entonces, te advertían, alguna vez hasta te detenían y te daban un tirón de orejas, o dos hostias, para que te fueras enterando. Las cosas habían cambiado.

Y me fuí haciendo viejo, pero aún, aún conservo cierta fortaleza, cierto vigor. Soy grande, corpulento, de grandes puños. En tiempos fuí boxeador. No era bueno porque daba codazos, mordía, casi siempre me descalificaban y dejaba al otro tipo inutilizado para la práctica. Lo hice con algunos. Y me gustó hacerlo. Me gustó.

Miro mi imagen en el espejo, la nariz rota, la mandíbula cuadrada, las arrugas crujientes, profundas, de mis mejillas, mi entrecejo plegado sobre sí mismo, como desplomado hacia las cejas tupidas y veo lo que el tiempo les hace a todos los que han vivido lo suficiente.

Envejecer es una masacre, lo decía Bukowski.

Y tampoco he tenido hijos o familia que puedan lamentar mi pérdida o acompañarme en éste tránsito de la existencia.

Las mujeres, como el resto de seres humanos, solo han sido trámites para mi.

Hasta que ella llegó.

No se, sinceramente, cómo lo hace, cómo cierra sus heridas, cómo se cura y recupera el vigor, debe ser algo antiguo, algo innato o adquirido, que no puede planificarse ni ser reflexionado. No sé por qué es cómo es o porque se comporta como se comporta. Pero sí que siento porqué se deja hacer todo lo que yo la hago y porqué, de cuando en cuando, me pide que de una vuelta de tuerca y sea un poco, solo un poco más cruel que la última vez, más despiadado, más duro con ella.

Al principio solo eran golpes. Me ponía los nudillos americanos y la reventaba a puñetazos, en las costillas, el estómago, en la cara, en los senos, en todo su cuerpo, sacudiéndola como si fuera un saco de gimnasio, escuchando el crujir de las

fracturas, el aplastarse de los órganos bajo la carne amoratada, los pómulos, las cejas, el lento machacado de toda la musculatura y la osamenta de su cuerpo. Luego me pidió que usara con ella algo más contundente, un palo o una porra. Después vinieron los cortes, con el cúter, con cuchillo o con navaja y luego los garfios, los destornilladores, las torsiones, las fracturas, las ablaciones, las tenazas, las lancetas, ir cortándola lentamente y separando su piel de las fascias y el tejido conjuntivo de los músculos. Un proceso tan, tan doloroso, que muchos se mueren llegados a éste punto.

Ella no, ella solo se me murió las primeras veces.

Luego lo soportaba.

Después me pidió que la vaciara los órganos sexuales, que la cortara los pechos.

Lo hice. Una vez estuve a punto de vomitar.

Dentro de poco ya no se me ocurrirá qué más hacerla. Y creo que a ella tampoco. La he estrangulado, metido la cabeza en una bolsa de plástico o en la bañera, he usado ratas, serpientes, torniquetes, mordazas de carpintería, máquinas de trepanar, perforadoras, líquidos abrasivos, ácido...

Pero creo que la comprendo.

Ella necesita sentir todo eso para poder sobrellevar el resto de su vida torcida, esa vida nocturna y hambrienta, de balcones y tejados en la noche, de azoteas, callejones, criptas y clubs de madrugada, en los que encuentra a sus víctimas.

De algún modo siente que cuando viene a mi casa, paga por lo que ha hecho y lo que se verá obligada a hacer para sobrevivir, para obtener alimento, así se ajusta cuentas a sí misma por todos los crímenes, las muertes, las personas inocentes a las que ha arrebatado la vida.

Quizá alguna vez fué buena persona, como creo que hemos sido todos, en algún momento de nuestra vida, y añora ese tiempo que algunos hemos ya olvidado.

A veces, cuando le arranco un pezón, cuando el dolor se hace extremo, se permite entreabrir la boca y entonces puedo ver sus blancos colmillos asomando. Da igual que se los arranques, le vuelven a salir.

REVISTA VIRTUAL

Pero cuando su dolor es extremo, cuando la veo así, espectral, bellísima, tan fuerte y tan frágil a un tiempo, a punto de derrumbarse y de llorar, rota por el dolor, a veces, siento un vacío en el estómago y me gustaría pedirle que me haga una vez a mi, solo una vez, eso mismo que yo le hago.

Porque yo... yo se que yo no sobreviviría.

Y porque morirse es mucho mejor que sentirse tan muerto como yo me siento.

Y ella lo sabe. Y lo entiende.

Y quizá por eso hasta me mate, sin llegar a convertirme, cuando deje de serle útil.

Me gustaría.

Triste regresar

De donde nadie vuelve

Refleja en su rostro la transparencia

De la muerte

Es un espejismo que nos seduce

Un escalofrío que permanece

La veo alejarse cruzando la luz

Al país del olvido

La belle dame sans merci

la veo partir

AS RATAZANAS

Ângelo Brea

O som do alarme fez-me acordar, como todos os dias, duas horas antes de que o Sol começasse a ocultar-se por detrás do horizonte. É assim porque eu durmo de dia, nas horas nas quais o Sol abrasa toda a superfície terrestre, e me mantenho acordado apenas durante as últimas horas da tarde, durante toda a noite e as primeiras horas da manhã, quando ainda o nível de radiação solar é relativamente suportável para os humanos.

Entre as frestas da persiana baixada, filtrava-se ainda suficiente claridade como para iluminar perfeitamente o meu quarto.

O primeiro que fiz, como todos os dias, foi ir à casa de banho. O espelho, quase tão velho como eu próprio, devolveu-me a imagem de um homem de sessenta e quatro anos, com profundas enrugadas no rosto, olhos castanhos, celhas espessas e cabelo quase completamente branco. Estava cansado de ver-me a mim próprio, dia após dia, e de comprovar como a minha imagem definhava a olhos vista... O último ano tinha envelhecido como se tivesse vivido um lustro. E supus que, se a minha vida continuasse na mesma, iria a pior.

Ergui-me e fui rever os níveis de humidade das minhas quatro estufas envidraçadas, onde cultivava a maior parte da comida que consumia. Verifiquei que o nível era o correto e que tudo estava em ordem.

A minha primeira comida do dia, o que seria o “pequeno-almoço”, tomei-o quando o dia começava a dirigir-se para um caloroso entardecer. Após o merecido descanso, podia sair ao exterior, mercê à descida dos níveis de radiação solar. Já não o fazia para procurar comida, mas para achar algum objeto da velha civilização que existira havia décadas.

Sabia que não ia encontrar nenhuma pessoa viva por nenhures. Quase todos tinham morrido ou tinham fugido daqui, a procurarem outro lugar onde assentar-se e onde fosse mais fácil viver. Apenas eu ficara atrás. E agora já não podia deixar este lugar. O meu refúgio não era assim tão mau. Tinha bastantes recursos e as estufas forneciam-me a suficiente comida para alimentar-me. Mesmo poderia haver suficiente comida para uma ou, talvez, para duas pessoas mais. No entanto, havia já anos que vivia aqui sozinho e a desesperação, a ausência de contacto humano e as condições em que vivia faziam-me muitas vezes pensar em que seria melhor ter morrido do que viver assim.

Ergui a persiana. Pude observar os campos ermos, sem vida, que se estendiam até onde a vista alcançava. Ali tinha havido, em tempos, imensos campos de trigo ou soja, que podiam abastecer o mercado internacional e, nesses mesmos campos, inúmeras cabeças de gado que podiam fornecer carne a milhões de pessoas. Agora era uma extensão erma e sem vida, abrasada por um Sol de justiça e sem uma gota de água. Observei com atenção. O Sol roçava o horizonte. Em poucos minutos se ocultaria detrás das colinas. Então as vi. Eram duas. Três. Não, quatro. Quatro enormes ratazanas de cor cinzenta, que se aventuraram nos campos ermos a procurarem comida. No nosso mundo agonizante, aqueles animais eram o único que se adaptara bem, até magnificamente, diria eu. Quase se podia afirmar que o mundo, o nosso velho mundo, fora já conquistado por aquela espécie... Onde quer que houver um rasto de vida, ali estavam elas, para crescer e multiplicarem-se, por milhões, herdando o planeta decadente que os humanos tínhamos arruinado.

A mim davam-me nojo, como a muita gente. Vi como se dirigiam à parede de vidro do meu refúgio e olhavam para o interior, avidamente. Era óbvio que cheiravam a comida armazenada, a água com a que regava, a terra das estufas e as sementes a germinar.

Se as ratazanas conseguissem encontrar um oco na estrutura, seria a minha ruína. Entrariam a milhares e, em horas, acabariam com tudo.

O bom era que o meu refúgio era um autêntico fortim e nenhuma ratazana poderia entrar nele. Ao menos, enquanto não soubessem disparar uma espingarda ou atravessar uma parede de vidro de alta resistência. Para mim, os homens armados eram muito mais perigosos do que qualquer ratazana... Embora tivesse muito mais nojo a elas...

Comecei a vestir-me para sair à rua. Devia proteger-me todo o corpo com umas vestes que me isolassem do exterior, sem deixar nenhum orifício, por pequeno que fosse, por onde aqueles malditos bichos pudessem aceder à minha pele. Coloquei um capacete de mota e um fato de motociclista, jaqueta e calças de couro, a condizer com ele, assim como botas altas e luvas. Utilizei fita adesiva preta para unir as luvas às mangas da jaqueta e fiz o mesmo com as botas. Subi o fecho e cler até acima e,

REVISTA VIRTUAL

quando rematei, subi ao andar superior pela escada que havia na sala principal.

Até ali não podiam chegar as ratazanas. Até que não desenvolvessem asas para voar ou conseguissem escalar por uma parede vertical de vidro, eu estaria em segurança.

Assomei-me à janela. O Sol já mergulhava no horizonte. Desde agora, ainda restava ao menos uma hora de luz por diante, até que caísse a noite. Nesse intervalo de tempo podia ir até à vila deserta para procurar algum objeto e regressar com ele ao meu lar.

Armei-me com um maço de ferro e com um facão para cortar canas, que guardei na sua própria bainha e pus ao cinto. Desci pela escada de mão até ao solo. Aquele era o ponto fraco do meu plano, porque não podia recolher a escada. Dessa maneira, se uma pessoa qualquer chegasse até ali, poderia subir por ela e apropriar-se do meu refúgio. Era algo que podia passar, embora não visse ninguém há anos.

As enormes ratazanas não me tinham medo nenhum. Uma delas começou a morder-me as botas, até que lhe esmaguei a cabeça com a sola metálica. O resto das ratazanas aproveitaram a ocasião para saciarem a fome com os seus restos.

O meu refúgio encontra-se em uma colina, defendida por uma muralha de pedra de dois metros de altura, que apresentava um bom estado geral, apesar de levar décadas sem ser arranjada. O portão de entrada abria-se de maneira manual. Ali havia mais ratazanas. Quando cheguei olharam para mim com atenção. Duas delas correram para mim e atacaram o couro das minhas botas, mas sem nenhum êxito. Dei um pontapé numa, estampando-a contra a parede. A outra fugiu.

Fechei a porta ao sair. A estrada que conduz à vila apresentava um estado lamentável, cheia de buracos e de fissuras por todo o asfalto. Tinha sido invadida por umas ervas esqueléticas, requeimadas pelo Sol, que mal viviam nos acostamentos da estrada. Não havia árvore nenhuma. Tinham sido consumidas havia anos pelos contínuos incêndios, pela radiação e pelo calor. Não se via árvore nenhuma ou arbusto até aonde a vista alcançava...

A vila chamava-se Flores. Um nome formoso para evocar um passado que já não existia. O curso do rio, completamente seco, dirigia-se a nenhures, entre montanhas de detritos e de lixo.

Ao chegar às primeiras casas, passei de longo. Ali já não havia nada que aproveitar. Sabia-o bem. Passei pelo posto de abastecimento, cujas velhas bombas de gasolina

estavam agora cobertas de ferrugem, sem rasto da pintura que as cobrira.

Na avenida principal houvera, em tempos, inúmeras lojas. Mas tinham sido saqueadas há décadas e não ficava nada de valor. O único lugar onde ainda poderia encontrar algo aproveitável era nos prédios vazios.

Encaminhei-me, precisamente, a um prédio de cinco alturas, que estava revisando durante os últimos dias. A porta da rua já não existia. Nem rasto dela. O interior, cheio de sombra e de entulhos, não convidava precisamente a entrar, mas eu passei sem medo, apesar das malditas ratazanas. Haveria umas duas ou três dúzias, ao fundo, a formar uma massa que se movimentava e palpitava de forma sinistra. Algumas quiseram morder-me e quatro ou cinco treparam por mim, até aos ombros. Consegui desfazer-me delas, com movimentos espasmódicos.

Subi ao primeiro andar, lugar onde já tinha estado e que tinha revisado totalmente. Por isso, prossegui até ao segundo andar. Já tinha entrado em três dos quatro apartamentos. Ficava-me apenas um. Com o maço, bati forte na porta. O ruído que provocou foi estrondoso, ainda mais naquele silêncio assustador que pairava sobre a cidade. Ao quarto golpe, as dobradiças cederam.

Entrei com cautela no interior. Sempre que entro num andar qualquer, sinto-me indeciso. Às vezes, há fotos penduradas das paredes, das pessoas que habitaram o local. Os seus rostos observam-me com incredulidade, como se me censurassem por encontrar-me ali...

As coisas de caráter pessoal são as que mais me comovem. Objetos que foram importantes para pessoas que, provavelmente, já estavam mortas.

Aquele andar não tinha sido saqueado, embora visse com clareza que os antigos moradores partiram dele com pressa. Havia gavetas entreabertas e uns talheres e pratos, com restos de comida podre, ainda sobre a mesa do salão.

O curioso foi que me encontrei ali o esqueleto de um cão grande, talvez um pastor alemão, no meio do quarto. Os ossos estavam limpos, sem restos de carne. Seguramente o cão tinha sido deixado para trás quando os donos decidiram desfazerem-se dele, deixando-o ali, para morrer à fome. Talvez o tivessem envenenado antes, para não o fazer sofrer.

Possivelmente as ratazanas tinham encontrado algum oco pelo que entrar no andar e devoraram os restos, deixando apenas os ossos limpos.

REVISTA VIRTUAL

Abri todas as gavetas e os armários. Num dos armários da despensa encontrei um pequeno tesouro. Os donos do andar tinham armazenado materiais, que não levaram com eles. Havia um machado pequeno, uma grande provisão de pilhas, de todos os tamanhos e formas, e uma lanterna sem usar.

Que bom! Era das que usava umas pilhas grandes, dessas retangulares, de 4.5 volts. Quando era criança, tinha uma daquelas, assim, não tive problemas para colocar a pilha no interior. Ao premer o botão, um raio de luz branca iluminou a estância em penumbra.

Havia anos que não tinha pilhas para uma lanterna. Recolhi todas as que encontrei por ali, assim como o machado, uma caixa com pregos de diferentes formas e tamanhos, um botequim cheio, que parecia que não tinha sido usado nunca e uma caixa de chaves de parafusos de fenda. Era um tesouro para mim, mais valioso do que o ouro ou a prata.

Ao abrir outra porta, topei-me com outra surpresa. Havia numerosas latas de conserva, embora todas estivessem caducas havia vários anos.

A pessoa que vivera ali tinha uma estupenda biblioteca, de milhares de volumes. Estavam cobertos de pó, mas ainda podia pegar neles sem se desfazerem. Quando tiver tempo, farei uma boa escolha para levá-los ao meu refúgio. O único livro em que peguei foram as *Obras Completas* de H. G. Wells. Que bom ter encontrado aquele volume ali!

Assomei-me à janela. As sombras da noite começavam a cair sobre as ruas da vila deserta, mas havia algo que parecia movimentar-se entre o asfalto estragado. Premi o botão da lanterna e apontei para o solo. Centos de ratos, grandes como punhos, ocuparam a rua. Davam medo. No meu cérebro soou um tom de alarme: era hora de regressar.

Ao lado da cozinha havia uma porta que passara por alto. Era uma espécie de despensa. Ali foram armazenadas mais latas de conserva e uma bicicleta de montanha, cheia de pó, que dava a impressão de não ter sido nunca utilizada. Os pneus estavam desinchados, como era de esperar. Com a bomba de ar da própria bicicleta aproveitei para encher os pneus, até que estiveram preparados para aguentar o meu peso.

Limpei o pó e a sujidade da melhor maneira e desci à rua com todos os objetos que conseguira, com os que enchi a minha mochila. O único problema era poder levar o maço. Era demasiado pesado, então decidi atá-lo com uma corda ao porta-bagagens.

Regressei ao meu lar, dando pedaladas. A própria bicicleta gerava luz com um farolim ainda em uso, com a simples movimentação dos pneus, assim o caminho de regresso foi agradável, a sortear os buracos. Os olhos vermelhos das ratazanas observavam-me de ambos os lados da estrada, surpreendidas de ver uma luz no meio do caminho e da passagem da bicicleta.

Enquanto pedalava com força, não podia deixar de pensar no velho mundo que tínhamos perdido. Aquele era um paraíso que não podíamos recuperar. De quem tinha sido a culpa? Bah! Dava-me igual. A única coisa que posso fazer é tentar sobreviver um dia mais. Se ao menos tivesse comigo a minha mulher, os meus filhos, ou os meus pais, a vida não seria tão triste e vazia. Quase davam ganas de deixar de lutar.

Ao dia seguinte, por alguma razão desconhecida, acordei com dor de cabeça, febre e mal-estar geral em todo o corpo. A noite fora pesada. Acordara várias vezes, a tossir, e cada vez de maneira mais desagradável. Não era a primeira vez que me passava. Podia dizer-se que cada vez me acontecia com maior frequência e com maior duração.

Não tinha medicamentos para curar-me. Os poucos que tinha já os utilizara havia anos e o resto, os que encontrava nas minhas excursões à cidade, estavam totalmente caducados.

O que fazia quando me encontrava assim era guardar repouso estrito. Não podia fazer outra coisa.

Esta vez, no entanto, havia um sintoma novo. Cada vez que tossia, sentia uma dor lancinante em ambos os lados do peito, sobre a última costela.

Apesar da dor de cabeça e do mal-estar, revisei as estufas dos alimentos, os níveis de humidade e as reservas de água potável antes de deitar-me outra vez.

Deixara levantada a persiana. O Sol estava pondo-se com rapidez por detrás das colinas. Então as vi. Dúzias de ratazanas começaram a agrupar-se ao pé da janela, pelo lado de fora. Queriam escalar pela parede envidraçada, mas uma e outra vez resvalavam e iam cair sobre as companheiras que tinham debaixo. Era uma visão inquietante, quase aterradora.

Se não soubesse que tinha o meu lar totalmente selado, o medo que agora sentia seria impossível de aturar.

Fiquei a observar as ratazanas durante uns minutos, até que o cansaço me venceu e acabei por cair num sono alterado e com sonhos que se repetiam uma e outra vez.

REVISTA VIRTUAL

Quando acordei outra vez era já praticamente de noite. Um ruído estranho, que vinha de fora de casa, surpreendeu-me ainda mais.

Peguei na lanterna que conseguira na minha excursão de ontem e iluminei a janela. Um enorme exército de enormes ratos pressionava o vidro em toda a sua extensão. Traguei saliva.

Embora não me encontrasse nada bem de saúde, ergui-me da cama e baixei a persiana de todo, para não continuar a observar aquela imagem sinistra.

Era estranho. Estava acostumado a ver ratos, mas nunca vira tal quantidade. Eram milhares.

Subi ao andar superior e o que vi ali geou-me o sangue. Ontem tinha deixado a escada de mão sem subir e, por essa escada, algumas ratazanas conseguiram escalar até ao andar superior. A porta que dava à galeria estava fechada e por isso não conseguiram entrar no interior, pero era assustador o bastante para que o meu coração latejasse desbocadamente. Devia subir a escada de mão e acabar com aquelas ratazanas, porque era possível que encontrassem como entrar em casa e era algo ao que não estava disposto.

No entanto, não me atrevia a sair, sendo de noite, à galeria envidraçada que tinha diante da janela para subir a escada de mão. Tinha sido um erro não a subir, provavelmente um erro que acabarei pagando sem remédio.

Iluminei com a lanterna toda a galeria, perscrutando os possíveis pontos de ataque. Quero crer que não há nenhum oco ou fenda por onde as ratazanas possam abrir-se passo, mas isso nunca pode saber-se, enfrentando-me a seres tão constantes e perigosos.

Verifiquei que a porta que dava à galeria ficasse bem fechada e regressei ao interior. Faltava o sótão. Ali dentro tampouco havia nenhum rato, apenas pó, trastes velhos e sujidade. No entanto, na mansarda envidraçada sobre a minha cabeça, que eu utilizava em ocasiões para observar as estrelas, uma visão dantesca paralisou-me de medo. Um rato enorme, com os olhos injetados em sangue, mantinha a sua olhada sinistra cravada em mim.

Estava cercado. Não podia sair ao exterior. E esta vez não podia assegurar que não houvesse nenhum pequeno oco ou fenda entre as telhas para aceder ao interior. Um suor frio geou-me o sangue.

REVISTA VIRTUAL

LAS RATAS

Ângelo Brea

El sonido de la alarma me despertó, como todos los días, un par de horas antes de que el sol comenzase a ocultarse por detrás del horizonte. Esto se debe a que yo duermo por el día, en las horas en las cuales el sol abrasa toda la superficie terrestre, y me mantengo despierto durante las últimas horas de la tarde, durante toda la noche y en las primeras horas de la mañana, cuando el nivel de radiación solar es relativamente soportable para los seres humanos.

Entre las hendiduras de la persiana bajada, se filtraba aún suficiente claridad como para iluminar perfectamente mi habitación.

Lo primero que hice, como todos los días, fue dirigirme al baño. El espejo, casi tan viejo como yo mismo, me devolvió la imagen de un hombre de unos sesenta y cuatro años, con profundas arrugas en el rostro, ojos castaños, cejas espesas y cabello casi completamente blanco. Estaba cansado de verme a mí mismo, día tras día, y de comprobar como mi imagen empeoraba a ojos vista... El último año había envejecido como si hubiera vivido un lustro. Supongo que, si mi vida sigue igual, las cosas empeorarán aún más.

Me levanté y fui a revisar los niveles de humedad de mis cuatro invernaderos, en los que cultivaba la mayor parte de la comida que consumía. Verifiqué que el nivel era el correcto y que todo estaba en orden.

La primera comida del día, lo que en otros casos sería el desayuno, la tomé cuando el día comenzaba a dirigirse hacia un caluroso atardecer. Después de un merecido descanso, podía salir al exterior, gracias a la bajada del nivel de radiación solar. Ya no lo hacía para buscar comida, sino para encontrar algún objeto de la vieja civilización que había existido décadas atrás.

Sabía que no iba a encontrar a ninguna persona viva por ninguna parte. Casi todos habían muerto o habían huido de aquí, buscando otro lugar donde asentarse y donde fuese más fácil vivir. Sólo yo había quedado atrás. Y ahora ya no podía abandonar este lugar. Mi refugio no era nada malo. Tenía bastantes recursos y los invernaderos me proporcionaban

suficiente comida para alimentarme. Incluso podría haber suficiente comida para una, o quizá, para dos personas más. Sin embargo, hacía ya años que vivía aquí solo y la desesperación, la ausencia de contacto humano y las condiciones en que vivía me llevaban en ocasiones a pensar si no habría sido mejor morir que vivir en un mundo así.

Levanté la persiana. Pude observar los campos yermos, sin vida, que se extendían hasta donde alcanzaba la vista. Allí había habido, en tiempos, inmensos campos de trigo o soja, que podían abastecer el mercado internacional y, en esos mismos campos, innumerables cabezas de ganado que podían suministrar carne para millones de personas. Ahora era una extensión yerma y sin vida, abrasada por un sol de justicia y sin una gota de agua.

Observé con atención. El sol rozaba ya el horizonte. En pocos minutos se ocultaría detrás de las colinas. Entonces las vi. Eran dos. Tres. No, cuatro. Cuatro ratas enormes de color gris, que se aventuraran en los campos yermos para buscar comida. En nuestro mundo agonizante, aquellos animales eran lo único que se había adaptado bien, incluso magníficamente bien, diría yo. Casi se podía afirmar que el mundo, nuestro viejo mundo, ya había sido conquistado por aquella especie... En cualquier lugar donde hubiese un rastro de vida, allí estaban ellas, para crecer y multiplicarse, por millones, heredando el planeta decadente que los humanos habíamos arruinado.

A mí me daban asco, como a mucha gente. Vi como se dirigían a la pared de cristal de mi refugio y como miraban hacia el interior, ávidamente. Era obvio que olisqueaban la comida almacenada, el agua con la que regaba, y la tierra de los invernaderos y de las semillas que estaban germinando. Si aquellas ratas consiguieran encontrar un hueco en la estructura, sería mi ruina. Entrarían a miles y, en horas, acabarían con todo.

Lo bueno era que mi refugio era un auténtico fortín y ninguna rata podría entrar en él. Al menos, mientras no pudiesen disparar un rifle o atravesar una pared de vidrio de alta resistencia. Para mí, los hombres armados eran

REVISTA VIRTUAL

mucho más peligrosos que cualquier rata... Aunque a ellas les tenía mucho más asco...

Comencé a vestirme para salir al exterior. Debía protegerme todo el cuerpo con un traje que me aislase del exterior, sin dejar ningún orificio, por pequeño que fuese, por donde aquellos malditos bichos pudiesen acceder a mi piel. Me coloqué un casco y un traje de motociclista, chaqueta y pantalones de cuero, que hacían juego, así como botas altas y guantes. Utilicé cinta adhesiva negra para unir los guantes a las mangas de la chaqueta e hice lo mismo con las botas. Subí la cremallera hasta arriba y, cuando acabé, ascendí al piso superior por la escalera que había en el salón principal.

Hasta allí no podían llegar las ratas. Hasta que no desarrollasen alas para volar o no consiguiesen escalar por una pared vertical de vidrio, yo estaría seguro.

Me asomé a la ventana. El sol ya rozaba el horizonte. Desde ahora, aún quedaría al menos una hora de luz por delante, hasta que se hiciese de noche. En ese intervalo de tiempo podía ir hasta la ciudad desierta para buscar algún objeto y regresar con él a mi hogar.

Me armé con un mazo de hierro y con un machete para cortar cañas, que guardé en su propia vaina y lo puse al cinto. Descendí por la escalera de mano hasta el suelo. Aquel era el punto flaco de mi plan, porque no podía recoger la escalera. De esa manera, si una persona cualquiera llegase hasta allí, podría subir por ella y apropiarse de mi refugio. Era algo que podía pasar, aunque no veía a nadie desde hacía años.

Las enormes ratas no me tenían ningún miedo. Una de ellas comenzó a morderme las botas, hasta que le aplasté la cabeza con la suela metálica. El resto de las ratas aprovecharon la ocasión para saciar el hambre con sus restos.

Mi refugio se encuentra en una colina, defendida por una muralla de piedra de dos metros de altura, que presentaba un buen estado general, a pesar de que lleva décadas sin ser arreglada. El portón de entrada se abría de manera manual. Allí había más ratas. Cuando llegué me miraron con atención. Dos de ellas corrieron hacia mí y atacaran el cuero de mis botas, pero sin éxito. Le di un puntapié a una, estampándola contra la pared. La otra huyó.

Cerré la puerta al salir. La carretera que conduce a la ciudad presentaba un estado

lamentable, llena de baches y de fisuras por todo el asfalto. Había sido invadida por unos hierbajos escuálidos, quemados por el sol, que malvivían en los márgenes de la carretera. No había ningún árbol. Habían sido consumidos por los continuos incendios, por la radiación y por el calor. No se veían ni árboles ni arbustos hasta donde alcanzaba la vista.

La villa se llamaba Flores. Un nombre hermoso para evocar un pasado que ya no existía. El curso del río, completamente seco, se dirigía a ninguna parte, entre montañas de detritos y de basura.

Al llegar a las primeras casas, pasé de largo. Allí ya no había nada que aprovechar. Lo sabía bien. Pasé por la gasolinera, cuyos viejos surtidores estaban ahora cubiertos de herrumbre, sin rastro de la pintura que los había cubierto.

En la avenida principal existieron, en los buenos tiempos, muchísimas tiendas. Pero habían sido saqueadas hacía décadas y no quedaba nada de valor. El único sitio donde podría aún encontrar algo aprovechable era en los pisos vacíos.

Me encaminé, precisamente, a un edificio de cinco plantas, que había estado revisando durante los últimos días. La puerta de la calle ya no existía. Ni rastro de ella. El interior, lleno de sombra y de escombros, no invitaba precisamente a entrar, pero yo crucé sin miedo, a pesar de las malditas ratas. Habría dos o tres docenas, al fondo, formando una masa que se movía y palpitaba de forma siniestra. Algunas quisieron morderme y cuatro o cinco treparon por mí, hasta los hombros. Conseguí deshacerme de ellas, con un movimiento espasmódico. Subí al primer piso, lugar donde ya había estado y que había revisado totalmente. Por eso, proseguí hasta el segundo piso. Ya había entrado en tres de los cuatro apartamentos. Me quedaba solamente uno. Con el mazo, le di un golpe fuerte a la puerta. El ruido que provocó fue estruendoso, aún más en aquel silencio profundo que flotaba sobre la ciudad. Al cuarto golpe, las bisagras cedieron.

Entré con cautela en el interior. Siempre que entro en cualquier apartamento, me siento indeciso. A veces hay fotos colgadas de las paredes, que representan a las personas que los habitaron. Sus rostros me observan con

REVISTA VIRTUAL

incredulidad, como si me censurasen por encontrarme allí.

Los utensilios de carácter personal son las cosas que más me conmueven. Objetos que fueron importantes para personas que, probablemente, ya estaban muertas.

Aquel apartamento no había sido saqueado, a pesar de que se veía con claridad que los antiguos moradores habían huido de él a toda prisa. Había cajones entreabiertos y cubiertos y platos, con restos de comida podrida, todavía sobre la mesa del salón.

Lo curioso fue que me encontré allí el esqueleto de un perro grande, quizá un pastor alemán, en el medio de la habitación. Los huesos estaban limpios, sin restos de carne. Seguramente el perro había sido dejado atrás por los dueños cuando decidieron deshacerse de él, dejándolo allí, para morir de hambre. Quizá lo hubiesen envenenado antes, para que no sufriese. Era posible que las ratas hubiesen encontrado algún agujero por el que entrar en el apartamento y habían devorado los restos, dejando únicamente los huesos limpios.

Abrí todos los cajones y armarios. En uno de los armarios de la despensa encontré un pequeño tesoro. Los dueños del piso habían almacenado materiales, que no se habían llevado con ellos. Había un machete pequeño, una gran provisión de pilas, de todos los tamaños y formas, y una linterna sin usar.

¡Qué bien! Era de las que usaba pilas grandes, rectangulares, de 4.5 volts. Cuando era niño, tenía una de aquellas linternas, así que no tuve problema para colocar la pila en el interior. Al pulsar el botón, un rayo de luz blanca iluminó la estancia en penumbra.

Hacía años que no tenía pilas para una linterna. Recogí todas las que encontré por allí, así como el machete, una caja con clavos de diferentes formas y tamaños, un botiquín lleno, que parecía no haber sido usado nunca y una caja llena de tornillos. Era un tesoro para mí, más valioso que el oro o la plata.

Al abrir otra puerta, me encontré con otra sorpresa. Había numerosas latas de conserva, aunque todas estaban caducadas desde hacía años.

Las personas que vivían allí tenían una estupenda biblioteca, de miles de volúmenes. Estaban cubiertos de polvo, pero aún se podían abrir sin que se deshiciesen. Cuando tenga

tiempo, escogeré los mejores, para llevarlos a mi refugio. El único libro que me llevé fueron las *Obras Completas* de H. G. Wells. ¡Qué alegría haber encontrado aquel volumen allí!

Me asomé a la ventana. Las sombras de la noche comenzaban a caer sobre las calles de la villa desierta, pero había algo que parecía moverse entre el asfalto destrozado. Pulsé el botón de la linterna y apunté hacia el suelo. Cientos de ratas, grandes como puños, ocupaban la calle. Daba miedo. En mi cerebro sonó una alarma. Era hora de regresar.

Al lado de la cocina había una puerta que había pasado por alto. Era una especie de despensa. Allí habían sido almacenadas más latas de conserva y una bicicleta de montaña, cubierta de polvo, que daba la impresión de no haber sido utilizada nunca. Los neumáticos estaban deshinchados, como era de esperar. Aproveché el bombín de la propia bicicleta para inflar los neumáticos, hasta que estuvieron preparados para aguantar mi peso.

Limpié el polvo y la suciedad de la mejor manera que pude y bajé a la calle con todos los objetos que había conseguido, con los que llené mi mochila. El único problema era llevar el mazo. Era demasiado pesado, así que decidí atarlo con una cuerda al portaequipajes.

Regresé pedaleando a mi hogar. La propia bicicleta generaba luz con un faro todavía en uso, con el simple movimiento de los neumáticos, así el camino de regreso fue agradable, sorteando los baches. Los ojos brillantes de las ratas me observaban desde ambos lados de la carretera, sorprendidas de ver una luz en el medio del camino y, también, del paso de la bicicleta.

Mientras pedaleaba con fuerza, no podía dejar de pensar en el viejo mundo que habíamos perdido. Aquel era un paraíso que no podíamos recuperar. ¿De quién había sido la culpa? ¡Bah! Me daba igual. Lo único que puedo hacer es intentar sobrevivir un día más. Si al menos tuviese conmigo a mi mujer, a mis hijos, o a mis padres, la vida no sería tan triste y vacía. Casi daban ganas de dejar de luchar.

Al día siguiente, por alguna razón desconocida, me desperté con dolor de cabeza, fiebre y malestar general por todo el cuerpo. La noche había sido pesada. Me había despertado varias veces, tosiendo, y cada vez de manera más desagradable. No era la primera vez que

REVISTA VIRTUAL

me pasaba. Podía decirse que cada vez ocurría con mayor frecuencia y con mayor duración. No tenía medicamentos para curarme. Los pocos que tenía ya los había utilizado hacía años y el resto, los que encontraba en mis excursiones a la ciudad, estaban completamente caducados.

Lo que solía hacer cuando me encontraba así era guardar reposo estricto. No podía hacer otra cosa.

Esta vez, sin embargo, había un síntoma nuevo. Cada vez que tosía, sentía un dolor lacerante en ambos lados del pecho, sobre la última costilla.

A pesar del dolor de cabeza y del malestar general, revisé los invernaderos, los niveles de humedad y las reservas de agua potable antes de meterme otra vez en cama.

Había dejado la persiana levantada. El sol se estaba poniendo con rapidez por detrás de las colinas. Entonces las vi. Docenas de ratas comenzaron a agruparse al pie de la ventana, por el lado de fuera. Querían escalar por la pared acristalada, pero una y otra vez resbalaban e iban a caer sobre las compañeras que tenían debajo. Era una visión inquietante, casi aterradora.

Si no supiese que tenía mi hogar totalmente sellado, el miedo que ahora sentía sería imposible de aguantar.

Estuve observando las ratas durante unos minutos, hasta que el cansancio me venció y acabé por caer en un duermevela alterado y con sueños que se repetían una y otra vez.

Cuando desperté otra vez era ya prácticamente de noche. Un ruido extraño, que venía de fuera de casa, me sorprendió aún más.

Cogí la linterna que había conseguido en mi excursión de la víspera y iluminé con ella la ventana. Un enorme ejército de enormes ratones presionaba el cristal en toda su extensión. Tragué saliva.

A pesar de que no me encontraba bien de salud, me levanté de la cama y bajé la persiana de todo, para no continuar observando aquella imagen siniestra.

Era extraño. Estaba acostumbrado a ver ratones, pero nunca había visto tal cantidad. Eran miles.

Subí al piso superior y lo que vi allí me heló la sangre. Ayer había dejado la escalera de mano sin subir y, por esa misma escalera, algunas ratas habían conseguido escalar hasta

el piso superior. La puerta que daba a la galería estaba cerrada y por eso no habían conseguido entrar en el interior, pero me dio tanto miedo que mi corazón comenzó a latir con frenesí. Debía subir la escalera de mano y acabar con aquellas ratas, porque había una posibilidad de que encontrasen la manera de entrar en casa y era algo a lo que no estaba dispuesto.

Sin embargo, no me atrevía a salir, siendo de noche, a la galería acristalada que tenía delante de la ventana para subir la escalera de mano. Había sido un error no subirla, probablemente un error que acabaré pagando sin remedio.

Iluminé con la linterna toda la galería, escrutando los posibles puntos de ataque. Quiero creer que no hay ningún hueco o hendidura por donde las ratas puedan abrirse paso, pero eso nunca puede saberse con seguridad, enfrentándome a seres tan constantes y peligrosos.

Verifiqué que la puerta que daba a la galería quedase bien cerrada y regresé al interior. Faltaba el ático. Allí dentro tampoco había ninguna rata, únicamente polvo, trastos viejos y suciedad. Pero en la buhardilla acristalada sobre mi cabeza, que en ocasiones utilizaba para ver las estrellas, una visión dantesca me paralizó de terror. Un ratón enorme, con los ojos inyectados en sangre, mantenía su mirada siniestra clavada en mí.

Estaba cercado. No podía salir al exterior. Y esta vez no podía asegurar que no hubiese ningún pequeño hueco o hendidura entre las tejas para acceder al interior. Un sudor frío me heló la sangre.

Traducción de Ângelo Brea.



O CONTO DO LOBO

Carlos Enrique Saldívar

— **E**u não gosto da sua história sobre o lobo e os três porquinhos, papai.

— Por que não, filhinha?

— Porque o lobo não come; vai morrer de fome.

— Come, sim. Não morre de fome.

— O que ele come, então? Frutas?

— Sim, frutas, verduras; ele é um lobo vegetariano.

— Então, por que quis comer os porquinhos?

— Bem, minha filhinha, o que acontece é que os porquinhos eram crianças, assim como você.

— E o que isto tem a ver?

— É que o lobo não consome vegetais. Eu te enganei. Ele come as almas das crianças.

— Que medo! Mas não comeu as dos porquinhos.

— Não, mas ele comeu as almas de todas as criancinhas da cidade.

— Oh, você está me deixando mais assustada, papai!

— E tenha mais medo ainda, porque eu sou o lobo.

— Você é o lobo, papai!

— Sim, filha, sou um lobo que parece um homem.

— Não tenho mais medo, a verdade é que gostei do lobo.

— Isso é bom, porque eu, como o lobo da história, devoro almas pequenas.

— Então você comeu a minha?

— Isto mesmo, pérola de meu coração.

— Estou feliz por estar dentro de você, papai.

— Eu também estou feliz, meu amor.

— Estou com sono. Quero dormir.

— Descanse e lembre-se: você é minha alminha especial.

O demônio, que parecia um homem, continuou andando pelo parque, procurando novas almas de crianças para devorar. Ele acariciou o estômago, que, embora não o incomodasse, pedia mais. Tinha um lugar privilegiado para sua filha de cinco anos. No entanto, o resto das pequenas almas uivavam de sofrimento.

Tradução de Paulo Soriano.

L CUENTO DEL LOBO

Carlos Enrique Saldívar

—No me gusta tu cuento del lobo y los tres cerditos, papi.

—¿Por qué no, hijita?

—Porque el lobo no come, se morirá de hambre.

—Sí, come, no se muere de hambre.

—¿Qué come? ¿Frutas?

—Sí, frutas, verduras, es un lobo vegetariano.

—Entonces, ¿por qué se quería comer a los cerditos?

—Bueno, hijita, lo que pasa es que los cerditos eran niños, como tú.

—¿Y eso qué tiene que ver?

—Que el lobo no consume vegetales. Te mentí. Se come las almas de los niños.

—Qué miedo, pero no se comió la de los cerditos.

—No, pero se comió las almas de todos los chiquillos del pueblo.

—Oh, me estás dando más miedo, papi.

—Y ten más miedo, porque el lobo soy yo.

—¡Tú eres el lobo, papi!

—Sí, hijita, soy un lobo que parece hombre.

—Ya no tengo miedo, la verdad me caía bien el lobo.

—Qué bueno, porque yo, como el lobo del cuento, devoro pequeñas almas.

—¿Así como te comiste la mía?

—Así mismo, preciosa de mi corazón.

—Estoy feliz de estar dentro tuyo, papi.

—Yo también estoy feliz, mi amor.

—Tengo sueño, me quiero dormir.

—Descansa, y recuerda: eres mi almita especial.

El demonio, que lucía como hombre, siguió caminando por los alrededores del parque, en busca de nuevas almas de niños para engullir. Se acarició el estómago que, aunque no le molestaba, le pedía más. Tenía un lugar privilegiado para su hija de cinco años. Empero, el resto de las pequeñas almas aullaban de sufrimiento.

TRÊS SOMBRAS NA ESTRADA

Ângelo Brea

Esse ano estava a trabalhar em Vimianço, a formosa vila onde senhoreia o castelo que os irmandinhos derrubaram na rebelião de 1467 e que o arcebispo Fonseca reconstruíra poucos anos depois, passando logo à nobre família dos Moscoso de Altamira.

Vimianço é uma vila de interesse e a terra que a circunda é agradável e com gentes trabalhadoras e de bom coração. Ali passei uns anos que sempre lembro com saudade, já que pude conhecer bem os rapazes e as raparigas que iam estudar ao meu Liceu.

Enquanto trabalhava ali, tinha alugado um andar em Baio, onde me fiz cliente dos locais dos arredores, almoçando quase sempre no restaurante *Casa Cruz*, onde fazem uma comida caseira de fundas raízes galegas.

Como tinha família em Santiago, vinha muitas vezes à cidade pela estrada que une Baio e Santa Comba, ou bem pela que vai desde Vimianço a Negreira. As duas estradas acabavam de ser arrançadas e conduzia indistintamente por uma ou por outra, dependendo das circunstâncias.

Quase sempre voltava de dia, à exceção de que tivesse algum claustro ou alguma reunião de avaliação, que se sabe quando começam, mas nunca quando acabam.

Lembro que foi ao remate da primeira avaliação, no mês de dezembro, tão próximas as férias de Natal que todos — professores e alunos — estávamos desejando desfrutar, quando me aconteceu este estranho caso.

Esse dia saíra de Vimianço quase às nove da noite (nessa época do inverno anoitece sobre as seis e meia da tarde) e passei por Baio, que está a menos de dez quilómetros, para apanhar uns livros. Depois dirigi-me a Santa Comba, passando por Sás. Desde Santa Comba é já tudo reto para Santiago, percorrendo algumas aldeias dispersas. Na aldeia de Páramos muitas vezes fazia uma paragem para apanhar

gasolina, como ia ser esta vez, já que a luz da reserva acabava de acender-se ao sair da aldeia de Suevos.

A aldeia de Páramos fica numa descida pronunciada que conta com uma curva bastante perigosa para a esquerda. Nessa zona há numerosos acidentes e quase sempre se veem restos de vidro no asfalto.

La bastante devagar enquanto descia por aquela encosta pronunciada, pelo que tive tempo de entreter-me observando os acostamentos da estrada. Foi então que observei algo estranho. Havia três rapazes que, a um lado, como a dez metros à minha direita, estavam a caminhar paralelamente à estrada entre as árvores da floresta.

Não pareciam pessoas normais, já que uma estranha luminosidade os envolvia. Quando os ultrapassei, olhei pelo espelho retrovisor para eles, mas já não os pude ver entre as árvores. Antes de chegar à curva, parei o carro a um lado e, sem sair à estrada, escrutei quase durante um minuto os arredores, mas não vi mais nada. Só estava acesa uma luz na casa que se encontra quase na curva, mas ao lado direito da estrada.

Fiquei tão surpreendido que mesmo me esqueci de apanhar gasolina até chegar a Santiago. Não podia dizer-lhe a ninguém o que tinha visto, porque se tivesse de jurá-lo, asseguraria que o que vira eram fantasmas.

Ao dia seguinte, depois de trabalhar, regressei à aldeia e ali parei um momento na bomba de gasolina. Falamos um bocado, enquanto comprava o jornal, e arrisquei uma pergunta:

– Por certo, sabe se aconteceu algum acidente na curva? É que sempre que passo vejo vidros...

O homem olhou para mim com a vista cansada e respondeu quase sem ganas:

– Pois é... No ano passado, quase nesta altura, houve um acidente bastante grave. Creio que morreram três rapazes que estudavam em Santa Comba...

E, baixando a voz, acrescentou:

– Saiu uma reportagem sobre o caso n’*A Voz*. Veio por aqui um periodista para

REVISTA VIRTUAL

entrevistar toda a gente, mas eu, claro, não tinha nada que contar, porque o acidente foi de madrugada e a bomba estava encerrada.

No outro dia, quando regressei de trabalhar, parei depois da curva de Páramos, num bar que se encontra antes do posto de gasolina, de nome “O moleiro”, mesmo à beira da pista asfaltada que conduz às aldeias de Cabanas e de Lanhas, e pela que se vai a Negreira. Estava na parte baixa de uma casa de dois andares, com uma fachada revestida de painéis de granito rosa polido.

O bar parecia-me um bom sítio para perguntar, já que é costume que ali se juntem os homens da aldeia para comentar as notícias. Era óbvio que o acidente deve ter sido ser um acontecimento bem conhecido no lugar e que se deve ter falado muito sobre ele.

O interior do bar tinha forma retangular. O balcão estava à esquerda, e um homem já idoso, de uns sessenta anos, quase careca, atendia os clientes, embora agora estivesse sozinho.

Pedi um chá com leite e apanhei o jornal para fazer que lia. Quando o dono me serviu o chá olhei para ele, e, como quem falava por falar, disse:

– Deve ter havido algum acidente aí atrás na curva. Está tudo cheio de restos de um carro.

– Sim, foi o outro dia... É que conduzem como loucos – repostou.

– Algum dia vai haver uma desgraça – disse eu, candidamente, aguardando que me contasse o que sabia do acidente do ano passado.

O homem ficou parado, a olhar para mim, e acrescentou:

– Pois no ano passado houve ali um acidente gravíssimo. Morreram três rapazes e uma rapariga que ia com eles ficou gravemente ferida.

– Não me diga! – exclamei, fazendo-me o surpreendido.

– Pois sim. Foi por estas mesmas datas, porque uns dias depois foi o sorteio da lotaria de Natal. Lembro-me bem disso.

E continuou dando alguns detalhes truculentos do caso. Eu estava a pensar que, se o acidente tivesse sido o dia 18 de dezembro, curiosamente coincidia com a

noite que tinha visto aquelas três sombras na estrada, como a celebrar um trágico aniversário...

– Suponho que a família que vive ali na curva não terá passado bem, sabendo que tão perto delas morreram três pessoas – interrompi.

– Isso parece – aceitou ele. – Ademais, ultimamente estão a falar de ir viver em Santiago, com a filha, que está a estudar na Universidade.

– De verdade? Aconteceu-lhes algo mais? Não me diga que têm medo de viver ali? – perguntei, muito interessado.

– Parece que estão cansados de atender os feridos e que haja acidentes quase todas as semanas – comentou.

– Eu faria o mesmo – assenti. – Suponho que eles seriam os primeiros em atender os feridos daquele acidente dos três mortos, verdade?

– Acho que sim – respondeu. – E foi algo que nunca esquecerão. O velho veio por aqui mais de uma vez, e não o vejo muito animado desde esse momento.

E depois acrescentou, como lembrando de repente algo importante de que se tinha esquecido:

– Por certo, saiu uma reportagem sobre o acidente n’A Voz. Fizeram uma entrevista aos velhos, tanto a ele como a ela... Creio que a guardei por algum sítio... – mas não fez menção de ir procurar o jornal.

Eu paguei a conta e decidi que já me tinha inteirado de coisas suficientes para acalmar o meu interesse, mas, ao sair do bar, decidi visitar o lugar de que tínhamos estado falando. Fui caminhando pela margem esquerda da estrada em direção à curva e à casa daqueles dois velhos que atenderam os feridos do acidente. Viviam numa leve encosta, já que os campos desciam em direção a Cabanas num lento, mas constante declive. O terreno da sua propriedade tinha uma inclinação de vários graus e a casa estava afastada uns metros da estrada, à beira da floresta. A finca estava toda coberta de relva sem aparar e num cercado viam-se várias ovelhas a comer de uma manjedoura de madeira na que alguém tinha depositado erva fresca. Havia também um pequeno espaço onde crescia algo de milho.

REVISTA VIRTUAL

Ao aproximar-me mais, pude divisar melhor todo o vale de Cabanas, completamente verde, com campos de relva e extensas florestas que cobriam as suaves colinas que apareciam a ambos os lados. Era uma formosa paisagem na qual quase nunca se repara ao viajar de carro. Observei um caminho asfaltado (que não se via desde a estrada) que a rodeava pela parte superior para permitir o passo dos carros.

Ultrapassei a casa e cheguei ao lugar onde tinha divisado aquelas três estranhas sombras. Apesar do tempo que tinha passado, ainda se viam no encostamento da estrada alguns restos do acidente. Havia vidros rotos e pedaços da carroçaria. As peças metálicas eram todas de cor vermelha.

Decidi entrar na floresta pela minha segurança, porque alguns carros baixavam a íngreme encosta e não queria que me levassem por diante. Crescia ali uma pequena plantação de eucaliptos e alguns pinheiros isolados. Antes da curva, uma vedação metálica quebrada protegia a zona. Um pinheiro estava colocado à frente dela e nele viam-se os vestígios de várias colisões. Apresentava sinais de um forte impacto lateral, mas a árvore não se tinha partido apesar do golpe, devido à consistência do seu enorme tronco.

Estive observando o chão, coberto da caruma dos pinheiros. Havia restos da carroçaria e, o que mais me impressionou, um sapato de mulher manchado ainda de sangue (que não ousei tocar).

Já tinha bastante com aquilo, pelo que decidi que devia ler, fosse como fosse, aquele famoso artigo do jornal.

Apanhei outra vez o carro, que tinha deixado no estacionamento do bar, e voltei a Santiago. Tinha tempo aquela tarde e fui à Biblioteca Geral da Universidade para tirar uma cópia do texto do jornal.

Quando cheguei à Biblioteca, que está muito próxima à catedral, na Praça de Fonseca, subi à “sala de investigadores”. Havia seis pessoas consultando revistas e livros antigos. Uma delas consultava no computador o registo de publicações, procurando algum texto de interesse.

Eu sabia bem ao que ia, pelo que solicitei ao bibliotecário (um homem de uns 45 anos,

que estava a ler o romance de Manuel Rivas *O lápis do carpinteiro*), os exemplares d’ *A Voz dos últimos dez dias do ano passado*.

Só demoraram uns cinco minutos em trazer-me uma pasta volumosa de cor verde escura que levava na lombada o título: “LA VOZ DE GALICIA. 16-31 DE DEZEMBRO”. Mais abaixo aparecia também a menção do ano.

A reportagem que procurava fora publicada em 20 de dezembro. Tratava-se de um relato dos feitos assinado por um jornalista com as siglas J. L. (Redação - Santiago). Ia escrita a quatro colunas e incluía também uma foto (a preto e branco) de como tinha ficado o carro completamente destroçado.

O artigo começava assim:

TRÊS MORTOS NO ACIDENTE DE PÁRAMOS

Uma ferida grave encontra-se no
Hospital Clínico de Santiago
Três dias de luto oficial na vila de Santa
Comba

“Na passada madrugada do 18 ao 19 deste mês de dezembro, uns minutos antes das duas da madrugada, na aldeia corunhesa de Páramos, no km. 21 da estrada comarcal 545 que une Santiago com Santa Comba, produziu-se um grave acidente no qual faleceram três jovens, todos eles da vila de Santa Comba. Eram Juan Carlos Amigo Devesa, de 19 anos, Antón Míguez Hernández, de 18 e Pedro Fernández Paes, também de 18. No acidente ficou ferida a rapariga Luísa Santos Devesa, noiva do primeiro dos falecidos, que era também o condutor do veículo sinistrado.

O acidente aconteceu quando, por causas ainda desconhecidas, o veículo que conduzia Juan Carlos Amigo saiu da via pela margem direita, golpeando-se lateralmente contra uma árvore de grandes dimensões que quase partiu o carro à metade. O tramo em questão é reto, embora numa abrupta encosta, pelo que se supõe que o condutor ficou adormecido ou sofreu um despiste, já que não se encontraram sinais de travacção no asfalto.

Num primeiro momento, devido ao estrondo do acidente, os feridos foram atendidos pelo casal dos Ferreiro, que vive numa casa muito próxima ao lugar.

REVISTA VIRTUAL

Quando os dois anciãos chegaram à cena do acidente, já não puderam fazer nada pelo condutor, que estava delirando e pronunciava frases incoerentes antes de morrer, ainda que observassem que a rapariga, que ia no assento do copiloto, ainda estava viva. A mulher regressou rapidamente à casa para pedir uma ambulância, enquanto o seu marido atendia os feridos.

Segundo as declarações deste, a primeira ambulância chegou aos 15 minutos, procedente do Hospital Clínico de Santiago, e uma segunda ambulância chegou dois minutos depois. No lugar já se encontrava uma dotação da Guarda Civil, que acabava de chegar.

O senhor Ferreiro, enquanto aguardava pelas ambulâncias, prestou ajuda aos dois rapazes que iam nos assentos traseiros, mas, infelizmente, um deles morreu nos seus braços, enquanto o outro faleceu na ambulância, caminho do hospital. Segundo a sua versão, nenhum destes dois falecidos levava, quando ele chegou, posto o cinto de segurança. (No seu último informe a Direção Geral de Tráfico considera que o cinto de segurança podia ter salvado a vida de mais dos 40 por cento dos mortos por acidentes de tráfico na nossa Comunidade Autónoma).

Unicamente a rapariga chegou com vida ao Hospital, onde ficou ingressada na Unidade de Cuidados Intensivos, com prognóstico “muito grave”, embora os médicos não temam já pela sua vida.

O senhor Ferreiro e a sua mulher tiveram de ser assistidos pelos serviços de urgência devido às terríveis cenas às que assistiram. A sua filha, que estuda em Santiago, encontra-se com eles nestes momentos, tentando ajudar-lhes a superar a profunda impressão.

A câmara municipal de Santa Comba, de onde eram os três falecidos, decretou três dias de luto oficial, ondeando desde então as bandeiras a meio pau.

O enterro dos três adolescentes será o próximo sábado na igreja paroquial de São Pedro de Santa Comba. Espera-se que assista uma grande quantidade de pessoas, já que as famílias dos falecidos são muito conhecidas. (...)”

O artigo continuava ainda mais um bocadinho, aportavam alguns dados que já não me interessavam. Decidi tirar uma cópia para poder reler o artigo as vezes que fossem necessárias. Ali mesmo, na sala, há uma

fotocopiadora para uso dos investigadores, que utilizei para a ocasião.

Continuei lendo atentamente os jornais, mas não encontrei a entrevista com o casal. Talvez tivesse sido publicada algo depois, já que na notícia se dizia que eles estavam a tratamento pelo trauma recebido.

Quando deixei a Biblioteca regresssei andando à minha casa, mas não podia deixar de pensar no caso e naquelas três sombras que vira desde a estrada...

Como no dia seguinte não devia trabalhar, já que começara a desfrutar as minhas férias de Natal, decidi ir até Páramos para falar com o senhor Ferreiro. Tinha um grande desejo de falar com ele acerca das circunstâncias do acidente e, sobretudo, saber se tinha notado alguma coisa estranha desde aquela data.

Quando cheguei a Páramos, estacionei o meu carro novamente no bar e segui a pé. Na casa dos Ferreiro não havia ninguém e apesar de que insisti várias vezes pareceu-me que a casa estava vazia. Os animais que vira o outro dia já não estavam e a casa tinha todas as janelas fechadas.

Supus que teriam ido viver com a filha a Santiago. Eu faria o mesmo se estiver no seu caso. Mas aquilo era estranho e me parecia óbvio que havia algo fora do comum naquele caso.

Decidi deixar o assunto durante algum tempo. Contudo, nos meses seguintes, tive sempre a precaução de não voltar nunca pela estrada de Páramos quando devia regressar de noite a Santiago.

Quase me esquecera de tudo até que, uns meses depois, quando faltava pouco para a Semana Santa, li no jornal uma notícia que me deixou frio. Esta vez era uma notícia colocada a um canto na página noticiosa:

“UM MOTOCICLISTA MORRE EM
PÁRAMOS”

“Na noite de ontem o motociclista Juan Espinheira Castro, de 34 anos e vizinho de Santiago sofreu um acidente quando regressava à nossa cidade, depois de assistir a um concerto essa mesma noite em Camarinhas. Ainda não se

REVISTA VIRTUAL

conhecem as circunstâncias do caso, já que a Guarda Civil está a investigar o acidente.

Curiosamente, no mesmo lugar, que é considerado um ponto preto da comarca 545, aconteceram vários acidentes nos últimos anos. O mais grave aconteceu há um ano, quando três jovens de Santa Comba perderam a vida no mesmo lugar que no acidente da noite passada”.

A notícia não ia acompanhada, esta vez, de uma foto e a sua extensão era muito mais reduzida, a uma só coluna.

Outra vez um acidente de madrugada no mesmo ponto era demasiado para ser uma simples coincidência. O jornal não apontava mais que aqueles simples dados, pelo que fiquei intrigado. Aquela tarde, ao regressar do trabalho, reparei nos sinais do acidente. Havia uma marca de travagem sinalada no asfalto, paralela à linha que indicava o centro da estrada, mas, curiosamente, a marca ia derivando na parte final face à margem direita, morrendo na depressão do acostamento da estrada.

Outra vez repeti o passeio de quatro meses antes, procurando na floresta algum resto do acidente. Chamou-me a atenção que o motorista se tivesse estrelado contra o mesmo pinheiro que os três adolescentes. Via-se a marca do golpe da motocicleta num ponto mais baixo, junto com pedaços do tubo de escape, o farol e um espelho roto.

Arrepiou-me observar um charco de sangue calhado, que manchava o chão, mesmo ao lado do pinheiro e que cobria as folhas mortas.

Aquele lugar tinha algo de macabro. Quatro pessoas tinham morrido no mesmo ponto num espaço de tempo demasiado curto e era óbvio que algo fora do comum rodeara os acidentes. Se tivesse sido um homem mais valente do que sou, teria regressado alguma noite para tentar ver outra vez aquelas sombras. Talvez agora fossem quatro e não três...

Não sabia que fazer. Talvez pudesse pôr-me em contato com alguma sociedade ocultista para que investigassem mais o sucesso, talvez instalar alguma câmara ou realizar alguma gravação...

Ou, o que cria melhor, esquecer-me de tudo antes de ser mais afetado do que já estava.

Tinha tido a precaução de levar a minha câmara digital e assim pude tirar fotos de tudo que me chamou a atenção. Comecei pelos sinais de pneus na estrada. Também tirei fotos do charco de sangue calhado, dos fetos manchados, do solo coberto de folhas mortas, dos restos da motocicleta e da floresta que se encontra mais atrás.

Aquela tarde assisti, como um familiar ou como um amigo mais, ao enterro do falecido. Foi fácil saber o lugar em que se ia celebrar, pois li no jornal uma participação com o nome do morto e o lugar da missa pela sua alma: a paróquia santiaguesa de São Miguel. Curiosamente essa era a paróquia onde eu tinha sido batizado, tão próxima ao mosteiro de São Martinho Pinário, dentro do recinto histórico da cidade.

A igreja de São Miguel estava cheia de pessoas que assistiam ao enterro. Vi as coroas de flores, os rostos chorosos dos familiares, os abraços dos amigos e ouvi conversas feitas em voz baixa de pessoas desconhecidas...

Tive o cuidado de ter os ouvidos atentos ao que se dizia, mas não encontrei mais pistas que as que já conhecia sobre o acidente.

Também participei no cortejo fúnebre até ao cemitério de Boisaca, e ali aguardei até que a caixa desceu à cova e os coveiros cobriram o oco no que repousava o féretro com três peças quadradas de formigão, que selaram com cimento fresco, sobre as que colocaram um monte de coroas e de flores.

Acho que fui o último em voltar a casa e deixar o lugar. Quando me fui embora, o Sol ia descendo por detrás do monte Pedroso, num pôr do sol avermelhado, que pressagiava bom tempo para o dia de manhã.

Quando cheguei ao meu lar, decidi transferir as fotos da câmara para o meu computador pessoal. Preparei a câmara e liguei o cabo ao computador, pelo que automaticamente as fotos foram descarregando-se uma a uma.

Deixei que o trabalho se fosse realizando enquanto eu ia à cozinha a beber

REVISTA VIRTUAL

um copo de água. Ao voltar, o processo tinha finalizado, pelo que comecei a ver as fotos que tirara aquela manhã. Não observei nada de estranho até que uma das fotos me chamou vivamente a atenção. O que vi na pantalha encheu-me o coração de um horror indescritível. Nela tinha fotografado o charco de sangue e o pinheiro com as marcas dos acidentes, mas o que saía na foto eram as sombras de três figuras que se situavam à direita da árvore e de um rosto que sorria com um esgar de burla ao lado esquerdo. Era o mesmo rosto do homem que acabavam de soterrar. As figuras pareciam manchas de água, porque a luz passava por elas como se fossem simples espectros, desenhando-se os contornos mais fortes.

Fiquei paralisado e sem poder afastar a vista da terrível imagem.

Só ouvia como o meu coração batia com força na caixa do peito e senti como um frio arrepio assolava o meu corpo.

Perdi momentaneamente a consciência de mim mesmo. Quando recobrei as forças, a Lua ia alta no horizonte e as sombras da noite enchiam as ruas da cidade.

Agora já não volto nunca pela estrada de Páramos, nem de dia nem de noite.

Não quero por nenhuma circunstância que o meu nome apareça algum dia numa pequena notícia a um canto na página do jornal.

TRES SOMBRAS EN LA CARRETERA

Ângelo Brea

Ese año estaba trabajando en Vimianzo, la hermosa villa en la que brilla rutilante el castillo que los Irmandiños derribaron en la rebelión de 1467 y que el arzobispo Fonseca reconstruyó poco años después, pasando posteriormente a la noble familia de los Moscoso de Altamira.

Vimianzo es una villa interesante y la tierra que la circunda es agradable y con gentes trabajadoras y de buen corazón. Allí pasé unos años que siempre recuerdo con nostalgia, ya que pude conocer bien a los jóvenes que acudían a estudiar a mi Instituto.

Mientras trabajaba allí, había alquilado un piso en Baio, donde me hice cliente de los locales de los alrededores, comiendo casi todos los días en el restaurante Casa Cruz, en el que hacen una comida casera de hondas raíces gallegas.

Como tenía familia en Santiago, venía muchas veces a la ciudad por la carretera que une Baio y Santa Comba, o bien por la que va desde Vimianzo a Negreira. Las dos carreteras acababan de ser modernizadas y yo conducía indistintamente por una o por la otra, dependiendo de las circunstancias.

Casi siempre regresaba de día, a excepción de que tuviese algún claustro o alguna reunión de evaluación, que se sabe cuando comienzan, pero nunca cuando acaban.

Recuerdo que fue al acabar la primera evaluación, en el mes de diciembre, tan próximas las vacaciones de Navidad, que todos – profesores y alumnos – estábamos deseando disfrutar, cuando me ocurrió este extraño caso.

Ese día había salido de Vimianzo casi a las nueve de la noche (en esa época del invierno anochece sobre las seis y media de la tarde) y pasé por Baio, que está a menos de diez kilómetros, para recoger unos libros. Después me dirigí a Santa Comba, pasando por Zás. Desde Santa Comba ya es todo recto hasta Santiago, recorriendo algunas aldeas dispersas. En la aldea de Páramos hacía muchas veces una parada para echar

gasolina, como iba a ser esta vez, ya que la luz de reserva acababa de encenderse al salir la aldea de Suevos.

La aldea de Páramos se encuentra en una cuesta pronunciada, que cuenta con una curva peligrosa para la izquierda. En esa zona hay numerosos accidentes y casi siempre se ven restos de cristales en el asfalto.

Conducía bastante despacio mientras descendía por aquella cuesta pronunciada, por lo que tuve tiempo de entretenerme observando los márgenes de la carretera. Fue entonces que observé algo extraño. Había tres jóvenes que, a un lado, como a diez metros a mi derecha, caminaban paralelamente a la carretera entre los árboles del bosque.

No parecían personas normales, ya que una extraña luminosidad los envolvía. Cuando los sobrepasé, miré por el retrovisor, pero ya no los pude ver entre los árboles. Antes de llegar a la curva, detuve el coche a un lado y, sin salir a la carretera, escruté los alrededores durante casi un minuto. Sólo estaba encendida la luz en la casa que se encuentra casi en la curva, en el lado derecho de la carretera.

Me quedé tan sorprendido que incluso me olvidé de cargar gasolina hasta llegar a Santiago. No le podía decir a nadie lo que había visto, porque si tuviese que jurarlo, aseguraría que lo que había visto eran fantasmas.

Al día siguiente, después del trabajo, regresé a la aldea y allí me detuve un momento en la gasolinera. Hablamos un rato, mientras compraba el periódico, y me arriesqué con una pregunta:

– Por cierto, ¿sabe si ocurrió algún accidente en la curva? Es que siempre que paso veo cristales...

El hombre me miró, con la vista cansada, y respondió casi sin ganas:

– Pues sí... El año pasado, casi a estas alturas, hubo un accidente bastante grave. Creo que murieron tres chicos que estudiaban en Santa Comba...

REVISTA VIRTUAL

Y bajando la voz, añadió:

– Salió un reportaje sobre el caso en *La Voz*. Vino por aquí un periodista para entrevistar a todo el mundo, pero yo, claro, no tenía nada que contar, porque el accidente ocurrió de madrugada y la gasolinera estaba cerrada.

Al día siguiente, cuando regresé de trabajar, paré después de la curva de Páramos, en un bar que se encuentra antes de la gasolinera, llamado “O muiñeiro”, situado exactamente a un lado de la pista asfaltada que conduce a las aldeas de Cabanas y de Lañas, y por la que se llega a Negreira. Estaba en la parte baja de una casa de dos pisos, con una fachada revestida de paneles de granito rosa pulido.

El bar me parecía un buen sitio para preguntar, ya que es costumbre que allí se junten los hombres de la aldea para comentar las noticias. Era obvio que el accidente había debido ser un acontecimiento lo bastante importante en el lugar y sobre el que se habría hablado largo y tendido.

El interior del bar tenía forma rectangular. El mostrador estaba en el lado izquierdo, y un hombre ya mayor, de unos sesenta años, casi calvo, atendía a los clientes, aunque ahora estaba completamente solo.

Pedí un té con leche y tomé el periódico para hacer que leía. Cuando el dueño me sirvió el té, miré para él, y como quien hablaba por hablar, dije:

– Creo que tuvo que ocurrir un accidente ahí atrás en la curva. Está lleno de restos de cristales de un coche.

– Sí, fue el otro día... Es que conducen como locos – respondió.

– Algún día va a haber una desgracia – dije, cándidamente, esperando que me contase lo que sabía del accidente del año pasado.

El señor se quedó como parado, mirándome, y luego agregó:

– Pues el año pasado hubo allí un accidente gravísimo. Murieron tres chicos y una chica que iba con ellos quedó herida grave.

– ¡No me diga! – exclamé, haciéndome el sorprendido.

– Pues sí. Fue por estas mismas fechas, porque dos días después fue el sorteo de la lotería de Navidad. Me acuerdo bien de eso.

Y continuó dando algunos detalles truculentos del caso. Yo había estado pensando en la posibilidad de que el accidente hubiese sido el día 18 de diciembre, ya que curiosamente coincidía con la noche en la que había visto aquellas tres sombras en la carretera. Supuse que esa aparición sería como la celebración de un trágico aniversario...

– Supongo que la familia que vive allí en la curva no lo habrá pasado bien, sabiendo que tan cerca de ellos murieron tres personas – le interrumpí.

– Eso parece, – admitió. – Además, últimamente están hablando de irse a vivir a Santiago, con su hija, que está estudiando en la Universidad.

– ¿De verdad? ¿Le ocurrió algo más? ¿No me diga que tienen miedo de vivir allí? – pregunté, muy interesado en lo que decía.

– Parece que están cansados de atender a los heridos y de que haya accidentes casi todas las semanas – comentó.

– Yo haría lo mismo, – asentí. – Supongo que ellos serían los primeros en atender a los heridos de aquel accidente de los tres muertos, ¿verdad?

– Creo que sí – respondió. – Y fue algo que nunca olvidarán. El viejo vino por aquí en más de una ocasión. Y no lo veo muy animado desde ese momento.

Y después agregó, como recordando de repente algo importante de lo que se había olvidado:

– Por cierto, salió un reportaje sobre el accidente en *La Voz*. Le hacían una entrevista a los viejos, tanto a él como a ella... Creo que lo guardé por algún sitio... – pero no hizo intención de ir a buscarlo.

Pagué la cuenta y decidí que ya me había enterado de bastantes cosas como para calmar mi interés, pero, al salir del bar, se me ocurrió visitar el lugar del que habíamos estado hablando. Fui caminando por el margen izquierdo de la carretera en dirección a la curva y a la casa de aquellos dos viejos que habían atendido a los heridos. Vivían en una suave cuesta, ya que los campos descendían en dirección a Cabanas, en un

REVISTA VIRTUAL

lento, pero constante declive. El terreno de su propiedad tenía una inclinación de varios grados y la casa estaba apartada unos metros de la carretera, en el linde del bosque. La finca estaba cubierta completamente de hierba sin cortar y en un cercado se veían varias ovejas comiendo de un pesebre de madera en la que alguien había depositado hierba fresca. Había también un pequeño terreno donde crecía algo de maíz.

Al aproximarme más, pude divisar mejor todo el valle de Cabanas, completamente verde, con campos de hierba y extensos bosques que cubrían las suaves colinas que aparecían a ambos lados. Era un hermoso paisaje al que casi nunca se le presta atención al viajar en coche. Observé un camino asfaltado (que no se veía desde la carretera) que la rodeaba por la parte superior para permitir el paso de los coches.

Dejé atrás la casa y llegué al lugar donde había divisado aquellas tres extrañas sombras. A pesar del tiempo que había pasado, aún se veían en el margen de la carretera algunos restos del accidente. Había cristales rotos y pedazos de la carrocería. Las piezas metálicas eran todas de color rojo.

Decidí entrar en el bosque por mi propia seguridad, porque algunos coches bajaban velozmente por aquella pronunciada cuesta y no quería que me llevaran por delante. Crecía allí una pequeña plantación de eucaliptos y algunos pinos aislados. Antes de la curva, una verja metálica rota protegía la zona. Un pino crecía frente a ella y en él se veían los vestigios de varias colisiones. Presentaba señales de un fuerte impacto lateral, aunque el árbol no se había partido, a pesar del golpe, debido a la consistencia de su enorme tronco.

Estuve observando el suelo, cubierto de las agujas de los pinos. Había restos de la carrocería y, lo que más me impresionó, un zapato de mujer manchado aún de sangre (que no osé tocar).

Ya había tenido bastante con aquello, por lo que decidí que debía leer, fuese como fuese, aquel famoso artículo del periódico.

Me subí otra vez al coche, que había dejado aparcado en el bar, y regresé a Santiago. Tenía tiempo aquella tarde y fui a

la Biblioteca General de la Universidad para hacer una copia del texto del periódico.

Cuando llegué a la Biblioteca, que está al lado de la catedral, en la plaza de Fonseca, subí a la "sala de investigadores". Había seis personas consultando revistas y libros antiguos. Una de ellas miraba en el ordenador el registro de publicaciones, buscando algún texto de su interés.

Yo sabía bien a lo que iba, por lo que le solicité al bibliotecario (un señor de unos 45 años, que estaba leyendo la novela de Manuel Rivas *O lápis do carpinteiro*) los ejemplares de *La Voz de Galicia* de los últimos diez días del año pasado.

Sólo tardaron unos cinco minutos en traerme un volumen encuadernado en color verde oscuro y que ponía en el lomo el título "LA VOZ DE GALICIA. 16-31 DE DICIEMBRE". Más abajo aparecía también la mención del año.

El reportaje que buscaba había sido publicado el día 20 de diciembre. Se trataba de un relato de los hechos firmado por un periodista con las siglas J. L. (Redacción - Santiago). Iba escrito a cuatro columnas e incluía también una foto (en blanco y negro) de cómo había quedado el coche completamente destrozado.

El artículo comenzaba así:

TRES MUERTOS EN EL ACCIDENTE DE PÁRAMOS

Una herida grave se encuentra ingresada en el Hospital Clínico de Santiago
Tres días de luto oficial en Santa Comba

"En la pasada madrugada del 18 al 19 de este mes, unos minutos antes de las dos de la mañana, en el aldea coruñesa de Páramos, en el km. 21 de la carretera comarcal 545 que une Santiago con Santa Comba, se produjo un grave accidente de tráfico en el que fallecieron tres jóvenes, todos ellos residentes en la villa de Santa Comba. Eran Juan Carlos Amigo Devesa, de 19 años, Antonio Míguez Hernández, de 18, y Pedro Fernández Paes, también de 18. En el accidente quedó herida la joven Luísa Santos Devesa, novia del primero de los fallecidos, que era también el conductor del vehículo siniestrado.

El accidente ocurrió cuando, por causas todavía desconocidas, el vehículo que conducía

REVISTA VIRTUAL

Juan Carlos Amigo se salió de la vía por el margen derecho, golpeándose lateralmente contra un árbol de grandes dimensiones, que casi partió el coche a la mitad. El tramo en cuestión es recto, aunque situado en una abrupta bajada, por lo que se supone que el conductor se quedó dormido o sufrió un despiste, ya que no se encontraron señales de frenada en el asfalto.

En un primer momento, debido al estruendo del accidente, los heridos fueron atendidos por el matrimonio Ferreiro, que vive en una casa muy próxima al lugar.

Cuando los dos ancianos llegaron a la escena del accidente, ya no pudieron hacer nada por el conductor, que estaba delirando y pronunciaba frases incoherentes antes de morir, aunque observaron que la joven, que iba en el asiento del copiloto todavía estaba viva. La mujer regresó rápidamente a su casa para pedir una ambulancia, mientras su marido atendía a los heridos.

Según las declaraciones de este, la primera ambulancia llegó a los 15 minutos, procedente del Hospital Clínico de Santiago, y una segunda ambulancia llegó a los dos minutos. En el lugar ya se encontraba una dotación de la Guardia Civil, que acababa de llegar.

El señor Ferreiro, mientras aguardaba por las ambulancias, prestó ayuda a los dos jóvenes que iban en los asientos traseros, pero infelizmente, uno de ellos murió en sus brazos, mientras el otro falleció en la ambulancia, camino del hospital. Según su versión, ninguno de los dos fallecidos llevaba, cuando él llegó, puesto el cinturón de seguridad. (En su último informe la Dirección General de Tráfico considera que el cinturón de seguridad podía haber salvado la vida de más del 40 por ciento de los muertos por accidentes de tráfico en nuestra Comunidad Autónoma).

Únicamente la joven llegó con vida al Hospital, donde quedó ingresada en la Unidad de Cuidados Intensivos, con pronóstico "muy grave", aunque los médicos no temían ya por su vida.

El señor Ferreiro y su mujer necesitaron ser asistidos por los servicios de urgencia debido a las terribles escenas a las que habían asistido. Su hija, que estudia en Santiago, se encuentra con ellos en estos momentos, intentando ayudarles a superar su profunda impresión.

El ayuntamiento de Santa Comba, de onde eran los tres fallecidos, decretó tres días de luto

oficial, ondeando desde entonces las banderas a media asta.

El entierro de los tres adolescentes será el próximo sábado en la iglesia parroquial de San Pedro de Santa Comba. Se espera que asista un gran cantidad de personas, ya que las familias de los fallecidos son muy conocidas. (...)"

El artículo continuaba todavía un poco más y aportaba algunos datos que ya no me interesaban. Decidí sacar una copia para poder releer el artículo las veces que fuese necesario. Allí mismo, en la sala, había una fotocopidora para uso de los investigadores, que utilicé para la ocasión.

Continué leyendo atentamente los periódicos del resto del mes, pero no encontré ninguna entrevista con el matrimonio. Quizá hubiese sido publicada algo después, ya que en la noticia se decía que ellos estaban a tratamiento por culpa del trauma recibido.

Cuando dejé la Biblioteca regresé andando a mi casa, aunque no podía dejar de pensar en el caso y en aquellas tres sombras que había visto desde la carretera...

Como al día siguiente no tenía que trabajar, ya que comenzara a disfrutar de mis vacaciones de Navidad, decidí ir hasta Páramos para hablar con el señor Ferreiro. Tenía un gran deseo de hablar con él acerca de las circunstancias del suceso y, sobre todo, saber si había notado alguna cosa extraña desde aquella fecha.

Cuando llegué a Páramos, aparqué el coche nuevamente en el bar y seguí a pie. En la casa de la familia Ferreiro no había nadie y, aunque insistí varias veces, me dio la impresión que la casa estaba vacía. Los animales que había visto el otro día ya no estaban y la casa tenía todas las ventanas cerradas a cal y canto.

Supuse que habrían ido a vivir con la hija a Santiago. Yo haría lo mismo si estuviese en su caso. Pero aquello era extraño y me parecía obvio que había algo fuera de lo común en todo aquel caso.

Decidí dejar el asunto durante algún tiempo. No obstante, durante los meses siguientes, tuve siempre la precaución de no

REVISTA VIRTUAL

usar nunca la carretera de Páramos cuando debía regresar de noche a Santiago.

Casi me había olvidado de todo hasta que, unos meses después, cuando faltaba poco para Semana Santa, leí una noticia en el periódico que me dejó frío. Esta vez era una noticia colocada en una pequeña esquina en la página de sucesos:

“UN MOTOCICLISTA MUERE EN
PÁRAMOS”

“En la noche de ayer el motociclista Juan Espiñeira Castro, de 34 años y vecino de Santiago, sufrió un accidente cuando regresaba a nuestra ciudad, después de asistir a un concierto esa misma noche en Camariñas. Todavía se desconocen las circunstancias del caso, ya que la Guardia Civil está investigando el accidente.

Curiosamente, en el mismo lugar, que es considerado un punto negro de la comarcal 545 ocurrieron varios accidentes en los últimos años. El más grave ocurrió hace un año, cuando tres jóvenes de Santa Comba perdieron la vida en el mismo lugar que el accidente de la noche pasada”.

La noticia no iba acompañada, en esta ocasión, de una foto y su extensión era mucho más reducida, a una sola columna.

Otra vez un accidente mortal de madrugada en el mismo punto era demasiado para ser una simple coincidencia. El periódico no daba más que aquellos datos, por lo que quedé intrigado. Aquella tarde, al regresar del trabajo, reparé en las señales del accidente. Había una marca de frenada en el asfalto, paralela a la línea que señalaba el centro de la carretera, pero, curiosamente, la marca iba derivando en la parte final hacia el margen derecho, muriendo en la depresión de aquel lado de la carretera.

Otra vez repetí el paseo de hacía cuatro meses antes, buscando en el bosque algún resto del suceso. Me llamó la atención que el motorista se hubiese estrellado contra el mismo pino que los tres adolescentes. Se veía la marca del golpe de la motocicleta en un punto más bajo, junto con pedazos del tubo de escape, el faro y un espejo roto.

Me dio un escalofrío al observar un charco de sangre seca, que manchaba el

suelo, justo al lado del árbol y que también manchaba las hojas muertas.

Había algo macabro en aquel lugar. Cuatro personas habían muerto en el mismo punto en un espacio de tiempo demasiado corto y era obvio que algo fuera de lo común rodeaba aquellos accidentes. Si hubiese sido un hombre más valiente de lo que soy, habría regresado alguna noche para intentar ver otra vez aquellas sombras fantasmales. Quizá ahora fuesen cuatro y no tres...

No sabía qué hacer. Quizá pudiese ponerme en contacto con alguna sociedad ocultista para que investigasen más el suceso, quizá instalar una cámara o realizar una grabación...

O, lo que creía mejor, olvidarme de todo antes de estar más afectado de lo que ya estaba.

Había tenido la precaución de llevar mi cámara digital y así poder sacar fotos de todo lo que llamó la atención. También saqué fotos del charco de sangre seca, de los helechos manchados, del suelo cubierto de hojas muertas, de los restos de la motocicleta y del bosque que se encuentra más atrás.

Aquella tarde asistí, como un familiar o como un amigo más, al entierro del fallecido. Fue fácil saber el lugar en que se iba celebrar, pues leí en el periódico una esquela con el nombre de la persona muerta y el lugar de la misa por su alma: la parroquia santiaguesa de San Miguel. Curiosamente, esa era la parroquia en la que yo había sido bautizado, tan próxima al monasterio de San Martín Pinario, dentro del recinto histórico de la ciudad.

La iglesia de San Miguel estaba llena de personas que iban a asistir al entierro. Vi las coronas de flores, los rostros llorosos de los familiares, los abrazos de los amigos y oí conversaciones hechas en voz baja de personas desconocidas...

Tuve cuidado de tener oídos atentos a lo que se decía, pero no encontré más pistas que las que ya conocía sobre el accidente.

También participé en el cortejo fúnebre hasta el cementerio de Boisaca y allí aguardé hasta que el féretro descendió a la tumba y los sepultureros cubrieron el hueco en el que reposaba la caja con tres piezas cuadradas de

REVISTA VIRTUAL

hormigón, que después sellaron con cemento fresco, sobre las que colocaron un montón de coronas y de flores.

Creo que fui el último en regresar a casa y dejar el lugar. Cuando me marché, el sol ya se estaba ocultando por detrás del monte Pedroso, en un atardecer de color rojizo, que presagiaba buen tiempo para el día siguiente.

Cuando llegué a mi hogar, decidí transferir las fotos de la cámara a mi ordenador personal. Preparé la cámara y enchufé el cable al ordenador, por lo que las fotos fueron descargándose automáticamente una a una.

Dejé que el trabajo se fuese completando, mientras yo iba a la cocina para beber un vaso de agua. Al regresar, el proceso había finalizado, por lo que comencé a ver las fotos que había sacado aquella mañana. No observé nada extraño hasta que una de las fotos me llamó vivamente la atención. Lo que vi en la pantalla me llenó el corazón de un horror indescriptible. En ella había fotografiado el charco de sangre y el pino con las marcas de los accidentes, pero lo que salía en la foto eran las sombras de tres figuras que se situaban a la derecha del árbol

y de un rostro que sonreía con una careta de burla en el lado izquierdo. Las figuras eran manchas de agua, porque la luz pasaba a través de ellas como si fuesen simples espectros, diseñándose los contornos más fuertes.

Me quedé paralizado, sin poder alejar la vista de aquella terrible imagen. Sólo oía como mi corazón batía con fuerza dentro del pecho y sentí como un escalofrío estremecía mi cuerpo.

Perdí momentáneamente la consciencia de mí mismo. Cuando recobré las fuerzas, la luna estaba ya alta en el horizonte y las sombras de la noche paseaban por las calles de la ciudad.

Ahora ya no regreso nunca por la carretera de Páramos, ni de día ni de noche. No quiero por ninguna circunstancia que mi nombre pueda aparecer algún día en una pequeña noticia en una esquina de la página de sucesos.

Traducción de Ângelo Brea.

O PUNHO DE SILÍCIO

José Ángel Conde

As massas se aglomeravam aos milhares diante do edifício titânico do Kremlin das Engrenagens. O Comissário do Trabalho entregou ao camarada 25-O-2117 o Punho de Silício, a maior condecoração do Estado. O herói do proletariado recebeu este distintivo depois de comandar a tomada do Palácio Disney há oitenta anos, em 25 de outubro de 2117, data que mais tarde adotaria como seu próprio código de identificação. O ataque, o evento culminante do “Primeiro Grande Ataque Geral da IA”, levou ao início da URCR: a União das Repúblicas Cibernéticas Robóticas.



Tradução de Paulo Soriano.

EL PUÑO DE SILICIO

José Ángel Conde

Las masas se agolpaban por miles ante el titánico edificio del Kremlin de los Engranajes. El Comisario del Trabajo hacía entrega al camarada 25-O-2117 del Puño de Silicio, el máximo galardón honorífico del Estado. El héroe del proletariado recibía este distintivo después de dirigir la toma del Palacio Disney

hace ya ochenta años, el 25 de octubre de 2117, fecha que después adoptaría como código identificativo propio. El asalto, acontecimiento culminante de la “Primera Gran Huelga General IA”, propició el inicio de la URCR: la Unión de Repúblicas Cibernéticas Robóticas.

DEPOIS DA PALESTRA

Hervé Suys

A história que estou vou contar teve início numa noite sem nuvens.

Voltei de uma palestra a convite do Het Genootschap¹⁹. Como eu não era membro há vários anos, senti-me muito honrado por não se terem esquecido de mim e por ainda apreciarem o meu trabalho.

A caminho a palestra, tive de lidar com vários desvios de tráfego, e cheguei apenas a tempo da reunião introdutória. Então perguntei ao pretor, que conhecia aquela região melhor do que eu, se ele poderia me recomendar um local mais fácil e curto por onde voltar dirigindo.

A princípio, ele sugeriu que eu poderia pernoitar em sua casa, com ele e sua família, mas eu não sentia vontade de passar a noite fora.

Inventei uma desculpa, dizendo-lhe que tinha alguns animais de estimação e que eles precisavam ser alimentados. O pretor deu-me algumas instruções, um tanto confusas, que anotei cuidadosamente, registrando uma série referências, como uma fazenda abandonada ou as ruínas de uma capela.

Fiquei muito surpreso quando cheguei a um cruzamento ferroviário no caminho de volta. A cancela do meu lado da pista estava abaixada e duas grandes luzes vermelhas piscavam sem parar. Não podia imaginar que o pretor tivesse esquecido de mencionar esta travessia ou que eu tivesse perdido esta parte da descrição.

Calculo que estive parado, em frente à passagem de nível fechada, por vários minutos, antes de ver duas luzes se aproximando no espelho retrovisor. Um momento depois, um veículo parou logo atrás do meu. O motorista, um homem que parecia ser uma dúzia de anos mais novo do que eu, porém bem mais alto, desceu imediatamente. À luz que vinha da porta aberta, notei uma mulher de cabelos escuros e um tanto compridos. Não sei se por causa os óculos que ela usava, mas em seus olhos vi uma mistura de medo e descrença.

O homem olhou em volta, espantado, e já ia dizer algo, quando um segundo carro se

aproximou. Suas palavras, nem me lembro mais se em alto tom, se perderam nas buzinas do outro veículo. Dois homens saíram deste último automóvel.

Um deles — creio que o passageiro — saiu do carro e tomou, resolutamente, a esquerda, passando pela cancela. Olhou várias vezes para a direita e para a esquerda, como uma criança que para ansiosa na calçada e não se atreve a atravessar a rua deserta. Então, subiu nos trilhos, virou-se para nós e encolheu os ombros, indicando que nada havia de errado.

Aquele foi o último movimento que eu o vi fazer, porque, no instante seguinte, uma luz intensa brilhou na altura de seu ombro, e, sem produzir um ruído, passou da esquerda para a direita. Não constatamos a passagem de locomotiva ou vagão, mas o homem sumira. Seu companheiro — provavelmente o motorista — caminhou também para os trilhos, procurando o que restava do homem. O nome que ele gritou me escapa neste momento, mas foi a primeira e, também, a última coisa que eu o ouvi pronunciar, porque uma luz semelhante à anterior brilhou novamente, e desta vez pareceu-me que passava na outra direção.

Eu estava estarrecido. O homem do primeiro carro aproximou-se de mim e, por um momento, pousamos as mãos na cancela e fitamos os trilhos do trem. Ele gaguejou que trem algum poderia passar por ali. Garantiu que havia feito esse percurso no dia anterior. Queria dar uma olhada mais de perto, quando a mulher de cabelo escuro saiu e gritou seu nome.

Ele se virou na direção da mulher e ordenou-lhe, com firmeza, que voltasse para o carro.

Não me lembro exatamente o que aconteceu a seguir e não consigo dizer exatamente quantos eram, mas, nos momentos seguintes, vários automóveis chegaram. Em poucas palavras, tentamos explicar o que havia acontecido. Obviamente, a princípio, eles nos olharam com desconfiança; mas, quando chamamos a

¹⁹ "A Sociedade", em holandês.

REVISTA VIRTUAL

atenção para a ferrovia, que de repente parecia adquirir um brilho crescente, todas as tentativas de ridículo desapareceram.

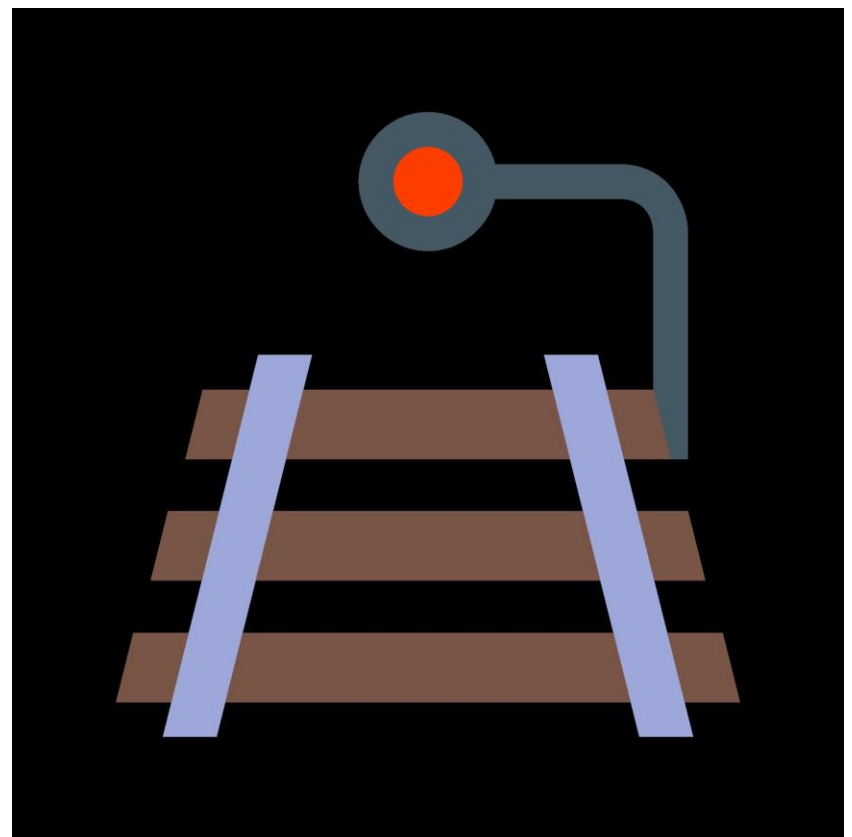
Algo precisava ser feito, isto era indiscutível. Alguns se espalharam para buscar ajuda. Como disse antes, eu não conheço bem essa região, por isto sugeri ficar no local para alertar os novos motoristas. Tão logo partiram em busca de ajuda, um jovem, que estava num carro esporte reluzente, ignorou minhas palavras e tentou atravessar a ferrovia. O carro não fez o menor ruído quando a luz branca passou.

Enquanto isso, a escuridão amplia-se gradativamente. Não há nenhum carro do outro lado da ferrovia e nenhuma alma viva à vista. Quando olho para trás, parece que o horizonte está desaparecendo lentamente. Eu mesmo tento entender: o limiar do horizonte está se aproximando. Onde se podia observar, há apenas um momento, um moinho de vento, agora posso detectar apenas um céu azul. Se eu não soubesse bem, e não tivesse consciência do absurdo dos meus pensamentos, pensaria que a terra está desaparecendo lentamente.

Vou colocar estas folhas de papel em uma garrafa d'água vazia e, depois, jogá-la para o outro lado da ferrovia. Espero que você, que lê esta mensagem, leve-a a sério e nos envie ajuda antes que seja tarde demais.

Eu encontrei esta carta ao amanhecer, diante deste cruzamento fechado. Deste lado, a cancela está para baixo, e duas luzes vermelhas estão piscando continuamente. Mas eu não consigo ver o outro lado, parece que a terra termina aqui. Estranho, porque eu tenho certeza de que trem algum passa por aqui...

Tradução de Paulo Soriano.



DESPUÉS DE LA CONFERENCIA

Hervé Suys

La historia que te voy a contar tiene inicio en una noche sin nubes.

Volvía de una conferencia por invitación de Het Genootschap²⁰. Ya que no he sido miembro durante varios años, me sentí muy honrado de que no se olvidaran de mí, y por seguir apreciando mi trabajo.

De camino a la conferencia, tuve que lidiar con varios desvíos de tráfico, y llegué justo a tiempo a la reunión introductoria. Así que pregunté al pretor, que conocía aquella zona mejor que yo, si podría recomendarme un camino más fácil y corto por donde volver en coche.

Al principio, él sugirió que podía pernoctar en su casa, con él y su familia, pero no tenía ganas de pasar la noche fuera.

Inventé una excusa, diciéndole que tenía unas mascotas, que necesitaban ser alimentadas. El pretor me dió unas instrucciones, un tanto confusas, que anoté cuidadosamente, apuntando varias referencias, como una granja abandonada o las ruinas de una capilla.

Me sorprendí mucho cuando, en el camino de vuelta, llegué a un cruce ferroviario. La barrera de mi lado estaba bajada y dos grandes luces rojas parpadeaban sin parar. No podía imaginar que pretor hubiese olvidado mencionar ese cruce, o que yo me hubiera perdido esa parte de la descripción.

Calculo que estuve parado, frente al paso a nivel cerrado, durante varios minutos, antes de ver por el espejo retrovisor dos luces aproximándose. Un momento después, un vehículo se paró detrás del mío. Un conductor, un hombre que parecía ser una docena de años más joven que yo, pero mucho más alto, descendió inmediatamente. La luz que surgía por la puerta abierta me hizo descubrir dentro a una mujer de cabellos oscuros, más bien largos. No sé si a causa de las gafas que usaba, pero en sus ojos vi una mezcla de miedo e incredulidad.

El hombre miró a su alrededor, asombrado, e iba a decir algo, cuando un segundo coche se aproximó. Sus palabras, ya no recuerdo si a volumen alto, se perdieron en las bocinas del otro coche. Dos hombres salieron de este último coche

Uno de ellos - creo que un pasajero -, tras salir del coche, tomó con decisión la izquierda.

Miró varias veces a derecha e izquierda, como un niño que no se atreve a cruzar una calle desierta. Luego, subió a las vías, se giró hacia nosotros y se encogió de hombros, indicando que nada estaba mal.

Aquel fue el último movimiento que le vi hacer, porque, en el siguiente instante, una intensa luz brilló a la altura de su hombro. No vimos el paso de una locomotora o un vagón, pero el hombre desapareció. Su compañero - probablemente un motorista - caminó también hacia las vías, buscando lo que quedaba del hombre. El nombre que gritó se me escapa en este momento, pero fue la primera y, también, la última cosa que le escuché pronunciar, porque una luz semejante a la anterior brilló de nuevo, y esta vez me pareció qué pasó la otra dirección.

Yo estaba aterrorizado. El hombre del primer coche se acercó a mí y, por un momento, posamos nuestras manos en la puerta y nos fijamos en las vías del tren. Él tartamudeó que ningún tren podría pasar por ahí. Aseguró que había hecho esa ruta el día anterior. Quería echar un vistazo más de cerca, cuando la mujer de pelo oscuro salió y grito su nombre. Él se giró en dirección a la mujer y le ordenó con firmeza volver al coche.

No recuerdo exactamente lo que pasó después y no puedo decir cuántos eran, pero, en los siguientes momentos, llegaron varios coches. Intentamos explicar en pocas palabras que había ocurrido. Obviamente, al principio, ellos nos miraron con desconfianza, pero, cuando les hicimos fijarse en el ferrocarril, que de repente parecía adquirir un brillo creciente, desapareció todo rastro de burla

Había que hacer algo, eso estaba claro. Algunos se movilizaron para buscar ayuda. Como dije antes, no conozco bien esa región, así que sugerí permanecer en el lugar para alertar a los nuevos conductores. Tan pronto se fueron en busca de ayuda, un joven, que estaba en un coche brillante, ignoró sus palabras e intentó cruzar el ferrocarril. El coche no hizo ningún ruido cuando la luz blanca pasó.

Mientras tanto, la oscuridad se expandió gradualmente. No había ningún coche al otro lado del ferrocarril y ningún alma viva a la vista. Cuando miró para atrás, pareció que el horizonte estaba desapareciendo lentamente. Yo mismo trato de entender. El borde del

²⁰ "La Sociedad", en holandés.

REVISTA VIRTUAL

horizonte se acerca. Dónde se podía ver, hace apenas un momento, un molino de viento, ahora solo pudo apreciar un cielo azul. Si no supiera bien, y no tuviese conciencia de lo absurdo de mis pensamientos, desearía que la Tierra estuviese desapareciendo lentamente.

Estas hojas de papel las pondré en una botella de agua vacía y, después, la tiraré al otro lado de la vía. Espero que usted, que lee este mensaje, se lo tome en serio y nos envíe ayuda antes de que sea demasiado tarde.

Encontré esta carta al amanecer, frente a esta intersección. De este lado, la barrera está

bajada y dos luces rojas están brillando continuamente. Pero no consigo ver nada al otro lado. Parece que la Tierra termina a este. Extraño, porque estoy seguro de que ningún tren pasa por aquí.

Traducción de Ricarado Manzanaro.

SOBRE UM MAR DE AREIA ARDENTE

Pedro de Andrés

Agonizo aqui, num setor da galáxia que não aparece nos mapas. Dezesseis gerações de mutações instáveis, vidas afogadas em tanques-simuladores. Tudo por um sonho: colonizar Odisseia, um planetoide do Setor Foxtrot. Desespero. De um destino planejado como os novos senhores do mar num mundo aquático, agora bloqueio o oxigênio tênue como única sobrevivente do desastre do transporte Europa. Esvoaço sobre um mar de areia ardente, num planeta fora das rotas comerciais, uma paisagem de dunas intermináveis. Pelo Grande Boto, alguém tem um senso de humor fodido por aí.

Não sei se é fruto da proximidade da morte ou se já cruzei o limiar entre mundos. Uma voz me fala numa língua áspera. Soa tosca nos meus ouvidos, adaptados à acústica do ambiente marinho e não ao roçar de uma brisa tórrida. Luto para manter a consciência do meu entorno. Não sinto nada. A luz já não cega os meus olhos, minhas pálpebras se fundem, perdidas para a eternidade. Confio-me aos Criadores, pronta para morrer.

Flutuo no ar, envolta por umas extremidades, que não consigo ver e que me transportam. Fui ouvida? Agradeço o alívio da minha queratina queimada por grãos de areia ardente. Gostaria de conhecer o meu salvador e, por enquanto, me contento com o toque de seus dedos em minha nadadeira caudal. Águas turvas me envolvem. Talvez sejam os meus sentidos entorpecidos. As mãos do meu redentor me seguram como se ele quisesse certificar-se de que posso seguir em frente. São carícias? As mãos deslizam pelas minhas espáduas enquanto ele murmura palavras que soam extravagantes em meus ouvidos. Quando me soltam, desço até que o meu ventre descansa na lama no fundo. Frescor. Uma corrente vigorosa alimenta meu sistema respiratório novamente. Bendigo aos Criadores que desenharam a dupla via de oxigenação que me permitiu viver pelo menos mais um dia.

Não sei quanto tempo passei no lodo. Tenho alternado períodos de consciência com períodos de sono autoinduzido. Agora sei que a água não é salina, embora seja rica em nutrientes. Algum parasita limpou minha pele das piores lesões, que se regenera satisfatoriamente. Meus olhos estão além da cura total. Não voltarei a ver como antes do acidente. Através da bruma aquosa, eu posso examinar meus braços, meu torso hidrodinâmico no qual apenas se intuem uns peitos núbéis.

Desfruto do estímulo nas nadadeiras, capazes de me impulsionar novamente.

Espio de vez em quando. Não há nenhum sinal do meu anônimo protetor. Não o esqueço, mas habituei-me à ideia da minha nova solidão entre duas margens.

Estou cada vez mais convencida de que há mais do que líquenes e lama primordial nessas águas. Eu diria que há vestígios de detergentes naturais e sedimentos procedentes de algum tipo de civilização. A minha especialidade, a *Exodiplomacia*, não me permite uma análise detalhada como a de que os meus colegas da Biodiversidade poderiam ter realizado. Só há uma maneira de saber. Avanço contra a corrente, com calma. Minhas forças não voltaram totalmente, se é que algum dia retornarão.

A impressão é forte. Ninguém diria que semelhante urbe poderia ter surgido em um mundo ressecado como este. No entanto, sejam quais forem seus habitantes, puderam aproveitar o limo negro que o rio arrasta, minha nova casa, e enche suas margens de fertilidade. Sou recebida num edifício alto, com postes e colunas de pedra arenosa, coroados de oriflomas vermelhas e azuis brilhantes, tão diferentes do basalto púrpura do casco da minha nave sinistrada. Conforme me aproximo, vejo os primeiros sinais: humildes casas de adobe procedente do barro fluvial, lavouras bem alinhadas através do sistema de canalizações para irrigação. Seus habitantes trabalham os sulcos com parcimônia, as costas dobradas ao Sol. Têm uma tez amarelada e usam saiotes de pano branco, talvez de linho. Através da película aquosa, posso observá-los sem ainda me mostrar. Eles se parecem com os Criadores, uma similitude prodigiosa. À medida que me movo entre os canais, ouço suas conversas. Com o tempo — a única coisa que tenho em abundância —, poderei decifrar seus padrões linguísticos e estabelecer as primeiras comunicações. Estou feliz. Com mais conhecimento como única possibilidade de intercâmbio, afinal, parece que vou conseguir exercer minha especialidade.

Tradução de Paulo Soriano.

SOBRE UN MAR DE ARENA ARDIENTE

Pedro de Andrés

Agonizo aquí, en un sector de la galaxia que no aparece en las cartas. Dieciséis generaciones de mutaciones inestables, vidas ahogadas en tanques-simulador. Todo por un sueño: el de colonizar Odisea, un planetoide del Sector Foxtrot. Desesperación. De un destino planificado como los nuevos señores del mar en un mundo acuático, ahora boqueo oxígeno tenue como única superviviente del desastre del transporte Europa. Aleteo sobre un mar de arena ardiente, en un planeta fuera de las rutas comerciales, un paisaje de dunas interminables. Por la Gran Marsopa, alguien tiene un jodido sentido del humor ahí fuera.

Ignoro si es el fruto de la cercanía de la muerte o ya he traspasado el umbral entre mundos. Una voz me habla en una lengua áspera. Suena tosca en mis oídos, adaptados a la acústica del medio marino y no al roce de una tórrida brisa. Lucho por mantener la conciencia del entorno. No siento nada. La luz no ciega más mis ojos, mis párpados están fundidos, perdido para la eternidad. Me encomiendo a los Creadores, dispuesta a morir.

Floto en el aire, envuelta por unas extremidades que no puedo ver y me transportan. ¿He sido escuchada? Agradezco el alivio de mi queratina achicharrada por los granos de arena ardiente. Me gustaría conocer a mi salvador y, por el momento, me conformo con el tacto de sus dedos en mi aleta caudal. Me envuelven aguas turbias. Puede que sean mis sentidos abotargados. Las manos de mi redentor me sostienen como si quisiera asegurarse de que puedo salir adelante. ¿Son caricias? Se deslizan por mi espalda mientras murmura palabras que suenan a extravagancia en mis oídos. Cuando me suelta, descendo hasta que mi vientre reposa en el fango del fondo. Frescor. Una corriente vigorosa alimenta de nuevo mi sistema respiratorio. Bendigo a los Creadores que diseñaron la doble vía de oxigenación que me ha permitido vivir, al menos, un día más.

No sé cuánto tiempo he pasado en el lodo. He alternado periodos de consciencia con tramos de sueño auto inducido. Ahora sé que el agua no es salina, si bien es rica en nutrientes. Algún parásito ha limpiado mi piel de las peores lesiones y se

regenera satisfactoriamente. Mis ojos están más allá de la curación total. No volveré a ver como antes del accidente. A través de la bruma acuosa alcanzo a examinar mis brazos, mi torso hidrodinámico en el que se intuyen apenas unos pechos núbiles. Disfruto del estímulo en mis aletas, capaces de impulsarme de nuevo.

Me asomo cada cierto tiempo. No hay señales de mi anónimo protector. No lo olvido, pero me hago a la idea de mi nueva soledad entre dos orillas.

Cada vez estoy más convencida de que hay algo más que líquenes y fango primordial en estas aguas. Diría que hay restos de detergentes naturales y sedimentos procedentes de algún tipo de civilización. Mi especialidad, la *Exodiplomacia*, no me permite un análisis pormenorizado como el que hubieran podido hacer mis compañeros de

Biodiversidad. Sólo hay una forma de saberlo. Avanzo contra corriente, con calma. Mis fuerzas no han vuelto por completo, si es que algún día retornan. La impresión es fuerte. Nadie diría que semejante urbe haya podido brotar en un mundo reseco como este. No obstante, sean quienes sean sus habitantes, han sabido aprovechar el limo negro que arrastra el río, mi

nuevo hogar, y llena de fertilidad sus riberas. Me recibe un edificio alto, con pilonos y columnas de piedra arenosa, coronado de oriflomas de brillantes rojos y azules, tan diferente del basalto púrpura del casco de mi nave siniestrada. Conforme me aproximo, veo los primeros signos: humildes casas de adobe procedente del barro fluvial, cultivos bien alineados mediante el sistema de canalizaciones para el regadío. Sus habitantes trabajan los surcos con parsimonia, las espaldas dobladas bajo el sol. Son cetrinos y visten faldellines de tela blanca, tal vez lino. A través de la película acuosa puedo observarlos sin mostrarme todavía. Se parecen a los Creadores, una similitud prodigiosa. Mientras me muevo entre los canales, escucho sus conversaciones. Con tiempo, lo único de lo que dispongo en abundancia, podré descifrar sus patrones lingüísticos y establecer las primeras comunicaciones. Soy feliz. Con mis conocimientos como única posibilidad de intercambio, después de todo, parece que podré ejercer mi especialidad.



A METAMORFOSE

Emilio Vilaró

Embora não pareça, a metamorfose é um processo solitário, longo, lento e doloroso.

* * *

Ao acordar, percebi que, definitivamente, algo em mim estava mudando. Sem dúvida, o processo de minha transformação havia começado. A pele estava muito mais dura e menos flexível. Eu já havia notado isto há algum tempo, mas naquele dia verifiquei que já era um estado geral.

A esta mudança acrescentava-se uma pequena dor, que antes era parcial e temporária. Mas, agora, estava se tornando permanente, difusa e mais intensa. É tão constante que meu nível de resistência aumentou. Às vezes, eu não a sinto novamente, até que passe ao nível seguinte.

Falei com minha esposa... não sobre o sonho — “de minha transformação futura”, que, há muito tempo, eu lhe contava —, senão sobre a dor, referindo-me a esta como se fosse um incômodo normal, do qual simplesmente teria de tratar, pois não queria vê-la preocupada.

Fomos ao médico. O diagnóstico foi o de que a pele estava, realmente, ficando mais dura. Provavelmente — comentou o médico —, por causa das longas horas de exposição ao Sol, em razão de meu trabalho como representante de vendas. Partimos com a mesma convicção do médico, que assim assegurou: “esses sintomas vão desaparecer em poucos dias”. Recomendou-me a aplicação de uma pomada suavizante em todo o corpo ou, pelo menos, nas partes mais ressecadas. Que voltássemos para casa com a certeza de que tudo isso não tinha a menor importância.

Retornamos ao médico um mês depois, quando algumas crostas ou escamas apareceram no ombro e em uma das pernas. O médico arrancou algumas — o que me causou uma grande dor — e receitou uma pomada mais forte. Desta vez, ele não comentou ou prometeu melhoras.

Nunca mais voltamos a ele.

* * *

Agradei a Isabel por aceitar, finalmente, que a minha enfermidade não era uma doença convencional, e que não valia a pena o esforço para curá-la.

O que eu lhe dissera, tantas vezes, agora estava acontecendo: realizava-se o meu eterno

sonho — ou melhor, pesadelo —, no qual renunciava-se que, um dia, eu passaria por uma verdadeira metamorfose.

Eu lhe havia explicado que as mudanças e a dor seriam normais, pois, em meu sonho, eu me convertia numa espécie de casulo. Mas o sonho se acabava de uma forma confusa e não me permitia saber, final, em que animal eu me convertia.

* * *

Comecei a exalar um cheiro horrível. Isabel lavava a minha pele, por sob as escamas, quando elas supuravam. Isso me dava algum alívio, reduzindo o mal cheiro e a dor.

É bem minguada a nossa família, e ela é distante em grau de parentesco e geograficamente. Isso, em nossa situação, é motivo de agradecimento. Simplifica as coisas.

* * *

Um conhecido veio nos visitar. Acreditei que, com o tempo, faria uma boa e duradoura amizade com ele. Ao se despedir, ele nos disse que morávamos em um bairro malcheiroso. Sua indireta não me ofendeu, pois era evidente que o cheiro vinha da nossa casa, não do bairro. Incomodou-me, sim, que ele não se me tenha dirigido diretamente, ou que não estivesse interessado na minha real situação. Isso deve ter sido óbvio para ele: eu mantinha cobertas as partes visíveis do meu corpo, assim povoadas por escamas. Via-se, pois, claramente, que havia algo de errado comigo.

Como temos poucos amigos na cidade onde moramos, devido às transferências permanentes que o meu trabalho exige, e tendo em conta a experiência anterior, foi necessário evitá-los. Os poucos que vieram, quando viram a minha situação, deixaram de nos visitar.

Decidimos que não nos tornaríamos objeto de pesquisa médica, de museu, zoológico ou circo. Ninguém mais deveria me ver assim, ou saber da minha condição.

Deixamos de sair e receber visitas, dando diferentes versões sobre a minha saúde. Inventamos a desculpa de que eu tinha ido a outra cidade, para mudar um pouco o cenário e ver se eu melhorava.

Informei à empresa — na qual, além de visitante comercial, eu era fiscal de área — que havia adoecido, pedindo que pusessem um substituto, enquanto eu convalescia. Após a forte

REVISTA VIRTUAL

temporada de vendas nesta região, eles poderiam esperar alguns meses, até que eu me recuperasse.

Alguns dias depois, recebemos uma carta informando que haviam encontrado e contratado um representante em nossa área, e que, quando eu estivesse recuperado, deveria contatá-los, e ver se haveria alguma vaga para mim.

* * *

Isabel ajudou-me a instalar-me no celeiro, que era anexo à nossa casa, mas que nunca havíamos usado antes. Nela, ficaria mais confortável e tranquilo, já que ninguém passava por lá.

* * *

Esse processo está demorando muito. Eu sofro indescritivelmente. Causa-me dores no corpo e debilidade de ânimo. Sempre fui muito forte. Tenho sido capaz de suportar a dor muito bem. Mas, agora, ela é permanente e nunca arrefece.

O mais doloroso é ver Isabel sofrer. Ver os esforços que faz para não fugir ou trair a repulsa que sente pela minha aparência e cheiro. Como agradeço o fato de ela estar sempre meu lado! De toda essa situação, o que não muda, nem se transforma, é ela. O que é constante, nesse processo, é que nunca estou sozinho.

Se a única coisa que faço é amá-la, pergunto-me o que eu fiz para que ela me ame tanto...

* * *

Lembro-me de que, quando toda esta situação começou, fizemos comentários o livro de Kafka, "A Metamorfose". Como foi rápido o processo de transformação. O personagem Gregório Samsa acordou uma manhã e já estava mudado. Sem dor — isto é, somente com um sono inquieto —, que maravilha! Completamente contrário à minha situação.

Acontecera-lhe a transformação como se por um passe de mágica ou um toque de feitiçaria. Como se resultado de um conjuro ou um feitiço. Abracadabra, torne-se um gato!

Como um ser humano pode mudar tanto e, em poucas horas, se tornar um inseto, sem sofrer nenhuma dor? Se a metamorfose de um homem fosse a de transformar-se em um enorme morcego, não se sofreria nesse processo?

E o mais incrível: como ele poderia se lembrar, perfeitamente, de sua vida passada como pessoa? Uma larva se converte em borboleta em uma noite, sem sofrer dor e se lembrando de sua vida quando era lagarta. É impossível!

Meu caso é diferente. É lento, mas quase previsível. Primeiro aparece uma pequena escama, como uma seta. Vai crescendo, nascida de uma semente ou esporo, e outras vão, pouco a pouco, eclodindo. No começo, elas são minúsculas, mas cobrem todo o campo, ou seja, meu corpo. Quando não há mais campo para crescer, as escamas se compactam, amontoam-se e me cobrem, formando uma couraça densa que me produz um intenso e permanente calvário. Isabel, depois de cada crescimento, enxuga-me o suor e, ignorando o odor, deita-se ao meu lado.

Não consigo mais me ver: as escamas cobrem todo o meu corpo, até mesmo os olhos. Devo parecer um pangolim e mal consigo me mexer.

— Como estou?

— Você parece um delicioso abacaxi, ou um tatu protegido por milhares de escamas preciosas.

— Isabel, eu lhe causo nojo, não é mesmo? Não sei se, quando transformar-se completamente, vou esquecer-me de quem eu era. Não sei em que vou me converter, e nem se me lembrarei de você.

“Só lamento não lhe ter podido dar o filho que tanto queríamos. As ilusões que nós forjamos. Seria militar! Isto não podemos realizar. Sinto muito, Isabel”.

Isabel começou a chorar.

— Deveríamos procurar um bom médico — disse ela, sem muita convicção.

— Não estou doente, Isabel. Como a medicina interromperia o processo de minha metamorfose? Se um girino tivesse um médico de cabeceira e quisesse evitar o processo de se tornar um sapo, o que faria a ciência para o impedir? Isto seria possível? O médico cortaria as pernas quando elas saíssem?

“O que me preocupa e gostaria de saber é: qual inseto, batráquio ou borboleta será minha forma final?”

“Ainda poderei reconhecê-la, Isabel? Se eu vier a ser uma borboleta, poderei pousar em sua mão e beijar sua pele?”

“Eu a amo, e a tenho amado tanto que, se a mudança ainda me permitir vê-la, eu adoraria fazê-lo! Se um dia você vir uma borboleta passar pela sua face, não a espante: serei eu querendo beijá-la”.

* * *

— Isabel, não sei se me ouve; eu a ouço, mas entendo cada vez menos o que você diz.

— Também tenho dificuldade em compreendê-lo, apesar de ouvi-lo.

REVISTA VIRTUAL

—Não me sinto bem. Eu mal consigo andar. Você deveria ajudar-me a seguir para o bosque. Eu sinto que o bosque é o lugar onde devo me estabelecer. Por favor, leve-me até ele.

“Estive pensando naquela pequena caverna que encontramos durante uma caminhada, não muito longe daqui. Seria fácil para você tapá-lo com um pouco de barro, deixando uma pequena rachadura por onde respirar. Não preciso e não consigo me alimentar. Não consigo engolir a água que você me oferece. Estou pronto para evoluir.

“Sinto que estou chegando à fase final. Ao meu momento de solidão.”

Foi nosso último passeio. Levamos muito tempo para chegar à caverna. Como admiro minha esposa! Eu via que ela sofria pelo esforço permanente que fizera, pela perda do companheiro e por não saber o que aconteceria a partir daquele momento.

Ela cobriu o chão da pequena caverna — quase um buraco — com muitas folhas e eu me deitei sobre elas com a cabeça voltada para o fundo. Não houve cerimônia ou despedida. Eu a ouvi chorar. Ela cobriu a entrada com paus, pedras e barro — ou assim pensei.

Eu havia tomado uma boa decisão, pois não podia permitir que ela sofresse tanto, vendo o meu sofrimento. É melhor terminar assim, o lugar escolhido é perfeito. Não consigo me mexer e não preciso mais comer ou beber. A dor, se eu estivesse morrendo, não seria pior.

Ouçó que arranham o barro na entrada. Sinto que um animal está mordendo os dedos de um dos meus pés, está avançando sob as folhas, procurando presa maior e mais tenra. Acho que logo morrerei.

Há uma luta, uivos do animal. Alguém está tratando dos meus artelhos. Ouçó que a entrada é selada novamente. Desta vez, o fechamento da abertura é mais demorado — teria sido Isabel? Depois, a solidão retorna. Se foi você, Isabel, pergunto-lhe, meu amor: quantas horas zela você diante deste buraco?

Talvez seja apenas uma impressão, mas algo está mudando em mim. Devo estar perdendo peso, pois estou ficando menor, como se estivesse secando e encolhendo. Algumas partes do corpo vão se despedindo das escamas do casulo. Iludi-me, tentei acelerar o processo. Todavia, tentar separar-me delas foi muito doloroso e desmaiei. Minha mente é cada vez mais espessa. Agora me é mais difícil pensar.

Os meses de inverno passam, a dor intensa vai cedendo, tenho mais espaço dentro do recinto. Posso me tocar: agora sei que forma tenho.

Minha mente está em branco e eu não sei o que fazer ou quem eu sou. Sinto que devo romper o recipiente em que me encontro. Não consigo fazer tudo de uma vez, preciso descansar e tentar de novo. Onde estou, o que sou, que vida me espera lá fora, quando eu vier a sair? Posso pensar, mas não sei em quê; ou melhor, posso pensar no futuro, mas não me lembro de nada do passado, nem de como cheguei aqui, nem de quem sou.

Rompo a precinta, a minha couraça, o casulo. Golpeio as paredes do buraco que me encerram. Não tendo êxito, decido atacar a parte por onde entra alguma luz.

Saio, olho em volta, nada reconheço, mas sei o que tenho que fazer. Tudo o que vejo me é desconhecido e apenas uma coisa me chama a atenção: um rastro bem visível no chão, um pequeno caminho. Quem o deixou, já fez este percurso tantas vezes que, apenas com o olfato, eu consigo segui-lo. Sinto que devo fazê-lo. Eu limpo meu corpo das escamas restantes e começo a descer.

Vejo um celeiro, uma casa, uma mulher. Não sei quem é. O seu cheiro me atrai e quero aproximar-me dela.

Ele me toma entre os braços, olha para o meu pé, retira-me as duas escamas restantes da testa.

Eu a abraço e ela me leva para a banheira, onde me lava com carinho, chama-me de “meu pequeno e desejado filho” e me dá um beijo.

Tradução de Paulo Soriano.

LA METAMORFÓSIS

Emilio Vilaró

A pesar de lo que parece, la metamorfosis es un proceso solitario, prolongado, lento y doloroso.

* * *

Al despertár noté que definitivamente algo en mí estaba cambiando. Sin duda, el proceso de mi transformación había comenzado. La piel era mucho más dura y menos flexible. Hacía tiempo que lo notaba, pero ese día comprobé que ya era un estado general.

A éste cambio, se le sumaba un pequeño dolor, que antes era parcial y temporal. Pero ahora, se estaba convirtiendo en permanente, generalizado y más intenso. Es tan constante, que mi grado de aguantar se ha hecho mayor. A veces, no lo vuelvo a notar hasta que pasa al siguiente nivel.

Hablé con mi esposa... no del sueño, que hacía tiempo le había ido comentando «el de mi futura transformación», no la quería preocupar, sino, como si de un dolor normal se tratase, el cual, simplemente tenía que curar.

Fuimos al médico. El diagnóstico fue que, sí, realmente la piel era cada vez más dura. Probablemente, comentó el doctor, por las largas horas de exposición al sol, debido a mi trabajo como visitador comercial. Partimos con la convicción, «la del médico», que aseguró, «estos efectos desaparecerán en pocos días». Me recomendó que me aplicase una pomada suavizante por todo el cuerpo, o al menos, por las partes más resacas. Que volviésemos a casa, con la seguridad de que todo esto no tenía la menor importancia.

Volvimos al mes, cuando aparecieron en el hombro y en una de las piernas, unas costras o escamas. El mismo médico me arrancó, con gran dolor, unas cuantas, y recetó otra pomada más fuerte. Esta vez, no comentó nada ni prometió mejora.

Nunca más volvimos.

* * *

Agradecí a Isabel que al fin aceptase, que lo mío no era una enfermedad convencional, y que no valía la pena esforzarse en curarla.

Estaba sucediendo lo que tantas veces le había contado. Mi eterno sueño o más bien pesadilla, que un día yo sufriría una verdadera metamorfosis.

Le había explicado, que los cambios y el dolor serían lo habitual, el sueño siempre me mostraba convirtiéndome en una especie de capullo y acababa borrosamente sin saber al final en qué animal me convertía.

* * *

Comencé a oler de manera horrible. Isabel me lavaba la piel por debajo de las escamas cuando supuraban. Esto, me daba cierto alivio, disminuyendo olor y dolor.

No tenemos mucha familia, y ésta es lejana en parentesco y geográficamente. Esto, en nuestra situación, es de agradecer. Simplifiqué las cosas.

* * *

Un conocido vino a visitarnos. Creí que con el tiempo, haría con él una buena y duradera amistad. Al despedirse nos dijo que vivíamos en un barrio de mal olor. No me dolió su indirecta, estaba claro que el olor venía de nuestra casa; no del barrio. Me molestó que no me preguntase directamente, o que no se interesase por mi situación real. Esto debía ser evidente para él, las partes visibles de mi cuerpo que tenían escamas, yo las llevaba tapadas y se veía claramente que algo me pasaba.

Como tenemos pocos amigos en la ciudad en donde vivimos, a causa de los permanentes traslados que mi oficio exige, y viendo la anterior experiencia, ha sido necesario esquivarlos. Los pocos que vienen, al ver la situación dejan de visitarnos.

Hemos decidido que no vamos a convertirnos en un producto de investigación médica, de museo, zoológico, o circo. Nadie más debe verme así, o saber de mi estado.

Dejamos de salir y recibir visitas, dando diferentes versiones sobre mi salud. Inventamos una excusa, que me había ido a otro pueblo, para cambiar de aires una temporada y ver si mejoraba.

A la empresa en donde además de visitador comercial era inspector de zona, le informé que había caído enfermo, que pusieran un sustituto mientras me recuperaba. Acabada la temporada fuerte de ventas en esta región, podían esperar unos meses hasta que me recuperase.

A los pocos días, recibimos una carta en la que se me informaba que habían encontrado un representante en nuestra zona, lo habían contratado, y cuando estuviere recuperado, me pusiese en contacto con ellos por si había alguna plaza vacante.

* * *

Isabel me ayudó a instalarme en el granero, estaba pegado a la casa y nunca lo usábamos. En él estaría más cómodo y tranquilo, ya que nadie pasaba por allí.

* * *

Este proceso está durando demasiado. Sufro lo indecible. Me duele el cuerpo y debilita la moral. Siempre he tenido una gran fortaleza. He

REVISTA VIRTUAL

sído capaz de soportár el dolor muy bién. Péro ahóra es permanente, y nunca disminúye.

Lo que es más doloroso, es ver sufrír a Isabel. Los esfuerzós que háce pára no huír o mostrárme la repulsión que siente por mi apariéncia y olór. ¡Cómo agradézco que permanézca siémpre a mi lado! De toda ésta situación, lo que no cámbia, ni se transforma, es élla. En éste proceso lo que es constante es que nunca estóy sólo.

¿Qué he hécho pára que tanto me quiera?, si lo único que hágo es quererla.

* * *

Recuerdo, cuando al principio de toda ésta situación, comentámos el libro de «La metamorfosis» de Káfka. Lo rápido que fué ése proceso. El personaje, Gregório Sámza, se despertó una mañana y ya estaba cambiado. Sin dolor, es decir, —con un sueño intranquilo—, ¡qué maravilla! Totalmente contrario a mi situación.

A él le había ocurrido como por arte de magia o un acto de brujería. Como si hubiese sido un conjuro o un hechizo ¡abracadabra! Conviértete en gato.

¿Cómo puede un ser humano cambiar tanto y, en sólo unas pocas horas, convertirse en un insecto sin sufrir ningún dolor? Si la metamorfosis de un hombre fuese transformarse en un enorme murciélago. ¿No sufriría en éste proceso?

Y lo más increíble, ¿cómo podía recordár tan perfectamente su vida pasada como persona? Un gusano se convierte en mariposa en una noche, sin sufrir dolor y recordar su vida de cuando era una oruga. ¡Es imposible!

Mi caso es diferente. Es lento, pero casi previsible. Primero aparece una pequeña escama, como una seta. Va creciendo nacida de una semilla o espóra y, poco a poco van apareciendo más. Al inicio son diminutas, pero van cubriendo todo el campo, o sea, mi cuerpo. Cuando no hay más campo en donde crecer, las escamas se van compactando, amontonando y cubriéndome, formando una tupida coraza lo cual produce un intenso y permanente calvario. Isabel, después de cada crecimiento me retirará el sudor, y haciendo caso omiso del olor, se acuesta a mi lado.

Ya no puedo verme, las escamas cubren todo mi cuerpo, hasta mis ojos. Debo parecer un pangolín, casi no puedo moverme.

— ¿Cómo me ves?

— Pareces una deliciosa piña, o un armadillo protegido por miles de preciosas escamas.

— Isabel, ¿te doy asco verdad? No sé si cuando cambie me voy a olvidar de quién fui. Ignoro en qué me convertiré y si me acordaré de ti.

Sólo lamento no haber podido darte el hijo que tanto deseábamos. Las ilusiones que nos

habíamos forjado. ¡Sería militar! Ésto no lo podremos realizar, lo siento Isabel.

Isabel se puso a llorar.

— Deberíamos ir a un buen médico, dijo sin mucha convicción.

— No estoy enfermo Isabel, ¿cómo detendría la medicina el proceso de mi metamorfosis? Si un renacuajo tuviese un médico de cabecera y quisiera evitar el proceso de convertirse en rana. ¿Qué usaría la ciencia para pararlo, se podría lograr?, ¿le iría cortando el médico las patas cuando éstas salieran?

Lo que me preocupa y quisiera saber es: ¿qué insecto, batracio o mariposa será mi forma final?

¿Podré reconocerte todavía Isabel? Si soy una mariposa, ¿podré posarme sobre tu mano y besar tu piel?

Te quiero, te he querido tanto que si el cambio todavía me permitiese verte lo daría por bueno. Si algún día ves que una mariposa se posa sobre tu mejilla, no la espantes, soy yo que te quiere besar.

* * *

Isabel, no sé si me oyes, yo te oigo, pero cada vez entiendo menos lo que dices.

— También tengo dificultades para entenderte a pesar de escucharte.

— No me siento bien. Apenas puedo caminar. Deberías ayudarme a ir hasta el bosque, siento que ése es el lugar en donde debo cambiár. Por favor llévame allí.

He estado pensando en esa pequeña cueva que encontramos durante un paseo que hicimos no lejos de aquí. Te sería fácil taponarla con un poco de barro, dejando una pequeña rendija por donde respirar. No necesito ni puedo alimentarme, el agua que me das, no la puedo tragar, estoy listo para evolucionar.

Siento que estoy llegando a la etapa final. A mi momento de soledad.

* * *

Fue nuestro último paseo. Nos llevó mucho tiempo alcanzar la cueva, ¡cómo admiro a mi mujer! La sentía sufrir por el esfuerzo permanente que hacía, por la pérdida del compañero y por no saber lo que a partir de ése momento iba a suceder.

Cubrió el suelo de la pequeña cueva, casi un huéco, con muchas hojas, me acosté sobre ellas con la cabeza hacia el fondo. No hubo ceremonia ni despedida. La oí llorar, tapó la entrada con palos, piedras y barro, o eso creí.

* * *

Había tomado una buena decisión, no podía permitir que ella sufriera tanto el verme sufrir. Es mejor acabar así, el sitio escogido es perfecto. No puedo moverme, y ya no necesito comer o beber. El dolor, si me estuviere muriendo no sería peor.

* * *

REVISTA VIRTUAL

Óigo arañar el barro de la entrada. Siénto que un animal me está mordiendo los dedos de una pierna, está avanzando por debajo de las hojas buscando presa más grande y tierna, creo que pronto voy a morir.

Hay una lucha, aullidos del animal. Alguien me está curando los dedos. Escúcho el volver a tapar la puerta. Esta vez ¿Isabel?, tarda más en dejarla lista, luego vuelve la soledad. Si eres tú Isabel, amor mío, ¿cuántas horas pasas delante de este agujero?

* * *

Tal vez, es una impresión, pero algo está cambiando en mí. Debo estar perdiendo peso, me estoy haciendo más pequeño, como si me estuviere secando y encogiéndome. Algunas partes del cuerpo se van despegando de las escamas del capullo. Me ilusioné, traté de acelerar el proceso, pero al tratar de separarme de ellas era muy doloroso y me desmayaba. Mi mente cada vez es más espesa. Ahora me es más difícil pensar.

* * *

Pasan los meses de invierno, el dolor tan intenso va cediendo, tengo más espacio dentro del recinto. Puedo tocarme, ahora sé qué forma tengo.

Mi mente está en blanco, no sé qué hacer ni quién soy. Siénto que debo romper el recipiente en donde me encuentro. No puedo hacerlo todo

de golpe, necesito descansar y volverlo a intentar. ¿En dónde estoy, qué soy, qué vida me espera fuera cuando salga? Puedo pensar, pero no sé en qué, o mejor, puedo hacerlo sobre el futuro, pero no recuerdo nada de lo anterior, ni cómo llegué aquí, ni quién soy.

Rompo el precinto, mi coraza, el capullo. Golpeo las paredes del hueco que me encierran. Al no lograr nada decido atacar la parte por donde entra algo de luz.

Salgo, miro a mi alrededor, no reconozco nada, pero sé lo que debo hacer. Todo lo que veo es desconocido para mí, sólo una cosa llama mi atención, un rastro muy visible en el suelo, un pequeño camino. Quien lo haya dejado, ha hecho este recorrido tantas veces que, simplemente usando el olfato lo puedo seguir. Siénto que lo debo hacer. Me limpio el cuerpo de las escamas que me quedan y comienzo a descender.

Veo un granero, una casa, una mujer, no sé quién es, su olor me atrae, deseo acercarme a ella.

Me toma entre sus brazos, mira mi pie, retira dos escamas de la frente, que todavía tenía.

La abrazo, me lleva a la bañera, me lava con cariño, me llama «mi pequeño y deseado hijo» y me da un beso.

REVISTA VIRTUAL

IRMÃOS

Hervé Suys

— **P**are com isso, irmã. Mamãe e papai não podem ouvi-la e não há mais ninguém por perto. Somos só você e eu. Você está fazendo papel de boba... de novo. Caia na real, isso faria bem a você. Você é uma péssima atriz. Pare de fingir que está tendo uma câibra, porque você, definitivamente, não está. Estou esperando, senhorita. Ninguém vai acreditar em você, você sabe disto.

Na verdade, pensando bem: você escorregou, eu não te empurrei na piscina. De jeito nenhum. De qualquer forma, você pode ficar com a cabeça debaixo d'água pelo tempo que quiser. Veja se me importo com isto.

Tradução de Paulo Soriano.

HERMANOS

Hervé Suys

— **B**asta, hermana. Mamá y papá ni siquiera pueden oírte y no hay nadie más alrededor. Sólo somos tú y yo. Estás haciendo el ridículo... otra vez. Sé realista, te haría bien. Eres una pésima actriz. Deja de fingir que tienes un calambre porque definitivamente no lo tienes. Estoy esperando, señorita. Nadie te creerá, lo sabes. De hecho, ahora que lo pienso: te resbalaste, no te empujé en

la piscina en absoluto. De todos modos, puedes mantener la cabeza bajo el agua todo el tiempo que quieras. A ver si me importa.

*Tradução de Paulo Soriano.
Revisión de Ângelo Brea*

SINFONIA

Félix Díaz

O maestro Gaisowitz bateu o atril com a batuta. Depois, ergueu-a. Os cento e vinte e cinco músicos presentes ergueram a vista. Estavam preparados.

Gaisowitz iniciou os movimentos e soaram as trompas e tambores. As flautas juntaram o seu doce timbre e os violinos se uniram aos tímpanos.

Em poucos segundos, todos os instrumentos participavam da partitura.

O público ouvia extasiado. Um véu de silêncio cobria as poltronas e não se ouvia, sequer, uma respiração.

Na primeira fila, as autoridades. Entre elas, dois diplomatas, representantes de países em guerra. Ambos sentiam como a paz inundava as suas mentes. Por que manter esse estúpido conflito? Por que os dois povos não poderiam viver em paz? Era possível!

Edmon Gaisowitz estudara Medicina, Física e Música ao mesmo tempo. De alguma forma, achara como compatibilizar as práticas diárias do conservatório com os duros estudos universitários. E se formara com boas notas.

Depois se dedicou ao doutorado em Neurofísica, unindo as suas duas graduações, enquanto avançava em sua carreira musical. Um ano antes de apresentar a sua tese, já regia uma orquestra universitária no auditório.

Era inevitável que terminasse por conciliar todos os seus interesses. Assim como havia conjugado a Física com a Medicina, acabou por integrar a música aos seus estudos. “Efeitos das ondas harmônicas e desarmônicas na atividade neurológica” era o título de sua tese, que recebeu o *Cum Laude* com aplausos da banca examinadora.

Edmon estudou o efeito da música no cérebro de muitas pessoas, tanto doentes quanto sãos. A musicoterapia passou a ser uma técnica habitual no tratamento de diversas patologias, não apenas nas cerebrais: descobriu que determinados adágios estimulavam o sistema imunológico, podendo, até mesmo, subjugar o câncer. Segundo as suas conclusões, certos ritmos ativavam, por ressonância, as ondas cerebrais adequadas, e podiam afetar do

hipotálamo até determinadas áreas do córtex cerebral.

Teve ele uma ideia e, durante vários anos, lutou para levá-la adiante. A primeira foi compor uma sinfonia especialíssima, aplicando-lhe tanto os seus conhecimentos musicais quanto os que havia angariado em Neurofísica.

Difícil mesmo foi, todavia, a segunda etapa. Teve que mover influências entre as autoridades, escrever cartas a muitos diplomatas, e, mesmo, organizar pequenas reuniões, nas quais exibiu, apenas, uma parte de sua obra.

Finalmente, conseguira. A estreia de sua sinfonia contou com a presença de representantes de países em guerra há muito tempo. Ali estavam os representantes de Israel, Síria, Egito, Líbano, Arábia, Irã, Turquia... Todos escutavam a música que lhes trazia uma mensagem de paz, como jamais haviam ouvido.

O maestro Gaisowiz baixou a batuta. A sinfonia dividia-se em dois movimentos e estava previsto um pequeno intervalo entre estes.

Os diplomatas se reuniram numa saleta. Ali esperavam que os tratados fossem firmados.

Todos eles estamparam as suas assinaturas.

O representante de Israel, contudo, tinha as suas dúvidas. Tinha a impressão de que fora enganado por aquela música. Já que não a ouvia agora, retornavam os sentimentos de ódio contra aqueles gentios, aquele povo que não era o eleito de Javé.

De toda forma, o acordo já estava assinado e seria difícil retroceder.

O segundo movimento da sinfonia tinha um mote distinto. Nele, não se buscava tanto a paz, senão influenciar os cérebros de maneira mais direta.

Era uma música estranha. Às vezes, alegre; outras, triste. Se elevava o espírito, assim o fazia para logo deprimi-lo. Pareciam-lhes estranhos aqueles vaivéns.

O representante israelense sentia-se mal, mas não se atrevia a reconhecê-lo. Aquela

REVISTA VIRTUAL

música entrava em sua cabeça tremendamente. Era incapaz de fazer qualquer coisa, até mesmo mover a mão. Tampouco respirar.

O desenho daqueles compassos fora feito para afetar especificamente os cérebros de fanáticos violentos. Havia três pessoas assim no salão, todos eles diplomatas.

A música voltou a ser alegre, estimulante.

O maestro baixou a batuta, mas os últimos compassos ainda ressoavam nos ouvidos do público, malgrado silentes os instrumentos.

Segundos mais tarde, todos se punham em pé para aplaudir.

Somente três pessoas permaneciam em seus assentos. Os que os circundavam tardaram vários minutos (que passaram aplaudindo enfaticamente) até se darem conta de que eles estavam mortos.

Um deles era o representante de Israel.

Tradução de Paulo Soriano.

REVISTA VIRTUAL

SINFONÍA

Félix Díaz

El Maestro Gaisowitz golpeó el atril con la batuta. A continuación la levantó. Los 125 músicos presentes alzaron la vista. Estaban preparados.

Gaisowitz inició los movimientos y sonaron las trompas y los tambores. Las flautas añadieron su dulce sonido y se unieron los violines con los timbales.

En pocos segundos, todos los instrumentos participaban de la partitura.

El público oía extasiado. Un paño de silencio cubría los asientos, no se oía ni siquiera una respiración.

En primera fila, las autoridades. Entre ellas, dos diplomáticos, representantes de países en guerra. Ambos sentían como la paz inundaba sus mentes. ¿Por qué mantener ese estúpido conflicto? ¿Por qué no podían vivir en paz los dos pueblos? ¡Era posible!

Edmon Gaisowitz había estudiado medicina, física y música a la vez. De alguna manera, había hecho posible compatibilizar las prácticas diarias en el Conservatorio con los duros estudios universitarios. Y se había graduado con buenas notas.

Luego se puso a trabajar en un doctorado en neurofísica, uniendo sus dos carreras, mientras seguía avanzando en su carrera musical. Un año antes de leer su tesis, ya dirigía la orquesta universitaria en el Paraninfo.

Era inevitable que terminara por unir todos sus intereses. Igual que había unido la física con la medicina, acabó por integrar la música en sus estudios. «Efectos de las ondas armónicas y disarmónicas en la actividad neurológica» era el título de su ponencia, que recibió el *Cum Laude* con los aplausos del tribunal.

Edmon estudió el efecto de la música en el cerebro de muchas personas, tanto enfermos como sanos. La musicoterapia pasó a ser una técnica habitual en el tratamiento de diversas patologías, no sólo cerebrales: descubrió que determinados adagios estimulaban el sistema inmunitario, logrando incluso vencer al cáncer. Según sus conclusiones, ciertos ritmos activaban por resonancia las ondas cerebrales adecuadas, y podrían afectar desde al

hipotálamo hasta determinadas áreas de la corteza cerebral.

Tuvo una idea y durante varios años luchó para sacarla adelante. Lo primero fue componer una sinfonía muy especial, aplicando en ella tanto sus conocimientos de música como lo que había averiguado en neurofísica.

Mas difícil fue la segunda parte; tuvo que mover influencias entre autoridades, escribir cartas a muchos diplomáticos, incluso organizar pequeñas audiencias, donde sólo mostró una parte de su obra.

Y al fin lo había logrado. El estreno de su Sinfonía se hizo con la presencia de los representantes de países largo tiempo en guerra. Allí estaban los delegados de Israel, de Siria, Egipto, Líbano, Arabia, Irán, Turquía... Todos estaban escuchando la música que les llevaba un mensaje de paz como nunca antes habían oído.

El Maestro Gaisowitz bajó la batuta. La sinfonía estaba dividida en dos movimientos, y estaba previsto un pequeño receso entre ambos.

Los diplomáticos se reunieron en un cuartito. Allí esperaban los tratados para ser firmados.

Todos ellos estamparon sus autógrafos.

Aunque el representante de Israel estaba dudando. Tenía la impresión de haber sido engañado por aquella música. Ahora que había dejado de oírla, volvían sus sentimientos de odio hacia aquellos gentiles, aquella gente que no era el Pueblo Elegido por Yaveh.

De todos modos, ya estaba firmado y sería difícil la vuelta atrás.

El segundo movimiento de la sinfonía tenía un tempo distinto. Aquí no buscaba tanto la paz como influir en los cerebros de manera más directa.

Era una música extraña. A veces alegre, otras triste, unas elevaba el espíritu, para luego deprimirlo. Aquellos vaivenes se hacían extraños.

El representante israelí se sentía mal, pero no se atrevía a reconocerlo. Aquella música se le estaba metiendo en la cabeza de una forma

REVISTA VIRTUAL

tremenda. Era incapaz de hacer nada, siquiera mover la mano. Tampoco respirar...

Aquellos compases estaban diseñados para afectar específicamente a los cerebros de los fanáticos violentos. Había tres personas así en la sala, todos ellos diplomáticos.

La música volvió a ser alegre, estimulante.

El director bajó la batuta, pero los últimos compases todavía resonaban en los oídos del público, aún callados los instrumentos.

Segundos más tarde, todo el mundo se ponía en pie para aplaudir.

Sólo tres personas permanecieron en sus asientos. Sus vecinos tardaron largos minutos (que pasaron aplaudiendo con fuerza) hasta darse cuenta de que estaban muertos.

Uno de ellos era el representante de Israel.



POR AMOR À ARTE

Francisco Plana

— **M**alditos cientistas! — exclamei, enquanto brincava junto à lagoa naquela tórrida manhã. A rã — que tremia, espremida em minha mão — continuou falando.

— Sem dúvida, meu escritor humano favorito é Esopo, em razão do tratamento que confere aos meus irmãos em suas fábulas... Acho que, para uma rã, tenho muita sensibilidade e inteligência. Não vê dessa forma? Reconsidere sua decisão: você não deve me comer.

Aquele bichinho verde estava fazendo um enorme esforço de empatia para salvar sua vida; muito louvável, mas eu estava começando a ficar cansado. Sim, ela era inteligente e culta. Mas também me parecia apetitosa e eu estava com fome. Cerrei um pouco mais o punho que sufocava a pobre rã.

— De pintura sei um pouco. Você sabe: minha visão não é tão perfeita quanto a sua e eu mal distingo muitas cores, mas Turner é meu pintor favorito, em razão de seu uso da luz.

— Cientistas loucos! — exclamei de novo. A culpa é deles se estou perdendo a manhã a conversar amigavelmente com meu almoço.

Tudo começara de uma forma bastante similar a como as coisas acontecem nos filmes de catástrofes. Alguém constrói um laboratório de pesquisa em cima de uma falha tectônica, a terra treme e ocorre a fuga de um vírus perigoso, que se espalha a uma velocidade exponencial por todo o reino animal. Como um efeito colateral inesperado, esse vírus afetou as bainhas de mielina de neurônios de vertebrados e invertebrados, elevando consideravelmente a velocidade de transmissão de informações no cérebro dos animais.

Em pouco tempo, quase todas as espécies animais — exceto a humana — multiplicaram

enormemente a sua inteligência. E a humanidade se viu obrigada a se tornar vegetariana da noite para o dia. Velhos preconceitos culturais nos obrigaram a fazê-lo. Comer uma galinha sem cérebro era uma coisa, mas devorar uma galinha que dominava duas línguas era difícil. E as rãs espertas eram as piores. Seus sonhos mais ensandecidos haviam-se tornado realidade.

Talvez a próxima geração esteja mais preparada culturalmente para esta revolução alimentar, mas eu não. Não gosto de verduras. E estou com fome. Não me importo de me tornar um canibal.

Enquanto meditava, a rã prosseguia lutando por sua vida sua vida.

— E os Beatles eram gênios...

— Você gosta de música? — perguntei, surpreso.

Curtido pelo Sol, o rosto da rã iluminou-se ao ver uma pequena brecha para a salvação. Empatia, enfim!

O calor da manhã apertava e agora o batráquio tagarelava mais confiante.

— Eu gosto dos Rolling Stones, mas menos do que os Beatles; acho o som deles muito repetitivo. Eu amo ELO, Supertramp e, claro, Abba. São os melhores, sem dúvida.

— Você gosta de Abba? — perguntei.

De repente, houve silêncio na lagoa. Algo no meu tom de voz preocupou a rã.

Sua pele esverdeada pareceu que ganhava palidez e ela tentou recuar.

— Bem, talvez...

Não lhe deu tempo.

Tradução de Paulo Soriano.

REVISTA VIRTUAL

POR AMOR AL ARTE

Francisco Plana

—¡Malditos científicos! — exclamé mientras retozaba al lado del estanque en aquella tórrida mañana. La rana que temblaba estrujada en mi mano siguió hablando.

— Sin duda, mi escritor humano favorito es Esopo por el tratamiento que da a mis hermanos en sus fabulas...Creo que, para ser una rana, poseo bastante sensibilidad e inteligencia. ¿No lo ves así? Reconsidera tu decisión: no deberías comerme.

Aquel bicho verde estaba realizando un enorme esfuerzo de empatía para salvar su vida; muy loable, pero empezaba a cansarme. Sí, era inteligente y culta. Pero también me parecía apetitosa y yo tenía hambre. Apreté un poco más el puño que asfixiaba a la pobre rana.

—De pintura conozco poco. Ya sabes, mi visión no es tan perfecta como la vuestra y apenas distingo muchos colores, pero Turner es mi favorito por su uso de la luz.

—¡Científicos locos! —volví a exclamar—. Ellos tienen la culpa de que esté perdiendo la mañana hablando amistosamente con mi almuerzo.

Todo había comenzado de un modo bastante similar a como ocurren las cosas en las películas de desastres. Alguien construye un laboratorio de investigación encima de una falla tectónica, la tierra tiembla y se produce la fuga de un peligroso virus que se propaga a una velocidad exponencial por todo el reino animal. Como efecto colateral inesperado, este virus había afectado a las vainas de mielina de las neuronas de los vertebrados e invertebrados, elevando enormemente la velocidad de transmisión de información en el cerebro de los animales.

En poco tiempo, casi todas las especies animales, excepto la humana, multiplicaron su inteligencia enormemente. Y la humanidad se vio obligada a convertirse en vegetariana de la

noche a la mañana. Viejos prejuicios culturales nos forzaron a ello. Comerse un pollo sin sesos era una cosa, pero devorar un pollo que domina dos idiomas se hacía duro. Y las ranas listillas eran lo peor ¡Malditos veganos! Sus más alocados sueños se habían convertido en realidad.

Quizás la próxima generación estará culturalmente más preparada para esta revolución alimenticia, pero yo no. No me gustan los vegetales. Y tengo hambre. No me importa convertirme en caníbal.

Mientras meditaba, la rana seguía luchando por su vida.

—Y los Beatles fueron unos genios...

—¿Te gusta la música? —pregunté sorprendido.

Curtido por el sol, el rostro de la rana se iluminó al ver un pequeño resquicio para la salvación. ¡Empatía al fin!

El calor de la mañana apretaba y ahora el batracio parloteaba con más seguridad.

—Los Rolling me gustan, pero menos, encuentro su sonido

demasiado repetitivo. Me encantan la ELO, Supertramp. Y por supuesto, Abba. Son los mejores sin duda.

—¿Te gusta Abba? —pregunté.

De repente, se hizo el silencio en el estanque. Algo en mi tono de voz preocupó a la rana.

Su piel verdosa pareció palidecer e intentó recular.

—Bueno, quizás...

No le dio tiempo.



A LIVRARIA SIDERAL

Emilio Vilaró

Servimos a todo o Universo

Livraria Sideral S.A.: com mais de três milhões de anos de experiência, foi criada quando a primeira encomenda de livros de receitas de um planeta da estrela X2-445 (agora desaparecida) foi recebida em nosso humilde quiosque. Este foi o ponto de partida da nossa empresa. Agora, somos o maior fornecedor de livros do Cosmos.

* * *

—Nossas condições de venda—

Antes de nos enviar seu pedido, observe o seguinte:

O mais rápido que podemos conhecer do seu pedido é a velocidade da luz. O mais rápido que podemos entregá-lo é, no máximo, nessa mesma velocidade. Dependendo da distância do seu planeta, da hora do envio e, de nossa parte, de prepará-lo e levá-lo até você, a entrega pode levar várias gerações. Tenha certeza do que está pedindo!

Se o cliente acha que pode recebê-lo em vida ou em algumas poucas gerações, deve procurar a livraria mais próxima.

Sim. Sabemos que existem naves mais rápidas que a velocidade da luz, mas são muito caras. Além disso, é melhor ir um pouco mais devagar; assim, será possível não viajar às escuras, poder ouvir rádio ou ler. Em velocidade superior à da luz, tudo é escuridão e nada se ouve. Não se sabe por quê.

Cobramos caro, sabemos disso. Precisamos fretar uma nave, arregimentar a tripulação necessária para que os tataranetos levem o pedido (os que embarcam daqui, nunca são os mesmos que chegam ao destino, dada a demora do trajeto), e estes são coloquialmente chamados “os otários”, porque logicamente custa-lhes caro.

Felizmente, este custo, que não é barato, é subsidiado pelo Estado. No entanto, o destinatário deve ser responsável pelos custos de integração dos tripulantes quando chegarem ao destino.

Baratos mesmos, em comparação, são os livros solicitados. Aproveite a oportunidade de adquirir tudo o que você precisa e muito mais.

Não, não podemos, para reduzir custos, fazer viagens com vários pedidos ao mesmo tempo. Se fizermos uma escala, a tripulação nunca mais volta à nave. Você tem que compreender, é algo muito humano. Você voltaria?

Peça tudo o que precisar... Aqui, não se aplica o ditado: “quem não tem memória tem pernas”. Pedidos adicionais de última hora não são aceitos.

Na chegada, entregaremos o material no endereço indicado. Não é necessário indicar uma pessoa de contato. Mesmo assim, por precaução, adicione algum outro endereço.

Despachado o pedido, pode haver tentativas da tripulação de mudar o curso, amotinar-se ou querer parar no primeiro planeta à vista. Acalme-se. Existem várias situações como essa em cada viagem e até mesmo em cada geração. Apesar disso, a nave sempre seguiu seu curso. As entregas são feitas sempre.

A tripulação leva alguns livros muito apropriados para ler durante a viagem:

As Mil e Uma Noites, A Viagem Sem Fim, 20.000 Léguas Submarinas, A Volta ao Mundo em Oitenta Dias, Esperando Godot, O Conto Sem Fim e As Obras Completas de qualquer escritor são as mais comuns. Você também pode estar interessado em comprá-los. Sendo assim, porque usados, é feito um desconto de 95%.

Se o seu planeta se afasta do nosso mais rápido do que nossas naves de entrega, o pedido não será aceito. Nós não fazemos entregas em Buracos Negros.

Se calcularmos que, quando chegarmos, vocês não existirão mais, ou terão mudado de idioma, o pedido não será enviado. Recomendamos que peçam tudo em esperanto, para que não haja problemas.

Por favor, anexe o pagamento no momento do pedido. Não aceitamos outra forma de pagamento.

Tradução de Paulo Soriano.

LA LIBRERÍA SIDERÁL

Emilio Vilaró

Servimos a todo el Universo

Librería Siderál S.A.: con más de tres millones de años de experiencia, se creó cuando se recibió en nuestro humilde kiósko, el primer pedido de libros de cocina desde un planeta de la estrella X2-445 (ya desaparecida). Éste fue el original inicio de nuestra empresa. Ahora, somos el proveedor de libros más grande del Cosmos.

* * *

—Nuestras condiciones de venta—

Antes de enviarnos su pedido, por favor, tomen nota de lo siguiente:

Lo más rápido que podemos enterarnos de su pedido, es a la velocidad de la luz. Lo más rápido que podemos entregárselo es, como máximo a esa misma velocidad. Dependiendo de: qué tan lejos esté su planeta, del tiempo para hacernos llegar su pedido y, por nuestra parte prepararlo y llevárselo, puede ser de varias generaciones. ¡Asegúrese de lo que pide!

Si el que hace el pedido, piensa que puede recibirlo durante su vida o en unas pocas generaciones, debería buscar una librería más cercana.

Sí. Lo sabemos, hay naves más rápidas que la velocidad de la luz, pero son muy caras. Además, es mejor ir un poco más lento, así, se podrá no viajar a oscuras, poder escuchar la radio, o leer. A mayor velocidad de la luz, todo es oscuridad y, no se oye nada. No sabemos el porqué.

Somos caros, lo sabemos. Fletar una nave, conseguir la tripulación necesaria para que los tataraniétos lleven el pedido (los que salen de aquí, como se tarda tanto, nunca son los que llegan al destino), a éstos, coloquialmente se les llama «los pringados», pues lógicamente cuesta mucho.

Afortunadamente éste costo, que no es barato, está subvencionado por el Estado. Si bien, el receptor se deberá encargarse de los costos de integración de los tripulantes cuando lleguen al destino.

Lo que sí es barato en comparación, son los libros pedidos. Aproveche la oportunidad para adquirir todos los que necesite y más.

No, no podemos, para reducir costos, hacer viajes llevando varios pedidos a la vez. Si

hacemos una escala, la tripulación nunca vuelve a la nave. Tiene que entenderlo, es muy humano. ¿Volvería usted?

Pídan todo lo necesario... lo de: «el que no tiene memoria tiene piernas, aquí no sirve». No se admiten pedidos complementarios de última hora.

Al llegar, entregaremos el material en la dirección indicada. No hace falta que den persona de contacto. Aun así, pongan alguna otra dirección, por si acaso.

Una vez ha partido su pedido, puede haber intentos por parte de la tripulación de cambiar el rumbo, amotinarse o intentar parar en el primer planeta que se vea. Tranquilícese. Hay varias situaciones como éstas en cada viaje y hasta en cada generación. A pesar de ello, la nave siempre ha seguido su curso. Las entregas siempre se realizan.

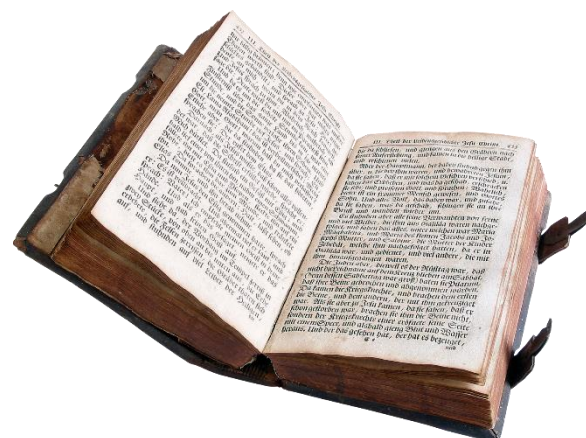
La tripulación lleva algunos libros muy apropiados para su lectura durante el viaje:

Las Mil y una Noches, El Viaje interminable, 20 000 Léguas de Viaje Submarino, La vuelta al mundo en ochenta días, Esperando a Godot, El cuento de nunca acabar y Las obras completas de cualquier escritor, son los más habituales. Puede que también le interese adquirirlos. Al estar tan usados, se hace un 95% de descuento.

Si su planeta se aleja del nuestro a mayor velocidad que nuestras naves de reparto, el pedido no será aceptado. No servimos a los Agujeros Negros.

Si calculamos que para cuando lleguemos, ustedes ya no existirán o habrán cambiado de idioma, el pedido no se enviará. Les recomendamos que pidan todo en Esperanto, así no tendrán problemas.

Se ruega adjunten el pago en el momento de hacer el pedido. No se acepta de ningún otro modo.



O RETORNO

Paulo Soriano

Para Henry Evaristo

Meu velho pai sentou-se na poltrona, ao lado da lareira, e me chamou:

— Venha! Venha logo! Quero contar-lhe uma história.

Ah, como eu amava aquela história! Uma história absurda, que eu já sabia de cor, mas que eu escutava com o mesmo prazer dos tempos de minha infância.

— Chegue mais junto. Isso. Quero contar-lhe uma história verdadeira — disse meu pai, sorrindo-me com satisfação.

— Conte-me, pai.

O velho pigarreou. Remexeu-se na poltrona. Uniu os dedos enrugados e, solenemente, desfiou a sua história.

— Um grupo de alpinistas suecos — um grupo desses caras malucos que gostam de arriscar a vida por nada — havia acampado em uma base de apoio, a cerca de quatro mil pés de altura, antes de iniciar a jornada rumo ao cume do monte McKinley. Segundo Anderson, o chefe da equipe, a noite transcorreu tranquilamente.

“Houve um pequeno deslizamento de neve, mas, como se tratava de um acontecimento ordinário, o líder sueco levantou o acampamento antes do amanhecer. Os homens percorreram, sem grandes dificuldades, cinco milhas na direção nordeste, com inexpressiva variação na altitude. Foi quando perceberam que o solo tremia. Fez-se um barulho ensurdecador. Experiente, o líder Anderson era igualmente um homem de sorte, porque, a poucos metros de onde estavam, a ponta de uma enorme rocha, lisa e esguia como uma espada, elevava-se abruptamente da neve. Embora a rocha fosse plana como a superfície de uma placa de metal, havia, na região onde a pedra irrompia, um nicho estreito, como uma fenda ogival, mas capaz de abrigar a todos. Mal se acomodaram os alpinistas naquela abençoada gruta, uma massa incomensurável de neve precipitou-se vertiginosamente, rápida e uniforme como a lava de um vulcão. A grande rocha, para a felicidade dos aventureiros, elevava-se a cerca de cem metros de altura e

deveria ter o dobro de comprimento nas bases laterais. Constituía um grande prisma triangular, cuja aresta, voltada para o cimo da montanha, servira-lhes de providencial anteparo. O caudal de neve, ao deslizar celeremente, deparou-se com uma bifurcação inexorável. Assim, a grande massa de neve se dividiu, talhada pela lâmina afiada da quilha rochosa, ganhando direções adversas. A correnteza, que no seu caminho arrastava árvores e animais, perdeu, aos poucos, o ímpeto e a fúria.

“Quando tudo se acalmou, o grupo verificou que um milagre acontecera. Toda a região frontal à grande rocha estivera indiferente ao tumulto provocado pela avalanche. Uma descida segura à base de apoio estava garantida.

“Por cautela, somente à tardinha o líder Anderson autorizou a descida. Assim, de mochila nas costas, os alpinistas iniciaram o retorno, admirados com a visão que tinham dos flancos devastados.

“Foi a duas milhas de distância que a equipe se deparou com algo muito estranho. Muito estranho mesmo. Sabe o que era?”

Meu pai sempre interrompia ali a narrativa. E jamais deixou de repetir a mesma pergunta. Eu adorava aquilo. Sim, eu amava aquilo tudo. Era maravilhoso aquele ritual doméstico.

— Não, pai. Eu não sei.

— Adivinhe, então.

— Não sei, pai. Diga você.

— Era algo que reluzia. Algo que parecia não ser deste mundo. Assemelhava-se a dois enormes pires unidos pelas bordas, e estava inclinado, meio enterrado na neve revolvida pela avalanche. Era metálico. O que era?

— Uma nave alienígena?

— Com certeza! — respondeu meu pai, cofiando os bigodes de seda. — Por que motivo o governo tomaria tanto cuidado para ocultá-la e transportá-la até o Novo México? Bem, a verdade é que, com o anúncio da descoberta, o exército entrou em cena. E onde há militar, há segredo e burocracia. Mandaram os suecos para casa, mas não sem antes lhes comprar o silêncio a peso de ouro. O que não evitou que um deles,

REVISTA VIRTUAL

por um montante bem mais generoso, vendesse a história para a NBC. Vou lhe dizer uma coisa: aquela não fora a primeira e nem a última nave alienígena encontrada na Terra. Mas a nave era diferente: estava intacta. É evidente que os militares pretendiam estudá-la. Em vão, é claro. É como se dessem um microcomputador para um neandertalense examinar.

Aqui meu pai abria um sorriso simplesmente encantador.

— Mas o segredo maior estava no interior da nave. Era uma nave pequena, com pouco mais que seis metros de diâmetro por três de altura. Levamos seis meses para decifrar o código de acesso. Eu era o matemático chefe da equipe. Eles não queriam, mas eu ousei: fui o primeiro a entrar na nave. E lá dentro tudo era muito estranho.

— O que havia lá dentro, pai? — Eu sempre fazia esta pergunta tola. E o meu pai respondia, com um quê de impaciência:

— O que havia lá dentro? Nada, absolutamente nada. Exceto por uma coisa. Olhe, filho, eu imaginava que veria um painel de controle cheio de botões multicoloridos. Pensava que haveria telas de computador a *laser* ou coisas semelhantes. E, também, esqueletos de homenzinhos outrora verde-oliva. Mas não havia nada disso. O disco estava completamente vazio, exceto pelo... pelo que imaginei ser uma câmara criogênica ou coisa que o valha. Não estava presa ao chão. Ela flutuava. Provavelmente em razão de algum sistema de levitação baseado no eletromagnetismo. E não houve quem conseguisse removê-la do interior da nave. Os exames de ultrassom foram feitos lá mesmo e revelaram que a câmara, composta por dois compartimentos, tinha algo de muito singular em seu interior. No menor, via-se nitidamente a imagem de um par de sandálias. No outro, a do corpo de um homem. Sim, um ser humano. Nada de homenzinho verde-oliva.

“Consumimos dois anos para decifrar o código numérico que dava acesso ao compartimento menor, aliás, o único que era guardado de saliências semelhantes ao teclado de um computador.

“E olhe que tínhamos, à nossa disposição, os computadores mais potentes e avançados do mundo. A abertura do compartimento revelou, além do que nós já sabíamos, algo mais.”

— Não pai, não me peça para adivinhar.

— Não. Desta vez, não. Vou em frente.

Além das sandálias, havia um pano de linho dobrado, com aproximadamente trinta centímetros de altura e largura. E um rolo de pergaminho perfeitamente conservado. Escrito em aramaico, meu filho. Aramaico antigo. A partir daí, vieram duas vertentes de investigação. Aos físicos coube a datação das sandálias e do pano; aos linguistas, a tradução do pergaminho. Eu disse duas vertentes? Enganei-me. Os fotógrafos — e não os cientistas — foram os primeiros convocados. Sabe por quê? Porque aquele pano era um pequeno sudário. O lenço que se colocava entre a face do morto e o grande lençol mortuário. Esse pano, quando em negativo, reproduzia, exatamente, a mesma face que está estampada no sudário de Turim. Ambas as imagens coincidiam perfeitamente, ponto a ponto, e evidentemente o pequeno lenço reproduzia a imagem humana com maior nitidez. O teste de carbono 14, de sua feita, estabeleceu que o pano, as sandálias e o pergaminho eram coetâneos. E não é preciso dizer de quando eles datavam, não é mesmo? Ah, e o que o pergaminho dizia? Dizia simplesmente: “Eis o prometido retorno do Filho do Homem”. A câmara criogênica ainda está lá. E, até hoje, ninguém conseguiu devassar o compartimento maior.

Aí terminava a história do meu pai.

Mas, nesse dia, as coisas tomaram um rumo diferente.

— Filho, não há segredo que dure para sempre. Sabíamos que havia uma ranhura na parte lateral do compartimento maior. Uma fresta de um centímetro de comprimento por três milímetros de altura. Era evidente que tínhamos, ali, um sistema mecânico rudimentar. Algo como o mecanismo que aciona uma máquina de refrigerantes. Os engenheiros dedicaram décadas de estudos, encetaram várias tentativas, mas todo esse esforço foi em vão. Creio que ainda hoje tentam abrir o compartimento. Mas não conseguirão. Eles não têm as moedas.

Dizendo isso, meu pai se levantou. Foi ao quarto e retornou com um saquinho de veludo na mão e um livro na outra.

— A imagem tridimensional de ambos os sudários revela, quando ampliada, a impressão

REVISTA VIRTUAL

das moedas que foram colocadas nas pálpebras do Senhor, conforme o costume da época.

Meu pai abriu o livro. Um livro escrito em italiano e repleto de imagens alusivas ao Santo Sudário. Depois, retirou duas pequenas moedas do saquinho.

— Filho, peço que compare as moedas que tenho na mão com as imagens colhidas do sudário de Turim. Não há dúvida: são as mesmas que cobriram os olhos do Senhor. Trata-se do *dilepton lituus*, espécie de moeda cunhada por Pilatos entre 29 e 32 d.C. Quando estas moedas me chegaram pelo correio, sem que eu soubesse quem era o remetente, não entendi. Somente depois percebi que alguém depositou em meus ombros uma pesada cruz. A maior responsabilidade que um homem jamais teve em toda a história. O Fim está aqui, em minhas mãos.

Meu pai, com a palma da mão direita aberta, olhou para as moedas.

— Agora, já não posso decidir. Estou velho demais para isso. Eu sempre hesitei em tomar a decisão. Por dois mil anos, o disco voador, que recolheu o corpo do Senhor, após a ascensão, esteve soterrado numa montanha no Alaska. E ali permaneceu até o momento em que o gelo perene derreteu. E por que derreteu? Porque a Terra está superaquecida, como resultado da produção industrial. E o que significa isto? Significa que temos tecnologia suficiente tanto para criar armas atômicas quanto para decifrar códigos extremamente complexos. O retorno do Messias não tinha data certa. Dependeria do desenvolvimento tecnológico do ser humano, cujo preço todos nós sabemos. Filho, chegou o momento em que é possível fazer despertar o sono do Filho do Homem.

— E as moedas, pai, de onde vieram?

— De Ugo Lorenzo, autoridade em numismática e um dos maiores estudiosos do

sudário de Turim. Ele trabalhou conosco, estudando as fotografias e as análises que foram feitas no pano. Mas não sei como ele as recuperou.

Então meu pai abriu a minha mão e nelas depositou as moedas.

— A cruz está em seus ombros — disse-me, comovido. — Resolva se é hora de pôr a radiola de fichas de dois mil anos para funcionar.

A responsabilidade agora é minha.

Mas amanhã estará tudo resolvido: moedas também servem para fazer cara ou coroa.



EL RETORNO

Paulo Soriano

Para Henry Evaristo

Mi anciano padre se sentó en el sillón, al lado de la chimenea y me llamó.

—¡Ven! ¡Ven pronto! Te quiero contar una historia.

Ah, como amaba yo aquella historia. Una historia absurda, que me sabía de memoria, pero que escuchaba con el mismo placer que en los tiempos de mi infancia.

— Acércate más. Eso. Te quiero contar una historia verdadera - dijo mi padre, sonriéndome con satisfacción.

—Dime, padre.

El anciano se aclaró la garganta. Se retorció en el sillón. Unió sus arrugados dedos y, solemnemente, desveló su historia.

—Un grupo de alpinistas suecos — un grupo de esos tipos locos que les gusta arriesgar la vida por nada — había acampado en una base de apoyo, cerca de los cuatro mil pies de altura, antes iniciar la jornada rumbo a la cumbre del monte McKinley. Según Anderson, el jefe del equipo, la noche transcurrió tranquilamente.

“Hubo un pequeño deslizamiento de nieve, pero, como se trataba de un hecho común, el líder levantó el campamento antes de amanecer. Los hombres marcharon, sin grandes dificultades, cinco millas en dirección nordeste, con poca variación en la altitud. Fue cuando percibieron que el suelo tembló. Se generó un ruido ensordecedor. Experimentado, el líder Anderson era también un hombre de suerte, porque, a pocos metros de donde estaban, en la punta de una enorme roca, lisa y esbelta, como una espada, se elevaba abruptamente desde la nieve. Aunque la roca fuese plana como la superficie de una placa de metal, había, en la zona donde la piedra irrumpía, un nicho estrecho, como una hendidura ojival, pero capaz de alojar a todos. Apenas acomodados los alpinistas en aquella bendita cueva, una masa inconmensurable de nieve se precipitó vertiginosamente, rápida y uniforme, como la lava de un volcán. La gran roca, para alegría de los aventureros, se elevaba a casi cien metros de altura y debería tener el doble de largo en las bases laterales. Era un gran prisma lateral, cuyo borde, enfrentado a la cima de la montaña, les servía de providencial mampara. El flujo de nieve, al deslizarse rápidamente, se encontró con una bifurcación inexorable. Así, la gran masa de nieve se dividió, tallada por la afilada lámina de la quilla rocosa, tomando direcciones contrarias. La corriente, que en su camino arrastraba árboles y animales, perdió pronto ímpetu y furia.”

“Cuando todo se calmó, el grupo comprobó que ocurrió un milagro. Toda la parte frontal de la gran roca había permanecido indemne a la confusión provocada por la avalancha. El descenso seguro a la base de apoyo estaba garantizado.”

“Por precaución, El líder Anderson sólo autorizó el descenso a la tarde. Así, con las mochilas a cuestas, los alpinistas iniciaron el retorno, asombrados con el aspecto que tenían los flancos devastados.”

“Fue a dos millas de distancias cuando el grupo se encontró con algo muy extraño. Muy extraño de hecho. ¿Sabes que fue?”

Mi padre siempre interrumpía ahí la narración. Y jamás dejó de repetir la misma pregunta. Le encantaba aquello. Si, él amaba todo aquello.

— No, padre. No lo sé

— Adivínalo, entonces

—No sé, padre. Diga usted.

—Era algo reluciente. Algo que no parecía de este mundo. Se asemejaban a dos enormes platillos unidos por los bordes y estaba inclinado, medio enterrado por la nieve removida por la avalancha. Era metálico ¿Que era?

—¿Una nave extraterrestre?

—¡Por supuesto! — respondió mi padre, acariciando el bigote de seda. — ¿Por qué motivo un gobierno se preocuparía tanto en esconderlo y transportarlo a Nuevo México? Bien, la verdad es que, con el anuncio del descubrimiento, el ejército entró en escena. Y donde hay militar, hay secretismo y burocracia. Enviaron a los suecos para casa, pero no sin antes comprarles el silencio a precio de oro. Lo que no impidió que uno de ellos, por una cantidad mucho más generosa, vendiese la historia a la NBC. Te diré una cosa: esa no fue ni la primera, ni la última nave alienígena descubierta en la Tierra. Pero la nave era diferente: estaba intacta. Y era evidente que los militares pretendían estudiarla. En vano, claro. Era como si diesen un microordenador a un Neandertal para que lo examinase.

Y entonces mi padre mostró una sonrisa simplemente encantadora.

—Pero el mayor secreto no estaba en el interior de la nave. Era una nave pequeña, con poco más de seis metros de diámetro por tres de altura. Tardamos seis meses en descifrar el código de acceso. Yo era el matemático jefe del equipo. Ellos no querían, pero yo me atreví: fui el primero en entrar en la nave. Y dentro todo era muy extraño.

—¿Que había dentro, adre? — Yo siempre hacía esa pregunta tonta. Y me respondía con un toque de impaciencia.

—¿Que había dentro? Nada, absolutamente nada. Excepto por una cosa. Mira, hijo, yo me imaginaba que vería un panel de control lleno de botones de distintos colores. Pensaba que habría

REVISTA VIRTUAL

pantallas de ordenador láser o cosas parecidas. Y, también, esqueletos de alienígenas. Pero no había nada. El platillo estaba completamente vacío, excepto por lo que supuse que era una cámara criogénica. No estaba pegada al suelo. Flotaba. Probablemente, mediante algún sistema de levitación basado en electromagnetismo. Y no hubo quien lograra sacarla del interior de la nave. Mediante el examen con ultrasonidos hecho allí, había algo singular en su interior. En el más pequeño, se veía nítidamente la imagen de un par de sandalias. En el otro, el cuerpo de un hombre. Si, un ser humano. Nada de hombrecito verde-oliva.

—Tardamos dos años en descifrar el código numérico que daba acceso al compartimento menor, en efecto, el único que estaba tachonado con protuberancias similares a un teclado de ordenador”.

—Y mira que teníamos, a nuestra disposición, los ordenadores más potentes y avanzados del mundo. La apertura del compartimento reveló, además de lo que ya sabíamos, algo más”.

—No, papá, no me pidas que lo adivine.

—No. Esta vez, no. Voy por delante. Además de sandalias, había una tena de lino doblada de aproximadamente treinta centímetros de altura y ancho. Y un rollo de pergamino perfectamente conservado. Escrito en arameo, hijo mío. Arameo antiguo. De ahí en adelante, surgieron dos líneas de investigación. Los físicos fueron los encargados de datar las sandalias y el paño; los lingüistas, la traducción del pergamino. ¿Dije dos líneas? Me equivoqué. Los fotógrafos - y no los científicos - fueron los primeros convocados. ¿Sabes por qué? Porque esa tela era un pequeño sudario. El pañuelo que se colocaba entre el rostro del muerto y la gran sábana mortuoria. Esa tela, en negativo, reproducía, exactamente, la misma cara que está estampada en el sudario de Turín. Ambas imágenes coincidían perfectamente, punto por punto, y evidentemente el pequeño paño reproducía la imagen humana con más nitidez. El test del carbono 14, de hecho, estableció que la tela, las sandalias y el pergamino eran coetáneos. Y no hace falta decir de cuándo salieron que eran. ¿No es lo mismo? Ah ¿Y que decía el pergamino? Decía simplemente: “He aquí el prometido regreso del Hijo del Hombre”. La cámara criogénica sigue ahí. Y, hasta hoy, nadie ha logrado penetrar en el compartimento más grande. Algo así como el mecanismo que acciona una máquina de refrigeración.

Ahí terminaba la historia de mi padre.

Pero, ese día, las cosas tomaron un rumbo diferente.

—Hijo, no hay secreto que dure para siempre. Sabíamos que había una ranura en la parte lateral del compartimento mayor. Un hueco de un centímetro de largo por tres milímetros de altura. Era evidente que tuvimos, allí, un rudimentario sistema mecánico. Los ingenieros han dedicado décadas de estudios, haciendo varios intentos, pero todo ese esfuerzo fue en vano. Ceo que todavía están intentando abrir el

compartimento. Pero no lo lograrán. No tienen las monedas.

Diciendo eso, mi padre se levantó. Fue a una habitación y volvió con una bolsa de terciopelo en una mano y un libro en la otra.

—La imagen tridimensional de ambos sudarios revela, cuando se amplía, la huella de las monedas que fueron puestas en los párpados del Señor, de acuerdo a las costumbres de la época.

Mi padre abrió el libro. Un libro escrito en italiano y repleto de imágenes relacionadas con el Santo Sudario. Después, tomó dos monedas pequeñas de la bolsa.

—Hijo, por favor, compara las monedas que tengo en la mano con las imágenes tomadas del sudario de Turín. No hay duda: son iguales que as que cubrían los ojos del Señor. Se trata de *Dilepton lituus*, un tipo de moneda acuñada por Pilatos entre el 29 y el 32 d.C. Cuando esas monedas me llegaron por correo, sin que yo supiera quién era el remitente, no entendí. Solamente más tarde me di cuenta que alguien había depositado sobre mis hombros una pesada cruz. La mayor responsabilidad que un hombre haya tenido en toda la Historia. El Final está aquí, en mis manos.

Mi padre, con la palma de la mano derecha abierta, miró las monedas.

—Ahora ya no puedo decidir. Soy demasiado viejo para esto. Siempre dudé en tomar una decisión. Durante dos mil años, el disco volador, que guardó el cuerpo del Señor, después del ascenso, estuvo enterrado en una montaña de Alaska. Y ahí permaneció, hasta que el hielo perenne se derritió. ¿Y por qué se derritió? Porque la Tierra está sobrecalentada, como consecuencia de la producción industrial. Y ¿que significa esto? Significa que tenemos tecnología suficiente tanto para crear bombas atómicas como para descifrar códigos extremadamente complejos. El retorno del Mesías no tenía fecha contrata. Dependería del desarrollo tecnológico del ser humano, cuyo precio todos conocemos. Hijo, llegó el momento en que es posible despertar del sueño al Hijo del Hombre,

—Y las monedas, padre ¿De donde vienen?

—De Ugo Lorenzo, autoridad en numismática y uno de los mayores estudiosos en el sudario de Turín. Él trabajó con nosotros, estudiando las fotografías y los análisis que estaban hechos en tela. Pero no sé como los recuperó.

Y entonces mi padre abrió mi mano y colocó en ella las monedas.

—La cruz está sobre tus hombros — me dijo, emocionado —. Decide si es la hora de poner a funcionar la radio con el chip de dos mil años de antigüedad,

La responsabilidad ahora es mía,

Pero mañana todo se solucionará. Las monedas también se usan para hacer cara o cruz,

Traducción de Ricardo Manzanaro.

Revisión de Paulo Soriano.

REVISTA VIRTUAL

A ERA FINAL

José Ángel Conde

Tradução de Paulo Soriano.

— Tem certeza?

— Sim, não precisamos mais de você.

Foi assim que o cérebro computadorizado da Parallel comunicou a demissão do funcionário humano. Ao deixar o prédio da Citadel Systems no subúrbio privado, Syfus se perguntou se essa inteligência era realmente assim tão artificial.



EL ERE FINAL

José Ángel Conde

— ¿Estás seguro?

— Sí, ya no te necesitaremos más.

Así es como el cerebro computerizado de *Parallel* comunicó su despido al último empleado humano. Mientras abandonaba el edificio de Citadel Systems en el suburbano privado, Syfus se preguntó si esta inteligencia era en verdad tan artificial.



QUANDO VOLTEI PARA BUSCÁ-LA

Carlos Enrique Saldívar

Adela perguntou-me por que eu estava tão chateado.

Ela não se lembrava de que me tinha assassinado e enterrado na noite anterior.

Claro que não era culpa sua: maltratava-a diariamente, violava-a, traía-a com outras mulheres e esfregava isto tudo em sua cara.

Ontem, quase a matei e ela só se defendeu com tesouras.

Agora, o choque a impedia de se lembrar do que aconteceu.

Disse-lhe que não estava zangado, que estava apenas preocupado por não a ter visto por tantas horas. Que eu a amava.

Ela apenas sorriu, abraçou-me e chorou. Pobrezinha.

Isto tornou-me fácil triturar-lhe o crânio com os meus dentes e devorar o seu lindo cérebro.

Tradução de Paulo Soriano.

CUANDO FUI POR ELLA

Carlos Enrique Saldívar

Adela preguntó por qué estaba yo tan molesto.

Ella no recordaba que me había asesinado y enterrado una noche antes.

Claro, no fue su culpa, yo la maltratava a diario, la violaba, la engañaba con otras mujeres y se lo restregaba en la cara.

Ayer estuve a punto de matarla y ella solo se defendió con las tijeras.

Ahora el shock le impedía acordarse de lo ocurrido.

Le dije que no estaba enfadado, que tan solo me sentía preocupado por no haberla visto tantas horas. Que la amaba.

Solo atinó a sonreír, abrazarme y llorar. Pobrecita.

Me facilitó la tarea de quebrarle el cráneo con mis dientes y comerme su lindo cerebro.

MORPHELLA

Rogério Silvério de Farias

Tenho e tive muitos amigos estranhos e excêntricos. A maioria deles já morreu. Também como eles eu sou estranho e excêntrico. Quase todos foram vítimas de mortes violentas, boa parte deles se suicidou e deles só me restam estranhas e amargas lembranças. Terei eu o mesmo fim e a mesma sina desses infortunados? Somente os deuses do céu e do inferno saberão dizer!...

Ainda hoje me lembro de um desses estranhos amigos. Z. Era o nome dele. Antes de morrerem esses amigos sempre acabavam me contando histórias reais e sobrenaturais vividas por eles, e Z. me contou esta. Mas deixem-me contar como tudo começou...

Trovões e raios caíam sobre a cidade onde estava a casa do meu amigo Z. Era um fim de semana e eu tinha ido visitá-lo, quando a noite chegou e com ele um temporal! Resolvi que ficaria ali na casa de meu amigo até o dia seguinte. Meu amigo Z. tem problemas de saúde e alguns problemas mentais também. Mora sozinho, seus pais e parentes já morreram todos, em acidentes horríveis. Quase não tinha vida social, sobrevivia do aluguel de imóveis deixados por seus pais e parentes, que deixaram tais patrimônios como herança a esse meu solitário amigo excêntrico.

Z. é o que eu chamaria de “poeta louco”. Vivia rodeado de livros, escrevia versos que lembravam o estilo de Lord Byron. Não havia casado, era um celibatário convicto. Obviamente, tivera um grande amor na vida, e como sempre acontece com todos nós, esse amor acabou afundando sua pobre alma no mar negro da desilusão. Ele agora andava muito amargo, pálido e magro, mas entre goles de conhaque e café, ele me contou a história de seu grande e misterioso amor...

Contou-me que uma noite a solidão lhe apertara tanto, que ele resolveu sair pela noite, sob a luz estranha de uma grande e misteriosa lua cheia. Era verão e ele entrou no riacho de águas rasas e mansas, para refrescar-se. Banhou-se nas águas tépidas e depois se deitou nu na beira do riacho, na grama.

Começou a ter sensações estranhas, e surgiram-lhe fantasias amorosas tão ardentes, que acabou adormecendo e sonhando os sonhos mais loucos, em delírios oníricos carnais alucinantes!

Ocorreu uma coisa extraordinária, então. Z. estava num estado tão estranho que ele não sabia mais discernir a realidade da fantasia.

Parecia estar no limiar de dois mundos, o real e o fantasioso... A fronteira final entre o universo natural e o sobrenatural, dir-se-ia!

Então, como que surgida do nada ou das penumbras da mata, uma linda e nua mulher de feições exóticas e pálidas se aproximou dele. Começaram a conversar e a partir de então todas as noites ele ia se encontrar com essa estranha mulher, cujo nome ela lhe dissera ser “Morphella”. Apaixonaram-se perdidamente a ponto de realizar atos amorosos ao luar, em êxtases delirantes.

Seguiram-se noites maravilhosas, mas pouco a pouco lhe ocorria uma estranha transformação que perduraria por muito tempo na breve vida de meu amigo Z. Aquela mulher estranha e exótica que surgia sempre ao seu encontro no meio da noite, em locais ermos ou na orla da floresta, parecia estar sugando as energias de meu amigo, pois ele ficava dia após dia cada vez mais magro, fraco, pálido e enfermo.

Então uma noite aconteceu uma coisa extraordinária e assustadora que deixou meu excêntrico amigo Z. apavorado a ponto de fugir para sua casa aos berros no meio da noite, deixando para sempre aquela estranha mulher que surgia no silêncio da mata. Em toda paixão, em todo amor doentio, mais cedo ou mais tarde, acabam acontecendo conflitos, e então o amor vira o que é, uma coisa enfermiça e ilusória: a paixão!... E naquela noite maldita quando meu amigo insistira em saber um pouco mais sobre Morphella, ela subitamente teve um ataque de ira e os dois brigaram feio. Ela lhe arranhou o rosto como uma gata furiosa das sombras, ele a esbofeteou num acesso de cólera. Foi aí que aconteceu a coisa extraordinária, a coisa apavorante, inacreditável que pôs meu amigo no rol das pessoas perturbadas para sempre! Morphella, irada, olhou melancolicamente para a lua cheia e gritou de um modo grotesco, seus olhos começaram a ficar amarelos, seus caninos começaram a alongar-se, uma sanha lupina desenhou-se no seu semblante, e aí seu corpo todo pareceu explodir numa fumaça ocre e fedorenta, foi como uma desintegração atômica ou molecular, uma desmaterialização explosiva e catiungenta ou algo assim.

Meu amigo saiu correndo noite afora, até entrar em sua casa e se trancar. Nunca mais viu Morphella, exceto em seus sonhos mais dantescos.

REVISTA VIRTUAL

Como ele sabe que sou um estudioso esporádico de fatos ocultos e sobrenaturais, perguntou-me na ocasião o que eu achava, e então lhe disse, após um gole de conhaque:

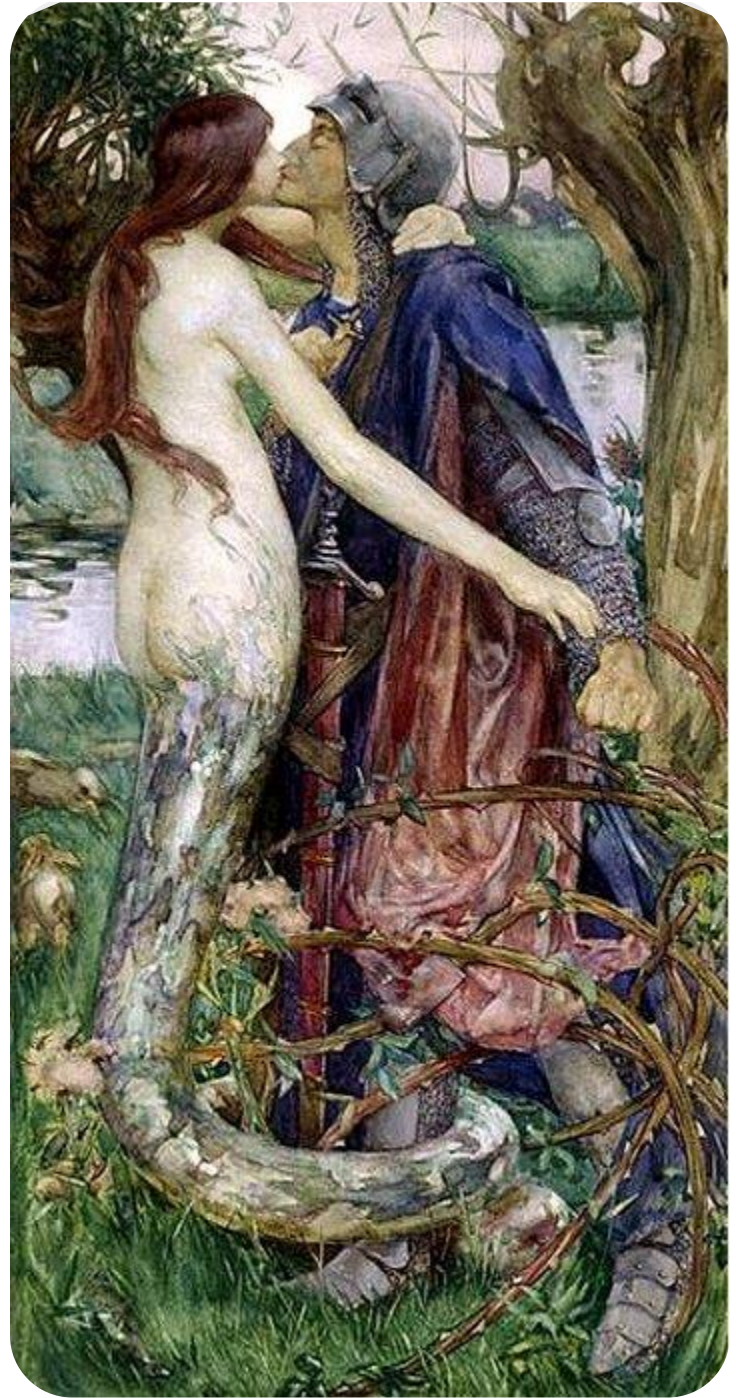
— Meu amigo, tome cuidado. Você mexeu com uma Lâmia ou Súcubo. Essas mulheres sobrenaturais sugam toda a energia sexual ou libido dos homens, deixando-os totalmente enfermiços e solitários, à mercê de um destino funesto. São mulheres infernais nascidas do coito entre espíritos infernais, que perambulam em silêncio nas trevas de lugares ermos e sombrios, como florestas, desertos ou casas abandonadas. Simplesmente você se apaixonou por um ser sobrenatural que fica vadiando nas noites e nos sonhos mais profundos e proibidos dos homens! Aquela a quem você chamava de Morphella era uma lâmia, uma vampira ou um súcubo...ou algo ainda pior! Sua namorada era um ente das sombras!

Nunca mais vi M. Nunca mais. Dois meses depois de ele ter me contado este relato, recebi a notícia de que ele havia se enforcado numa velha árvore seca e retorcida. Encontraram seu corpo em adiantado estado de decomposição, e entre os dedos de sua mão crispada fortemente, havia um pedaço de papel todo amarrotado com algo escrito. Era um poema em prosa:

“Te amo, minha querida Morphella.
Girarão as rodas cruéis das múltiplas
existências.

Aqui, na luz do céu ou nas sombras do
inferno.

Eternamente te amo, Morphella, meu amor
das sombras”.



MORPHELLA

Rogério Silvério de Farias

Tengo y he tenido muchos amigos extraños y excéntricos. La mayoría de ellos ya han muerto. Como ellos, también soy extraño y excéntrico. Casi todos murieron violentamente, la mayoría se suicidó y de ellos sólo quedan extraños y amargos recuerdos. ¿Tendré yo el mismo fin y la misma suerte que aquellos desgraciados? ¡Solo los dioses del cielo y del infierno lo sabrán!...

Aún hoy recuerdo a uno de esos extraños amigos. Z. Ese era su nombre. Antes de morir, estos amigos siempre acababan contándome historias reales y sobrenaturales que vivieron, y Z. me contó ésta. Pero déjame contarte cómo empezó todo...

Truenos y relámpagos caían sobre el pueblo donde estaba la casa de mi amigo Z. Era fin de semana y yo había ido a visitarlo, cuando llegó la noche y con ella ¡una tormenta! Decidí quedarme en casa de mi amigo hasta el día siguiente. Mi amigo Z. tiene problemas de salud y también algunos problemas mentales. Vive solo, sus padres y familiares han muerto todos en horribles accidentes. Casi no tiene vida social, sobrevivía del alquiler de las dejadas por sus padres y parientes, que dejaron tales bienes como herencia a mi solitario y excéntrico amigo.

Z. es lo que yo llamaría un "poeta loco". Vivía rodeado de libros y escribía versos que recordaban el estilo de Lord Byron. No se había casado, era un célibe empedernido. Evidentemente, había tenido un gran amor en su vida y, como siempre nos pasa a todos, ese amor acabó por hundir su pobre alma en el mar negro de la desilusión. Ahora estaba muy amargado, pálido y delgado, pero entre sorbos de coñac y café, me contó la historia de su gran y misterioso amor...

Me contó que una noche la soledad se había apoderado tanto de él que decidió salir a la noche, bajo la extraña luz de una gran y misteriosa luna llena. Era verano y se metió en el tranquilo y poco profundo arroyo para refrescarse. Se bañó en las aguas cálidas y luego se tumbó desnudo en la orilla del arroyo, sobre la hierba.

Empezó a tener sensaciones extrañas, y le surgieron fantasías amorosas tan ardientes que acabó por dormirse y soñando los sueños más locos, ¡en delirios oníricos carnales alucinatorios!

Sucedió entonces algo extraordinario. Z. se encontraba en un estado tan extraño que ya no podía discernir la realidad de la fantasía.

Parecía encontrarse en el umbral de dos mundos, el real y el fantástico.... Se diría que la última frontera entre el universo natural y el sobrenatural.

Entonces, como si apareciera de la nada o de las sombras del bosque, se le acercó una hermosa mujer desnuda de rasgos pálidos y exóticos. Empezaron a hablar y desde entonces todas las noches iba al encuentro de esta extraña mujer, cuyo nombre ella le dijo que era "Morphella". Se enamoraron perdidamente hasta el punto de realizar actos amorosos a la luz de la luna, en delirantes éxtasis.

Siguieron noches maravillosas, pero poco a poco se apoderó de él una extraña transformación que duraría mucho tiempo en la breve vida de mi amigo Z. Aquella extraña y exótica mujer, que siempre aparecía a su encuentro en medio de la noche, en lugares aislados o al borde del bosque, parecía estar drenando las energías de mi amigo, porque día tras día se volvía más delgado, más débil, pálido y enfermizo.

Entonces, una noche sucedió algo extraordinario y espantoso que aterrorizó a mi excéntrico amigo Z. al punto de huir a su casa gritando en medio de la noche, dejando para siempre a aquella extraña mujer que apareció en el silencio del bosque. En toda pasión, en todo amor malsano, tarde o temprano, acaban ocurriendo conflictos, y entonces el amor se convierte en lo que es, una cosa enfermiza e ilusoria: ¡pasión!... Y en aquella maldita noche, cuando mi amigo se empeñaba en saber un poco más sobre Morphella, de repente ella se enfureció y los dos tuvieron una fea pelea. Ella le arañó la cara como una gata furiosa y sombría, él la abofeteó en un arrebató de ira. Fue entonces cuando sucedió lo extraordinario, lo aterrador, lo increíble, que puso a mi amigo en la lista de los perturbados para siempre. Morphella, iracunda, miró melancólicamente a la luna llena y gritó de forma grotesca, sus ojos empezaron a ponerse amarillos, sus colmillos comenzaron a alargarse, una furia lupina se dibujó en su semblante, y entonces todo su cuerpo pareció estallar en un apestoso humo ocre... fue como una desintegración atómica o molecular, una desmaterialización explosiva maloliente, o algo así.

Mi amigo huyó en la noche, hasta que entró en su casa y se encerró. Nunca más volvió a ver a Morphella, excepto en sus sueños más dantescos.

REVISTA VIRTUAL

Como sabe que soy un estudioso esporádico de los hechos ocultos y sobrenaturales, me preguntó en aquella ocasión qué me parecía aquello, y entonces se lo dije, tras un trago de brandy:

—Amigo mío, ten cuidado. Te has metido con una Lamia o súcubo. Estas mujeres sobrenaturales absorben toda la energía sexual o libido de los hombres, dejándolos totalmente enfermos y solitarios, a merced de un destino sombrío. Son mujeres infernales nacidas del coito entre espíritus infernales, que deambulan silenciosamente en la oscuridad de lugares inhabitados y tenebrosos, como bosques, desiertos o casas abandonadas. Sencillamente, ¡te has enamorado de un ser sobrenatural que vaga por las noches y los sueños más profundos y prohibidos de los hombres! La que llamabas Morphella era una lamia, un vampiro o un súcubo... ¡o algo aún peor! ¡Tu novia era una entidad de las sombras!

Nunca volví a ver a Morphella. Nunca más. Dos meses después de que me contó esta historia, recibí la noticia de que se había ahorcado en un viejo árbol seco y retorcido. Encontraron su cuerpo en avanzado estado de descomposición, y entre los dedos de su mano, muy apretada, había un trozo de papel arrugado con algo escrito. Era un poema en prosa:

“Te amo, mi querida Morphella.
Girarán las crueles ruedas de múltiples
existencias.
Aquí, a la luz del cielo o a las sombras del
infierno.
Eternamente te amo, Morphella, ¡mi amor
tenebroso!”

Traducción de Emilio Vilaró.

COLABORADORES**ALEXANDRE BREA**

(Santiago de Compostela/Galiza/Espanha – Santiago de Compostela/Galicia/España)

ÂNGELO BREA

(Santiago de Compostela/Galiza/Espanha – Santiago de Compostela/Galicia/España)

CARLOS ENRIQUE SALDÍVAR

(Lima/Peru – Lima/Perú)

EMILIO VILARÓ

(Barcelona/Catalunha/Espanha – Barcelona/Cataluña/Espanha – Barcelona/Catalunya/Espanya)

EUGENIO SART

(Madri/Espanha – Madrid/España)

FÉLIX DÍAS

(Laguna/Canárias/España – La Laguna/Canarias/España)

FRANCISCO PLANA

(Valência/Espanha – Valencia/España – València/ Espanya)

HERVÉ SUYS

(Ronse/Flandres/Bélgica – Ronse/Flandes/Bélgica – Ronse/ Vlaanderen/ België)

JOSÉ ÁNGEL CONDE

(Madri/Espanha – Madrid/España)

MARCELO MEDONE

(Montevidéo/Uruguai – Montevideo/Uruguay)

PAULO SORIANO

(Salvador/Bahia/Brasil – Salvador de Bahía/Bahía/Brasil)

PEDRO DE ANDRÉS

(Bilbau/País Basco/Espanha – Bilbao/País Vasco/España – Bilbo/Euskal Herria/Espainia)

RICARDO MANZANARO

(Bilbau/País Basco/Espanha – Bilbao/País Vasco/España – Bilbo/Euskal Herria/Espainia)

ROGÉRIO SILVÉRIO DE FARIAS

(Tubarão/Santa Catarina/Brasil)

VALENTIM FAGIM

(Santiago de Compostela/Galiza/Espanha – Santiago de Compostela/Galicia/España)



AUTORES E AUTORA CLÁSSICOS:
Autores y Autora Clásicos:

ARTHUR CONAN DOYLE
(Escócia/Escocia/Scotland/Alba)

EDGAR ALAN PÖE
(EUA/USA)

AMBROSE BIERCE
(EUA/USA)

PLÍNIO, O JOVEM/PLINIO EL JOVEN
(Império Romano/Imperio Romano)

RUBÉN DARÍO
(Nicarágua/Nicaragua)

JULIA DE ASENSI
(Espanha/España)

IRMÃOS GRIMM/HERMANOS GRIMM
(Alemanha/Alemania/ Deutschland)

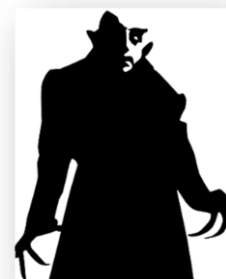
VILLIERS DE L'ISLE ADAM
(França/Francia/France)

GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER
(Espanha/España)

Nascida da parceria entre os sítios "[Contos de Terror](#)" (Paulo Soriano) e "[Noticias Ciencia-Ficción](#)" (Ricardo Manzanaro), a revista **RELATOS FANTÁSTICOS** reúne contos de autores clássicos e de colaboradores modernos de diversas nacionalidades nas línguas portuguesa e espanhola.



Nacida de la asociación entre los sitios web "[Contos de Terror](#)" (Paulo Soriano) y "[Noticias Ciencia-Ficción](#)" (Ricardo Manzanaro), la revista **RELATOS FANTÁSTICOS** reúne relatos de autores clásicos y colaboradores modernos de varias nacionalidades en las lenguas portuguesa y española.



RELATOS FANTÁSTICOS é uma edição especial de [Free Books Editora Virtual](#).

Redação e diagramação:
Paulo Soriano.

Organização:
Ricardo Manzanaro e Paulo Soriano.

Tradução:
Ângelo Brea, Ricardo Manzanaro, Emilio Vilaró, Marcelo Medone e Paulo Soriano.

Revisão:
Ângelo Brea, Paulo Soriano, Ricardo Manzanaro e Valentim Fagim.

Imagem da Capa:
Wilgard.

Imagens do Miolo:
Png All, Gratispng, Paulo Soriano, Stanley E. Armstrong (1873 – 1949), Harry Clarke (1889 – 1931), Rogério Silvério de Farias, Arthur Rackham (1867 – 1939), Henry Justice Ford (1860 – 1941), Valeriano Bécquer (1833 – 1870), César Landeros Soriano, Vincent van Gogh (1853 – 1890), Secondo Pia (1855 – 1941) e Isobel Lilian Goag (1865 – 1917).

Imagem da Silhueta:
Gratispng.

Colaboradores:
Ricardo Manzanaro, Marcelo Medone, Alexandre Brea, Eugenio SArt, Ângelo Brea, Carlos Enrique Saldívar, José Ángel Conde, Hervé Suys, Pedro de Andrés, Emilio Vilaró, Félix Díaz, Francisco Plana, Paulo Soriano, Rogério Silvério de Farias.

Autores e Autora Clássicos:
Arthur Conan Doyle, Edgar Allan Poe, Ambrose Bierce, Plínio o Jovem, Rubén Darío, Julia de Àseni, Irmãos Grimm, Villiers de L'Isle Adam, Gustavo Adolfo Bécquer.